

MITOS LITERÁRIOS E RELAÇÕES INTERTEXTUAIS NA NARRATIVA CONTEMPORÂNEA

Maira Angélica Pandolfi

(Docente do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras da
UNESP de Assis, estado de São Paulo, Brasil)

maira@assis.unesp.br

Esta comunicação pretende expor uma leitura comparada de três obras que, de forma diversa, discorrem sobre um tema muito presente na literatura contemporânea: o pacto diabólico. Embora o tema do diabo que vai tentar o homem seja muito antigo, como atestam as passagens bíblicas da serpente que vai tentar Eva, no Antigo Testamento, ou do demônio que tenta Jesus Cristo, no Novo Testamento, a problemática demonológica é um tema que vamos focar a partir do pacto presente no mito do Fausto. A primeira narrativa que conseguiu reunir as lendárias histórias do Doutor Fausto foi o livro anônimo conhecido como *Faustbuch*, que surgiu em Frankfurt em 1587. De acordo com Ian Watt, em *Mitos do Individualismo Moderno*, a grande novidade do *Faustbuch* em relação às lendárias histórias fáusticas que o precederam é a oficialização da lenda e sua ênfase na legalização do pacto entre Fausto e o Diabo, firmado com sangue, e que coloca o Doutor Fausto na condição de homem sem futuro. Essa idéia de catástrofe final associada à culpa de entregar-se ao demônio constitui um conflito permanente que se acentua no Renascimento e perpassa todo o Romantismo com o surgimento de uma infinidade de narrativas que, apoiando-se no tecido fáustico, tem recebido de alguns estudiosos a classificação de Faustos de Salvação e Faustos de Danação. Contudo, na literatura e na produção cinematográfica contemporâneas, o pacto fáustico tem sido recriado sob as mais diferentes roupagens e isso nos remete a uma série de reflexões acerca das aproximações e rupturas com o tecido fáustico tradicional. Como exemplo dessas reflexões acerca das versões modernas dos nossos mitos do individualismo, Ian Watt assinala a obra *Doktor Faustus* (1947), de Thomas Mann, que além de excluir a presença de Mefistófeles no pacto coloca o bordel como cenário das ações. Por essa razão, objetiva-se nessa comunicação a exposição de uma análise comparada a partir da intertextualidade que as obras *El Príncipe de la Niebla* (1993), do espanhol Carlos Ruiz Zafón; *Criaturas de la noche* (2004), do argentino Lázaro Covadlo e *Os rios inumeráveis* (1997), do brasileiro Álvaro Cardoso Gomes, estabelecem com a tradição fáustica, observando neles a presença de elementos comuns que evidenciam a intertextualidade com essa tradição e com o mito de Don Juan. Observamos que essas narrativas apresentam

recriações que possibilitam pensar tanto na aproximação quanto na ruptura com o tecido fáustico tradicional e a inserção de novos elementos nesse tecido.

OSCAR NIEMEYER. SEMIÓTICA E IDEOLOGIA

Otto Bolfarini – Mestre em Comunicação-Unimar – SP. Brasil

ottobolf@hotmail.com

Dentro da observação do caráter artístico-arquitetônico, regendo a produção de obras que afetam diretamente a opinião pública e que, manipulando destinatários, preenchem os espaços que a mídia reserva aos talentosos, este trabalho de pesquisa pretende comprovar todo um envolvimento ideológico que circunscreve a produção dos traços concretizados nas monumentais obras do grande arquiteto Oscar Niemeyer.

Perfazendo os ditames que um influente processo de comunicação designa aos destinatários da mensagem no que concerne à apreciação coletiva, algumas das produções de Niemeyer serão examinadas nesta exposição, com o objetivo de demonstrar como apreender não apenas *aquilo* que a obra por si só manifesta, ou seja, um /fazer artístico/ que, como Substância do Conteúdo, referencializa o Palácio da Alvorada, a Catedral de Brasília e O Congresso Nacional, mas *como* manifesta o que pretende comunicar, o *como do sentido*, o /ser-artístico/, ou seja, a Forma desse Conteúdo manifestado, desnudando, dessa maneira, a identidade ideológica do seu Criador.

Para tal empreendimento, utilizamos a teoria da “Figuratividade Visual” (a semiótica daviliana) que permitiu encontrarmos o momento exato em que se efetua a passagem do *figural* posto e presentificado, ao *figurativo* pressuposto e representado (na qualidade de *figurador 1 do lógos*) – a obra descrita com total objetividade -, podendo ainda ser re-representado (na qualidade de *figurador 2 do mythós*), quando interpretada com total subjetividade, em conformidade com a capacidade criativa do apreciador, sua vivência no mundo da arte, seu repertório, e suas experiências relacionadas à produção artística.

Na exposição deste trabalho, demonstraremos as particularidades da teoria utilizada: a figuratividade visual; o Percurso Gerativo do Sentido Visual; a passagem do

figural ao figurativo; os classemas visuais no processo analítico; os Patamares da Organização Relacional; a Forma da Expressão viso-plástica; o Conteúdo arquitetural em Substância e Forma; a *função de sincopa* na obra de arte.

Palavras-chave: Semiótica arquitetural; Figuratividade visual; Função de sincopa; Niemeyer; Ideologia.

O DISCURSO MACHISTA EM REVISTAS FEMININAS

Jullyana Neri Vilaça

Pós-Graduação em Linguística e Ensino de Línguas

Faculdade Interativa COC Pernambuco - Brasil

jullyananeri@gmail.com

Em um mundo cada vez mais globalizado o papel da mulher na sociedade já ultrapassou os limites do seu próprio lar. Hoje a mulher é independente, trabalha, toma suas próprias decisões, mas não deixa de ser feminina. As revistas femininas levantam a bandeira do feminismo e independência da mulher, no entanto, reforçam (de forma camuflada) conceitos machistas e supervalorizam futilidades.

O objetivo desta comunicação é fazer uma abordagem inicial sobre os discursos machistas estabelecidos na sociedade e reproduzidos por revistas femininas a partir de sequências discursivas retiradas das revistas *Criativa*, *Gloss* e *Corpo a corpo*, das editoras Globo, Abril e Escala, respectivamente. Esta análise fundamenta-se nas categorias da Análise do Discurso, sobretudo as formações ideológicas e discursivas, as condições de produção do discurso e a produção de sentidos, tendo como referencial teórico e metodológico a Análise de Discurso, criada por Michel Pêcheux na França na década de 60 do século XX.

O sentido não é estático, ao contrário, está sempre em movimento, possibilitando a constante (re)significação de palavras e expressões. Pêcheux afirmava que uma palavra não era capaz de existir em si mesma, mas seu sentido é determinado pelas posições ideológicas do sujeito. Isso significa que as posições ideológicas ocupadas pelo sujeito-autor são determinantes na produção de sentido do discurso. As revistas femininas ocupam determinadas formações ideológicas e estão comprometidas com ideais feministas, ao fim desta análise será possível perceber como as revistas femininas posicionam-se frente ao discurso machista massificado e como as revistas reproduzem tais discursos.

Ciente que a Análise de discurso é uma disciplina em constante transformação e passível a mudanças, a proposta dessa comunicação é possibilitar uma leitura crítica dos discursos machistas presentes em revistas femininas de grande circulação no país. Para esta primeira análise foram escolhidas as revistas *Criativa* (editora Globo), *Gloss* (editora Abril) e *Corpo a corpo* (editora Escala).

POLIFONIA NA FALA E NA ESCRITA: A PRESENÇA DO DISCURSO CITADO EM UMA PALESTRA E SUA RETEXTUALIZAÇÃO

Larissa Minuesa Pontes Marega*

O objetivo do presente trabalho é evidenciar a polifonia de locutores na passagem de um texto falado para um texto escrito, a saber, observar como foram adaptadas ou transferidas as marcas do discurso citado – direto e indireto – de uma palestra institucional para uma retextualização escrita. Pretende-se, também, verificar o porquê do uso da citação na construção dos sentidos desses textos e observar ainda se, na passagem da oralidade para a escrita, ocorrem modificações significativas nas formas de citar que possam apontar para diferentes interpretações, no que diz respeito à escuta e à leitura dos textos selecionados. O referencial teórico deste trabalho centra-se no estudo de Marcuschi (2003) a respeito dos processos de retextualização – do texto falado para o texto escrito, e na compilação de estudos de autores que discutem questões voltadas à enunciação, a saber: no conceito de polifonia de locutores de Ducrot (1987), no conceito de heterogeneidade mostrada de Authier-Revuz (1990), nas observações de Benites (2002) sobre discurso direto, e de Risso (1978) e Maingueneau (1996) sobre discurso indireto. Com relação à polifonia de locutores, observa-se que, na palestra, L1 (palestrante) se mostra como o discurso citante, e L2 (citação lida pela palestrante), como o discurso citado. Na retextualização, há um processo mais complexo porque se pressupõe um autor L3 que organiza a fala original de L1, o qual recupera L2. Na passagem do texto falado para o texto escrito, encontram-se duas transformações: do discurso direto para o discurso direto, em que se observaram modificações no discurso citante e preservação do discurso citado, e do discurso direto para o discurso indireto, em que houve maiores modificações no discurso citado, provocando, assim, uma imbricação com o discurso citante. Conclui-se que a presença do discurso citado tanto na palestra como na retextualização escrita provoca efeitos de subjetividade e de objetividade, respectivamente.

* Doutoranda em Filologia e Língua Portuguesa/USP. Mestrado em Letras/UEM. Email: larissamarega@hotmail.com. Maringá – PR. Função: Pós-graduanda.

A INTERTEXTUALIDADE E A INTERGENERICIDADE NAS LETRAS DE TOM ZÉ

Viviane Priscila MIOTO

Especialização em Língua Portuguesa
(Universidade Estadual de Londrina, PR)

vivimioto@yahoo.com.br

Produtos de ação coletiva, os gêneros textuais são fenômenos que contribuem para estabilizar as atividades sociais. Apesar de relativamente estáveis, os gêneros são acontecimentos textuais que apresentam plasticidade, dinamicidade e configuração híbrida para atender às necessidades sócio-culturais. Dessa forma, os gêneros textuais não são definidos apenas por seus aspectos estruturais e linguísticos, mas também por aspectos sócio-comunicativos e funcionais. Nessa perspectiva, o presente trabalho busca analisar a intergenericidade e a intertextualidade como processos criativos na construção das letras de Tom Zé. A fundamentação teórica da pesquisa centra-se nas concepções da Linguística Textual, mais especificamente na intertextualidade e na intergenericidade que são estabelecidas nos textos analisados. A escolha pelas composições de Tom Zé ocorre pelo caráter referencial de suas letras a obras de diferentes áreas do conhecimento: tragédias gregas, operetas, reportagens, documentos e outras canções. O objetivo é examinar as ocorrências desses fenômenos linguísticos nas letras *Vaia de Bêbado não vale* e *Requerimento à censura*. Na primeira, o compositor dialoga com um acontecimento na história da música que envolvia outro compositor brasileiro *João Bosco*, além de recorrer à reportagem de sua própria autoria intitulada *Imprensa Cantada: Tropicalismo versus bossa nova*, publicada na Folha de São Paulo; esse diálogo com outros textos é descrito como intertextualidade. Já a intergenericidade decorre da mescla entre dois gêneros, temos assim a forma de um gênero com a função de outro, no entanto a presença de um gênero não afeta o propósito comunicativo do gênero dominante, ao contrário, contribui para sua completude configuracional heterogênea. Em *Requerimento à censura*, Tom Zé mescla o gênero canção com um segundo gênero textual sem comprometer a função da canção, o gênero requerimento (para abordar o tema) colabora para que o texto alcance suas intenções comunicativas, sendo que esse gênero está intimamente ligado ao acontecimento histórico ao qual a música faz referência: a censura as letras de canções.

ENTRE O MESMO E O DIFERENTE: TRAJETOS DOS ENUNCIADOS PROVERBIAIS NO DISCURSO PUBLICITÁRIO

Célia Bassuma Fernandes(Letras/UNICENTRO/PR/Brasil)
bacelfer@yahoo.com.br

Assim como as charadas, as piadas e as lendas – práticas discursivas de larga circulação – os provérbios constituem *já-ditos* que retornam nos mais diferentes tipos de discursos. Objetivamos, nesse trabalho, examinar, a partir dos fundamentos teóricos da Análise do Discurso de vertente francesa, como essas fórmulas repetidas ao longo dos tempos como verdades imemoriais são ressignificadas no texto publicitário, cuja principal característica é a pretensa originalidade, promovendo rupturas de significação e instaurando o *novo* por meio de processos polissêmicos ou retomando o *mesmo* por meio de processos parafrásticos. Para tanto, foram selecionadas duas materialidades discursivas recolhidas de revistas de grande circulação nacional, que dão visibilidade à FD feminina e que, portanto, enfocam o tema mulher, englobando as diferentes posições-sujeito por ela assumidas na formação social na qual se insere, e outras duas que se inscrevem na FD masculina, já que, na ordem do imaginário, remetem ao universo masculino por meio de objetos/bens que lhes são próprios. Logo, tomamos os provérbios como enunciados discursivos nos quais se entrecruzam uma memória (eixo vertical) e uma atualidade (eixo horizontal), e os analisamos no acontecimento discursivo, ou nos termos de Pêcheux (1997), “no ponto de encontro de uma atualidade e uma memória”. Por fim, asseveramos que a circulação dos enunciados proverbiais no discurso publicitário se dá, justamente, pelo funcionamento do *pré-construído*, um dos efeitos do interdiscurso e constatamos que os gêneros ou sexos masculino ou feminino continuam a ser representados, na mídia, ainda que veladamente, aos moldes do patriarcalismo, estando ligadas, portanto, de modo indissociável, aos comportamentos, às práticas sociais, e aos discursos dos sujeitos com a sua cultura e com o seu universo simbólico. Com relação ao não-verbal – parte constitutiva dos textos publicitários – tomamos emprestado a noção de enunciado-imagem proposta por Venturini (2009) para analisar como a imagem acessa a memória e como é acessada por ela no *corpus* em questão.

ANÁLISE SEMIÓTICA DO NASCIMENTO DA VÊNUS DE BOTTICELLI

Fernando Netto – UNIVEM – SP - Brasil

fernett@univem.edu.br

Esta pesquisa, fundamentada na semiótica greimasiana que serviu de base metodológica à semiótica da Figuratividade visual (ou teoria daviliana) – nosso suporte teórico -, tem por objetivo interpretar a relação entre o Belo e a Divina Proporção, por meio da desconstrução / reconstrução do sentido na manifestação visual. Valemo-nos da análise de um texto figurativo composto de conjuntos significantes que direcionam o olhar classificatório do destinatário a elementos que são produzidos intencionalmente, por agrupamento, de forma a gerar significação. Codificados num sistema visual, invariável, sob a sigla *ALOP* (*agregação/luminância/ordenação/proxêmica*), são dependentes da substância variável da expressão. Esta, por sua vez, independe da forma da expressão. O enunciador da mensagem visual, valendo-se das modalidades factivas do /Fazer/querer-ver/ (sedução) e do /Fazer/dever-“ler”/ (provocação), incita à auto-manipulação o enunciatário de uma obra de arte ou “texto artístico”. Desse modo, pretendemos demonstrar como o Belo pode ser observado, apreendido e “lido”, a partir da obra renascentista, pela teoria citada. Esta propõe um Percurso Gerativo do Sentido Visual (PGSV), tendo por modelo verbal o PGS greimasiano na busca da significação, por meio de um levantamento dos “primitivos figurativos”, há muito solicitado por Greimas a seus alunos, em seminários, cursos, e publicações. Partindo de elementos presentificados, representados e re-representados, abordaremos: o ritmo estático, pseudo-dinâmico, misto, simétrico, assimétrico e mistura a + s; a Divina Proporção – na confluência da arte com a ciência; o semi-simbolismo denotativo-conotativo dos figurativos verbo-visuais, e o simbolismo denotativo dos figurais visuais; os patamares da organização relacional; a passagem transpositiva do figural ao figurativo; zonas de “tachismo” e contrastes; equilíbrio entre volumes e massas; *tracemas* (semas do traço) identificadores de inércia, força e pseudo-movimento; angularidades simples e complexas; planos e espaços em perspectiva, pontos de fuga, pontos de atração (tensão), diagonalidades semi-circularizadas, *sincopeas*, *poietemas*, tensividade, rimas plásticas, rimas poéticas, projeções sintagmáticas, projeções paradigmáticas, isotopias, extrapolação da forma e da cor; a 5ª. dimensão; o quadrado semiótico; o *mythós* coletivo nas “variantes do processo”. Ao elucidarmos a natureza dos conteúdos caracterizados neste trabalho, uma abordagem teórica crítico-reflexiva - objetivando o *como* do sentido - fez-se necessária para que pudéssemos conduzir os leitores a conhecerem os caminhos que percorremos e que propiciaram soluções para a tão sonhada busca pela compreensão de uma obra de arte.

Palavras – chave: Semiótica Daviliana, Divina Proporção, Vênus, Botticelli, Renascimento.

SUJEITO-ALUNO HIPERATIVO: PRÁTICAS DISCURSIVAS E SUBJETIVAÇÃO

Bruno Franceschini (PG-UEM - Paraná)

b-franceschini@hotmail.com

Em uma perspectiva foucaultiana, procuramos, neste trabalho, discorrer sobre o processo de subjetivação do sujeito-aluno hiperativo. Para tanto, investigamos as práticas discursivas derivadas da relação saber-poder e o efeito de verdade advindo destas práticas discursivas, uma vez que essas práticas falam sobre um determinado objeto, sobre um sujeito, constroem discursivamente a identidade de um indivíduo. No caso que diretamente nos interessa, podemos afirmar que a relação saber/poder produz discursos sobre a identidade do sujeito hiperativo. Essa questão, sob a ótica da governamentalidade e das tecnologias de poder (FOUCAULT, 1979), aponta para o fato de que o poder, como uma relação de forças, tem uma incidência direta sobre os modos como se produzem cidadãos, mais especificamente falando, sobre os dispositivos de poder que produzem corpos dóceis, disciplinados e controlados, que se enquadram ao cotidiano escolar privilegiado. Dessa forma, do ponto de vista médico, a hiperatividade é uma disfunção causada pela produção insuficiente de neurotransmissores que afetam as partes do cérebro responsáveis pela atenção e pelo controle das emoções. A insuficiência desses componentes químicos reflete-se no comportamento dos indivíduos, levando-os a apresentar comportamento impulsivo, agressivo, desatento e desorganizado. As pessoas hiperativas apresentam constante inquietude e dificuldade de concentração para atividades prolongadas, tais como os deveres escolares. Em relação à aprendizagem, a hiperatividade leva a criança a ter um comportamento diferenciado da realidade escolar, o qual pode levá-la à marginalização. Tendo em vista o exposto, esta pesquisa tem como objetivo estudar a produção da identidade do aluno hiperativo em discursos recorrentes aos espaços pedagógicos e midiáticos. Amparados em conceitos desenvolvidos pela Análise do Discurso francesa e, em particular, pelo método arqueogenalógico de análise dos discursos proposto por Michel Foucault, nossa finalidade é analisar enunciados midiáticos que tratam da educação de alunos hiperativos, discursos esses que circulam na sociedade, a fim de realizar um gesto de descrição/interpretação dos processos discursivos de produção dos efeitos de sentido sobre a identidade desse sujeito. Por meio dessas análises, buscamos compreender, também, os mecanismos discursivos que,

nesses enunciados, são empregados para moldar, instrumentalizar e normalizar a conduta desse aluno.

A ERA DOS DIREITOS HUMANOS: MAS QUEM SÃO OS HUMANOS?

Rafaella Elisa da Silva Santos

Mestrado em Estudo de Linguagens – PPGEL

Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Salvador-BA-Brasil

rafynha@folha.com.br

Vê-se, na contemporaneidade, a emergência constante de discursos sobre direitos humanos (DH), em uma tentativa de entender quais são as necessidades fundamentais do homem e, com isso, estabelecer uma definição objetiva para os DH, almejando a sua universalização, através de documentos internacionais, apesar das diferenças culturais entre os povos, o que influi nas significações sobre as necessidades do ser humano no atual contexto histórico. Todavia, essas discussões, bem como os 62 anos de existência da Declaração Universal dos Direitos Humanos, não foram ainda capazes de desenvolver, nos sujeitos e nos Estados, o desejo real de efetivar tais direitos. Baseado nesse contexto, têm-se por finalidade, nesse artigo, a despeito dos aspectos político-partidários, compreender os sentidos sobre direitos humanos emergidos por cidadãos comuns, através de um dos elementos fundamentais que compõem o sintagma – o ser humano –, por entender que as significações acerca desse componente configuram-se como redes onde os sujeitos filiarão seus sentidos sobre DH. Assim, objetiva-se, com base em dissertação em desenvolvimento no PPGEL/UNEB, a partir dos postulados da Análise do Discurso, principalmente da noção de *efeito de sentido*, discutir as significações sobre quem ou o que é o homem em discursos emergidos na comunidade do Orkut *Direitos humanos para humanos direitos*. Nota-se que, ao contrário do esperado em virtude de tantos discursos sobre a temática, principalmente os proferidos pela mídia, nem todos os indivíduos são configurados como merecedores do gozo desses direitos, sobretudo porque nem todos são qualificados como seres humanos. O critério utilizado para a desumanização dos indivíduos e seu descredenciamento enquanto ser jurídico pelos sujeitos da comunidade é o comportamento. Com isso, é possível compreender uma das bases discursivas que legitimam o sentido que norteia a comunidade do Orkut – direitos humanos devem ser atribuídos a humanos direitos e que, portanto, dificultam a ampla efetivação, no Brasil, dos direitos humanos.

ANÁLISE DO DISCURSO DE AUTOAJUDA PARA ADOLESCENTES: RELAÇÕES DIALÓGICAS E ETHOS

Marília Molina Furlan; Letras; Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas;
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho; São Paulo; Brasil;
mariliamolinafurlan@yahoo.com.br.

Neste trabalho, adotando-se uma perspectiva discursiva, analisa-se o discurso de autoajuda para adolescentes. Para tanto, foi feito um levantamento de enunciados básicos presentes em livros de autoajuda destinados a adolescentes e uma análise do *ethos* de uma das obras do *corpus*, isto é, o livro “Tipo assim: adolescentes”, escrito por Sonia Francine, ex-apresentadora da MTV do Brasil, e pelo médico Jairo Bauer, atualmente uma grande referência na mídia quanto o assunto é comportamento jovem.

O aparato teórico-metodológico que conduziu o trabalho foi o da Análise do Discurso francesa, especialmente as reflexões desenvolvidas sobre interdiscursividade e *ethos* discursivo. Além disso, a análise também se baseou nas reflexões do Círculo de Bakhtin sobre o dialogismo e as relações dialógicas.

Na análise dos enunciados básicos, notou-se que, no discurso de autoajuda para adolescentes, a adolescência é considerada como uma fase transição entre a vida infantil e a adulta, uma progressão na individualização, ou o desenvolvimento da personalidade adulta. Assim, esse discurso mantém relações dialógicas de convergência com o discurso da psicologia, segundo o qual a adolescência é a uma fase de transição que provoca insegurança e dúvida. Além disso, o discurso de autoajuda polemiza com o senso comum, que simplifica a problemática da adolescência, reduzindo-a essencialmente a um período da vida conturbado, de rebeldia.

Para a análise do *ethos* da obra selecionada, consideraram-se os indícios da superfície discursiva que se revelaram significativos para caracterizá-lo. Desse modo, observando a materialidade lingüística da obra analisada, selecionaram-se três focos de investigação - a saber: ocorrências de marcadores discursivos, ocorrências de itens modais e alguns aspectos do léxico empregado. Nessa análise, constatou-se que o *ethos* adolescente também não se aproxima do discurso corriqueiro sobre a adolescência e se aproxima do que o discurso da psicologia afirma sobre essa fase. O adolescente, tal como se pôde verificar, não é um rebelde sem causa, um indivíduo que quebra padrões de comportamento e cria suas próprias normas. Ele não se utiliza de uma linguagem considerada tabu, nem foge às regras, sejam elas sociais ou lingüísticas. Além disso, os interlocutores da obra analisada apresentam-se como pessoas

próximas, amigas, que manifestam as opiniões de quem já passou pelos dilemas da adolescência, de quem já a vivenciou e não como se fosse uma autoridade no assunto, tal como fazem tipicamente os sujeitos enunciadores dos livros de autoajuda para adultos (cf. Brunelli, 2004).

DISCURSIVIDADES SUBJACENTES AO USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO ENSINO DE INGLÊS

CASTRO NETTO, Mônica Inês
PPGEL/ILEEL/UFU – MG Brasil
Monicaines6@hotmail.com

O que propomos apresentar neste trabalho é um recorte de nossa pesquisa de Mestrado, intitulada “Constituição de discursos e sujeitos-aprendentes de uma língua estrangeira frente às novas tecnologias” desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Temos como objetivos analisar as inscrições discursivas subjacentes ao discurso das novas tecnologias (NT), tentando pontuar as concepções de sujeito e língua constitutivas desse discurso e explicitar os recursos da materialidade linguística que corroboram com a constituição do sujeito e da linguagem nesse discurso. Isso significa buscar uma abordagem que sinalize contribuições acerca do uso (ou não) de NT no ensino de uma Língua Estrangeira (LE), no caso o inglês, e também da relevância desse uso (ou não uso) na formação do sujeito-aprendente dessa LE. Para tanto, selecionamos um artigo da Revista Trabalhos em Linguística Aplicada (2010, p. 293-304), para procedermos à análise dos atravessamentos discursivos explicitados nas discursividades do *corpus* da pesquisa, tendo por base os pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa (ADF), os estudos dialógico-polifônicos de Bakhtin em uma interface teórica com a Linguística Aplicada e as discussões de Michel Foucault sobre as relações de poder. Tomando o caráter inter/transdisciplinar da Linguística Aplicada (LA) tentamos estabelecer uma interface com a ADF e a Análise Dialógica do Discurso (ADD), considerando o movimento linguagem-história-ideologia, perpassado/trapassado por questões da ordem do inconsciente e por manifestações plurivocais e constitutivamente dialógicas. Na concepção aqui adotada, compreendemos o sujeito-aprendente como social e histórico, e compreendemos também que não basta apenas colocá-lo em contato com as estruturas linguístico-gramaticais da Língua Inglesa para que ele possa apreendê-la. Ao contrário, entendemos que esse sujeito deva ser interpelado a produzir sentidos a partir do que está aprendendo, e interessa-nos especialmente perceber, como a adoção das NT tem sido discursivamente produzida acerca desse processo.

Palavras-chave: discurso, sujeito, ensino, novas tecnologias.

QUEBRAS NA AMARRAÇÃO DOS SIGNIFICANTES EM SUJEITOS PARKINSONIANOS E NÃO-PARKINSONIANOS: UM ESTUDO COMPARATIVO.

Maira Camillo

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
Universidade Estadual Paulista/São José do Rio Preto. São Paulo, Brasil.

mairacamillo@msn.com

Agência FAPESP

Os objetivos deste estudo foram: (a) comparar, em um grupo de sujeitos com Doença de Parkinson e em um grupo de sujeitos sem lesão neurológica diagnosticada, características de suas rupturas na cadeia significante; e (b) recuperar, em ambos os grupos, fatos de seus processos discursivos que possibilitariam verificar em que medida suas quebras de amarração de significantes relacionam-se à condição de parkinsoniano e a de não-parkinsoniano. Para tanto, analisamos dados de sessões de conversação dos dois grupos de sujeitos, com sexo, faixa etária, procedência geográfica e atividade profissional equivalentes. No material, identificamos os momentos de hesitação – concebidos como fenômenos discursivos – que correspondiam a momentos de quebras na amarração dos significantes mostradas em situações típicas de deslizamentos do tópico discursivo. Selecionadas essas ocorrências, buscamos verificar em que medida a deriva, constitutiva da produção do discurso, era, ou não, controlada pelo sujeito – ou situação, esta última, que resultava em dispersão no fio do discurso. Apoiados no referencial teórico-metodológico da análise do discurso e, assim, atentos ao forte laço que há entre fatores internos e externos na construção das práticas de linguagem tanto em sujeitos acometidos quanto em não-acometidos pelas doenças degenerativas, observamos, que, mesmo com condições de saúde distintas, o deslize entre significantes com abertura para a dispersão ocorreu. No entanto, as relações estabelecidas entre os elementos que circundam esses deslizamentos do dizer mostraram-se distintas: para o sujeito parkinsoniano, os deslizamentos parecem manter forte vinculação, marcada linguisticamente, com a patologia que apresentam, na medida em que ela se mostre como objeto discursivo; já para o sujeito não-parkinsoniano, mostrou-se uma tendência de a dispersão ocorrer em momentos em que a situação discursiva entre os interlocutores foi interrompida por um componente externo ou pela falta de um elemento enunciativo pretendido. Esses resultados permitem-nos levantar questionamentos à forma como tradicionalmente a literatura biomédica explica os

momentos de hesitação na atividade discursiva de sujeitos parkinsonianos, a saber, como resultantes de suas dificuldades motoras. Como pudemos verificar, para além das dificuldades motoras, os momentos de hesitação na produção discursiva desses sujeitos parecem decorrer fundamentalmente do modo como se posicionam no processo discursivo, sobretudo em relação ao objeto discursivo.

SOBRE A FUNÇÃO DE DESEMPENHO DO SUJEITO DO DISCURSO EM *A ARQUEOLOGIA DO SABER* E O OBJETO RESPONSABILIDADE SOCIAL

Jefferson Voss, Mestrado em Letras, UEM, Paraná, Brasil, CNPq

jeffersonvoss@yahoo.com.br

Resumo: Em *A Arqueologia do Saber*, Foucault (2008 [1969]) aborda a questão do sujeito do discurso em dois pontos de sua discussão acerca das formações discursivas e do desempenho da função enunciativa. No primeiro deles, Foucault (2008) indica que a formação do sujeito do discurso, ou das modalidades enunciativas, é uma das direções de descrição de uma formação discursiva (FD), isto é, para que uma FD seja descrita é necessário que se analise o modo como o sujeito se inscreve no discurso. Essa análise deve se dar por meio de três procedimentos: 1) descrição do estatuto que o sujeito ocupa, 2) descrição dos lugares institucionais aos quais o sujeito se refere, 3) descrição das posições do sujeito no discurso. Já em uma segunda discussão ainda presente em *A Arqueologia do Saber*, Foucault aponta o sujeito como uma das propriedades de desempenho da função enunciativa. Além do referencial, do domínio associado e da materialidade do enunciado, é também o sujeito quem garante condições de existência ao desempenho do enunciado. Para o primeiro caso, Foucault (2008) considera que o sujeito deva ser analisado a partir de sua dispersão; para o segundo, o filósofo insiste que o sujeito seja uma função vazia preenchida pelo próprio desempenho do enunciado. Tendo em vista essas considerações de Foucault (2008) sobre o sujeito no método arqueológico, nosso objetivo é o de mostrar seu funcionamento e, prioritariamente, sua dispersão em uma série enunciativa composta por propagandas governamentais e campanhas publicitárias que circularam nos anos de 2003 e 2004 e que, de alguma forma, incidiram sobre a formação de um objeto do discurso, qual seja o objeto “responsabilidade social”. Inserida, além disso, em nossa discussão sobre a operacionalização do conceito de FD de Foucault para a AD, a análise mostrará que o desempenho do sujeito do discurso está estreitamente vinculado às demandas das regras de formação e às regências de um enunciado reitor. Dessa forma, o que garante o estatuto do sujeito e as diversas posições que ele ocupa é um conjunto de relações inscritas em uma árvore de derivação enunciativa. Procuraremos mostrar os relacionamentos entre essa árvore, um enunciado reitor que caracteriza sua base de derivação e o sujeito do discurso que dela deriva.

Palavras-chave: Sujeito do discurso; Arqueologia do Saber; Procedimentos de Análise.

PUBLICIDADE DA IBM NA REVISTA EXAME - ABORDAGEM SEMIÓTICA

Walkirio Ricardo Costa – FEMA- Fundação Educacional do Município de Assis - SP. Brasil

ricardo@werbo.com.br

Para efetuarmos este trabalho, servimo-nos da Teoria da Significação, a Semiótica da Escola de Paris e de sua extensão no Brasil, dirigida às manifestações não-verbais, cuja capacidade de apreensão do sentido inserido nos textos sincréticos demonstrou-nos ser eficiente e operatória. Por tratar-se de um texto verbal ancorado em imagem, fez-se necessária a utilização da semiótica greimasiana para a análise da produção verbal e da semiótica daviliana, ou da Figuratividade visual, para a produção imagética. O Percurso Gerativo do Sentido Verbal (PGS) criado por Greimas serviu de modelo ao Percurso Gerativo do Sentido Visual (PGSVs), elaborado por D'Ávila, sua orientanda e seguidora, com o objetivo de ampliar as possibilidades de análise de textos verbais quando imbricados, intercalados, inseridos ou entranhados em textos não-verbais. Estes são freqüentemente aproveitados com o intuito de valorizar o verbal numa publicidade, não apenas em sua comunicabilidade, mas, sobretudo, em seu poder de persuasão e de convencimento. A publicidade escolhida - publicada em 14 de setembro de 2005, edição 851, ano 39, nº 18 - permite-nos identificar duas grandezas: a IBM e a revista EXAME, niveladas quanto às propostas de ordem cognitiva e funcional, cujo texto publicitário da primeira se serve da segunda para que seja submetido à apreciação e julgamento do grande público consumidor. Valendo-se da notoriedade que lhes é atribuída, exercem grande influência no desenvolvimento da Tecnologia da Informação, no Brasil. Para análise do caráter verbal, embasados no PGS, valemo-nos das estruturas discursivas e das sêmio-narrativas. Para análise do Visual, fundamentados no PGSVs - da substância + Forma da Expressão imagética, à substância + Forma do Conteúdo visual -, abordaremos as substâncias do Conteúdo (presentificação, representação e re-representação imagéticas), examinadas como variáveis perceptíveis na produção figural e/ou figurativa. Esta produção, como Forma do Conteúdo (denotativo-conotativa), abrange o nível superficial do Percurso. Neste se insere a *função visual de síncope*, ao criar o ponto de tensão da obra e o elo entre o figural e o figurativo, pelo caráter hiperbólico dos *tracemas* (semas do traço) inseridos nos *figurais* que a compõem. Estes figurais, formados por *coloremias*, *cromemias*, *texturemas*, etc., posicionados no nível profundo da Forma do Conteúdo (denotativa), são os responsáveis pela qualificação e quantificação da imagem que, amparando o texto verbal, manipulará destinatários da mensagem sincrética.

PALAVRAS-CHAVE: Semiótica verbo-visual; Publicidade, Revista Exame; IBM.

UMA ANÁLISE RETÓRICA DA ‘LITERATURA AUTOAJUDA’: UMA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS E REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO

Silvia do Socorro Celusso

Universidade Estácio de Sá – UNESA - Rio de Janeiro – Brasil

silviahelp@gmail.com

Resumo: Este estudo objetiva investigar que sentidos são atribuídos por professores da rede Municipal do Rio de Janeiro à literatura preferida e indicada para os professores novatos. Partindo das respostas espontâneas de 91 professores, 50,81% responderam que os livros de autoajuda são os que melhor os orientam e os auxiliam nas práticas diárias, diante do novo contexto escolar. Estas obras organizam-se em torno da narrativa ‘acredite que você pode mudar sua vida e isso se concretizará’ e seus autores indicam um conjunto de práticas articuladas para o alcance do sucesso pessoal e profissional. Para o embasamento teórico da análise dos discursos das obras citadas recorreu-se aos pressupostos da Retórica que, no Dicionário de Análise do Discurso, Charaudeau e Maingueneau (2006) definem como uma ciência teórica do exercício público da fala, proferida diante de um auditório, dito por um orador que se esforça para impor representações para orientar uma ação. Assim, com este instrumento metodológico, articulado com a teoria das representações sociais de Moscovici (1978), foi possível objetivar os sentidos das falas. Os resultados identificaram os esquemas argumentativos utilizadas pelos autores das obras citadas, permitindo reconhecer que o segmento literário pertence ao Gênero Epidítico, pois louva e censura valores defendidos por diferentes auditórios, atendendo assim as demandas dos leitores segundo seus valores, crenças e atitudes. Também permitiu identificar a existência de uma divisão nítida desses livros segundo o gênero de suas audiências: masculino e feminino. Esta divisão encontra-se expressa nas imagens das capas dos livros, segundo a representação social de gênero. Assim, observou-se em nossas análises que havia na literatura da autoajuda dois grupos de auditórios quanto à classificação do gênero; as obras mais lidas e recomendadas expressam, nos discursos e através de suas capas, o *ethos* feminino de nossa sociedade, em que os principais argumentos centram-se no “cuidar”, ser responsável pelo outro, e o sucesso pessoal está em ser bem-quisto, ancorado no afeto e dedicação, e não pela competência profissional. Já em relação às obras semelhantes voltadas para os profissionais do mercado corporativo, verifica-se que elas correspondem ao *ethos* masculino, pois os recursos lingüísticos e imagens são expressões de poder centradas no sucesso profissional, no respeito “às regras”.

Palavras-chave: Literatura Autoajuda. Análise Retórica. Representações. Discurso.

IMAGENS DA EDUCAÇÃO: O PROFESSOR DISCURSIVIZADO COMO UM BEM

Alita Carvalho Miranda Paraguassú

Mestrado em Letras e Linguística (FL/UFG) – Goiás/Brasil

alitaparaguassu@hotmail.com

Essa pesquisa tem como objeto os discursos que constituem a imagem do professor brasileiro, mais especificamente, buscamos esses discursos materializados em propagandas e também na mídia impressa. Fundamenta-se na análise do discurso, tomando o exterior como constitutivo da língua. Com o desenvolvimento desse trabalho, temos como objetivo refletir sobre as transformações nas relações de poder que possibilitam a construção de novos saberes sobre o professor e, por conseguinte, outras relações de poder. Assumimos e trabalhamos com alguns conceitos de Foucault, como o de enunciado, formações discursivas e o acontecimento. No entanto, nada nos impede de retomarmos leituras em Pêcheux, realizando um estudo comparativo entre esses dois grandes pensadores. Desse modo, a partir da materialização na língua, dos discursos sobre o educador no Brasil, pretendemos analisar os movimentos dessa figura do processo educacional com relação a outros processos presentes em nossa sociedade, dentre eles, o sistema de produção. Como *corpus*, selecionamos algumas propagandas de escolas da Grande Goiânia e capas de revistas nacionais. Mesmo que os discursos sejam múltiplos, há no *corpus* analisado a prevalência de duas formações discursivas: a moral religiosa e a economia capitalista. Ora o professor é um mestre indispensável para o sucesso da educação e da nação, ora ele é mais um bem descartável, substituível por um profissional mais qualificado ou mesmo substituível pela tecnologia. Quanto às novas relações de poder, observamos a valorização do aluno e de seu estilo, em detrimento do professor. Para a análise do *corpus* e dos discursos que constituem essas verdades sobre o professor brasileiro, nos é necessário compreender o enunciado como sendo da ordem do acontecimento. Por certo, os discursos sobre o professor, na mídia e na propaganda, são contaminados por um público ideal e são autorizados por um imaginário coletivo. Portanto, pertencem a uma determinada estrutura, retomam um já-dito, mas também emergem em novas circunstâncias. Por mais que o profissional de educação continue sendo desvalorizado em nosso país, novos são os saberes construídos sobre a sua imagem e a sua função social. Novas são as relações de poder entre a educação e os meandros do sistema capitalista.

JOVEM MULHER CONTEMPORÂNEA: SIGNIFICAÇÕES PRODUZIDAS NA MATERIALIDADE TELEVISIVA

Valquiria Botega de Lima (Mestranda em Letras UEM, PR, Brasil)

valquiriabl@yahoo.com.br

Dra. Maria Célia Cortêz Passetti (Orientadora UEM, PR, Brasil)

passetti@wnet.com.br

O presente trabalho é um recorte de nossa pesquisa de Mestrado em Letras desenvolvida na Universidade Estadual de Maringá – PR a qual tematiza os modos de significar o sujeito jovem mulher contemporânea urbana na materialidade televisiva. Como material de análise, elegemos a primeira temporada da série televisiva *Aline* exibida em 2009 pela emissora Rede Globo. Para esta etapa de reflexão nos propomos a investigar como a jovem mulher se significa e é significada na relação com o social e o urbano tomando como ponto de partida o tipo de relacionamento amoroso vivido por Aline, protagonista da série homônima. A nosso ver, o processo contraditório que movimenta simultaneamente a sociedade e os sujeitos configura o feminino em meio à complexidade e à dinâmica da conjuntura contemporânea. Para alcançarmos nosso objetivo recortamos trechos de cenas dos episódios que ilustram a relação que Aline possui com seus dois namorados e com o espaço social e urbano. A base teórica que fundamenta nossas discussões está centrada na Análise de Discurso de vertente pecheutiana, mais especificamente nos conceitos de interpelação ideológica, efeitos de sentido e interdiscurso (memória discursiva). Segundo Pêcheux (2008), nas práticas de análise da produção de sentidos no discurso é importante conceber que há um batimento entre os momentos de descrição e interpretação, isso possibilita pensar como os dizeres se configuram e se significam. Em nosso gesto analítico, ao trabalharmos com esse batimento, observamos que há esferas da sociedade que são conservadoras e veem o comportamento da Aline como corrompido, vimos que, por estar inserida no espaço social cosmopolita e inovador, o comportamento da personagem Aline tende a evidenciar um sujeito que se molda no fluxo do pluralismo e de realidades que movimentam a tensão entre as normas conservadoras e as normas modernas (contemporâneas). Constatamos, também, que mesmo a personagem significando em meio a essa tensão, há um processo característico de homogeneização midiática que procura evidenciar o consenso em detrimento dos conflitos.

DA ORDEM DO DISCURSO À ORDEM DO OLHAR: O ENUNCIADO IMAGÉTICO PENSADO A PARTIR DO ENUNCIADO LINGUÍSTICO

Daiany Bonácio (PG-UFSCar – São Paulo - Brasil)

daianybonacio@yahoo.com.br

Estamos imersos em uma cultura visual. A imagem tomou conta do campo político, publicitário, midiático, enfim, podemos asseverar que o imagético domina o mundo em que vivemos. Diante do cenário em que nos encontramos, vemos emergir a necessidade de se analisar também outros signos, que não o linguístico. Ao extrapolar os estudos da língua como fonte de produção de sentidos e mediação simbólica com a realidade, o estudioso da área defronta-se com a imagem e o desafio de sua compreensão. Nesse sentido, ponderamos que não há mais como analisar a produção de sentidos na sociedade atual sem que passemos pelo estudo também do imagético, já que não há mais como separar o verbal do visual. Para pensar essas questões, tomaremos como *corpus* de análise um tema sobre o qual há algum tempo estamos nos debruçamos: a identidade do chamado novo homem na mídia contemporânea brasileira. A produção de identidade para o sujeito masculino passa pela imagem e isso não pode ser esquecido. Neste sentido, o objetivo do presente artigo é analisar as imagens as quais produzem sentidos sobre a identidade do novo homem. Essas construções imagéticas que vemos surgir sobre o tema discutido passam pelo o que a AD, em seus estudos recentes, está chamando de a ordem do olhar. Tal conceito é amparado nos pressupostos do filósofo francês Michel Foucault, na sua fase arquegenealógica, o qual defende que os discursos, para circularem, obedecem a uma ordem que controla o dizer, não sendo possível circular livremente nas diversas instâncias enunciativas. De acordo com Foucault (2006), o discurso, para ser distribuído socialmente, passa antes por um processo de seleção, interdição, sendo autorizado por sistemas sociais de controle e distribuição. E assim como há o controle do dizer, isto é, uma ordem para o que deve ou não ser dito, há também um controle do olhar: nem tudo pode ser representado imageticamente, é preciso também que as imagens se submetam a essa ordem do olhar, que controla as representações que circulam nos meios de comunicação sociais. Desse modo, vemos que há instituições que regulamentam o que produzir nessa ordem do olhar. Isso porque essas imagens não são construídas a partir de intenções individuais que o sujeito faz da realidade em que está inserido; elas são edificadas a partir do momento sócio-histórico que permitiu que se olhasse para o nosso tema, o novo homem, de uma forma diferente de tempos atrás.

Palavras-chave: novo homem, mídia, discurso, identidade, imagem

A FALTA DE DIALOGISMO E RESPONSABILIDADE NO LIVRO DIDÁTICO DE LÍNGUA INGLESA.

Lúcia Maria Castroviejo Azevedo

Mestranda em Estudos Linguísticos/Universidade Federal de Uberlândia /MG/ Brasil

lcastroviejoazevedo@gmail.com

O livro didático (LD) tem sido um instrumento que, de certa forma, tem regido as aulas de língua inglesa, configurando-se desse modo um suporte didático-metodológico fundamental no cenário da educação. Esse suporte funciona como um guia conteudista que direciona as aulas de língua estrangeira (LE) de forma a se tornar a única ferramenta de ensino no espaço da sala de aula. Tal ferramenta entra no cenário como fundamental por ser considerada um “porto seguro” para os professores, como uma materialidade que autoriza e legitima o trabalho escolar. Mas até que ponto esse “porto seguro” deve ser considerado pelos professores? Sob a nossa perspectiva seria necessário que o uso do material didático pelos professores com a finalidade em si mesmo fosse repensado, pois deixa lacunas que não interpelam o sujeito aprendente, em especial, por não considerar o aluno como sujeito heterogêneo, os saberes locais e globais que o constituem, a ideologia em que o aluno encontra-se inscrito, sua história, cultura e identidade. Pelo contrário, o LD tolhe o aluno, justamente por desconsiderar a diversidade da língua, fundando sua estrutura no repetível, concebendo o sujeito aprendente como passivo, desprovido de criatividade, mediante a apresentação de exercícios que não promovem atitudes responsivas, nos moldes bakhtinianos, ao mundo, a si mesmo e à língua. Logo, para Bakhtin (2009) a língua é um fato social, e como tal, seu emprego efetua-se em forma de enunciados concretos (orais ou escritos). Por esse viés, os enunciados dos livros didáticos não concretizam a necessidade de comunicação, ou melhor, não promovem a interação nem a constituição do sujeito por não remeter à natureza dialógica da língua. Antes, trata essa língua como um sistema fechado, e seus enunciados partem de um lugar que não pertence ao aluno em sala de aula. O aluno não se posiciona responsivamente diante do que lhe está sendo ensinado, mas ele é levado a se inscrever de forma passiva em lugares e posições pré-estabelecidas pelo livro didático que muitas vezes não lhe diz nada, ou quase nada. Nesse “sentido, temos como objetivo neste trabalho analisar enunciados dos livros “Hello” (1999), “Our Way” (1999), “*Englishclips*” (2002) e “@ction” (2003), problematizando as noções de língua e sujeito que tais materiais trazem em sua materialidade linguístico-discursiva. Baseados nos pressupostos bakhtinianos sobre língua, sujeito e

dialogismo, intentamos mostrar a não vinculação existente entre a anterioridade discursiva do LD na repetibilidade de estrutura chamada “nova”, mas que está sempre relacionada com o “velho” e os enunciados que compõe o LD, provocando a submissão do sujeito aluno ao enunciado proposto sem que haja produção de sentidos para o sujeito-aprendente de uma LE bem como o posicionamento responsivo; além de desconsiderar a potencialidade e funcionalidade da língua, tornando-a abstrata, fechada, o que provoca a debilitação das relações entre a língua e o cotidiano do aluno.

ENUNCIADOS SOBRE O CURRÍCULO E O PLANEJAMENTO ESCOLAR: A IDENTIDADE DO SUJEITO PROFESSOR NA REVISTA *NOVA ESCOLA*

Adriana Beloti (PG-UEM – PR-BR; dribeloti@gmail.com)

Partindo do terceiro domínio dos estudos foucaultianos, o *ser-si*, apoiamo-nos, em especial, nas noções de *cuidado de si* e *tecnologias do eu* para analisarmos discursivamente a constituição de identidade por meio dos processos de subjetivação. Ao alinhar arqueologia e genealogia, Foucault estuda a *sujeição* do sujeito pela ordem do saber e do poder. Dessa forma, buscamos compreender os processos de constituição identitária do sujeito professor pela Revista *Nova Escola* suportados pelo domínio da ética, como relação de si para consigo mesmo. Portanto, temos em nossas análises parte da arqueologia e da genealogia, o que constitui o método arqueogenealógico enunciado pelo filósofo Michel Foucault. Para nossas análises, tomamos como *corpus* de estudo a Revista *Nova Escola*, publicação pedagógica que já se consolidou no mercado editorial brasileiro, na medida em que circula desde 1986 e alcançou tiragens expressivas, configurando-se, então, como um dos principais lugares de enunciação onde se encenam e se constroem representações e identidades sociais. Os enunciados selecionados para este trabalho dizem respeito ao currículo e ao planejamento escolar e evidenciam o quanto essa revista contribui para a construção de identidades do sujeito professor, ao estabelecer relações de saber e poder a respeito de como devem ser as práticas pedagógicas, construindo, a partir de seus enunciados, formas de subjetivação do professor. Nossas discussões acerca da identidade pautam-se na perspectiva dos Estudos Culturais, em especial, nos trabalhos de Stuart Hall e Bauman, a respeito da chamada “crise de identidades” e das características da presente fase, considerada como líquida. O suporte teórico, metodológico e analítico buscamos nos trabalhos desenvolvidos pelo filósofo Michel Foucault, destacadamente, nas noções de discurso, enunciado e processos de subjetivação. Por esse norte teórico, que tem como principal fundamento o método arqueogenealógico, objetivamos, através da descrição e da interpretação dos enunciados desse veículo midiático, compreender os processos de constituição identitária do sujeito professor nos discursos em circulação na *Nova Escola*, pois tomamos a produção de identidades como um fato de discurso.

Palavras chave: enunciado; sujeito professor; identidade; subjetivação.

JULGA-SE O LIVRO PELA CAPA E PELA SINOPSE: REFLEXÕES EM ANÁLISE DE DISCURSO

Mirielly Ferraça (Mestranda – Unioeste – PR – Brasil)

miriellyferraca@gmail.com

Dr. João Carlos Cattelan (Orientador – Unioeste – PR – Brasil)

cattelan@unioeste.br

Tanto a sinopse de livros quanto a capa são utilizadas com o intuito de descrever o conteúdo da obra e seduzir o leitor para a compra. Como na publicidade, vendem-se não apenas produtos, mas também sonhos e promessas de realizações pessoais ou profissionais, o livro norte-americano *Por que os homens amam as mulheres poderosas?: um guia para você deixar de ser boazinha e se tornar irresistível*, de Sherry Argov, é apresentado como um manual comportamental para as mulheres que buscam conquistar o homem de seus sonhos. O livro diz às mulheres que elas devem ser sedutoras, ir em busca da realização de seus desejos, deixar de se comportar como ditam os discursos cristalizados sobre elas; mas, de uma forma ou de outra (sendo boazinha ou irresistível), o homem continua sendo peça essencial a ser alcançada e, sem ele, a vida delas não seria completa. Ou seja: realização e conquista estão atreladas à presença masculina. Com base na Análise de Discurso e nos preceitos de Pêcheux, este artigo pretende analisar a sinopse e a capa do livro em questão, tendo como objetivo refletir sobre esse universo publicitário que propõe a realização de desejos e a promessa de realização na vida afetiva e sexual e não somente a venda de um produto e mostrar que a ruptura com as ações tipicamente femininas que o livro parece propor acaba sacralizando e afirmando a crença de que a mulher só pode obter realização se estiver com um parceiro, reafirmando o discurso tradicional de a mulher ser vocacionada para o casamento e para a vida doméstica. Ou seja: a obra parece romper com as atitudes sacralizadas da boa mulher, entretanto, ao fazer isso, as sequências discursivas acabam confirmando a submissão feminina, quando esta deve mudar seu comportamento para agradar, envolver e seduzir o homem desejado.

DA VISIBILIDADE À INVISIBILIDADE: MECANISMOS E ESTRATÉGIAS DO FUNCIONAMENTO DISCURSIVO DE IMAGENS ACERCA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Érica Danielle Silva

Ismara Eliane Vidal de Souza Tasso

Eixo temático - Pesquisas em imagens: debates teóricos

Neste trabalho, apresentamos um recorte de uma pesquisa de mestrado, que investiga a constituição identitária do sujeito com deficiência nas práticas discursivas midiáticas na contemporaneidade, à luz do aporte teórico da Análise do Discurso de linha francesa. Ao empreender uma pesquisa sobre essa temática, lança-se um desafio: tomar a materialidade imagética como lugar privilegiado de análise. Para tanto, faz-se necessário refletir sobre as instâncias composicionais dessa materialidade, tanto no plano da visibilidade quanto no da invisibilidade, já que os sentidos midiáticos não são dados ao acaso. Há um saber técnico que coloca em funcionamento uma linguagem específica para produzir determinados efeitos e não outros. A operacionalização dos elementos próprios dessa linguagem, combinada com a dinamicidade empregada na exibição de imagens, palavras e sons, na mídia, legitimadas pelo saber e pelo poder, produzem sentidos que podem comprovar, sensibilizar ou reforçar a prática de atuação das pessoas com deficiência em diversos campos sociais. Esses efeitos de verdade possibilitam a governamentalidade dos corpos pelas ações midiáticas, autorizando os sujeitos deficientes a ocuparem determinados lugares para que a ordem seja mantida. Para tanto, é preciso que o corpo deficiente seja espetacularizado de forma agradável aos olhos do sujeito-telespectador. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é demonstrar, no entrecruzamento da memória e da história, como a normalização estabelece o modo de exercício da função enunciativa em produções midiáticas contemporâneas.

Palavras-chave: linguagem midiática; saber/poder; pessoas com deficiência; efeitos de verdade

O CONTEXTO VIRTUAL DO TELETANDEM E A CONSCIENTIZAÇÃO CRÍTICA DA LINGUAGEM NO PROCESSO DE ENSINO DE PORTUGUÊS PARA FALANTES DE OUTRAS LÍNGUAS

Karin Adriane Henschel Pobbe RAMOS

Faculdade de Ciências e Letras de Assis/SP/Brasil

karin.amos@hotmail.com

Agência financiadora: PROPE (Pró-Reitoria de Pesquisa da UNESP)

O presente estudo discute questões relacionadas à Conscientização Crítica da Linguagem (CCL) por estudantes, falantes de português, em interação online intercontinental, via teletandem, com falantes de outras línguas. As considerações baseiam-se no conceito de *Critical Language Awareness* (CLA) e na Análise Crítica do Discurso (ACD), em sua abordagem tridimensional: a do texto, a do discurso e a da prática social. Segundo essa visão, o objetivo da educação é o desenvolvimento de uma consciência crítica do mundo, incluindo principalmente o ensino e a aprendizagem de língua materna e línguas estrangeiras. De acordo com esses estudos, existe uma relação intrínseca entre discurso, conhecimento e as transformações que acontecem em uma sociedade pós-moderna baseada na informação e é necessário que se reflita sobre essas questões e suas implicações. Como nos relacionamos com o conhecimento e avaliamos as situações comunicativas nas quais estamos inseridos; como produzimos discursos a partir do contexto histórico e cultural e de que maneira esses discursos estão associados com diferentes perspectivas relacionadas a interesses diversos nas mais variadas relações sociais de poder, são reflexões que embasam a teoria da Conscientização Crítica da Linguagem (CCL). Os dados para a análise foram coletados entre alunos que participam do Projeto *Teletandem Brasil: línguas estrangeiras para todos*, realizado no Centro de Línguas e Desenvolvimento de Professores da Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP, Brasil. O objetivo da investigação foi observar: (a) as explicações dos falantes de português acerca de sua língua materna, ao ensiná-la para falantes de outras línguas; (b) como os aprendizes de português se comportam durante esse processo; (c) que conteúdos são privilegiados; (d) em que sequência são ensinados; (e) qual o grau de aprofundamento; e (f) de que maneira são transmitidos. A coleta dos dados foi realizada durante o segundo semestre de 2010, em sessões de interação em teletandem com uma universidade

norte-americana. Foram analisadas sessões e produções textuais que os alunos elaboravam após as interações. A análise permite concluir que, de maneira geral, as interações privilegiam o ensino de aspectos textuais, e a crítica social surge apenas em poucos momentos nos quais questões culturais são discutidas. Tal fato tem implicações na mediação do processo pelo professor de língua estrangeira, assim como para a pedagogia que adota o teletandem.

Palavras-chave: Português para Falantes de Outras Línguas; Teletandem; Conscientização Crítica da Linguagem.

FOUCAULT E O INTERDISCURSO

Sírio POSSENTI (UNICAMP / CNPq / FEsTA)

A noção de interdiscurso diz respeito a diversas características dos textos ou de conjuntos de textos. O mais notório é a citação, mas a relação entre um discurso e outro é inevitável, considerados os diversos tipos de relação que eles têm ou podem ter no “universo de discurso”. Frequentemente, análises de discurso efetuadas à luz dos conceitos de Foucault desconhecem – não levam em conta, não mencionam – esta característica. O fenômeno pode ser descrito sumariamente assim: dada uma tese (por exemplo, a de que o poder governa os corpos), selecionam-se conjuntos de fatos, de enunciados, que a demonstram. Mas nem sempre se leva em conta que tais enunciados ocorrem no interior de discursos que não se reduzem a eles, nem à governamentalidade. Juntamente com os enunciados que revelam uma política do “cuidado”, ocorrem enunciados que promovem o comportamento oposto. Por exemplo, “se beber, não dirija” ocorre em propagandas que incentivam o consumo de bebidas alcoólicas; “use camisinha” é um enunciado que acompanha a “promoção” da atividade sexual (ou, pelo menos, não se propõe a controlá-la). O trabalho pretende mostrar que a consideração efetiva da heterogeneidade – em vez de isolar apenas enunciados que vão na mesma direção – permite uma análise mais adequada de um conjunto de discursos. Não parece a melhor leitura considerar o biopoder sem considerar, a seu lado, a resistência, uma das condições da subjetividade. No entanto, não se deve desprezar o fato de que os enunciados destacados são, em geral, os destinados ao “cuidado”.

LINHA DE PESQUISA: Análise do Discurso (Bakhtin)

Coordenadoras: Luciane de Paula (UNESP) / Grenissa Stafuzza (UFG)

**A RELEVÂNCIA DO CONCEITO DE SUPORTE MATERIAL
NO CONTEXTO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA**

Fabiana Komesu

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”
Câmpus de São José do Rio Preto – São Paulo – Brasil
komesu@ibilce.unesp.br

O objetivo deste trabalho é discutir a relevância do conceito de suporte material na esfera de produção textual escrita de alunos de ensino superior de curso de Educação a Distância (doravante, EaD). Com efeito, alega-se, na atualidade, que o suporte material – entendido, de modo geral, como computador com acesso à internet, mas também como plataforma de aprendizagem empregada – permite “desdobramento” do tempo (do sujeito escrevente) em “ambiente” que faculta às pessoas estudarem/trabalharem e cumprirem obrigações diárias com família e amigos, no cuidado de interesses pessoais. Do ponto de vista tecnológico, destaca-se que a capacidade de armazenamento de dados no computador não cessa de aumentar, mediante recursos que integram, em rede, as informações disponibilizadas. Essa capacidade exponencial do suporte material é vista, quase sempre, como traço suficiente para produzir sentido(s) na produção textual, isto é, o “conteúdo” do texto, tornando-o acessível à comunicação. Da perspectiva dos estudos do Discurso, é sabido, entretanto, que não se pode deixar enganar pela crença no papel determinante do suporte material das novas tecnologias, nem mesmo pela crença na suposta “transparência” no processo de comunicação ou na suposta continuidade, em termos de “evolução” e “progresso”, das práticas sociais. Para Maingueneau (2001), o suporte é modo de manifestação material dos discursos. Segundo essa definição, é preciso observar tanto suporte quanto *modo de difusão* e *estocagem* do texto, na relação sócio-histórica entre os sujeitos, uma vez que qualquer modificação do meio implica transformação do gênero de discurso em questão (cf. BAKHTIN, 1997). A produção de enunciados escritos no contexto da EaD emerge, pois, na trama da multiplicidade das relações que tornam concreta a relação entre enunciadores na língua(gem). Levando-se em consideração as novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) e a EaD, interessa

problematizar se há e quais são as transformações no texto escrito digital em contexto de ensino/ aprendizagem a distância, assumindo, por um lado, que a prática de escrita é *sempre presencial*, uma vez que demanda do escrevente a representação do outro na atividade verbal e, por outro, que as aulas em um curso a distância impõem um “jogo” entre distanciamento espacial e aproximação temporal (síncrona / assíncrona) na relação entre professor e aluno, facultado pelo suporte material.

RESUMO

Não foi pretensão deste artigo colocar as forças centrípetas contra as forças centrífugas mas sim saber reconhecê-las. Nem tampouco a solidão do monologismo contra o dialogismo, sabendo que em alguns momentos somos monológicos (quando nos interessa). Tem sim a pretensão de colocar em discussão temas tão instigantes, sobre como nós nos fazemos na interação social, em tempos como os nossos. A vontade de verdade atravessa a nossa cultura desde o século XIV, segundo Foucault, mas como história. Na verdade, como seres humanos, sempre tivemos essa pretensão. Ela vai aparecer nos escritos de Bakhtin como horizonte monológico, aquele em que a pretensão de uma única voz comete um assalto sintático e semântico no “outro” da enunciação. As aspirações do discurso monológico são totalitárias e evidenciam pretensões metafísicas de apropriação do mundo. O monologismo é uma forma de compreensão unicentrada e unidirecionada que tende a absorver o outro em dependência cognitiva. Enquanto princípio de representação, esta cultura ideológica plena apresenta e admite apenas uma ideia da verdade, e representa o outro como um objeto sem voz, reificado. Para ver como isso se estabelece, pretendemos apresentar alguns dos discursos sobre o trabalho que circulam no mercado e que se tornaram corriqueiros.

Palavras-chave: Monologismo, ideologia, dialogismo, interação, forças centrípetas, forças centrífugas.

A MÍDIA COMO DISPOSITIVO DE PODER NA CONSTITUIÇÃO DE SUBJETIVIDADES

Hulda Gomides Oliveira.

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística.
Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, UFG, Goiás, Brasil.

huldinha_net@hotmail.com

Bolsista CAPES.

Resumo CITED: Linha de pesquisa 4 – Análise do Discurso (Foucault) / Linha: genealogia.

Partindo das reflexões de Michel Foucault a respeito da relação entre discurso e poder, principalmente em sua fase genealógica, este trabalho se preocupa em pensar a mídia como partícipe necessária de um jogo discursivo, onde a ordem extrapola o linguístico (outrora relegado) e, mais que isso, reclama o não discursivo para que possa ser compreendida. Entendemos que em diferentes momentos parece que se instalam diferentes possibilidades do que deve aparecer e do que deve ser dito, ou seja, práticas discursivas, não necessariamente tangíveis no sistema da língua, que regulam mudanças nos regimes de discursividade de uma época e, a partir disso, tornam possíveis e aceitos alguns enunciados e outros não.

Assim, esse estudo se volta a entender de que forma a mídia funciona como dispositivo de poder, de controle de corpos, condutas e da memória, ao participar de uma rede que organiza saberes e poderes e, enfim, constitui subjetividades, formas de nos produzirmos, levando o indivíduo (disciplina) e o sujeito-espécie (biopolítica) a se inscrever em determinadas posições. Os meios de comunicação de massa talvez formem a esfera que lida mais diretamente com esses regimes de visibilidade e dizibilidade, na medida em que fazem circular saberes-verdades, que atuam na sociedade como mais um dos dispositivos enredados em um jogo de poder que, em última instância, funciona “adestrando indivíduos, tornando-os dóceis e produtivos”.

Portanto, pensando com Foucault, o poder não é mais visto como localizável, como numa relação ideologicamente determinada por uma classe que domina e outra que é dominada, e nem o Estado, e apenas ele, é percebido como aparelho de exploração de uma classe alienada; o poder é antes lugar de luta, de disputa e, assim, está disperso na estrutura social.

Tendo isso em vista, as instituições em geral, como a família, o sistema jurídico, a escola, a igreja, a cultura e também a mídia (por meio de propagandas, programas jornalísticos e publicidades), formam uma microfísica do poder e nos impelem a tomar decisões e, enfim, nos constituirmos enquanto sujeitos no mundo. Dessa forma, o que estamos sustentando, afinal, é que a mídia faz parte de um ciclo de micro-poderes, é proliferadora de enunciados reitores, constituintes de práticas e que inscrevem posições-sujeito em um jogo enunciativo.

UMA BREVE REFLEXÃO SOBRE A RECEPÇÃO DE *MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS* NO CONTEXTO ESCOLAR

Fábio Coutinho Silva

Pós-Graduação – Mestrando em Letras, UNESP-Assis

fabioestiva@yahoo.com.br

Nos últimos 30 anos, a leitura tem sido importante objeto de estudo em inúmeras pesquisas acadêmicas em diversas áreas do saber humano. A Estética da Recepção, durante a histórica conferência do pesquisador alemão Hans Robert Jauss, em 1967, desponta como uma proposta (ou provocação) à Teoria Literária e à História da Literatura, propondo o estudo do texto literário pela perspectiva do leitor. Atualmente, o método recepcional oferece também dispositivos metodológicos úteis a uma pedagogia da leitura. Aliás, por outro ângulo pode-se dizer que a pedagogia está na gênese da Estética da Recepção, se considerarmos que Jauss preocupava-se com as linhas metodológicas do ensino da história da literatura nas universidades alemãs, que se encontravam na ocasião ainda arraigadas a preceitos idealistas e positivistas do século XIX. Na Educação pública brasileira, constata-se que a leitura é suplantada por conceitos e metodologias disformes, privilegiando os gêneros não literários, debruçando-se sobre textos curtos, preferencialmente aqueles que circulam nos veículos de comunicação em massa e que, portanto, estariam mais próximos à suposta realidade do aluno. Em resumo, o ensino da literatura tornou-se ainda mais obscuro. É nesse contexto que o presente artigo pretende refletir sobre a recepção de um clássico da literatura brasileira para a juventude atual dentro do contexto escolar, procurando desenvolver uma análise incitada por uma experiência em sala de aula com a leitura de *Memórias de um Sargento de Milícias*. Defendemos que o deslocamento do foco de análise textual em direção ao leitor faz emergir com muito mais vigor o caráter emancipatório da leitura. A experiência de leitura mencionada suscitou algumas questões para este artigo: Em que medida o conhecimento do leitor se projeta na narrativa, moldando seu sentido? Como os vazios ou pontos de indeterminação da narrativa contribuem nesse preenchimento subjetivo, sustentando as múltiplas concretizações do sentido? Os vazios do texto resultam para o leitor em dificuldade de compreensão ou apenas abrem caminho para a variabilidade dos modos de recepção, atualizando o texto a cada época? Sem pretender esgotar essas questões, procuraremos analisar o primeiro capítulo de *Memórias de um Sargento de Milícias* à luz de conceitos formulados por Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser.

PODER E RESISTÊNCIA NA DEMARCAÇÃO DE TERRAS INDÍGENAS

Marcos Lúcio de S. Góis
FACALE-UFGD, MS, BRASIL.
marcosgois@ufgd.edu.br

Este trabalho pretende fazer uma releitura discursiva do Relatório de Lindberg Farias, ex-deputado federal encarregado da relatoria da “Comissão externa destinada a avaliar, *in loco*, a situação de demarcação da Raposa Serra do Sol”. Como metodologia de investigação, a Análise do Discurso de orientação francesa, de modo particular mobilizando Michel Foucault; e como apoio teórico fundamental, os estudos pós-coloniais, sobretudo Boaventura de Sousa Santos. As reflexões apresentadas têm início em uma questão: para que serve a Geografia? Não desconsiderando as afirmações de que serve para melhorar a compreensão do mundo ou, ao relacioná-la apenas à disciplina escolar, de que não serve para nada, o artigo se propõe, todavia, a ampliar seu campo de significação, partindo de uma premissa do geógrafo e geopolítico francês Yves Lacoste, para quem a Geografia serve antes para fazer a guerra. Não se deseja tratar, entretanto, precisamente pelo conceito de “guerra” ou mesmo de “geografia” dado por Lacoste, mesmo que as afirmações, num processo interdiscursivo, se encontrem com as desse autor, mas sim via conceito trabalhado por Foucault. O artigo quer, de modo geral, contribuir para as discussões sobre a demarcação de terras no Brasil e as questões que envolvem as formas de dar sentidos a “terra”.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; pós-colonialismo; demarcação de terras; indígenas.

AS FORMAÇÕES DISCURSIVA E IDEOLÓGICA NAS TIRINHAS DA MAFALDA

ANDRADE, Tiago Souza Monteiro de (PG – UEL / PR – Brasil)
tygerstone@ig.com.br

São muitos os personagens em quadrinhos que deixam os adolescentes muito encantados, esses personagens não só fazem os jovens, como também alguns adultos a se deleitarem com esse gênero, dentre os diversos quadrinhos de humor, podemos citar as tirinhas da Mafalda. Essa personagem foi criada nos anos 60 pelo cartunista argentino Quino. Embora esse gênero apareça significativamente tanto nos livros didáticos como em outros meios midiáticos, os leitores, principalmente, professores não possuem subsídios teóricos suficientes para explorarem as mais variadas possibilidades de análise que podem ser feitas nesses textos, em particular no que se refere ao emprego da Análise do Discurso (doravante AD). Este artigo, pois, propõe analisar três tirinhas da personagem Mafalda, ampliando, desse modo, a possibilidade de se trabalhar com alguns princípios da AD como formações discursiva e ideológica em sala de aula. Pretendeu-se trabalhar com o gênero discursivo: tirinhas em quadrinhos, mais precisamente as tirinhas da personagem Mafalda, partindo-se da hipótese de que tais gêneros discursivos possuem elementos da análise do discurso como formação discursiva e formação ideológica e, analisando como esses elementos se manifestaram no *corpus* em questão, utilizando-se princípios do círculo de Bakhtin e da AD de linha francesa. Considerando-se que, nos contextos da hora de jantar sopa, Mafalda utiliza vários recursos para manifestar seu horror, tanto á sopa (no texto) como à ordem mundial (no extra-texto), os recursos, por ela utilizados variam consideravelmente no âmbito dos discursos dos outros em sua própria enunciação, enfim, havendo um constante cruzamento de interdiscursos.

O DISCURSO COMO LUGAR DE ENCONTRO DA LINGUÍSTICA, DA PSICANÁLISE E DO MARXISMO

Prof^ª. Dr^ª. Rita de Cássia Pacheco Limberti (PPGL/UFMGD-MS/BRASIL)

limberti@hotmail.com

Mda. Elza Carolina Beckman Pieper (PPGL/UFMGD-MS/BRASIL)

elzacarolinabp@hotmail.com

RESUMO: O trabalho pretende discutir o aspecto interdisciplinar da Análise do Discurso de linha francesa (AD) no âmbito das Ciências Sociais. A AD é definida como uma linha de pesquisa que, segundo Maingueneau (1999), surgiu na década de 1960 associada a uma tradicional prática escolar francesa: a explicação de textos. Trata-se, portanto, de uma ciência que, privilegiando a interdisciplinaridade, articula pressupostos teóricos da Linguística, do Materialismo Histórico e da Psicanálise, visando tematizar o objeto discursivo como sendo um objeto-fronteira, que trabalha nos limites das grandes divisões disciplinares, sendo constituído de uma materialidade linguística e de uma materialidade histórica, simultaneamente. A AD recorta, portanto, seu objeto teórico (o discurso), distinguindo-se da linguística imanente, que se centra na língua, nela e por ela mesma, e também das demais ciências humanas (História, Filosofia, Ciências Sociais, Antropologia) que usam a língua como instrumento para a explicação de textos. Os fundamentos da psicanálise sustentam explicações para os processos de representação do referente textual, coletivamente construído por interações discursivas e por um sujeito fragmentado que tem a ilusão de ser uno. Contudo, ao falar e/ou enunciar seu discurso, ele sempre está se remetendo ao já-dito, a outros discursos (Orlandi, 1988). Os fundamentos do materialismo histórico sustentam explicações sobre situações das quais o sujeito participa como membro de uma sociedade estratificada por classes sociais, e onde ele assume diferentes papéis. Mas, enquanto membro dessa sociedade, esse sujeito não tem autorização para representá-la, razão pela qual o grau de participação social do sujeito é determinado pelo seu estatuto ou lugar de saber e/ou poder (Foucault, 2005). Nesse sentido, fragmentado-se em diferentes sujeitos, participa apenas de situações autorizadas, já que cada situação exige-lhe um comportamento, um estilo, um conhecimento sobre o contexto histórico-social, enfim, um discurso (Pêcheux, 1990). Os fundamentos lingüísticos da teoria da enunciação sustentam explicações sobre relações enunciativas nas quais os interlocutores, situados num aqui e num agora, não só

se assumem reciprocamente mas também se atribuem identidades, por um jogo de imagens ideologicamente forjadas a partir de formações discursivas vigentes.

LE DEMI-MONDE (1855) DE ALEXANDRE DUMAS FILHO E O ETHOS BURGUESES

Silvia Pereira Santos

Mestre em Letras Neolatinas, área de concentração Estudos Literários Neolatinos, opção Literaturas de Língua Francesa. Grupo PRISMA, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro/Brasil
<mailto:silviaufrj@yahoo.com.br>

Se definirmos o *ethos* como uma imagem de si projetada pelo enunciador, veremos que Dumas Filho lança mão deste recurso da retórica aplicada à análise do discurso a fim de demonstrar quem é e a quem seu teatro se destina. Servindo-se de suas personagens como porta-vozes de seu próprio discurso, o autor se aproxima de seu público alvo ao representar em cena problemas, costumes e estilo de vida que concernem à burguesia parisiense do Segundo Império. Com pobres didascálias iniciais, que não fornecem indicações de cenário – figurino, iluminação -, são as didascálias expressivas, ou seja, aquelas que guiam a interpretação, precisando tom, sentimento e pantomima, e principalmente os diálogos pseudo-descritivos, as ferramentas utilizadas por Dumas Filho para atingir o público. Tudo isto faz de suas personagens o centro da *mise en scène* e, conseqüentemente, de sua cenografia enunciativa: é por meio das personagens, com seus diálogos, que o texto chega até o leitor/espectador em primeiro lugar; são eles os responsáveis pela definição de espaço (topografia) e tempo (cronografia) a partir dos quais se desenvolve a enunciação. Se tomarmos como premissa a seguinte afirmativa de Maingueneau, “mesmo que o destinatário nada saiba antes do *ethos* do locutor, o simples fato de um texto estar ligado a um dado gênero do discurso ou a um certo posicionamento ideológico induz expectativas no tocante ao *ethos*” (MAINGUENEAU, 2006, p. 269) e adaptarmos-la ao teatro de Alexandre Dumas Filho, faremos uma associação com o *Théâtre du Gymnase* e seu público: ao escolher este teatro para a encenação da peça, palco por excelência do drama moral burgueses, Dumas Filho se posiciona no campo literário e explicita sua relação com seu público alvo. Da mesma forma, ao eleger este teatro, o público já sabe o que esperar dele, já carrega suas expectativas em relação ao *ethos* do locutor.

Entre o absoluto e o relativo: conflitos do eu

Aurora Gedra Ruiz Alvarez

Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie SP/Brasil

(auroragedra@hotmail.com)

Lílian Lopondo

Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie / Programa

de Pós-Graduação em Literatura Portuguesa, da FFLCH da Universidade de São Paulo –

SP/Brasil

(lopondo@uol.com.br)

Dos clássicos à contemporaneidade há uma ampla produção literária que desenvolve a temática do duplo. No entanto, o primeiro estudo que tratou desta questão remonta a 1792, quando Jean-Paul Richter nomeou o fenômeno de *Doppelgänger*, que pode ser traduzido para o português como “o que caminha ao lado”, “o segundo eu”. Outros teóricos também se debruçaram sobre o assunto e produziram material interessante quer para o campo da literatura, quer para a psicanálise. Dada à relevância para o entendimento do tema, destacam-se os estudos de Otto Rank, *O duplo* (1914) e de Freud, *O estranho* (1919). O presente trabalho está relacionado ao projeto de pesquisas da Universidade Presbiteriana Mackenzie “Os desdobramentos do eu: o duplo na literatura e em outras manifestações culturais da contemporaneidade”, inscrito na CAPES/FAPESP, que tem como objetivo estudar o duplo na literatura e em outras manifestações culturais. Como parte do *corpus* da pesquisa, consta o poema “Aqueloutro”, de Mário de Sá-Carneiro que, neste estudo, será examinado com o propósito de observar como a subjetividade se constrói face ao *outro*. As indagações que se colocam para exame são: pode-se dizer que o soneto do poeta português trata do duplo? Se há essa ocorrência, pergunta-se: como este duplo se apresenta? Estas reflexões estão, portanto, direcionadas à discussão do conceito e da modalidade de desdobramento do sujeito a que se filia o poema de Sá-Carneiro, a partir da análise da função da *déixis* no discurso poético. Os dêiticos, atuando como operadores do processo enunciativo, podem oferecer a imagem do sujeito do discurso e da alteridade na investigação da questão do duplo. Do exame da linguagem, ou seja, do estudo dos expedientes escolhidos pelo criador e de como ele os organiza, este trabalho investigará o tema em foco. Para tanto se tomarão como fundamentos teóricos tanto a bibliografia sobre o duplo, da qual foram anteriormente referidas duas obras essenciais para o tratamento do assunto, quanto os estudiosos da Teoria da Linguagem, como José Herculano de Carvalho, Nicolau Issac Salum, Karl Bühler dentre outros.

**LEITURA DE JORNAL, INFORMAÇÃO E CIRCULAÇÃO: O LEITOR NO
DISCURSO DO JORNAL BOM DIA.**

Tamara de Souza Brandão Guaraldo
Doutoranda em Ciência da Informação – UNESP Marília/SP- Brasil
Bolsista Capes
Email: tamaraguaraldo@gmail.com

O estudo apresenta dados sobre leitura de jornal, com destaque para o aumento da circulação entre as classes populares na última década no país. Os jornais populares integraram novo público leitor e avançaram diversas posições entre os dez diários de maior circulação, o que se refletiu num aumento da circulação total de jornais. E, em tal contexto, o que se apresenta, afirma Ramonet (2003), não é o mundo da informação apenas, mas um universo bem complexo, em que grandes empresas atuam com importantes papéis no campo da informação. Na Ciência da Informação, o estudo da informação não toma como referência um sujeito ou usuário isolado, mas determinada comunidade ou grupo e um campo específico de conhecimento ou de ação na qual o usuário (ou leitor) está implícita ou explicitamente inserido. Pretende-se abordar, com auxílio da Análise do Discurso, a seção do leitor do Jornal Bom Dia, num período de 08 semanas em 2010, com o objetivo de analisar como é construído o discurso sobre o leitor do jornal popular diário, e suas condições de produção, levantando a questão do sujeito e seu processo de interpelação. O discurso, “efeito de sentido entre interlocutores” (PÊCHEUX, 1995), é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico, podendo mudar de sentido de acordo com as posições daqueles que o empregam. A análise demonstra que a seção do leitor publica diferentes temáticas que dizem respeito à constituição do sujeito leitor, os temas que mais lhe agradam, mas que remete sempre a uma repetição, planejada de segunda a domingo. O discurso sobre o leitor do jornal é controlado através de diferenciações na seção do leitor, nas quais o sujeito leitor se insere em um contexto sócio-histórico e ideológico como uma posição frente a outras posições. Sendo o discurso uma prática contraditória, também existem as condições de possibilidades, em que o leitor é construído como aquele que não apenas fala à publicação, mas que é interpelado como sujeito no ato do discurso. O jornal explicita diferentes posições em funcionamento ao enunciar “leitor” na seção diária, pois não apresenta um sentido unívoco para o termo ao adotar procedimentos distintos frente à constituição do sujeito leitor

nas edições semanais e na edição de domingo, de maior circulação, que se inscrevem numa relação ideológica de classes.

GOVERNAMENTALIDADE E CIDADANIA: CONFLITOS E CONTRADIÇÕES NO ENSINO BILÍNGUE EM ESCOLAS INDÍGENAS NACIONAIS

Raquel Fregadolli Cerqueira Reis – PG (UEM) PR/Brasil
(raquelfregadolli@hotmail.com)

Ismara Eliane Vidal de Sousa Tasso (UEM) PR/Brasil CAPES
(tassojs@terra.com.br)

O Brasil é um país constituído por uma população de diferentes etnias, razão de existência de culturas diversas e, embora reconheça a língua portuguesa como nacional, é multilíngue. A partir dessa característica da historicidade brasileira, o Estado tem se valido de alguns recursos para amenizar os efeitos causados pela coexistência dessas diferenças culturais e linguísticas que implicam relações de saber-poder nas relações com o outro e, conseqüentemente, envolvem os processos de inclusão e de exclusão. Nesse sentido, a educação indígena vem a ser uma estratégia política de inclusão que, ao ser institucionalizada pelo Estado nas comunidades indígenas, institui saberes não-indígenas e promove, em decorrência disso, o silenciamento da cultura indígena, produzindo efeitos de igualdade e de cidadania por meio da educação. Um dos documentos que institui legalmente essa política no intuito de amenizar os efeitos causados pela colonização, a favor da inclusão do indígena, por meio do domínio da língua portuguesa, é o RCNEI (Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas) que norteia as práticas pedagógicas do ensino bilíngue, bem como em todas as áreas do conhecimento, com vistas a alcançar uma educação integral que tenha seus princípios no interculturalismo. Diante disso, o ensino bilíngue na instituição escolar de Terras Indígenas envolve questões de ordem da política linguística e de inclusão social, por isso, dotada de extrema complexidade. Assim, esta comunicação, sob os fundamentos na Análise de Discurso francesa, da Linguística e dos Estudos Culturais e Sociais, tem por objetivo demonstrar, pelo exercício da governamentalidade, o modo como a educação indígena, fundamentada pelos princípios da cidadania, promove tanto a igualdade quanto a desigualdade social do sujeito indígena, uma vez que as políticas linguísticas e sociais recorrem a dispositivos disciplinares conflitantes cujas condições de possibilidade são de silenciar a cultura e a língua indígena em detrimento da portuguesa, procedendo, na atualidade, tal qual o processo da colonização no Brasil.

Palavra-chave: Governamentalidade; Cidadania; Ensino Bilíngue.

DISCURSO EM FOUCAULT E EM PÊCHEUX: NOTAS DE LEITURA PARA DISCUSSÃO

Roberto Leiser Baronas (DL-PPGL-UFSCar-CNPq – São Paulo - Brasil)

baronas@ufscar.br

É possível constatar em muitos trabalhos acadêmicos brasileiros recentes (teses, dissertações, livros, artigos científicos, ensaios, sites, entre outros), sobretudo no domínio dos estudos do discurso, que as idéias de Michel Foucault têm sido aproximadas e, muitas vezes, até confundidas com as de Michel Pêcheux. Esses estudos partem da premissa de que existem muitos pontos de convergência epistemológica entre aquilo que Michel Foucault formulou no tocante ao discurso enquanto objeto de estudo e aquilo que foi articulado por Michel Pêcheux à luz da Linguística, da Psicanálise e do Materialismo Histórico. Segundo tais trabalhos essa aproximação conceitual é compatível, pois é possível observar, por exemplo, alguns pontos de estreito contato entre os dois estudiosos no que concerne às noções de formação discursiva e de discurso.

Entretanto, nestes trabalhos, noções como de formação discursiva e de discurso têm sido compreendidas esquecendo-se de levar em consideração por um lado os mirantes epistemológicos que lhes deram guarida e, por outro, as diversas veredas históricas pelas quais o pensamento destes autores passou. Ademais, tais trabalhos se esquecem de considerar que Michel Foucault em seus ditos escritos, diferentemente de Michel Pêcheux, nunca se deteve em elaborar um dispositivo teórico-analítico de tratamento lingüístico-histórico do discurso e que em seus trabalhos estes autores, embora em alguns momentos tivessem mantido interesses comuns, por exemplo, no final dos anos sessenta do século passado, ambos voltaram sua atenção para a história da ciência, eles frequentaram diferentes tipos de *corpora*.

Com base na questão anteriormente exposta, num primeiro momento, longe de querer instaurar uma alfândega epistemológica entre Pêcheux e Foucault, pretendemos nesta comunicação discutir de forma um pouco mais acurada o que os dois filósofos franceses compreendem pelo termo discurso, isto é, se embora homônimas, essas noções, independentemente de seus autores, significam teoricamente a mesma coisa e, num segundo momento, compreender até que ponto as concepções de discurso destes pensadores se mantiveram inalteradas durante as diferentes arquiteturas pelas quais seus pensamentos transitaram.

IDENTIDADE LINGUÍSTICA E DIVERSIDADE CULTURAL: A PRÁTICA DE SUBJETIVAÇÃO DO INDÍGENA BRASILEIRO NO CAMPO EDUCACIONAL

Margarida Liss – PG (UEM) PR/Brasil

margaridaliss@yahoo.com.br

CAPES

Ismara Eliane Vidal de Sousa Tasso PG (UEM) PR/Brasil

tassojs@terra.com.br

CAPES

O Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI (1998) é um documento norteador para práticas pedagógicas nas escolas indígenas no Brasil. No que concerne às proposições de ensino bilíngue, a iminente necessidade de proteção e revitalização das línguas indígenas é acentuadamente salientada no decorrer desse texto. Com o objetivo de promover e demonstrar a importância do estudo de tais línguas, o documento contempla inúmeras citações extraídas de depoimentos de lideranças indígenas que se harmonizam com a proposição da instituição governamental, sobretudo, aquelas manifestadas por professores das escolas indígenas em favor do ensino das línguas no espaço escolar. Dada a constituição enunciativa do documento, atribui-se ao sujeito indígena professor voz ativa em discussões políticas referentes às Línguas Indígenas na contemporaneidade, fator que concorre para a mobilização e operacionalização de estratégias para produzir efeitos de inclusão desse sujeito. Nesses excertos, que integram parte da série enunciativa que compõe o arquivo do Projeto *Avaliação socioeducacional, linguística e do bilinguismo nas Escolas Indígenas Kaingang do território etnoeducacional – Planalto Meridional Brasileiro – CAPES/UEM*, são evidenciadas as condições de emergência e de existência da identidade linguística do sujeito indígena no contexto escolar brasileiro. Trata-se, pois, de uma identidade produzida pelo discurso governamental e legitimada pela participação efetiva de indígenas em um espaço que até então adentravam somente sujeitos que estavam na ordem do discurso do Estado Brasileiro, tais como, intelectuais e parlamentares. Diante disso, propomos nesta comunicação demonstrar, pela Função Enunciativa (FOUCAULT, 2007), como a subjetivação do indígena é estabelecida no RCNEI, na articulação entre sujeito e referencial, promovendo-se efeitos de inclusão social, linguística e política desse sujeito. Este estudo tem como aporte teórico as contribuições da Linguística, dos Estudos Culturais e Sociais e da Análise do Discurso de linha francesa, especialmente as investigações empreendidas pelo

filósofo Michel Foucault (1926-1984) na primeira fase de suas pesquisas, denominada arqueológica.

Palavras-chave: Subjetivação; Inclusão/exclusão; Bilinguismo; Identidade.

O BIZARRO *NA/DA* MÍDIA

Renata Marcelle Lara Pimentel (GEPOMI-UEM, PR-BRASIL)

renatamlara@yahoo.com.br

A tematização de o bizarro *na/da* mídia marca um duplo movimento de sentidos: instauração/naturalização, produzido de forma institucional(izadora), e deslize/desestabilização, como contradição própria à constituição/funcionamento do discurso. O bizarro é, assim, explorado *no* discurso midiático no jogo parafrástico para o bizarro *do* discurso midiático. Entende-se que ao se enunciar a respeito do que se explicita/nomeia/formula como bizarro, na condição de notícia como/ou entretenimento, instaura-se o bizarro *do* discurso midiático no discurso midiático *sobre* o bizarro. O funcionamento do bizarro no discurso midiático tem a ver com a forma como tal evento é exposto, noticiado, posto em circulação na relação com o público, entre o que se apaga/silencia naquilo que se expõe. Aí, também, pensar a banalização do lazer como entretenimento midiático. Objetiva-se, portanto, visibilizar o funcionamento do bizarro como estruturante do discurso midiático *sobre* o bizarro, no encontro teórico-analítico de proposição pecheutiana. Interroga-se como, no interior do discurso midiático sobre o bizarro, funciona o que neste estudo se considera como sendo um discurso bizarro midiático tanto noticioso quanto de entretenimento. Um movimento teórico-analítico inicial aponta que os sentidos possíveis para bizarro são, por definições dicionarizadas, de negatização ou de positização do inusitado – não usual, incomum, estranho (causar estranhamento, seja de forma positiva ou negativa). O inusitado (positização ou negatização) situa-se numa divisão de fronteira entre sentidos que validam ou advém como efeito de um funcionamento discursivo de determinação – marcação, institucionalização e (re-a) firmação de uma normatização e normalização (sentidos que podem e devem ser ditos), e um mecanismo de apagamento/silenciamento de sentidos sócio-históricos e ideológicos (aquilo que não pode ser dito e aceito frente ao que pode e deve ser dito/aceito). Sentidos outros que, se evidenciados, produziram um desarranjo na rede de filiações que determinam o sentido (como) possível. Por um mecanismo de naturalização do termo em seu caráter de inusitado, instaura-se, do lugar do não usual, do incomum e do estranho/estranhamento, o efeito de (a)normal(idade) na sustentação do interesse/curiosidade pelo *in*-comum.

**A EXOTOPIA E A CRONOTOPIA NA LITERATURA DE AUTOAJUDA: a
relação tempo/espaço na literatura de Jorge Augusto Cury**

SILVA, Gabriela Belo
PPGEL/ILEEL/UFU – MG Brasil
gabesigo@gmail.com

Por meio do projeto “Identificações Sujeitacionais no Discurso da Autoajuda,” apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), intentamos apresentar uma apreciação preambular de como ocorrem os processos de exotopia e cronotopia na discursividade da obra *Pais brilhantes Professores fascinantes* (2003), elaborada por Jorge Augusto Cury. Buscaremos desvelar o lugar discursivo e ideológico das práticas de assistência do gênero autoajuda na (des)constituição sujeitacional do docente, mediante os pressupostos teórico-conceituais da Análise do Discurso de linha Francesa. Na concepção de Rüdiger, os universos que abrangem a literatura de autoajuda diferem-se de acordo com as orientações que cada obra trás em seu *corpus*. A primeira orientação encontra-se ligada à prática do *pensamento positivo*. As obras com esse direcionamento têm como objetivo ensinar ao sujeito formas de organização, para que seja possível administrar melhor os problemas acarretados no seu dia a dia. O segundo direcionamento visa às *relações interpessoais*: ser bem sucedido irá depender da forma como o sujeito manipula o outro e dele obtém os melhores resultados. E, por último, o terceiro direcionamento que volta-se para as *condutas morais*: obter sucesso dependerá da superação da descrença do sujeito nele mesmo, para que possa constituir-se como sujeito moral de uma conduta aceita socialmente. E é nesse direcionamento que iremos nos focar ao longo desta alteração. Desta feita, delimitamos o material de análise que constitui o *corpus* desta pesquisa, no qual analisamos enunciados operadores que foram recortados da materialidade linguística, em que Cury prescreve fórmulas por meio de prédicas para que os professores tornem-se brilhantes/fascinantes. Logo, analisamos as formas de interpelação direcionadas ao professor, no/pelo discurso instaurado na obra curyana. Como aportes teóricos para a análise, utilizamos os postulados de Bakhtin no que se refere aos conceitos de enunciado, exotopia e cronotopia visando sopesar a relação tempo/espaço instaurada na literatura de autoajuda, a qual apresenta traços constitutivos no ensino por meio do sujeito leitor/sujeito professor; Pêcheux ao que

concerne os conceitos de discurso, sujeito e ideologia, que constituem as diferentes prédicas que atravessam a instauração enunciativa da autoajuda. Recorremos, ainda, aos conceitos pechêrianos de identidade, identificação, e memória discursiva, com o objetivo de promovermos uma análise dos enunciados, recortados da materialidade textual da obra, tencionando examinar de que forma os processos exotópicos e cronotópicos contribuem para que ocorram os processos identificatórios e filiatórios dos sujeitos professor/aluno na e pela discursividade da autoajuda.

Palavras-chave: discurso, cronotopia, exotopia, professor.

LEITURAS ACADÊMICAS NA GRADUAÇÃO: EXCLUÍDOS NO INTERIOR?

Cláudio Rodrigues da Silva - Pedagogia/Ciências Sociais - Faculdade de Filosofia e Ciências
– UNESP – São Paulo – Brasil – silvanegrao@gmail.com

Com vistas a contribuir para o processo de formação docente, nesta comunicação, são apresentadas algumas inferências a partir de pesquisa documental e bibliográfica em andamento, sobre leituras acadêmicas solicitadas pela docência, um ponto sensível do processo formativo e que nem sempre recebe a devida atenção.

Há diversos fatores implicados com a questão da leitura e que servem de base a argumentações, tanto da parte de discentes, para justificarem as dificuldades ou impossibilidades de realização, quanto de docentes, para explicarem os motivos das solicitações de leituras.

Um dos principais objetivos é colocar em discussão as solicitações de leituras pela docência, as leituras realizadas ou não pelos estudantes, enfim, a distância entre o pretendido e o realizado, para que haja uma ruptura com a espécie de acordo tácito que, não raramente, implica duas práticas: fazer de conta que está tudo bem (a docência, ao indicar bibliografia, e os estudantes, ao portarem os textos, considerarem ter feito as respectivas partes) ou não abordar o assunto por considerá-lo um problema individual de cada estudante, ou então, uma aporia.

Considerando-se que, em especial para as Ciências Humanas, a leitura é um dos principais substratos da formação, quais as chances de haver formação consistente sem leituras consistentes?

Até que ponto essa distância entre o pretendido e o realizado é, pelo menos em parte, decorrência do próprio processo de alfabetização, letramento e formação de leitores durante a Educação Básica? Até que ponto decorre de uma educação que está mais para a tutela e heteronomia do que para a autodisciplina e autonomia, tanto de professores, quanto de estudantes?

Em termos de leitura, o que caberia ou então seria considerado indispensável nas bibliografias dos cursos de formação docente, considerando-se a especificidade e a duração do curso e, em especial, as condições objetivas dos estudantes? Até que ponto esses fatores podem explicar ou justificar reduções nas bibliografias ou mesmo eliminações inclusive daquelas entre as consideradas basilares para a formação? Quais as implicações de uma maior ou menor quantidade de bibliografias, durante o curso, para a qualidade da formação?

A questão da leitura, assim como inúmeras outras, está a desafiar, a provocar os atuais e futuros professores, em todos os níveis, em todas as áreas, em especial na formação docente; está para além de propostas de soluções simplistas; exige providências imediatas. Ou, além dos excluídos pelo vestibular, agravar a situação e aumentar o contingente de excluídos no interior da universidade.

QUEM SOU EU NO TWITTER? SEGUINDO DISCURSOS PARA CONSTRUÇÃO DO SER-CONSIGO POR MEIO DE CITAÇÕES DE ESCRITORES LITERÁRIOS

Maria Regina Momesso

Doutora em Linguística, Universidade de Franca, São Paulo, Brasil

CNPq/Observatório da Educação

reginamomesso@uol.com.br

Esta comunicação é parte do Projeto de Pesquisa Linguagens, Códigos e Tecnologias: práticas de ensino de leitura e de escrita na Educação Básica, Ensino Fundamental e Médio financiado pela Capes e Observatório da Educação. Os dispositivos da Web 2.0 são muito utilizados por adolescentes em suas práticas de leitura e escrita ora para pesquisa ora como meio de comunicação e aquisição de informação, entre outras finalidades. Mesmo sem intencionalidade, esses dispositivos tornam-se instrumentos de construção discursiva de subjetividades que visam agradar e conquistar seguidores com a finalidade de pertencer a grupos sociais e também para ganhar audiência e notoriedade. Logo, objetiva-se analisar as práticas de leitura e discursivas em alguns *twitters*, que trazem frases de escritores solicitados em vestibulares, tais como Clarice Lispector e Carlos Drummond de Andrade -, e como estas constroem subjetividades: a do escritor virtual e a do próprio *twiteiro* e seus seguidores. O aporte teórico configura-se na AD francesa, derivada de Michel Pêcheux, e principalmente nas idéias foucaultianas presentes em suas últimas obras que tratam da relação de cada um consigo próprio e de como o indivíduo se constitui e faz emergir sua subjetividade. Parte-se do pressuposto de que as reflexões foucaultianas podem contribuir muito com questões da ordem da educação e da aprendizagem, além disso, entende-se que dispositivos como *twitter* servem de tecnologias de si que apóiam o indivíduo da contemporaneidade na busca de estilos de existência diferentes uns dos outros, a busca de uma forma moral que possa ser aceitável por todos. A análise parte de uma resposta de uma *twiteira* que em seu *blog* (<http://diariodataygalega.blogspot.com/2010/07/quem-sou-eu-no-twitter.html>) procura responder quem é ela no *twitter*; posteriormente, observa-se como *twitters* que têm como *fake* Clarice Lispector e Drummond de Andrade servem como tecnologias do eu para construção de representações de si e do outro. Tal representação é formatada por meio de citações que vão formando um mosaico do ser consigo e com o outro.

SILÊNCIO E HETEROGENEIDADE DE DIZERES SOBRE A DITADURA

Francis Lampoglia (PPGCTS/UFSCar – SP, BRASIL) - FAPESP n. 2010/03200-2

francidusp@hotmail.com

Dr. Valdemir Miotello (Orientador - PPGCTS/UFSCar – SP, BRASIL)

miotello@terra.com.br

Dra. Lucília Maria de Sousa Romão (Co-Orientadora – FFCLRP/USP – SP, BRASIL)

luciliamsr@ffclrp.usp.br

Este trabalho estuda o funcionamento discursivo de três manchetes do jornal Última Hora publicados em abril de 1965, que se encontra disponível no site do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Para tanto, utilizaremos como embasamento teórico a Análise do Discurso de matriz francesa fundada por Michel Pêcheux. Interessa-nos observar o modo como são produzidos efeitos de sentido e a forma com que o sujeito se posiciona diante da repressão, da censura e do silêncio. A Análise do Discurso preocupa-se substancialmente com a inscrição histórica dos sentidos e os modos de constituição, formulação e circulação dos discursos, trabalhando no lugar da interpretação e considerando a relação da linguagem com a história. Para poder enunciar, ocupar uma posição no discurso e antecipar-se imaginariamente em relação ao seu interlocutor, o sujeito necessita filiar-se ao já-lá (PÊCHEUX, 1969), ao interdiscurso, isto é, à superfície que sustenta e viabiliza o dizível. Cientes de que o estudo da linguagem se inscreve nas práticas sociais, assim como o estudo do discurso não existe fora da linguagem, já que história e língua se afetam mutuamente, entendemos a relevância de se estudar as manchetes dos jornais como materialidades discursivas que são atravessadas ideologicamente, marcando o contexto sócio-histórico em que foram produzidas e os efeitos de sentido que emanam das palavras. Os veículos de comunicação de massa, mais precisamente a mídia impressa, como jornais e revistas, possuem um papel mediador entre o leitor e a circulação de sentidos sobre a realidade. Contudo, ao relatar um fato, o sujeito-jornalista o faz de determinada posição discursiva, modulando a narração dos acontecimentos de forma a enquadrar-se nos interesses do jornal, o que rompe com a falácia de que o jornal retrata objetivamente a realidade tal qual ela é. O discurso jornalístico, acrescido do fator tempo, produz um material rico para os estudos da Análise do Discurso de matriz francesa, permitindo o acesso aos sentidos que circulavam na época da

repressão e que produzem ressonâncias até hoje em dizeres presentes na sociedade brasileira.

I CITeD - I COLÓQUIO INTERNACIONAL DE TEXTO E DISCURSO

16 a 20 de maio de 2011

Faculdade de Ciências e Letras - UNESP/Assis

AS PONTES PARA OLHOS ESTÉSICOS

Ms. Cláudia Regina da Silva Franzão¹
Doutorado Letras – Literatura e Vida Social
Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP
São Paulo - Brasil
claufranzao@hotmail.com

Impossível negar a ampla influência que a narrativa audiovisual dos *mass media* nos impõe no mundo globalizado da era da informação, tanto ao produzirmos, quanto ao lermos os diversos discursos que permeiam a atividade sociointerativa. Composta pelas mais variadas linguagens interagentes utilizadas para a montagem de uma peça midiática de abrangência ampla na sua produção de sentido, temos notado estar delineando-se mais fortemente nessa primeira década do século XXI a tendência migratória de recursos midiáticos que caracterizam [...] *um modo de narrar calcado na produção do efeito de neutralidade do discurso, o que produz a impressão de que a história se narra a si mesma, em uma representação que atua como “espelho do real.”* (BULHÕES) de um meio comunicativo para outro e vice-versa. Desse modo, levantamos a hipótese de que a premiação do Jabuti de 2000-2011 em sua categoria melhor romance poderia ter em sua malha dialógica com a sociedade o gradiente de concentração de narrativas híbridas com predominância do gênero romance-reportagem num misto de factualidade e ficcionalidade enredados no plano de expressão como receptáculo de nossas fantasias, mas que guarda em seu plano de conteúdo a transcendência do sentimento de exílio do cidadão da modernidade. Para demonstrar nossa teoria, apresentamos uma breve análise de um recorte do romance *Se eu fechar os olhos agora* de Edney Silvestre como amostragem da materialização na escrita de linguagens e recursos do repertório áudio visual no enredamento da ação agiográfica dos personagens *Paulo e Eduardo* ao longo do capítulo “As grandes montanhas e áreas em sombras” (p. 13 a 32) para compor o entrejogo do dito versus o não-dito do efeito de sentido esperado a partir da leitura do texto produzido.

PALAVRAS CHAVE: linguagens interagentes – Literatura – Prêmio Jabuti – romance-reportagem – exílio

¹ Mestre em *Comunicação Midiática* pelo PPG da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”(UNESP), Campus de Bauru; Especialista em *Estudos Lingüísticos e Ensino de Línguas* pela Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Assis/SP, graduada em *Letras* pela Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Assis/SP. Atualmente é aluna especial de Doutorado no PPG Letras da UNESP de Assis.

SUJEITO SEGREGADO E RESISTÊNCIA

Vera Lucia da SILVA

PG/IEL-UNICAMP/ SP-BR

vluzsilva@ig.com.br

Diante de um mundo permeado pela tecnologia, a possibilidade de manutenção de vínculos sociais mediante a arcaica correspondência colocada em um envelope e despachada ao destinatário via correio, provoca estranhamentos. Salientando somente o aspecto lícito, é dessa forma que presidiários se comunicam com o mundo além dos muros sob o olhar controlador do agente de segurança que faz uma censura prévia dessas cartas, antes das mesmas serem enviadas.

Assim como nos meios tecnológicos atuais, o estabelecimento das relações sociais informais se concretiza mediante modo singular de se comunicarem – ou não comunicarem (Pêcheux & Gadet, 2010) –, através do “internetês” para acelerar a relação entre seus usuários; o Estado interpela esse sujeito segregado, estabelecendo um consenso no modo de escrever mediante normas fixas e reguladas por legislações específicas. Mas esse sujeito reage, resistindo a esse controle que determina o modo como deve e pode escrever, através das gírias situacionais do meio em que vivem ou por palavras comuns, largamente utilizadas na sociedade, mas com outro sentido produzido e significado entre grupos interessados.

O objetivo desse trabalho é apresentar uma análise, mediante excertos de cartas manuscritas por pessoas segregadas como materialidade discursiva de um processo em que a interpelação não se dá sem falhas e brechas. Por isso, o funcionamento da língua atua como marca de resistência, diante da imposição amadeirada de estabelecer vínculos (Pêcheux, 1990, 2010).

Ao afirmar que os sentidos das palavras ou expressões não existem em si mesmo, na relação transparente com a literalidade do significante, mas nas posições ideológicas em jogo no processo sócio-histórico em que as mesmas são (re)produzidas, Pêcheux (2009) coloca em xeque a transparência de uma língua de sentido único. Isso implica que o sujeito segregado e interpelado pela ideologia dominante, ao registrar a mesma palavra produzida por sujeitos livres, sentidos novos/outros serão produzidos nessas Condições de Produção (CP) como marca de resistência à língua fixa do direito e dos homens livres.

CRIAÇÃO DE NOVOS DISCURSOS: A CO-CONSTRUÇÃO DE ESPAÇO, TEMPO E CONHECIMENTO NO PROCESSO DE LEITURA NA PERSPECTIVA DIALÓGICA BAKHTHINIANA

Dagoberto Buim Arena – arena@marilia.unesp.br
(Prof. Dr. Depto. Didática UNESP/Marília – São Paulo – Brasil)

Samir Mustapha Ghaziri – samirghaziri@yahoo.com.br
(Doutorando em Educação UNESP/Marília/CNPq – São Paulo – Brasil)

Raquel Maria Nelli Nóbrega – raquelnelli@yahoo.com.br
(Psicóloga – Projetos Sociais Fundação Telefônica – São Paulo – Brasil)

O Objetivo deste trabalho é apresentar os resultados sobre a formação leitora e incentivo à leitura realizado na “Fundação Futuro – Projeto Legião Mirim”, entidade filantrópica, cuja meta primordial é o de encaminhar jovens para o seu primeiro emprego. A regra básica é a de que os adolescentes precisam estar matriculados em uma escola. Eles são provenientes, em sua maior parte, de famílias de baixa renda, de ambos os sexos, com idade entre 14 e 18 anos, que, geralmente, se encontram privados do acesso a cursos educativos, socializadores e pré-profissionalizantes. As atividades elaboradas não se restringiram apenas ao contato do público com os livros, uma vez que o intuito era o de deflagrar necessidades de leitura, daí o entendimento de que seria necessária a participação do grupo já na organização do espaço, quando ainda nem um espaço definitivo possuíamos. Assim, o trabalho consistiu na organização de uma sala e na realização de atividades relacionadas ao universo de leitura, dos livros e dos leitores. A Fundamentação teórica está alicerçada em Cavallo & Chartier (2002) que vê o processo de leitura como ato histórico, modificado com o passar do tempo, graças à evolução de suportes e mudanças dos modos de pensar do homem. Buscamos também respaldo em Arena (2003) e Foucambert (1997) na afirmação de que a leitura é antes uma questão de atribuição de sentido e não apenas uma interpretação semântica do texto, ou seja, o encaminhamento da leitura na escola ou fora dela deve levar em conta o acervo cultural e o horizonte de interesses do leitor. Nessa linha de pensamento, Bakhtin (2002), é, igualmente, uma referência teórica fundamental, ao trazer o princípio dialógico, já que a significação

depende também das circunstâncias e das várias vozes trazidas pelos adolescentes ao longo de suas caminhadas. Nesse trabalho, apresentamos os encaminhamentos adotados na criação de novas necessidades de leitura a fim de proporcionar um modo de ler guiado pela compreensão.

**ESTRATÉGIAS DE POLIDEZ EM PRÁTICAS INTERACIONAIS:
ESTABELECIMENTO DE ACORDO DISCURSIVO EM SITUAÇÕES
MEDIADAS POR COMPUTADOR**

Izilda Maria Nardocci - PUC/SP – inardocci@uol.com.br

Karlene do Socorro da Rocha Campos – PUC/SP – karlene@uol.com.br

RESUMO

A importância dos estudos sobre estratégias de polidez em situações de ensino e aprendizagem mediadas por computador é destacada por diversos pesquisadores (Barros, 2008; Barros e Crescitelli, 2008; Cunha, 2009). Como sabemos, nesse universo, os enunciadores valem-se mais da escrita em situações geralmente assíncronas e por isso precisam aprofundar seus conhecimentos sobre as estratégias que podem ser usadas para gerar acordos no ambiente digital. Nossa prática pedagógica em educação a distância reforça a necessidade de os professores que atuam ou pretendem atuar nesse campo aprofundarem seus conhecimentos sobre estratégias que propiciem a interação colaborativa. Assim, pretendemos, neste trabalho, analisar o emprego de estratégias de polidez em intervenções presentes em uma sequência discursiva de um fórum educacional digital, observando como o professor se vale desse recurso para o estabelecimento de acordo discursivo em comunicação mediada. Embasamo-nos em estudos de Moore e Kearsley (2007) sobre interação em educação a distância e em estudos de Brown e Levinson (1987) e Kerbrat-Orecchioni (2006) sobre estratégias de polidez e preservação de faces. A metodologia empregada é a qualitativa e as observações realizadas levam-nos a constatar que as estratégias de polidez devem ser um aspecto a ser estudado em interações mediadas por computador, já que podem propiciar o estabelecimento de relações mais colaborativas. Os resultados da pesquisa demonstram que em processos de interação social os participantes negociam os sentidos que desejam projetar também por meio das escolhas linguísticas que realizam em determinada situação. Nesse sentido, as estratégias de polidez apresentam-se como excelentes aliadas no estabelecimento de acordos discursivos. Por meio delas, os enunciadores em uma cena enunciativa podem atenuar um tom ameaçador emergente de uma intervenção, convergindo para a colaboração entre os interlocutores, em vez de instaurar um conflito entre eles, tornando o ambiente mais amigável e afetivo.

VERDADE E LIBERDADE: UMA LEITURA QUE APROXIMA O PENSAMENTO DE NIETZSCHE E A OBRA DE DOSTOIÉVSKI

Andreia Aparecida Pantano

Universidade Paulista

São Paulo/Brasil

andreiapantano1@hotmail.com

Resumo

Pretender-se-á analisar os conceitos de verdade e liberdade, no que diz respeito a sua natureza e significado na obra de Dostoiévski, tendo como referencial teórico o pensamento do filósofo alemão Friedrich Nietzsche. Em Dostoiévski os textos escolhidos são: *Memórias do Subsolo* (1864), *Crime Castigo* (1866), *O Idiota* (1868), *Os Demônios* (1872), *Bobók* (1873), e *Os Irmãos Karamázov* (1880). Em Nietzsche deter-se-á nos seguintes textos: *Sobre verdade e mentira no sentido extra-moral* (1873), *Aurora* (1881), *A gaia ciência* (1882), *Assim falou Zaratustra* (1883), *Crepúsculos dos ídolos* (1889). Assim, busca-se uma aproximação entre filosofia e literatura, além de um aprofundamento da questão da emergência da subjetividade, ou seja, um questionamento acerca do novo homem da modernidade, que está presente tanto na literatura do escritor russo quanto na filosofia nietzscheana. De acordo com a presente leitura, Dostoiévski não só inovou no estilo literário e no modelo artístico ao criar o romance polifônico como descrito por Bakhtin, mas retratou dialeticamente a personalidade humana: indiscutivelmente, este autor soube como ninguém aproximar literatura e filosofia. Esta pesquisa procura aproximar questões filosóficas e literárias, ou seja, busca revelar o quanto essas áreas são próximas e, por conseguinte, abarcam universos comuns. Os pensadores modernos Nietzsche e Dostoiévski inovaram tanto na filosofia como no interior da literatura. Com seu aforismo e sua forma paradoxal, Nietzsche mostrou sua sensibilidade e, por que não, sua racionalidade marcante; por outro lado, Dostoiévski ultrapassou toda a literatura romanesca, ou seja, criou um universo literário que se aproxima com maestria da filosofia. Pode-se dizer, então, que sua obra não só inovou estilisticamente, ao criar o romance polifônico, mas que, como argumenta Bakhtin “(...) ele criou uma espécie de novo modelo artístico do mundo, no qual muitos momentos basilares da velha forma artística sofreram transformação radical” (BAKHTIN, 1981, p.1).

Palavras-Chave: Verdade; liberdade; subjetividade; filosofia e literatura.

**ENTRE O DISCURSO E A PALAVRA; UMA INTERPRETAÇÃO DAS
CONTRIBUIÇÕES DE MICHEL FOUCAULT E UMBERTO ECO PARA A
FILOSOFIA DA LINGUAGEM E DO SUJEITO.**

Clayton Alexandre Zocarato
Professor de História e de Filosofia da Rede
Estadual de Ensino licenciado pelo Centro
Universitário Central Paulista – Unicep –
São Carlos – SP - Brasil em 2005.
E-Mail:
claytonalexandrezocarato@yahoo.com.br

Tanto Umberto Eco como Michel Foucault, ocupam lugares de destaque no estudo do universo discursivo durante o século XX, porém com peculiaridades antagônicas e ao mesmo tempo similares.

Eco utiliza de pressupostos da lingüística usando de base a tríade “*referencia – símbolo – referente*” (1971), para focar a base de uma sociedade voltada para o controle de “**signos**” da linguagem e acarretando assim uma construção cognitiva condicionada do sujeito.

Já Foucault aponta para uma conjectura de análise do discurso voltada para além da escrita, direcionando para âmbitos subjetivistas, estando “**fora**” de uma estética discursiva voltada para a produção direta de textos ou da língua falada colocando o indivíduo como parte integrante na formação do enunciado da escritura.

Ambos, porém encontram simetrias em solidificar suas bases teóricas nos preceitos “**aristotélicos**” de “*nome. coisa, idéia*” (2001), embasando uma linha de conduta instrumental consolidada na elaboração de uma retórica e escrita que enfatize uma relação estrutural entre o “**locutor, leitor e ouvinte**” formando uma mesma base epistemológica.

Dentro de uma dialética da “*crítica literária e da teoria informação*” (1971) e dos termos de interpretação e superinterpretação” (1993) feita por Eco e da episteme de rompimento metodológico angariada por Foucault em que ‘*a obra não pode ser considerada como unidade imediata nem como unidade certa, nem como unidade homogênea*’ (2008), essa comunicação pretende discutir como o livro, o discurso e a língua, possuem diversas facetas e promoções, tendo eixos ideológicos diversificados,

minimizando um proselitismo conceitual de deixar o estudo das polivalentes formas de comunicação sedimentado ao factualismo e hermetismo.

Apresentaremos como os autores romperam “**estruturas fixas**”, canalizando um gênese de estudo discursivo descontínuo, que alcança seus limiares de assimilação contextual e subjetivista dentro de uma estética de recepção que engloba tanto o leitor, como os esboços e rascunhos produzidos pelo autor, visando uma congruência de fortificação de uma “**síntese**” apontada para uma arregimentação de diálogo “**entre cada fragmento do texto, saindo de uma totalização de leitura unívoca**”, ressaltando a importância de arquitetar uma pluralidade de vieses interpretativos e imaginativos.

HISTÓRIA DE TEXTOS

A DIACRONIA NA AGENDA DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Clélia Cândida Abreu Spinardi Jubran (UNESP/São José do Rio Preto – CNPq)

cleliaj@uol.com.br

A comunicação tem por objetivo apresentar uma proposta inovadora de implementação de uma abordagem diacrônica no âmbito da Linguística Textual Brasileira, que focalize a história de processos de construção textual em gêneros discursivos em circulação em diferentes épocas da sociedade brasileira. A proposta fundamenta-se na articulação de dois quadros teóricos: os princípios formulados pelo Grupo do Texto do Projeto de Gramática do Português Falado (PGPF) e os firmados pelos romanistas germânicos da Universidade de Tübingen, que, na esteira de Coseriu, estabeleceram a concepção de Tradição Discursiva e apresentaram uma visão de diacronia permeada por práticas sociais de interlocução verbal. Em uma síntese dessa articulação, resgatamos do referido Grupo do PGPF o conceito de linguagem como interação social e, conseqüentemente, a assunção de que os fatores enunciativos são imanentes aos textos, de modo que os fatores pragmáticos se explicitam na materialidade lingüística dos textos. Por entendermos que a interação verbal, então marcada na superfície textual, é sempre mediada por práticas sociais de exercício da linguagem, em contextos específicos, com finalidades comunicativas concretas, incorporamos à nossa base teórica a concepção de Tradição Discursiva (TD). Ou seja, para chegarmos ao nível do texto, a atividade de falar implicaria a atualização não só de elementos lexicais e gramaticais do acervo de uma língua, como também modos tradicionais de dizer as coisas (TDs), correlatos a objetivos definidos de uma interação verbal, que promovem um discurso relativamente convencionalizado, em decorrência de reutilização de material lingüístico e de propriedades de elaboração textual em diferentes episódios de comunicação verbal. Os gêneros textuais representariam essa relativa estabilidade de formulação textual, pois estariam afeitos a procedimentos de construção textual orientados pelas contingências de um dado ato comunicativo.

O ponto principal dessas colocações é o de que, se atentarmos para a história de textos, e não propriamente para a história da língua, poderemos constatar uma desigualdade de ocorrências de determinados fatos lingüísticos : enquanto alguns fatos permanecem em um ou mais gêneros, podem desaparecer na maioria de outros gêneros. Chegamos, assim, a uma concepção de diacronia não linear, que leva em conta não apenas o que se registra na língua geral no decorrer dos tempos. A proposta, portanto, é a de que um estudo diacrônico não pode focalizar um fato lingüístico em etapas sucessivas da língua, independentemente de sua

contextualização em um texto gerado em função de objetivos comunicativos específicos, traduzidos em gêneros textuais consonantes com o histórico de uma tradição de conduta verbal socialmente institucionalizada.

MULHERES BÍBLICAS REINVENTADAS NO DISCURSO PUBLICITÁRIO

Denise Gabriel Witzel
UNICENTRO-Guarapuava-PR- Brasil
PG-UNESP-FCL-Araraquara-SP-Brasil (CNPQ)
denisewitzel@uol.com.br

A partir do conceito de verdade, tal como ele é formulado na obra de Michel Foucault, mais precisamente a partir da diferença que o filósofo propõe na sua **genealogia** entre verdade-demonstração, valorizada pela tradicional perspectiva filosófico-científica, e verdade-acontecimento, proponho-me, neste estudo, aclarar certos entrecruzamentos de discursos e os efeitos de sentido daí decorrentes que legitimam saberes, instituem poderes normatizadores, constroem simulacros e paradigmas, circunscrevendo movimentos identitários da mulher no universo publicitário. O material de análise é composto por uma seleção de anúncios veiculados recentemente na grande mídia impressa brasileira, anúncios esses que concedem relevo a dois famosos modelos de mulheres bíblicas, exaltados há séculos por toda uma tradição cristã: *Eva* (a corruptora, origem do mal, emblema do pecado e da perdição) e o seu oposto, a *Virgem Maria* (a abnegada, ícone do ideal de uma concepção imaculada, emblema da virtude e da salvação). Confrontada com a materialidade das peças arregimentadas e com o espaço de memória que os discursos ali enunciados convocam, empenho-me em mostrar que (i) os “eus” da nossa sociedade são incontornavelmente produzidos pelas e nas práticas discursivas; (ii) a publicidade, ela mesma uma dessas práticas, é um importante suporte institucional legitimado para poder dizer aquilo que funciona como verdadeiro, já que o que ela diz exerce sobre outros discursos uma forma de pressão, uma coerção, silenciando alguns dizeres e reverberando outros tomados como verdadeiros. E como consequência desse discurso, ela se constitui em um dispositivo de poder que contribui fortemente na produção discursiva de identidades sociais. Assim, focalizando a reconstrução dos jogos de verdade forjados na noite dos tempos, com relação ao ser mulher, as análises dão visibilidade às condições históricas de emergência das imagens de *Eva* e *Maria*, à lei de coexistência desses enunciados com outros e aos princípios segundo os quais subsistem, ainda que reinventados, até os dias de hoje.

ARQUEOLOGIA DE UMA ÉTICA PÓS-MODERNA: A FUNÇÃO ENUNCIATIVA EM PRÁTICAS DISCURSIVAS DE SI

Mara Rúbia de Souza Rodrigues Moraes

Instituto Federal de Goiás/ Universidade Federal de Goiás (IFG/UFG/Goiás-Brasil)

mara.rubia8@gmail.com

Este trabalho, inscrito predominantemente no eixo arqueológico do projeto foucaultiano, se propõe investigar o processo de monumentalização das vidas comuns, que se materializa nas escritas memorialísticas de Cora Coralina e Carolina de Jesus, autoras da literatura contemporânea brasileira. Aparentemente, a remissão a uma discursivização das vidas ordinárias pode sugerir que a análise identifique a incidência, *no* discurso, de um objeto formado alhures. Entretanto, a partir das postulações arqueológicas de Michel Foucault, este estudo se reporta à função relacional que produz o discurso e, nesse sentido, se propõe responder: o que possibilita a realização de uma função que atribui existência específica a determinadas séries de signos, passíveis de serem agregados em uma formação discursiva de convalidação das memórias subalternas? Por meio de uma configuração metodológica que suspende as unidades naturalizadas (do livro, da obra, dos tipos cristalizados de discurso), segue-se em busca do jogo de regras que permite depreender uma formação discursiva, encaminhando-se para a análise de uma função enunciativa, que atravessa as séries de signos. À guisa de resultados, este trabalho reafirma a produtividade de fazer que a investida arqueológica sobre a ética pós-moderna (sinalizada por FOUCAULT, na *Arqueologia do saber*) dialogue com a análise do atravessamento do intradiscurso pela sua contraparte interdiscursiva. Convalida-se, portanto, um diálogo que permite compreender a complexidade de efeitos identitários determinados por uma regularidade (a FD de referência), que, embora produzida na ruptura com outra regularidade (a FD da História tradicional), também não está imune às fissuras em seu próprio interior. Enfim, e a partir do cruzamento da singularidade com a repetição, identifica-se a construção discursiva de identidades simultaneamente resistentes ao apagamento das memórias subterrâneas e submetidas à disjunção com as vidas proscritas.

O QUARTO PODER E OS NEGROS PECADOS

Nelyse Aparecida Melro Salzedas

Livre Docente

FAAC /UNESP/BAURU/SP-BRASIL.

nelysesalzedas@yahoo.com.br

Sônia de Brito

Professor Assistente Doutor

FAAC/UNESP/BAURU/SP-BRASIL.

snbrito@faac.unesp.br

Pretendemos demonstrar a atualidade da teoria jornalística de Eça de Queiroz, através da Análise Crítica do Discurso do filme “O QUARTO PODER”. Para cumprir o objetivo, recorreremos à fundamentação teórica dos autores: Maingueneau, Oswald Ducrot, Michel Pêcheux, Chaïm Perelman, dentre outros.

Samuel Baily (Sam) é o personagem principal que perdeu o emprego no Museu de História Natural. Inconformado, quer conversar com a direção. Para se fazer ouvir, está com uma espingarda e dinamite como instrumentos de intimidação e de poder. Por outro lado, Max Brackett, repórter, estava lá para uma entrevista sobre a causa dos cortes orçamentários.

O texto de Eça de Queiroz aborda os negros pecados que matam uma sociedade: os juízos ligeiros, bem negros, são cometidos sem investigação, sem comprovação. Publica o que é aparente e deixa de lado a essência dos fatos. Na época dele, quem os cometia era o jornal, hoje é a mídia.

O outro pecado, mais negro que o primeiro, é a vaidade. Em “O Quarto Poder”, Max virou herói, está reconquistando a credibilidade perdida, conseguiu um “furo” de reportagem. O discurso caminha no vai e vem do espetáculo, da história paralela à real, pois o objetivo é manipular o seu entorno. Sam só queria fazer-se ouvir e o emprego de volta. Mas seus desejos voltaram-se contra ele: tornou-se seqüestrador e exterminador. Os acidentes, dentro do fato maior, acabaram por incriminá-lo.

Retornando a Eça, o terceiro pecado, negríssimo, é a intolerância. Em “O Quarto Poder”, Max transitou entre um lado e o outro, ou seja, foi parcial. Os pecados são cometidos, em função da lógica do mercado, isto é, a notícia precisa ser vendida. A história paralela não é ética, seqüestrou a história de Sam, resultando em morte. Enquanto “O Quarto Poder” é um discurso apodítico, o discurso eciano, quanto aos juízos ligeiros, vaidade e intolerância, é argumentativo e atual como o filme em questão.

Observemos a importância da condição de produção que, embora extemporânea, permite atualização midiática, moral e ética, traduzidas em linguagens diferentes, o que pode ser visto através da Análise do Discurso.

Palavras-chave: Eça, poder, mídia, Pêcheux, condição de produção, o show de Sam.

ANALISANDO O DISCURSO EM UM AMBIENTE NÃO FORMAL DE ENSINO

Alberto Luiz Pereira da Costa

Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis

São Paulo/Brasil

albertodacosta@terra.com.br

Resumo

No mundo contemporâneo, o computador invadiu todas as esferas da atividade social, de modo que a análise dos discursos não pode reduzir sua interatividade fundamental apenas ao estudo das interações face a face, mas deve levar em conta, segundo Maingueneau (2008), a diversidade das práticas de linguagem em outros ambientes discursivos. Motivo pelo qual, como aponta Maingueneau, devemos pensar particularmente em todas as formas de escrita eletrônica como textos, *chats*, *e-mails*, *fórum*, *blogs* e outros. Neste sentido, o objetivo deste trabalho é analisar as interações discursivas realizadas, em um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA), de um curso na modalidade de Ensino à Distância oferecido por uma Universidade Pública, visando verificar se essa interação contribui e de que modo para o trabalho a ser desenvolvido pelos tutores com os alunos do curso em relação aos conteúdos do conhecimento escolar. Consideramos que o cenário virtual pode adicionar outros tipos de dificuldades à compreensão dos fatos, conceitos, signos, símbolos, e atividades a aqueles já presentes nas atividades presenciais realizadas em sala de aula tradicional. Como metodologia de pesquisa, utilizamos a pesquisa qualitativa e, para a análise das interações, recorreremos a elementos da Análise de Discurso francesa. A investigação do discurso foi feita através da interação dialógica entre dois ou mais indivíduos, interação esta que, em nosso caso, ocorre por meio das ferramentas de uma plataforma *online*. As perguntas que nortearam este estudo foram: Quais são as dificuldades nessa interação? Todos os professores fazem uso da plataforma? E como? E quais são as consequências desse conhecimento para sua função de colaborador na formação de professores? Para responder a essas perguntas utilizamos e analisamos as transcrições dos *chats e fóruns*. Os resultados da investigação apontam para uma série de problemas nessa interação decorrentes de problemas tecnológicos referentes à plataforma utilizada, bem como outros, originados do discurso neste ambiente virtual, do seu preparo para atuar nesta modalidade de ensino e do tipo de comunicação possível pela utilização das ferramentas da plataforma, entre outros.

O DISCURSO PEDAGÓGICO É AUTORITÁRIO, PORQUE IDEOLÓGICO

Rivaldo Alfredo Paccola
Doutorando em Educação naUNESP/Marília-SP Brasil
rivapaccola@terra.com.br

Embora tenhamos uma legislação relativamente recente (Constituição/1988, ECA/1990 e LDB/1996), que deu um caráter mais democrático às nossas instituições, especialmente à escola pública, seu discurso pedagógico continua autoritário. Ao educar a geração jovem, instala-se um processo de aculturação, quando a escola impõe-lhes o domínio da língua portuguesa. Segundo Saussure, a linguagem compõe-se de língua e fala. A língua (*langue*), também chamada idioma, especialmente para usos extralinguísticos, é um modelo geral e constante para todos os membros da coletividade linguística. A fala (*parole*) é a materialização momentânea desse modelo em cada membro da coletividade; é um ato individual e voluntário; por meio da verbalização e da escrita, o falante utiliza a língua para comunicar-se; são as diversas manifestações de fala que possibilitam língua evoluir. Assim, o falante domina a *parole*, mas ao chegar à escola, sofre uma violência, quando tem de apreender a *langue*, pois não nos apropriamos dos objetos culturais (materiais ou imateriais), diretamente, mas nas relações entre os indivíduos. Ainda que os professores tenham-se revestido do espírito democrático, o autoritarismo não desaparece. Conforme Vygotsky, a aprendizagem não é fonte do desenvolvimento; não há simetria entre desenvolvimento e aprendizagem; o processo é revolucionário, dá-se aos saltos, ou seja, o que leva adiante o desenvolvimento é a aprendizagem, e não o contrário. Destarte, a aquisição da linguagem assenta-se no domínio das seguintes funções: a- capacidade de simbolizar (a linguagem emprega signos que transmitem significados); b- desenvolvimento do pensamento (conforme Heidegger, a linguagem é a casa do ser e a morada da essência do homem); c- capacidade de regulação (a linguagem tem regras próprias – a gramática). Portanto, a violência situa-se na inculcação das leis que regem esse sistema, as quais são internas do sistema e abstratas, já que são consideradas fora do fluxo da linguagem, em quatro pontos específicos da língua: 1) estável e imutável – corte sincrônico; 2) regida por leis linguísticas – objetivas; 3) desvinculada de ideologia – desligada do fluxo da comunicação; 4) atos individuais de fala – deformações dos atos normativos. Isto se evidencia, segundo Eni Orlandi, “entre a imagem ideal do aluno (o que não sabe) e a imagem ideal do professor (tem a posse do saber legitimado) há uma distância fartamente preenchida pela ideologia”. Apesar de a escola atual

apresentar-se como direito público subjetivo e inclusiva, seu discurso permanece autoritário, porque ignora os sujeitos e reafirma o sentido unilateralmente; então, há necessidade de se investigar com maior profundidade sua materialidade discursiva.

**A LINGUAGEM IMAGÉTICA E SINCRÉTICA NAS PROVAS DO ENEM E DO
ENADE: ALGUMAS CONSTATAÇÕES**

Jocnilson Ribeiro dos SANTOS

Doutorando em Linguística

PPGL/UFSCar-SP, Brasil)

jonuefs@gmail.com

FAPESP 2009/04140-6

Esta pesquisa foi desenvolvida no interior dos estudos do discurso, cuja centralidade está definida a partir da análise dos mecanismos de instituição do enunciado em exames de avaliação brasileira com vista a estudar a relação língua-imagem. O *corpus* de análise é constituído por provas do ENEM e do ENADE. Nosso objetivo foi compreender os modos de avaliação de competência linguístico-discursiva tendo em vista a relação entre a língua e as imagens na produção de sentido apresentada nos dois sistemas nacionais de avaliação. Procuramos identificar os pressupostos teóricos envolvidos nas questões dessa modalidade e estudar a frequência e a regularidade de questões com texto multimodal nas 12 edições do ENEM e nas 6 do ENADE. Por fim, buscamos avaliar a pertinência de proposição de análise a partir do quadro teórico da Análise do Discurso. Serviram-nos de embasamento os aportes desenvolvidos por Michel Pêcheux e seu grupo, as formulações discursivas de Jean-Jacques Courtine e as contribuições de Michel Foucault para a teoria do discurso. Trazemos também as reflexões de Émile Benveniste e, sobretudo, de Roland Barthes sobre língua e linguagem do ponto de vista semiológico para estudarmos a produção de sentido na linguagem imagética e mista. Centram-se em nosso trabalho as noções de enunciado, discurso, arquivo, memória discursiva, interdiscurso e semiologia histórica, por meio das quais desenvolvemos metodologicamente as análises. Podemos apresentar como constatações alguns resultados: nos últimos cinco anos, houve uma atenção progressiva para o texto imagético nos sistemas de avaliação em estudo; em algumas ocasiões, a imagem deixa de ser um mero texto ilustrativo ou didatizante e passa a ser objeto interpretativo; não aparece uma reflexão que se debruce sobre a leitura e a interpretação da imagem na perspectiva discursiva, ficando a cargo dos objetivos da questão apresentarem uma teoria que, muitas vezes, se volta para o texto verbal ou para o tema/conteúdo tomando a imagem não como objeto de análise, mas como materialização ou veículo de um conteúdo que servem aos estudantes de análise.

LEITURA E ESCRITA NO ENSINO MÉDIO: PRÁXIS E SUBJETIVIDADES DE ADOLESCENTES EM REDES SOCIAIS

Claudete Aparecida Garcia Bosshard

Universidade de Franca, São Paulo, Brasil; CTI – Unesp, Bauru, SP

CNPq/Observatório da Educação

claus@feb.unesp.br

Maria Regina Momesso

Doutora em Linguística, Universidade de Franca, São Paulo, Brasil

CNPq/Observatório da Educação

reginamomesso@uol.com.br

A escola e a educação institucionalizada defrontam-se com uma nova configuração cultural de seus alunos, inseridos dentro de uma realidade permeada usualmente por computadores, celulares, *Ipods* e acesso desses dispositivos à Internet. Assim, novas subjetividades se fazem e as relações de ensino e aprendizagem sofrem mutações que exigem novas formas de ver o processo de interação fora da escola que interfere intimamente naquilo que se faz dentro do âmbito escolar. Faz-se a necessidade, então, de conhecer quem são esses adolescentes, que práticas de leitura e escrita eles produzem fora do âmbito escolar e como estas práticas interferem no dia-a-dia do processo de ensino e aprendizagem dentro da escola. Diante disso, objetiva-se nesta comunicação refletir sobre as práticas de leitura e escrita de alunos dos terceiros anos do Ensino Médio e Técnico na rede social do facebook e como estas práticas constroem subjetividades. Esse estudo assenta nas bases de uma perspectiva discursiva de linguagem e entende a leitura e a escrita como um processo, como uma prática discursiva. Se a leitura e a escrita constituem-se em um processo discursivo em que estão inseridos os sujeitos produtores de sentido, ou seja, os *escreitores* virtuais – aqueles em que ao mesmo tempo são autor-escritor e leitor da tela -, inscritos sócio-historicamente, tem-se também um processo de formação de subjetividades que são dispersas e heterogêneas. Assim, as reflexões foucaultianas acerca do discurso e do sujeito será fulcral para o trabalho, principalmente as que se referem à arqueologia do saber, a ordem do discurso e as tecnologias de si. Corroborase com Foucault em seus últimos escritos quando, para pensar a problemática do sujeito, afirma que o trabalho de pensar, mesmo que sem intenção ou consciência, promove um processo de modificação do eu. Embora a rede social do facebook seja um dispositivo que se

apresenta como um entretenimento e lugar de encontro de amigos, é sabido que todos que se encontram enredados pelas redes sociais esforçam-se por se apresentarem de uma forma que atraia as atenções ou que possa conseguir reconhecimento e consideração do grupo ao qual pertence. Nesse ambiente se podem encontrar os mais diversos discursos de apresentação de si ou de uma representação de si para os amigos virtuais. Tem-se uma dinâmica constante de encontrar estratégias discursivas que possam levar a um trabalho de pensar em si ou de modificar-se ou até mesmo de procurar modificar uma visão cristalizada a respeito de um mesmo.

**A LEITURA E A PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS NA ESCOLA E O
PRIMADO DO INTERDISCURSO: A FORMAÇÃO DE UMA ATITUDE
RESPONSIVA.**

Kelly Cristina Bognar Sacoman.

Programa de Pós-graduação em Linguística daUFSCar – São Carlos. São Paulo, Brasil.

kelly.bognar@yahoo.com.br

Este artigo discute a intersecção existente entre interdiscurso e leitura e produção de textos escritos no processo de ensino e aprendizagem dessas práticas sociais. Assim sendo, tais atividades pedagógicas são tomadas como uma forma de colocar o discurso em funcionamento, em que o interdiscurso emerge na condição de possibilitar ao outro uma atitude responsiva diante do texto ou discurso escrito. Neste trabalho são apresentadas atividades de linguagem, leitura e produção de textos escritos, entendidas como gestoras de situações discursivas em que se constituem alunos leitores e produtores de textos conscientes e autônomos. As posições que as crianças ocupam em determinadas práticas de leitura e escrita variam muito, podendo assumir ora a posição de autor, ora a de leitor, ora a de narrador. As situações empíricas experimentadas pelos alunos em sala de aula, a partir da troca do lugar social feita por meio de práticas sociais de leitura ou escrita, permitem que o interdiscurso seja aflorado. Em outras palavras, o fato de a criança provar diferentes papéis sociais, no processo de alfabetização, possibilita que esta migre de uma instância discursiva para outra. Nesse movimento, as heranças dialógicas, isto é, as vivências significativas que constituem a memória discursiva, nas palavras de Orlandi (2009, p. 32), “todas as filiações de dizeres”, permeiam o que é dito/escrito pelo sujeito-criança. Este trabalho é resultado de um projeto de intervenção realizado no fim do ano de 2009, com uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental, portanto, uma sala de alfabetização em parceria com a professora titular desta turma. No momento da realização deste projeto, a grande maioria dos alunos já se encontrava na hipótese alfabética da escrita. O referido projeto concretizou-se no ambiente escolar por meio do “Projeto Bolsa Escola Pública e Universidade na Alfabetização”, quando na condição de aluna-pesquisadora, a autora desse artigo desenvolveu diferentes atividades de leitura e escrita. Sendo que o projeto de intervenção desenrolou-se sobre o contexto da história de *Chapeuzinho Vermelho*.

DECIFRA-ME OU TE DEVORO: COMO A ENIGMÁTICA LINGUAGEM JURÍDICA ASSUJEITA O HOMEM

Marcial Antonio de Oliveira

Graduado em Marketing, Mestrando em Ciências da Linguagem pela Univas, Pouso Alegre-
MG e Graduando em Direito pela Unifenas, Alfenas-MG- Brasil.

Endereço eletrônico: marcial_1964@hotmail.com.

Este trabalho é uma reflexão sobre o livro de Claudine Haroche, (Fazer dizer, Querer dizer, 1992), mas utiliza também outros autores como Foucault (A ordem do discurso, 1999), Gadet/Pechuex (A língua Inatingível, 2010), Louis Althusser (AIE, 1985), Lenio Streck (A hermenêutica e(m) crise, 1999), dentre outros. Procura demonstrar que é por meio da linguagem que o homem é assujeitado, dominado, manipulado. O sujeito não é dono de seu discurso, sua consciência é produzida de fora. Ele tem a ilusão de ser a origem de seu enunciado, ideologicamente pensa que é livre e senhor daquilo que diz. O direito é designado como língua de madeira, conforme Pêcheux (2004) e Courtine (1999, 2006), que o remetem a um sistema fechado (duro como madeira) doutrinário, prescritivo-normativo. Falamos aqui do direito brasileiro que é derivado do direito continental europeu que por sua vez é derivado do direito romano. Um direito escrito, codificado, previamente elaborado para ser aplicado à totalidade das conjunturas das práticas jurídicas, em oposição ao direito anglo-saxão, que é fundamentalmente um direito de jurisprudência e de procedimento. Procuramos estudar os acontecimentos históricos e identificar os mecanismos linguísticos e extralinguísticos; como se deu a passagem do sujeito religioso para o sujeito de direito como conhecemos hoje. Da letra (Bíblia) para as letras (códigos), do templo para o tribunal, da moral religiosa para o humanismo. Essa mudança inicia-se com a crise da dupla verdade no séc. XIII, a fé cega é abalada pela razão trazida pela releitura por Averrois dos textos de Aristóteles; depois o decreto de Villers-Cotterets e a reforma de Lutero no séc. XVI; a disputa religiosa e gramatical entre jansenistas e jesuítas no séc. XVII vão sobrepondo o sujeito jurídico ao sujeito religioso. Quando instituído por François I, o francês como língua oficial da justiça, as pessoas precisavam de um tradutor porque o povo falava o patoá. Passados mais de cinco séculos o Tribunal Regional do Trabalho da Paraíba disponibiliza em seu site um tradutor para as sentenças judiciais. Destacamos também iniciativas de entidades, como a AMB (Associação dos magistrados brasileiros) e outras. Finalizamos como uma certeza: “Ninguém

pode alegar ignorância diante da lei, mas ninguém, entretanto pode alegar compreendê-la verdadeiramente”! (Haroche, 1992).

DIÁLOGOS ENTRE MULTIMODALIDADE E GÊNEROS DO DISCURSO (NA ESCOLA)

Mariana Garcia de Paula Campos
Doutoranda em Estudos Linguísticos
Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto
Universidade Estadual Paulista – UNESP
São Paulo/Brasil
mariana_de_paula@hotmail.com

O objetivo desta comunicação é discutir propostas de trabalho com estudo e utilização de hipertextos com recursos de hipermídias em ambiente escolar, com prerrogativa do dialogismo. A título de exemplificação de trabalho realizado com turma de 1ª série do ensino médio, em um centro educacional da Rede Escolar SESI- SP, no interior do Estado, apresentamos apreciações acerca de enunciados audiovisuais produzidos pelos alunos em 2010: videoclipes – cujo tema era ‘bullying’/ práticas de violência física e/ou verbal, assunto integrante do nosso Plano Pedagógico. A instituição escolar é espaço privilegiado para instigar crianças e jovens ao consumo e à produção de bens culturais diversos, e tanto uma prática quanto outra apenas emergirá por meio da língua(gem). Se assumirmos a concepção de Bakhtin (1997, p. 279; 314) de que a língua é o lugar de interação verbal social, em quaisquer das esferas da atividade humana, será essencial a prerrogativa de haver locutor e interlocutor designados espaçotemporalmente na produção de enunciados. Em nosso contexto de sala de aula de língua portuguesa, aluno e professor perfazem os papéis de locutor e interlocutor, alternada e continuamente, cujos enunciados produzidos podem ser compostos e proferidos por meio de índices verbais, escritos e falados, não-verbais e heterogêneos; por seu conteúdo temático, estilo verbal e construção composicional, esses enunciados refletem as condições peculiares/ específicas e as finalidades de determinada esfera humana, a qual, ao produzir *tipos relativamente estáveis de enunciados*, produz gêneros do discurso. A apreciação e produção destes na escola, articuladas ao uso de novas mídias, facultarão reflexões e possibilidades de ação crítica. Assim, interessa-nos também investigar não apenas essa ampliação de horizonte de saber/conhecimento de jovens, mas também *como* são constituídos pela língua(gem) na interação com as novas tecnologias. Para apreciação dos videoclipes, valemo-nos de respaldo teórico acerca de multimodalidade na escola, ensino de

letramento dentro e fora da instituição escolar , (KALANTZIS & COPE, 2006; KRESS, 2000), além de preceitos da dialogia e gêneros do discurso (Baktin).

SOB O SIGNO DA DELICADEZA: UMA LEITURA DA CRÔNICA *O MILAGRE DAS FOLHAS*, DE CLARICE LISPECTOR

Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira (FEMA-eagrf@femanet.com.br)

Thiago Alves Valente (UENP-kantav2005@gmail.com)

Resumo: Este texto tem por objetivo apresentar, a partir dos estudos acerca de textualidade, uma possibilidade de leitura da crônica *O milagre das folhas*, da escritora brasileira Clarice Lispector (1920-1977). Para tanto, elegeu-se como viés norteador o postulado básico de que o sentido não está na tessitura verbal ou imagética, mas que as significações são construídas a partir dos elementos da linguagem que ali estão ao se encontrarem com o leitor. Assim, a análise centrar-se-á nas estratégias de processamento textual. Justifica-se este recorte metodológico, uma vez que a crônica de Lispector, pelas características construtivas que apresenta, bem como pelo trabalho estético, revela-se dotada de uma linguagem plurissignificativa e dialógica. Seu significado, portanto, não se deixa apreender facilmente. Ainda, pelos inúmeros discursos que a crônica evoca, acolhe e estabelece, ela apresenta sentidos diversos que lhe permitem diferentes leituras, produzindo, então, sobre o leitor o efeito poético que se define como a capacidade que tem um texto de gerar leituras, sem nunca se esgotar completamente. Para a consecução dos objetivos, procurar-se-á detectar no texto os sete fatores constitutivos da textualidade, tais como: intencionalidade; coesividade; coerência; informatividade; situacionalidade, intertextualidade e aceitabilidade. Mais especificamente, pretende-se refletir sobre os desvios e subversões realizados pelo texto literário frente a esses consagrados fatores de textualidade, principalmente no que concerne à existência de lacunas que convocam o leitor à concretude, ou seja, ao seu preenchimento em busca do sentido textual. O processamento textual será abordado em função de um público potencialmente juvenil, elemento que atribui características relevantes para a compreensão sobre o funcionamento desse tipo de texto em relação a leitores mais jovens. O público-alvo justifica-se, pois a crônica está inserida em uma obra direcionada a esse público. Constrói-se a hipótese de que a crônica, por ser um texto literário dotado de validade estética, não apenas veicula um conteúdo, mas recria-o, agrega-lhe novos sentidos, desautomatizando, enfim, a linguagem e produzindo efeitos de sentido que permitem ao jovem leitor ampliar seu horizonte de expectativas.

A Modernidade: Múltiplas representações de Ribeirão Preto em 1922, Barão de Mauá - Assis, Lucas Vicente.

judagv@yahoo.com.br

Podemos observar que na Primeira República, processo de modernização de São Paulo, é imbuído de novos conceitos materiais históricos, como pelo valoroso lucro cafeeiro que induz a sociedade ao novo compasso social, baseado na racionalidade do capitalismo, industrialização, da expansão dos centros urbanos e dos novos símbolos do progresso. Para analisarmos estas transformações coletivas e mentais em Ribeirão Preto, estudo do almanaque “O município e a cidade Ribeirão Preto na comemoração 1.º centenário da independência Nacional (1822 - 1922)”, que um elemento privilegiado para uma “leitura” específica das relações entre o imaginário urbano e a modernidade e cabe ao historiador a tarefa de decifrar os códigos simbólicos que formam e informam as múltiplas “representações” da cidade submersas no interior daquela oficialmente exteriorizada pelas pretensões de choque de poder, não menos importante a compreender as articulações discursivas responsáveis pela tentativa de instituir as representações “desejadas” da cidade. Já que seu processo de construção da escrita esta relacionados aos novos símbolos ideológicos, de representação de si e do outro, retrata o processo da modernidade, e desejo de ser moderno, carregando uma mentalidade, por meio da escrita, de símbolos próprios que Raymond Williams caracteriza, como um discurso interno. Para entendermos este discurso, estaremos estudando as varias representações das classes da cidade, por meio de Bakhtine, que entende a palavra como signos ideológicos, uma vez que o signo carrega em si o sentido ideológico da relação dialógica entre o enunciador e o outro sem, contudo, limiar a relação íntima estabelecida entre significante, significado e sentido. Tendo como fundamentação teórica, a filosofia do Círculo de Bakhtin. Desta forma identificamos os vários “lugares sociais” representados, experienciado com Foucault as construções de micros discursos ideológicos e suas representações de poder, para assim nos libertamos do vício da reprodução discursiva de uma elite agrária.

O TEXTO DA CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS DE UM GÊNERO TEXTUAL MÚSICA

Mirtes Rocha RODRIGUES FCL- Assis – UNESP – SP

mirtes@assis.unesp.br

Cláudia Valéria Penavel BINATO - Assis – UNESP – SP

claudiapbinato@uol.com.br

A Linguística Textual surge, na década de 1960, com uma nova proposta de análise linguística passando a privilegiar o texto como unidade de comunicação, não mais a frase. Considerando a concepção de que um texto não é simplesmente uma sequência de frases isoladas, mas uma unidade lingüística com propriedades estruturais específicas, a Linguística Textual aponta a coesão e a coerência (centradas no texto) aliadas a outros fatores como a informatividade, a situacionalidade, etc, na formação de bons textos. Assim, o autor de um texto tece as ideias, entrelaça, laça as palavras e vai construindo com habilidade um enunciado (oral ou escrito) capaz de transmitir uma mensagem, por constituir um todo significativo com intenção comunicativa, colocando o emissor em contato com o receptor. Ao dialogar com o receptor, o texto vale-se de inúmeras formas de construção linguística que serão responsáveis pela textualidade ou seja, fatores que fazem que um texto seja um texto; existem, então, critérios que instituem uma norma mínima de composição textual. Dessa forma, nossa intenção é tentar verificar em que medida dados linguísticos, aparentemente pouco significativos, são determinantes na manutenção das relações de sentido existentes no interior do texto música e que o definem como um texto. É apontar que a continuidade, a progressão, a articulação que se instauram pela coesão, nesse texto música, se fazem pelas relações de reiteração, associação e coesão. É apostar que essas relações acontecem graças a vários procedimentos, que se desdobram em diferentes recursos oferecidos pela Gramática. É dizer também que na Gramática os recursos gramaticais cumprem outras funções que não apenas os de regular ou controlar o uso da norma-padrão. Ela regula, mas regula para possibilitar, para promover, para tornar possível a interação verbal. É procurar perceber, então, o que na Gramática funciona como condição para estruturação coesiva e coerente no texto música; é verificar o fazer, o agir, o atuar dos recursos linguísticos na preservação da continuidade de sentido, da continuidade semântica do texto.

**CARNAVALIZANDO O PERCURSO DIVINO PELO RECÔNCAVO BAIANO:
UMA ANÁLISE DO CONTO “O SANTO QUE NÃO ACREDITAVA EM DEUS”,
DE JOÃO UBALDO RIBEIRO**

Héder Junior dos SANTOS

(Mestrando em Letras pela UNESP – Assis – graduando em Filosofia pela UNESP –
Marília – São Paulo – Brasil – heder_eu@hotmail.com)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar o conto “O santo que não acreditava em Deus”, escrito pelo baiano João Ubaldo Ribeiro e constante no *Livro de Histórias* (1981). O narrador nos conta, por meio de uma perspectiva carnavalesca e humorística, a trajetória da personagem Deus pelo recôncavo da Bahia (de Itaparica até Maragojipe), ou melhor, sua procura por um novo santo, o ateu Quinca das Mulas. Ao observarmos a construção textual dessa estória, notamos ser fulcral a intensa retomada de outros textos e contextos. Das narrativas de tradição oral, tão freqüentes no solo histórico-social de que fala o conto, o mesmo tráz à baila um narrador-pescador, que engendra através de seu discurso, um enredo linear, de estruturação simples dos fatos, amparando seu testemunho na memória e no interlocutor anônimo, a quem se reporta. Ao caracterizar Quinca das Mulas, o conto alude intertextualmente ao protagonista de *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, romance de Jorge Amado. Num viés paródico e rizomático, o conto também reficcionaliza algumas cenas das Escrituras Sagradas, do “Velho Testamento” e do “Novo Testamento”, além das ficções Greco-mitológicas. Como podemos notar, estamos em face de uma narrativa que toma por base a cosmovisão carnavalesca, oriunda dos rituais e festividades do Carnaval, de que fala Mikhail Bakhtin, ao estudar a assimilação da cultura popular pelo texto artístico. Em “O santo que não acreditava em Deus” ocorre uma inversão completa das estruturas hierárquico-sociais e também significativas do mundo habitual (extracarnavalesco), as personagens perdem o medo, a devoção e a etiqueta formal, elas desposam-se de suas posições sociais e rompem o distanciamento que causa o esfriamento das relações humanas. O nivelamento decorrente desse fenômeno tráz à luz importantes aspectos da natureza do homem, em especial seus valores e idéias. No conto em questão, podemos verificar algumas combinações dicotômicas, como o sagrado X o profano, o elevado X o baixo, o

grande X o insignificante e o sábio X o tolo. As figuras mítico-religiosas são rebaixadas e a elas são conferidas as vicissitudes da condição humana. Decorre daí a dessacralização e, conseqüentemente, o riso. Outras marcas da carnavalização podem ser verificadas no conto aqui analisado, como as imagens ambivalentes, biunívocas e antitéticas; elas são marcadas pelo contraste entre nascimento X morte e benção X maldição. A representação do corpo também se pauta pelo “realismo grotesco”, centrando-se na deformação e no exagero, privilegiando boca e órgãos genitais. O conto se ampara também na própria linguagem carnavalesca (familiar a todos e tipicamente coloquial), incorporando o falar das praças públicas, com um vocabulário marcado pelo nivelamento social, diluindo a formalidade e etiqueta normativas. Assim, o uso das profanidades, blasfêmias, juras, imprecações, obscenidades e expressões carregadas de insultuosidades são freqüentes. Por fim, o conto encena as pancadas e outros tipos de abuso físico, que contém um sentido hilário, cômico e nos encaminham para o riso.

Palavras-chave: carnavalização; riso; literatura brasileira contemporânea.

5 - Linha de pesquisa: Análise do Discurso (Bakhtin)

O DISCURSO DO DUPLO EM SARAMAGO: A RELEITURA DO MITO DE ANFITRIÃO EM *O HOMEM DUPLICADO*.

Nefatalin Gonçalves Neto (Mestrando – Literatura Portuguesa – FFLCH/USP – SP/Brasil)

nefata12@yahoo.com.br

Org. financiador: CAPES

O livro *O Homem Duplicado*, do escritor português José Saramago retoma, em suas linhas mestras, o tema da duplicidade por meio da releitura do mito de Anfitrião. Nosso intuito neste trabalho é o de mostrar como, por meio da releitura do mito, o discurso do duplo se entranha na narrativa do escritor português e subverte seu protótipo base. Dessa forma, o diálogo que a obra estabelece com o mito é retomado pelo escritor e transfigurado segundo uma proposta contemporânea de escrita. Nosso propósito é, amparados pela literatura comparada, investigar como o tema do duplo é tratado e examinar quais mecanismos intertextuais o escritor se vale para compor sua obra, retomando/renovando seu protótipo. Do estudo podemos apreender como o discurso da literatura moderna, por meio de seus processos de releitura, atinge desfechos trágicos.

**MARCAS TEXTUAIS E DESCRITORES DE HABILIDADES DE LEITURA:
FORMANDO A COMPETÊNCIA LEITORA**

ROBSON SANTOS DE CARVALHO

Vinculação institucional: PG-Linguística/UFMG

Universidade Federal de Alfenas - Unifal-MG

Minas Gerais – Brasil

E-mail: robson.carvalho@unifal-mg.edu.br

robsondecarvalho@yahoo.com.br

Este trabalho busca estudar aspectos da textualização de diferentes gêneros textuais, abordados em atividades de ensino e de avaliação de leitura em língua portuguesa, realizadas por professoras dos anos iniciais do ensino fundamental, durante cursos de formação continuada sobre habilidades de leitura, em diversas cidades do Sul de Minas Gerais, no período entre 2005 e 2010.

Em tais cursos, os professores estudam os Descritores de Habilidades de Leitura, determinados por uma Matriz de Referência, organizada pelo SAEB (2006 – 2009). Tal matriz alimenta a construção de itens das avaliações externas sistêmicas implementadas no Estado de Minas Gerais, por meio do Sistema Mineiro de Avaliação da Educação Básica (SIMAVE).

Uma pergunta que se deseja responder é se as atividades de ensino, praticadas pelos professores, colaboram na aquisição e desenvolvimento das habilidades de leitura e na construção da competência leitora dos alunos. Assim desdobra-se em duas questões dignas de investigação: se o professor de língua materna/alfabetizador não dominar as habilidades de leitura e também os conteúdos curriculares a serem ensinados nos anos iniciais, como poderá avaliar a aprendizagem e o processo de aquisição/desenvolvimento dessas habilidades por seus alunos? E como os cursos de formação continuada em serviço podem garantir ao professor a competência leitora e os instrumentos necessários a um trabalho pedagógico eficaz?

Nossa hipótese apoia-se, dentre outras, nas evidências coletadas nos cursos de formação de professores. Tal constatação impõe uma reflexão acerca da necessidade de implementação de programas de formação continuada de professores de modo constante, a fim de garantir-lhes o acesso a novos modos de pensar e de fazer o ensino de leitura em Língua Materna, compreendendo o seu objeto, mais especificamente, as habilidades de leitura a serem adquiridas e desenvolvidas pelos alunos, por meio das atividades elaboradas pelo professor/alfabetizador.

Palavras-chave: Práticas Escolares, Formação de Professores, Língua Materna, Gêneros Textuais, Habilidades de Leitura.

LEITURA: UMA PRÁTICA INTERSEMIÓTICA.

Aline Rezende Belo Alves.
PPLL- UFG
alinebelo3@gmail.com

Resumo

Com o objetivo de se pensar a leitura em uma dimensão mais ampla que a compreensão de textos verbais, levanto a hipótese de uma leitura de partituras musicais para apreender discursos pertencentes a uma ideologia e a práticas discursivas representadas pela música. A possibilidade de leitura de textos não verbais não é algo inusitado. A utilização do termo leitura para textos icônicos já é bastante difundida, inclusive já cobrada em provas de vestibular – materialização do discurso oficial. Como *corpus*, escolhi três partituras que pertencem a formações discursivas distintas. A finalidade é observar o que era possível ser feito na melodia do canto gregoriano, traduzido como palavra cantada das sagradas escrituras, como representação do discurso da igreja católica Romana até o cisma do oriente; a música de um compositor, Y.S.Bach, que não mais era controlado pela formação discursiva da igreja Romana; apesar de compor músicas litúrgicas sua obra já não é mais “controlada” pelo discurso religioso, sendo influenciada pela música não litúrgica apresentando as mesmas modificações ocorridas nas partituras de suas outras músicas; e de um terceiro compositor, cujas músicas tinham outras finalidades que não a liturgia: Beethoven compunha predominantemente para apresentações não religiosas. Tal comparação nos permitirá observar o que era possível, estruturalmente, ser “enunciado” pela música “de ofício” e a música apresentada em outros ambientes. O fato de fazer referência a formações discursivas distintas permite observar na música, assim como nos textos linguísticos, a existência do permitido, do não dito, do interdito, do entrecruzamento e a influência das formações discursivas entre si, além de possibilitar-nos traduzir os discursos que atravessam a sociedade. Para reflexão de tal hipótese, os conceitos de formação discursiva de Foucault em *A Arqueologia do Saber* e de Semântica Global de Maingueneau em *Gênese dos discursos* serão ativados dentro de uma perspectiva que considera discurso toda atividade de produção e recepção de sentidos entre sujeitos.

Palavras-chave: Leitura.Semântica Global. Discurso. Música. Formação Discursiva.

A FAMÍLIA NO SERIADO ESTADUNIDENSE “ANOS INCRÍVEIS”: REPRESENTAÇÕES, IDENTIDADES E ARRANJOS FAMILIARES.

Aline de Moura MATTOS - Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil - line_mattos@yahoo.com.br

Angélica Cristina Rivelini da SILVA - Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil - line_mattos@yahoo.com.br;

Linimar Aguiar FERNANDES - Especializado em Química do Cotidiano da Escola pela Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil - linimar@hotmail.com

Moisés Alves de OLIVEIRA - Professor adjunto do Departamento de Química e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil - moises@uel.br

Utilizando recursos do teatro, do cinema e do rádio, a ficção televisiva tem criado diferentes programas como filme, telenovela, minisséries e seriados. Para os propósitos deste trabalho, os seriados merecem um destaque especial. “Anos Incríveis” (“The Wonder Years”, nome original em inglês) foi uma série da televisão americana, com 115 episódios, distribuídos em seis temporadas, exibidos na rede americana ABC, de 1988 a 1993. No Brasil, o seriado foi exibido primeiramente na TV Cultura, em meados dos anos 90. A série retrata a trajetória de um garoto, Kevin Arnold, de classe média, do subúrbio de uma cidade americana, em sua passagem da infância para a adolescência - os seus “anos incríveis”-, em um momento histórico alvoroçado: os Estados Unidos no final dos anos 60 e começo dos anos 70, lembrado, entre outros eventos, pela Guerra do Vietnã, Movimentos Hippie e a Corrida Espacial. O seriado se desenvolve por meio de temas como família, amigos, escola, namoradas e paixões. Neste trabalho, propomo-nos estudar como a família é apresentada e representada no seriado “Anos Incríveis”, atentando-se para os discursos que são transmitidos na 1ª temporada da série, constituída de 6 episódios. Atentamo-nos também para o modo como o discurso constrói as versões do mundo social e natural e posiciona os indivíduos nas relações de poder, dentro da instituição familiar. A partir do próprio discurso, tentaremos passar às suas condições externas de possibilidade, com os efeitos que são produzidos a partir dessa apresentação de cultura, valores, costumes e ideologias pelo seriado. Além disso, cabe explorar as “novas identidades” e os diversos arranjos familiares, com enfoque na fragilidade dos laços entre os indivíduos, a transitoriedade das posições identitárias e as mudanças intensas que estão ocorrendo nas instituições sociais, incluindo a família.

TRABALHO DOCENTE EM LÍNGUA PORTUGUESA: ANÁLISE DE PRÁTICAS DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Vanessa Salum Moreira Pedrozo

Mestre em Educação – UNESP – Marília

ETEC Augusto Tortolero Araújo – Paraguaçu Paulista

nessalum@gmail.com

O presente trabalho é o resultado de uma pesquisa que teve como objetivo geral verificar como tem sido encaminhado em sala de aula o processo de ensino e de aprendizagem de escrita e leitura através das práticas de docentes de língua portuguesa. A proposta surgiu da observação dos resultados obtidos por alunos das escolas públicas brasileiras nas avaliações externas realizadas por diferentes programas, os quais revelam que o ensino atual não tem dado conta de promover a aprendizagem dos alunos. Por meio de observações, realizamos a coleta de dados sobre as práticas pedagógicas de professores de língua portuguesa em salas de aula de quinta e sexta séries do ensino fundamental. A análise e interpretação dos dados coletados nas salas escolhidas observaram os referenciais de Bakhtin e da Teoria Histórico-Cultural, especificamente em Leontiev e Vygotsky, no que se refere ao desenvolvimento dos processos intelectuais, da atividade, da linguagem e da aprendizagem. Buscamos verificar até que ponto o trabalho pedagógico proposto pelo professor ajuda os alunos a superar ou então enfatiza as suas dificuldades no processo de aprendizagem de escrita e leitura. Três categorias foram utilizadas para a análise dos dados: *Organização da atividade de ensino*; *Orientação aos alunos para a atividade de estudo* e; *Relação entre significado e sentido*. Mediante toda a análise realizada sobre os dados detectamos que parte significativa das práticas docentes está organizada de forma fragmentada, por ações cujos objetivos não são postos para o aluno em consonância com o motivo da atividade de ensino e aprendizagem. As orientações dadas aos alunos também, em sua maioria, não atuam em sua esfera motivacional a fim de suscitar-lhes novas necessidades e, com essas, novos motivos. As propostas relacionadas à produção textual são realizadas de forma descontextualizada e distante da prática que originou o gênero discursivo determinado, ou seja, os textos são propostos sem que cumpram a função social de comunicação para o qual foram criados. Tais práticas mais tolhem que potencializam o desenvolvimento do aluno já que não permitem que ele se aproprie da língua

significando-a como importante meio de interferência na realidade e de transformação social.

Palavras-chave: Teoria Histórico-Cultural; Ensino e Aprendizagem de Língua Portuguesa; Práticas Pedagógicas.

LEITURA ALÉM DO TEXTO

Paola de Carvalho Buvolini, Letras, Unisaesiano Auxilium - SP/ Brasil,
pbuvolini@ig.com.br

O presente estudo analisa a leitura de charges retiradas do Jornal Folha de São Paulo por alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II.

Objetivou-se perceber a compreensão dos alunos ao lerem e interpretarem determinadas charges, pois, num primeiro momento, os alunos leem o verbal e o não-verbal e muitas vezes, não os compreende, fazendo com que a interação fique fragmentada, tal qual a leitura de mundo deste aluno. A escolha pelo gênero charge deve-se ao fato de propor um debate da atualidade e uma percepção de mundo (ideologia) do sujeito/ autor muito profunda e abrangente, o que o leva a produzir a ironia, figura de linguagem usada por quem está seguro de seu discurso. Observamos que tipo de referência o aluno fez do assunto em questão, já que esta referência trazida pela intertextualidade fornece ao leitor/aluno meios para a interpretação desses discursos.

As charges traziam assuntos discutidos na mídia e também nos livros didáticos. A leitura dessas charges se deu através do acervo rotativo. Dada as charges pedimos para que os alunos registrassem sua percepção do assunto, trocamos as charges e cada um pôde opinar/ interpretar mais de uma. Na sequência, discutimos a produção desta charge, o porquê daquele assunto, a forma de colocá-lo no papel, quem são os possíveis leitores e a interpretação da mesma, já como leitores de parte do Jornal. Após essa etapa que leva de duas a quatro aulas (escolhemos analisar em grupo as charges que eles julgaram mais difíceis), pesquisamos os sujeitos autores, com uma pré ideia trazida pela charge e marcamos a polifonia do texto ao concordar ou discordar da charge em análise. Neste ponto, há uma participação efetiva dos alunos valorizando a produção e visão do charginista.

Portanto, o estudo visa a esclarecer com o aluno contexto e sujeitos, levando-o a conhecer o contexto de produção e a ideologia dos charginistas para que a leitura deste texto misto, complexo e polifônico seja completa e reflita na forma de concepção de mundo destes alunos pela linguagem.

O SENTIDO DO NOVO E O NOVO DO SENTIDO: A PRODUÇÃO DOS EFEITOS DE SENTIDO NAS PROPAGANDAS DOS PRESIDENCIÁVEIS BRASILEIROS DE 2010

Raquel de Freitas Arcine (Mestranda em Letras, UEM, Paraná, Brasil –
raquelarcine@hotmail.com)

A predominância da imagem, a velocidade da transmissão de informações, a supervalorização da mídia, a metamorfose ocorrida na maneira de se fazer política, a impossibilidade de se separar o verbo do corpo que enuncia são práticas corriqueiras no atual mundo globalizado. Os analistas do discurso tiveram que aprender a analisar o texto e o discurso, identificando os procedimentos de textualização, de discursivização, os efeitos de sentido, de memória e historicidade. Considerando este contexto, as transformações ocorridas no discurso político contemporâneo e o dispositivo teórico da Análise do Discurso, sobretudo as noções de sujeito, memória discursiva e interdiscurso, a presente comunicação pretende apresentar gestos de interpretação que apontam os efeitos de sentido produzidos em propagandas políticas no ano de 2010. O *corpus* de análise desta comunicação é constituído pelas gravações e as transcrições de duas propagandas de 30 segundos que circularam durante o segundo turno das eleições para presidente do Brasil, ou seja, as propagandas dos candidatos José Serra (PSDB) e Dilma Ruseff (PT) veiculadas durante os horários gratuitos de propaganda eleitoral. Considerando que alguns enunciados remetem ao mesmo fato, mas não constroem as mesmas significações, deve-se ressaltar que a escolha do *corpus* aqui analisado se justifica porque apesar de uma propaganda ser a resposta parafrástica da outra, cada uma produziu efeitos de sentido diferentes, efeitos possíveis devido à filiação dos enunciados às respectivas formações discursivas de cada sujeito político. Este fato retoma a ideia pecheutiana de que o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas em que as palavras são produzidas e de que as palavras mudam de sentido de acordo com as posições dos sujeitos que as empregam. O arcabouço teórico da Análise do Discurso preconiza que os diferentes sentidos encontrados em enunciados diversos remetem a memórias e a circunstâncias externas, mostrando que o sentido não está apenas nas palavras e no texto propriamente dito, mas na tensão das relações de forças. Assim, esta comunicação pretende demonstrar a relação que se estabelece entre as materialidades sincréticas, ou seja, entre os elementos verbais e visuais das propagandas políticas. Objetiva-se, ainda, destacar a importância do interdiscurso na constituição, formulação e circulação dos discursos, identificando aquilo que se cristaliza e aquilo que se desestabiliza, encontrando o sentido do novo e o novo (do) sentido.

DISCURSO MIDIÁTICO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UM OLHAR SOBRE A EDUCOMUNICAÇÃO ENQUANTO CAMPO DE INTERVENÇÃO

Cláudio Messias (NCE/ECA/USP – São Paulo – Brasil)

Os estudos latino-americanos sobre comunicação mostram, sobretudo a partir da década de 1960, preocupação primaz de teóricos do período quanto ao avanço da presença dos meios massivos de comunicação no cotidiano desta parte sul do continente. Ler, pois, criticamente a comunicação mediada (MORAN, 1993), já nos bancos escolares, auxiliaria na formação de cidadãos cuja postura afrontaria aos interesses hegemônicos. Ou, ainda, olhar a educação sob a égide da comunicação seria, muito mais que conduzir a uma prática libertadora, dirigir ao conhecimento, primeiro, de si (FREIRE, 1977), para, depois, preencher os espaços que, coletivos, formam a humanidade. Educar, logo, ‘para’, ‘através’ e ‘sobre’ os meios modernos de comunicação balizaria os estudos iniciais sobre Educomunicação, conceito fincado enquanto objeto de pesquisas no Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo e hoje legitimado pelos saberes científicos. Nossa proposta, neste trabalho, é discutir a lacuna existente entre: as contradições de determinadas práticas discursivas da mídia (CHARAUDEAU, 2005), a vontade de verdade presente neste contexto (FOUCAULT, 1970) e a forma como tenta-se criar, na educação, uma nova cultura de consumo desta produção, condenando as mídias com seus discursos e suas tecnologias (SETTON, 2010). Alguns questionamentos levantados em investigação que desenvolvemos junto a pesquisadores tanto das Ciências da Comunicação [INTERCOM] quanto da Educação [ANPed] endossam a falta de suficiência de metodologias para um ensino visando à criticidade. Outrossim, alheio a qualquer ideia preconcebida, o protagonismo destes agentes denominados alunos faria com que, em processos educacionais, venha-se a entender a comunicação como edição da realidade (BACCEGA, 2007), o que levaria a uma transição do foco sobre recepção crítica, pelo jovem, para uma realidade de produção própria de sentidos a partir de ações comunicativas mediadas.

MEDÉIA E GOTA D'ÁGUA: INTERTEXTUALIDADE E REPRESENTATIVIDADE DA LOUCURA NAS TRAGÉDIAS

Samuel Ronobo Soares (UEL-PR-BRASIL)¹
samuelronobo@hotmail.com

Este trabalho tem por objetivo verificar as relações intertextuais nos textos *Medéia*, de Eurípedes e *Gota D'água*, de Chico Buarque e Paulo Pontes. Como fio condutor de nossa análise, buscamos descrever como a loucura é representada na tragédia clássica (*Medéia*, de Eurípedes) e qual a concepção da loucura na obra brasileira. Para tanto, torna-se importante verificar se os mecanismos utilizados no texto *Medéia* se mantêm em *Gota D'Água*. Partimos da hipótese de que pela análise da intertextualidade entre as obras, é possível verificar que além dos enredos serem parecidos, a concepção da loucura se mantém, e a razão é utilizada para justificar a loucura, ainda que as consequências da loucura nas duas obras sejam diferenciadas: de um lado, na tragédia grega, as consequências da loucura estão relacionadas com o sucesso da personagem em obter a vingança; na tragédia brasileira, as consequências da vingança estão relacionadas ao desespero e à morte como forma de vingança.

Palavras-chave: Intertextualidade; *Medéia*; *Gota d'água*; representação da loucura.

¹ Graduado em Letras – Português e Mestre em Letras – Literatura e a Formação do Leitor pela Universidade Estadual de Maringá. Doutorando em Letras – Literatura pela Universidade Estadual de Londrina.

O PREGO – ANÁLISE DE UM POEMA PARA CRIANÇAS FEITO CANÇÃO

Helena Ester Munari Nicolau Loureiro (UEL – PR, Brasil)
hloureiro@uel.br

O objetivo deste trabalho é refletir sobre relações entre planos de conteúdo e de expressão, levados em conta para a composição de canções para crianças a partir de poemas. Considerando que a música, na canção, constitui-se num plano de expressão que deve ser articulado com o plano de conteúdo presente na letra, procuramos primeiramente interpretar o sentido ou significado do texto, por meio de análise semiótica. Para isso, partimos do poema “O Pregão”, de Carlos Francovig, e analisamos os três níveis de seu percurso gerativo de sentido: fundamental, narrativo e discursivo.

No nível mais concreto de percepção de sentido, podemos dizer que, neste texto, há uma ação que se passa entre o martelo e o prego, tidos como seres animados, em que o primeiro bate no segundo. Em seguida, o prego, volta-se contra o martelo lançando-lhe sua ponta afiada.

Já num nível mais abstrato, é possível perceber que o martelar intermitente sobre o prego é uma ação abusiva de um sujeito sobre outro. Num determinado momento, há um julgamento desta ação por parte do sujeito prego, e uma conseqüente retribuição, na forma de sanção. Assim, o prego passa de uma posição ou estado de submissão a outro de controle da situação, de um estado passivo para outro ativo e objetivo. Por outro lado, o martelo sofre conseqüência por agir de maneira abusiva ou inadequada, saindo de seu estado inicial ativo, de realizador da ação.

Num terceiro nível, ainda mais abstrato, podemos dizer que o texto é construído sobre a oposição semântica /resignação/ vs. /revolta/, considerando especialmente a trajetória do sujeito prego. Esses três níveis, apresentados sucintamente acima, constituem o percurso gerativo de sentido do texto.

Na sequência, destacamos aspectos interessantes a serem explorados musicalmente, no momento da composição e da elaboração de arranjo para a canção, tendo em vista que se constitui num outro plano de expressão.

A música possui uma dimensão linear, ou seja, acontece por meio da sucessão de eventos sonoros no tempo. O desafio consiste, então, em criar uma estrutura musical que possa dar sustentação ao plano de conteúdo.

Ao final, podemos perceber que a análise semiótica de textos poéticos pode ser um

valioso instrumento para a criação de canções para crianças. Na composição da canção, ao enfatizar os elementos discursivos na criação do todo “letra-e-música”, o compositor pode tornar tais conteúdos mais próximos do universo infantil, num verdadeiro processo de tematização e figurativização do discurso musical.

Palavras-chave: poema, canção, percurso gerativo de sentido.

ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: LEITURA DO MUNDO POR MEIO DO CAOS

Marilda Beijo

Doutoranda – UNESP/Assis – CAPES

Faculdade de Ciências e Letras – São Paulo/Brasil

marikiss@gmail.com

A literatura contemporânea possibilita um repertório variado de temas que ainda podem ser explorados, como, por exemplo, o cânone literário, a teoria da recepção, a problematização da identidade autor/obra/leitor ou a relação romance/ensaio, dentre outros. É sob a óptica do romance/ensaio que se faz uma possível leitura da obra *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago que, como o próprio autor sugeriu, é um texto ambivalente e de difícil definição. A ênfase, neste texto, recairá sobre a problematização dada às questões relativas às atitudes humanas, pormenorizando os pensamentos e as ações dos personagens diante do fato de estarem cegos. Além disso, procurará discutir as possíveis formas de cegueira que podem estar representadas neste estado de cegueira física demonstrada no romance e como esse processo se dá para a realização de um ensaio crítico sobre tal tema. Ao se ler as narrativas de Saramago, percebe-se que o romance é um tipo de texto que incorpora outros discursos, rompendo com divisões tradicionais e limitadoras, buscando com isso o enriquecimento textual por meio da intertextualidade, metalinguagem e alegoria. Entende-se que tal ruptura só é possível de se concretizar porque é dentro do gênero romance que se dá a abertura para a assimilação de outras formas de expressão literária, inclusive, até mesmo, o caráter de ensaio com que se pretende desenvolver a análise sobre a obra em questão. É nesse sentido que o romance em questão se encaixa em um projeto de pesquisa mais abrangente em que se busca abordar questões sobre a construção poética, o fazer artístico e literário, as discussões a respeito dos limites tênues existentes entre os gêneros literários, ocupando-se, para isso, da diferença entre romance e ensaio, dentro da ficção saramaguiana. Considerando-se as teorias de Bakhtin, Schüler e Rosenfeld, entre outros, acerca do romance, concebe-se esse gênero como um espaço que permite a instalação de diferentes tipos de discursos, sejam eles históricos, filosóficos, poéticos e, conseqüentemente, isso faz com que o romance, muitas vezes, seja polifônico, podendo

aparecer em seu contexto a narrativa em si, assim como o ensaio, a crítica literária, ou até mesmo a fusão desses elementos o que caracterizaria o ensaio crítico ficcionalizado.

O CHEIRO DO RALO: A ESTÉTICA DO FRAGMENTO

Profa. Dra. Senise Camargo Lima Yazlle (UNIP/Assis - SP/Brasil)

seniselima@hotmail.com

RESUMO: O trabalho que ora apresentamos objetiva mapear discurso de fragmentariedade que o livro *O cheiro do Ralo*, do escritor paulistano Lourenço Mutarelli, apresenta. Para tanto, partiremos das diversas teorias que a crítica pós-moderna apresenta, buscando desvendar as entrelinhas que o texto do escritor paulistano propõe. Baseado na estética contemporânea, em que o leitor traz para dentro do texto seus conhecimentos intertextuais – disseminados pelo livro – propomos compor um caminho de leitura que perscrute a forma de construção discursiva da obra em questão.

PALAVRAS-CHAVES: Pós-Modernismo, fragmentação, identidade, experimentação.

A CANÇÃO EM ANÁLISE: EM BUSCA DA SIGNIFICAÇÃO POR MEIO DOS ELEMENTOS VERBO-MUSICAIS

Cíntia Pires de Lemos Ramires (PG – UENP- PR)

Dentre os muitos textos sincréticos analisados sob a perspectiva da semiótica greimasiana, há um que procura estabilidade diante dos diversos caminhos usados para uma análise eficaz: trata-se da canção. Além de Tatit, teórico da “semiótica da canção” e seus seguidores, há outros pesquisadores que partindo desse estudo ampliaram a investigação sobre o assunto, como a pesquisadora D`Ávila com sua “teoria dos sonoremas” nascida na França nos anos 80. Partindo do ritmo e do aspecto intervalar dos blocos sonoros, esse aparato teórico-metodológico serviu de alicerce aos neófitos, privilegiando o plano da expressão e do conteúdo das duas linguagens envolvidas no sincretismo verbo-musical. Considerar o sincretismo das linguagens verbal e musical é apreender sentidos do plano de expressão e plano de conteúdo das duas semioses. Dessa forma, o trabalho com a canção não pode privilegiar exclusivamente o aspecto verbal e menosprezar as peculiaridades da linguagem musical e vice-versa. Entretanto, na atribuição e construção de sentidos textuais devemos considerar também não apenas os elementos imanentes, mas também o contexto social, cultural e artístico em que a canção foi composta e executada. Por isso, nessa pesquisa teremos como preocupação apresentar uma proposta de análise da canção da MPB “Vou deitar e rolar”, de Baden Powel e Paulo C. Pinheiro levando em conta tanto os elementos intrínsecos quanto os extrínsecos dessa produção artística. Esperamos que nossa pesquisa possa contribuir para instrumentalizar o professor de língua portuguesa no que tange o desenvolvimento de atividades pedagógicas que levem seus alunos a um letramento multissemiótico ou até mesmo realizar parcerias com profissionais da área de música para que eles também percebam a importância da linguagem verbal na composição artística. Afinal, esse texto sincrético já está batendo à porta da escola, uma vez que a Lei nº 11.769/08 inclui a música como componente curricular no ensino básico a partir desse ano.

Palavras-chave: Semiótica verbo-musical; sincretismo; música; canção.

“SERRA É DO BEM”: O DESLIZAMENTO DOS SENTIDOS NO DISCURSO POLÍTICO

Kátia Aleksandra dos SANTOS-UNICENTRO-PR
Elaine de Moraes SANTOS- UFMS-MS

O presente trabalho pretende analisar, a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise do discurso de linha francesa, a circulação de um enunciado da campanha eleitoral para presidência da república do ano de 2010. Trata-se do enunciado “Serra é do Bem”, em referência ao candidato do PSDB. Tendo em vista a repercussão deste enunciado/discurso e a forma como provocou o surgimento e a circulação de outros discursos a ele relacionados, consideramos relevante observar o deslizamento dos sentidos que ocorreu a partir do recorte discursivo citado. Os sentidos possíveis apontam para discursos passados e futuros, relacionando-se, inicialmente, a uma rede de enunciados que entraram em circulação sobre a candidata da oposição, Dilma Roussef, os quais faziam menção a uma suposta ligação da candidata com um discurso favorável ao aborto e, portanto, contrário ao discurso religioso, muito em voga em nosso contexto social, histórico e ideológico. Nesse sentido, o enunciado “Serra é do bem” promove um efeito de sentido que encontra sustentação na paráfrase “Dilma é do Mal”, materializando uma rede de discursos que se sustentam em uma formação discursiva contrária à referida candidata. Contudo, também seria possível, para sujeitos interpelados por uma formação discursiva “ pró-Dilma” o efeito de sentido segundo o qual o enunciado “Serra é do Bem” responde a uma outra paráfrase: “Serra é do Mal”. Apesar de contraditórios, os efeitos de sentido mencionados são possíveis a partir do interdiscurso que sustentou a campanha política na corrida eleitoral de 2010.

CONSTRUÇÃO E MULTIPLICAÇÃO DE SENTIDOS EM *QUINCAS BERRO D'ÁGUA*

Profa. Dra. Helena Bonito Couto Pereira
Programa de Pós-Graduação em Letras
Centro de Comunicação e Letras
Universidade Presbiteriana Mackenzie (SP)
hbcpereira@mackenzie.br

Ao se consolidar como linguagem, o cinema buscou as fontes literárias, de onde provêm até hoje boa parte de seus roteiros, visto que ambas as artes, cinema e literatura, navegam nas águas da narratividade. Cada versão para filme implica a construção de novos sentidos, o que possibilita a multiplicação do alcance do livro e das versões anteriores. Está confinada no passado a busca de fidelidade, pois entende-se hoje, conforme Xavier, que um filme representa a instauração de um diálogo não só com o texto de origem e sua circunstância, como também “com seu próprio contexto, inclusive atualizando a pauta do livro” (Xavier, 2003). Cabe ao cineasta o direito de interpretar livremente o texto de partida, invertendo determinados efeitos, alterando a disposição temporal ou espacial dos eventos, subvertendo passagens ou até valores, como cabe a todo espectador construir os sentidos que lhe são apresentados em imagens, sons, ruídos e ilusão de movimento.

O filme *Quincas Berro D'Água* evidencia a intenção de atualizar o livro, mantendo seu tom satírico, que se volta contra a mediocridade de uma vida pequeno-burguesa, contraposta ao fascínio pela marginalidade e por uma “indisfarçável predileção pelos desvalidos, pela escala social mais baixa”, presente em toda a ficção de Amado e na filmografia do produtor Jorge Machado, como bem registrou a crítica cinematográfica (Oricchio, 2010).

Cada gênero e cada época estabelecem suas convenções, das quais os autores se apropriam ou com as quais se confrontam em diferentes modos e intensidades. Nesse sentido, a novela de Amado recorre às intervenções do narrador para intensificar seu tom satírico, desenvolvendo-se, porém, linearmente no tempo e no espaço. Machado, por sua vez, deslocou a voz narrativa para o protagonista e aproveitou outros recursos, como o *flash back*, para reorganizar a temporalidade. Distante, todavia, da obra original em meio século, essa transposição paga um tributo ao seu próprio tempo e à forma como se imagina que o espectador de hoje esteja habituado a consumir filmes e outros produtos midiáticos. Essa é a provável razão para que boa parte do filme abandone o *Quincas amadiano*, tão bem construído, e passe a apresentar uma sucessão de peripécias filiadas a uma estética de gosto duvidoso. Discute-se, em suma, como essa adaptação traz a cada leitor / espectador a possibilidade de construir seu próprio *Quincas Berro D'Água*, em diálogo com os anos sessenta e com a contemporaneidade.

A LEITURA ESTEREOTIPADA NOS INTERSTÍCIOS DA ESCRITA DE PRÉ- UNIVERSITÁRIOS

Luiz André Neves de Brito

(Doutorando – Filologia e Língua Portuguesa/USP – Capes)

lanebrit@usp.br

Este trabalho faz parte de uma pesquisa maior cujo objetivo central é descrever e analisar textos produzidos em situação de avaliação, mais precisamente, redações (dissertações) escritas no concurso vestibular da FUVEST – exame para ingresso na Universidade de São Paulo. Constituído por 100 (cem) textos, selecionados aleatoriamente e escritos por ocasião do vestibular 2007, o corpus foi dividido em dois conjuntos: (i) 50 redações de candidatos provenientes do ensino público; (ii) 50 redações de candidatos provenientes do ensino privado. Os pressupostos teóricos que norteiam o estudo se baseiam em Bakhtin e Authier-Revuz que abrem espaço para as relações intersubjetivas, a abordagem da linguagem como espaço da constituição da subjetividade e o questionamento da unicidade enunciativa, isto é, como o sujeito inscreve o Outro no fio discursivo. De um lado, a concepção bakhtiniana da palavra como uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Do outro, Authier que concebe o Outro não como um objeto (exterior, do qual se fala), mas como uma condição (constitutiva, para que se fale) do discurso de um sujeito que não é fonte-primeira desse discurso. Da perspectiva enunciativo-discursiva adotada, focalizou-se nas condições imediatas dessa atividade de escritura e, como consequência, investigaram-se os modos de inscrição da atividade de leitura envolvida na relação entre a instrução da prova e os textos produzidos. Levantaram-se os seguintes dados: (i) modos explícitos de representação do discurso outro, sendo a modalização em discurso segundo o modo mais recorrente; (ii) modos de representação do discurso outro resultados de uma atividade interpretativa – por exemplo, as citações escondidas, alusões e reminiscências. Os dados mostraram como esses modos de representação do discurso outro são atravessados por leituras cristalizadas (estereotipadas), fazendo circular o imaginário social que inspira e alimenta um determinado grupo e sua época. Partindo, então, do princípio de que falamos com as palavras dos outros para construirmos nossos discursos, esperamos comprovar a seguinte hipótese: quando o pré-construído próprio à natureza da atividade de leitura se torna repetitivo, automatizado, uma representação coletiva congelada, cristalizada em um grupo social, temos uma leitura estereotipada.

TWITTER: A CONFIGURAÇÃO DO PODER EM 140 CARACTERES

Jaqueline Lopes Sobrinho CASTRO

Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística- Faculdade de Letras

Universidade Federal de Goiás- GO- Brasil

jaquelinelscastro@gmail.com

Desde os mais remotos tempos, o homem tem desenvolvido e aperfeiçoado formas de melhor conviver com o ambiente a sua volta e de se comunicar. Nesse intuito, ele concebeu diversas ferramentas e recursos que são usados na atual sociedade. De acordo com Kenski (2003), os avanços tecnológicos fazem parte da evolução humana e suscitam mudanças em vários âmbitos da nossa vivência. Kenski (2003, p.23), afirma que a evolução tecnológica não se limita ao uso da tecnologia; ela altera comportamentos de todo o grupo social, interfere “em nosso modo de pensar, sentir, agir e de nos relacionarmos socialmente”. Os ambientes socioculturais e as novas tecnologias propiciam novas relações e o surgimento de novos canais, novos suportes para a comunicação. Dentre as novas tecnologias, encontra-se o Twitter. O twitter é um espaço interativo, que permite postagens de no máximo 140 caracteres. É uma ferramenta de atualizações rápidas, que mistura características de blog com serviço de mensagem instantânea. Seus usuários trocam idéias de variados assuntos que tornam corpo nas práticas sociais. Contudo, como troca de discursos, o Twitter também se configura como práticas de poder e resistência. O poder, partindo dos estudos de Foucault (1979, 1926-1984), intervém na realidade dos indivíduos, penetra no cotidiano e se divide em variadas práticas, podendo ser caracterizado como micro-poder, formando uma rede de poderes que governa a sociedade e age sobre o corpo dos indivíduos. Constantemente, observam-se no Twitter os micropoderes, como no caso Galvão Bueno. Galvão Bueno, por meio do Twitter, foi alvo do poder capilar que rege o Twitter. Um grande número de usuários dessa tecnologia mostrou sua insatisfação a respeito das narrações dos jogos da seleção brasileira feitas por Galvão. Foi um apelo de grandes dimensões. A cada jogo da seleção uma multidão tuitava a respeito das narrações. Outro caso recente pode ser observado no caso do passaporte diplomata dado ao filho do ex-presidente Lula. A grande incitação popular, por meio do Twitter, causou o cancelamento do passaporte do dono do passaporte, após este ter escrito que não iria recusar o privilégio dado. O poder do Twitter é imediato, ligado ao exato momento dos acontecimentos sociais. É um poder subdivido entre todos seus usuários, são micro-poderes, mas que se tornam imenso quando unido.

O CONCEITO DE “TEXTO” SOB A PERSPECTIVA DOS ESTUDOS DA LINGUAGEM

Ana Carolina Araújo-Chiuchi

Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, São José do Rio Preto, SP, Brasil.

Email: <carol_araujo6@hotmail.com>.

Agência financiadora: CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

Esta pesquisa tem o objetivo central de discutir o conceito de texto, que, apesar de ser amplamente utilizado, muitas vezes não é bem definido ou é empregado de forma reducionista. Com base na análise de um texto escolar de um aluno de quinta série do Ensino Fundamental, buscamos mostrar que, apesar de a produção textual não apresentar a maioria dos fatores constitutivos da textualidade, como definida por Beaugrande & Dressler (1981), ou seja, não se “encaixar” em uma concepção prototípica de texto, que é veiculada pela escola, tal produção ganha estatuto de texto quando esse é visto como enunciado. Ancorandonos em Bakhtin (1997), assumimos uma concepção de texto relacionada à estrutura da língua, à materialidade linguística na qual são expressos os enunciados, que são constituídos de sentidos por meio de relações dialógicas. Há uma grande aproximação, portanto, entre os conceitos de texto e de enunciado, sendo que a distinção fundamental entre os dois conceitos é a de que o enunciado manifesta-se por meio do texto, em um sistema da língua compartilhado entre os indivíduos na comunicação discursiva. De acordo com essa concepção, o texto é visto a partir de uma noção ampliada, a qual resulta da própria noção de língua(gem) proposta por Bakhtin. Partindo de uma concepção dialógica de linguagem, este trabalho vê textos escritos produzidos em contexto escolar como enunciados, como réplicas ao já dito e busca identificar características do processo de negociação do sujeito e seu discurso com outros sujeitos e discursos. Por meio das escolhas feitas pelo sujeito escrevente, investigamos o ponto de conflito entre o que é o lugar do dito e, ao mesmo tempo, é o lugar de apagamento do não-dito. Assim, buscamos pistas acerca da imagem de interlocutor projetada pelo sujeito, da imagem que ele faz do que seja texto e do que seja escola, da imagem que ele faz da própria posição social e da relação de sua posição com a do interlocutor.

O DIÁLOGO ENTRE LITERATURA INFANTIL E A GEOGRAFIA: (RES) SIGNIFICANDO A ESPACIALIDADE A PARTIR DO EU-OUTRO

Francielle Bonfim Beraldi

Mestranda em Geografia na Universidade Federal da Grande Dourados- MS- Brasil

Professora de Educação Básica na Rede Municipal de Presidente Prudente-SP Brasil

e-mail: franciellebonfim@yahoo.com.br

O trabalho em questão intenta promover um diálogo entre a Literatura Infantil e a Geografia desde as séries iniciais do Ensino Fundamental como forma de mostrar ao aluno outros espaços além daquele que ele vivencia no cotidiano, através do espaço construído pelos autores no universo das histórias infantis. Seja nos clássicos da Literatura Infantil universal até nos contos da contemporaneidade, é possível destacar a linguagem da literatura infantil menor, no sentido apontado por Deleuze e Guattari, 1995. Não menor de forma pejorativa, como inferior, mas a literatura menor vista como aquela que é língua da minoria diante da maioria, subvertida a partir da linguagem maior e que, para fazê-la, segundo Marcel Proust, é necessário se tornar estrangeiro em sua própria língua, para então falar não aquilo que a sociedade espera, mas aquilo que sai das vísceras da minoria que clama ver representada a sua voz. Ainda nesta linha de pensamento, da literatura infantil, associada à Geografia para a construção e ampliação da espacialidade, destaca-se a questão do diálogo, proposto por Bakhtin, 1992, que rompe com a fala monológica e envolve mais de um sujeito no ato de compreender. O que se busca neste trabalho reside justamente neste ponto: trazer a literatura para as aulas de Geografia como forma de romper com o discurso geometrizante que a Geografia emprestou das ciências naturais e que por tantas vezes afastou das artes, da Literatura, deixando de aproveitar a oportunidade de explorar o universo das histórias infantis. Como um meio de ver representadas as mazelas do cotidiano, que não são compreendidas de forma isolada, mas conjuntamente e dentro de um contexto. Retomando Bakhtin, 1985, quando trata da relação entre o homem e o outro, o autor destaca que a consciência do homem desperta para si própria envolvida na consciência alheia, o olhar do outro causa um olhar para dentro de si mesmo. Ora esta afirmação possibilita e faz refletir ainda mais, quanto à possibilidade de trazer a literatura para as aulas de Geografia, como forma de engendrar novos meios, novos espaços para que o aluno visualize e vivencie. Que construa e faça inferências a partir de novos espaços,

olhando para dentro de seu espaço a partir da observação do outro, a produção de sua própria espacialidade, embebida pelo universo daquilo que ele leu, compartilhou com o outro e conseguiu construir.

SANTA IMAGEM!

Nádea Regina Gaspar (Dpto. de Ciência da Informação/ Pós-graduação em CTS/
Linha de pesquisa em Linguagens, Comunicação e Ciência/ UFSCar/SP)

nagaspar@terra.com.br

Carina Gomes de Oliveira (Bibliotecária do Centro Paula Souza-Etec/
R. Preto-SP)

carina_bci@yahoo.com.br

Este trabalho tem como objetivo averiguar alguns modos de como veio sendo discursivizado o afresco de Leonardo da Vinci (1495-1497) intitulado “A Última Ceia”. Para tanto, recorreremos inicialmente a uma das teorias da estética da linguagem visual, particularmente a de Jacques Aumont (1993) em “A imagem”, e nele buscamos compreender, principalmente, a noção de “constância perceptiva”, para depreendermos signos advindos da linguagem imagética que se apresentaram constantes no texto pictórico original, mas que também puderam ser observados, nas individualidades, em outros textos de que nos valem na análise. O direcionamento para o signo iconográfico proposto por Aumont (1993) revelou-se pertinente na singularidade das análises dos textos. Contudo, observando o preceito de Foucault (1997) em “A Arqueologia do saber” que afirma que certamente os discursos são feitos de signos, mas o que fazem é *mais* que utilizar esses signos para designar coisas, recorreremos à teoria desse autor, para compreendermos, no fio discursivo, alguns modos de como vieram ocorrendo os desdobramentos enunciativos em torno dessa obra original de Da Vinci. Esses dispositivos analíticos, “constância perceptiva” e “enunciado discursivo”, foram aplicados em um arquivo discursivo composto por três imagens que retratam quadros, originalmente pintados por: Leonardo da Vinci (1495-1497) “A Última Ceia”, Celsa Nina (2005) “Santa Ceia do Lado de Cá”, e Wanderline Freitas (2005) “Ceia dos heróis”. Portanto, sob o ponto de vista de um lado da estética da imagem e de outro da análise do discurso, depreendemos que a imagem do Cristo evoca, cristaliza e perpetua, nas imagens dos quadros contemporâneos, modos distintos de se enunciar discursivamente o maior símbolo do Cristianismo, gerando multiplicidade de sentidos em torno do tema.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do discurso; imagem; quadros.

GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO DE LÍNGUAS: PROPOSIÇÕES DE PROFESSORES EM PROCESSO DE FORMAÇÃO INICIAL

Rozana Ap. Lopes Messias (FCL-UNESP-Assis-Brasil)

romessias@assis.unesp.br

O ensino de línguas tem objetivado, nas últimas décadas, diversos estudos e reflexões de pesquisadores adeptos de diferentes correntes teóricas que observam, no contexto das atividades escolares, as mais variadas expressões da linguagem verbal (práticas de escrita, práticas de leitura, práticas de produção de textos orais, escuta de textos orais, ensino de gramática etc.). Nesse contexto, na condição de professora de Prática de Ensino de Línguas, procuro fazer com que os alunos, futuros professores, tenham uma visão crítica e condições para compreender e implementar, em suas aulas, práticas inovadoras e significativas para o ensino de Línguas. O ponto de partida para essa investida está na crença de que teoria e prática são indissociáveis e constituintes da ação pedagógica dos professores, mesmo que estes não se deem conta disso. Em tal consubstanciação, analisarei os processos de construção de sequências didáticas, com foco na elaboração de gêneros textuais para o ensino de LE, elaboradas por alunos do curso de Letras. As bases teóricas que alicerçam a produção de tais sequências estão atreladas à teoria dos gêneros textuais (BAKHTIN, 2002), nos referenciais para o ensino de língua portuguesa 5^a a 8^a séries (PCN, 1998) e em alguns estudos com vistas à transformação dos gêneros orais em conteúdo didático (CHNEUWLY, B. e DOLZ, 2004).

O QUE NOS ENSINA UM TEXTO ARTÍSTICO?

Linha de Pesquisa: Análise do Discurso (Foucault) – Estética da Existência

**Eliane Patrícia Grandini Serrano. FAAC – UNESP – Bauru –
patriciagrandini@faac.unesp.br**

Guiomar Josefina Biondo FAAC - UNESP – Bauru – guigui@faac.unesp.br

As obras que questionam a visualidade tem seu lastro entre outros autores, nos princípios de Michel Foucault. O autor se preocupa com discursos pronunciados em outras épocas sem modalidades de gêneros e suportes textuais diferentes; e ainda o modo como o discurso, em suas diferentes materializações afeta nossa maneira de pensar, ver, dizer e fazer no presente.

O sujeito leitor, intérprete do texto, tem uma cultura, a qual afeta tanto o processo de produção como o de recepção. Portanto os eixos da ontologia focadores são: ser-saber; ser-poder; ser-consigo, que englobam a estética da existência e não se separam, pois as produções centradas na produção visual disseminam modos de ver, pensar, fazer e dizer. Se para Foucault o tema central é o discurso e a produção do sujeito, pode-se afirmar que a questão principal é a visualidade, entendida como interpretação visual construída historicamente pelos sujeitos em diferentes épocas.

Nesta perspectiva Foucaultiana sobre o modo de trabalhar o discurso visual, a prática não é entendida como aplicação da teoria. Teoria e prática não são estanques e/ou compartimentadas; ambas podem ser vistas como “faces” de uma mesma moeda, por entender que o saber enseja um fazer e que o fazer desvela o saber.

A leitura da imagem não vê a interpretação desconectada de sentido, ela problematiza os modos de ver, dizer, agir e fazer a fim de fomentar uma educação capaz de formar sujeitos questionadores e criativos.

Esta comunicação se apóia na necessidade de se pensar sobre as dificuldades encontradas por alunos do ensino fundamental, médio e superior nas diferentes leituras a que são expostos no cotidiano escolar e social. Corroborando com a preocupação dos organizadores do evento, e ainda com os conceitos de Foucault, recorreremos também, como apêndice, a um artigo de Teixeira

Coelho “O que nos ensina uma obra de arte? Publicado no Jornal O Estado de São Paulo no dia 15/01/2011, sobre um livro do italiano Carlo Ginzburg “Investigando Piero (della Francesca)”, onde o autor enfoca várias questões: Quando e onde essas obras foram pintadas? Vão-se ater aos aspectos formais? Estilísticos? Ao texto como estrutura? À iconografia? Isso não contribuiria para o engessamento da obra? Não se ficaria no arcabouço? Nos andaimes? O que mais uma obra de arte cria, registra, além dos valores intrínsecos? E os extrínsecos, embora anacrônicos como lê-los? Assim estas questões serão discutidas sob o aspecto textual plástico da visibilidade, e do logos da legibilidade.

SUJEITO, ATO E ÉTICA: BAKHTIN E A AVALIAÇÃO ESCOLAR

Ismael Ferreira-Rosa (UFU/MG)
ismfero@gmail.com

Muito já se discutiu sobre a avaliação no contexto escolar, sobretudo no que se refere ao processo de ensino e aprendizagem de línguas. Inúmeros questionamentos, críticas, perspectivas já foram levantados. Não obstante a avaliação ser uma prática inerente ao homem as dimensões do que seja avaliar em línguas não têm sido claras na escola.

Constantemente confundida “medidação”, a avaliação parece sempre ser balizada pela lógica da mensuração. Mesmo que discussões tenham sido instauradas e se tenham apontados outros caminhos que não o mensurar, mas, por exemplo, o *circunstanciar*, o *julgar*, o *agenciar*, a prática do avaliar persiste em ser um procedimento mensurador, apesar de vários epítetos conceituais: *formadora*, *contínua*, *emancipatória*, *mediadora*, *dialógica* dentre outros.

Parece que essas várias discussões e instauração de “novos” conceitos sobre a avaliação não atingiram o objetivo de desconstrução da ideia mensurativa, reforçando um descompasso entre os nortes prerrogados pelas várias acepções de avaliação e a prática do avaliar. Um descompasso que constituirá o escopo analítico deste trabalho.

Assim temos por fito problematizar que antes da elaboração de pressupostos conceituais do que seja avaliação e avaliar em língua, é preciso que se atente aos baluartes constitutivos do ato de avaliar: o avaliador, o avaliado e o objeto de ensino e aprendizagem. Imperativo se faz levar em conta as concepções do que é sujeito, língua, aprendizagem, ensino, produção de sentidos.

De nada adianta prerrogar uma postura emancipatória, participativa e (re)formadora, se a língua, enquanto objeto de ensino e aprendizagem, é concebida como um sistema autônomo, regido por regras e normas imanentes e inerentes a sua estrutura, cuja apreensão de seu funcionamento sistêmico-estrutural e descrição por meio de metatermos constituem o escopo de seu ensinar e aprende. Como também é em vão postular uma avaliação em línguas pautada na mediação contínua e interventora se o processo desse ensinar e aprender é balizado por um viés transmissivo-passivo e extremamente metalinguístico, cujo objetivo seja o uso correto e exímio dessa língua por um sujeito aluno que nada sabe e que, portanto, deve aprender a descrever o funcionamento para então usá-la conscientemente de forma plena.

Creemos ser preciso repensar a noção de sujeito e língua no que diz respeito ao ato de avaliar em línguas. Para tanto, embasar-nos-emos nas noções bakhtianas de sujeito, língua,

ato e ética, para empreendermos a algumas elucubrações sobre a avaliação escolar, alvitando uma abertura ética neste espaço, em que exista um sujeito responsivo, responsável e criativo.

Palavras-chaves: avaliação, sujeito, língua, ética, ato.

CECÍLIA MEIRELES E OS *PROBLEMAS DA LITERATURA INFANTIL*: A ESCRITORA, A OBRA E O CAMPO LITERÁRIO À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO

Isis Cristina Ramanzini (PUC-SP/ Brasil - Grupo Atelier/ CNPq)
Isis_ramanzini@hotmail.com

RESUMO

Publicado em 1951, o livro *Problemas da Literatura Infantil*, de Cecília Meireles originou-se de três conferências proferidas pela autora. Para abordar os temas mais abrangentes da obra, não analisaremos isoladamente seus dezenove capítulos, por entender que há uma ligação interdiscursiva que os perpassa. Nesse sentido, pretendemos considerar também, a maneira particular como a escritora se relaciona com as condições de exercício da literatura infantil de sua época. Assim sendo, a pesquisa aqui proposta pauta-se, na distinção entre literatura geral e literatura infantil, assim como na caracterização desta.

A paratopia é a fonte criadora que se revela na obra literária, apreendida aqui como enunciação no âmbito do discurso literário. Para produzir enunciados reconhecidos como literários, Cecília Meireles teve que apresentar-se como escritora, definindo-se com relação às representações e aos comportamentos associados a essa condição tal qual era concebida na época.

Assim sendo, o objetivo desta pesquisa é, mediante a análise do discurso francesa, explicar os *Problemas de literatura infantil*, de acordo com o conceito de paratopia, de bio/grafia, de gênero e de posicionamento, a fim de caracterizar, ao mesmo tempo, as condições de produção da literatura infantil na época e a singular trajetória de vida da autora.

Para atingir o objetivo propostos, lançamos mão do referencial teórico que contempla a orientação que Dominique Maingueneau (2001, 2006, 2008) propõe, numa linha histórico-social. A delimitação do corpus de análise leva em conta a caracterização da literatura infantil, na

perspectiva dos *Problemas da literatura infantil*, as publicações que fazem referência a essa obra e às propostas da AD francesa que possam ser relacionadas com literatura infantil. O trabalho metodológico, analítico e interpretativo dar-se-á mediante reflexão e diálogo com os pontos problematizados no presente estudo. Assim, poderemos descrever, recuperar e analisar os interdiscursos que perpassam os *Problemas da literatura infantil*, levando em consideração os conceitos desenvolvidos por Dominique Maingueneau e as contribuições acerca do contexto da época e dos questionamentos referentes à literatura infantil.

Os resultados até agora obtidos permitem, embora parcialmente, contribuir com a organização da fortuna crítica da autora, posto que as referências às publicações resultantes de suas conferências estão ainda dispersas. Da mesma forma, fundamentamos, em parte, a compreensão do palco de conflitos da vida da autora, a trajetória da sua carreira e a construção da sua imagem pública. À luz desses resultados preliminares, divisamos uma nova diretriz para revelar o livro infantil apreendido como uma manifestação ancorada a uma atividade enunciativa, regida por uma legitimidade social. Destarte, esta pesquisa poderá explicar a esfera de circulação desse livro de Cecília Meireles em relação às demais obras da autora. Poderá também projetar a atualidade das teses da escritora, instaurando novos interlocutores. Esperamos contribuir com o trabalho do professor do Ensino Fundamental que precisa levar o aluno a ler e interpretar textos literários, enquanto práticas discursivas.

Palavras- chave: análise do discurso francesa, literatura infantil, Cecília Meireles, paratopia, campo literário e práticas discursivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Trad: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial. *Genèses du discours*. Paris: Pierre Mardaga, 1984/2008.

_____. *Discurso literário*. Trad. Adail Sobral. São Paulo, Contexto. *Le discours littéraire*. Paris: Armand Colin, 2005/2006.

_____. *O contexto da obra literária*. Trad: Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes: São Paulo. *Le contexte de l'ouvre littéraire: énonciation, écrivain, société*. Paris: Dunod, 1993/ 2001.

MEIRELES, C. *Problemas da literatura infantil*. 1.ed. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1951.

_____. *Problemas da literatura infantil*. 2.ed. São Paulo: Summus, 1979.

_____. *Problemas da Literatura Infantil*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

MORAES, José Damiro de. *Signatárias do manifesto de 1932: trajetória e dilemas*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação, 2007.

PÉCAUT, D. *Os intelectuais e a política no Brasil. Entre o povo e a nação*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

Cristina Vaz Duarte

(Centro de Estudos de Línguas - CEL -UNICAMP -Campinas-São Paulo.Brasil.)
cristina.vaz-duarte@uol.com.br

Nathalie Sarraute é a autora dos **movimentos tropísticos** que designam “reações psicológicas elementares, pouco passíveis de expressão”. A **forma literária** dos seus romances emana da matéria do próprio romance. “Tropismo” vem da palavra grega “tropê” que significa “mudança de direção”. Podemos dizer que Nathalie Sarraute opera uma verdadeira mudança de direção, inovando a forma do romance. Os movimentos tropísticos permitiram a ela inovar a forma romanesca, abolindo as categorias tradicionais da narrativa como “narrador”, “personagem” e “intriga”, discutindo relações entre o autor e a obra ou ainda entre o leitor e o texto. Cada escritor, afirma Nathalie Sarraute, deve procurar uma forma literária nova, única, a fim de se inscrever na história da literatura. Para compreender o seu posicionamento quanto à necessidade do escritor encontrar essa forma singular, é preciso entender o que a forma literária representa de específico para Sarraute, nas suas relações com os movimentos tropísticos.

Apresentaremos neste trabalho a sua obra em função da especificidade da forma literária dos seus romances. Abordaremos três textos de *Tropismes* (1939) e também três de *Ouvrez* (1997), para entendermos as relações entre os movimentos tropísticos e a forma literária na perspectiva da **semiótica das instâncias**, elaborada por Jean-Claude Coquet na década de 80, na França, a partir das relações de reciprocidade entre fenomenologia, linguística, e literatura. Sua teoria semiótica, também denominada subjetal, discursiva e do contínuo, e considerada promissora por A.-J. Greimas, citada em seu dicionário, complementa a semiótica de Greimas - objetal, narrativa, do descontínuo e voltada às entranhas do texto -, oferecendo maiores oportunidades aos pesquisadores. A semiótica das instâncias permitirá refletir sobre a forma literária enquanto figura de uma *força imanente*, com uma vertente *singular* na medida em que ela depende das percepções específicas de cada escritor e com uma vertente *plural*, ou seja, universal, enquanto *força da Natureza* ou *força transcendente*, que tem a sua origem no *corpo próprio*. A forma literária como figura de uma *força imanente* impossibilita a descontinuidade entre leitor/autor e entre real/ficção, permitindo ao *não-sujeito* evoluir no campo das experiências sensíveis e tensivas, retomadas pelo sujeito no processo da escrita, na perspectiva de uma relação de alternância entre o *sujeito* e o *não-sujeito* inerente a todos os seres humanos.

Palavras-chave: Semiótica das Instâncias; Nathalie Sarraute; tropismo; discurso; texto.

O PODER DAS PROPAGANDAS DE CERVEJA SOBRE AS PRÁTICAS SOCIAIS

Débora Sousa MARTINS

Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística- Faculdade de Letras

Universidade Federal de Goiás - GO/Brasil

deboraesporte@hotmail.com

Sampaio (2003) afirma que todos os integrantes das modernas sociedades do consumo são influenciados pelas propagandas publicitárias. Assim sendo, é um gênero discursivo que influencia, seduz os sentidos, fala ao inconsciente e incita novas ações no público receptor. É nesse contexto que as propagandas de cerveja veiculadas, em especial, na televisão são textos que buscam criar um clima de intimidade e de confiança com o consumidor a fim de promover a venda do produto. (BAUDRILLARD, 2002). Estes enunciados, por sua vez, exercem forte interferência na vida das pessoas. Há uma relação de poder do discurso da propaganda no discurso do Outro, que se torna possível por meio dos ícones que são difundidos durante o anúncio, como, por exemplo, a presença marcante da figura feminina. Segundo Gregolin (2007), os discursos que circulam na mídia são práticas discursivas que constituem verdadeiros dispositivos de identidades. E recorremos aos estudos de Michel Foucault (1979, 1926-1984), para falarmos dessa relação de saber da publicidade que leva ao poder de interferir na historicidade do sujeito. O poder não é da ordem do consentimento, mas é um conjunto de ações que age no comportamento do sujeito, que afeta as práticas sociais, atua sobre o corpo, direta ou indiretamente, dos indivíduos. Haja vista que o poder se ramifica em diversas práticas, o que pode ser expresso como um micro-poder, o que gera uma teia de poderes que conduz a sociedade por meio do saber. O poder, desse modo, não está localizado em nenhum ponto específico da estrutura social. Mas essas relações de poder se tornam possíveis a partir das estratégias, dos mecanismos operados para fazer funcionar ou para manter esse saber que circula e funciona como verdade. Nesse sentido é que objetivamos analisar quais são as estratégias e quais são os efeitos de poder produzidos pelas propagandas de cerveja, principalmente as anunciadas na televisão. Para tanto, nos pautaremos, sobretudo nas teorias foucaultianas.

O PLURILINGUISMO EM AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA *ONLINE*

Silvia Fernanda Corrêa
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo
São Paulo – Brasil
silvia.fecorrea@usp.br

Nesta comunicação, o objetivo é explicitar a presença de um tenso plurilinguismo constitutivo da aula *online*, o que acaba gerando dificuldades significativas no processo de leitura e de compreensão de textos apresentados em materiais didáticos de língua portuguesa.

Este trabalho faz parte de uma pesquisa de Mestrado em andamento com *corpus* coletado em aulas de Português para alunos de graduação de uma Instituição de Ensino Superior (IES) da rede particular, ministrada pela Internet. Para essa apresentação, o objeto selecionado foi a primeira unidade de conteúdo apresentada no *Blackboard* (ambiente virtual de aprendizagem), Níveis de Linguagem.

Tomando como fundamentação teórica os conceitos de plurilinguismo, língua, linguagem, texto e gênero do discurso de Bakhtin e o Círculo, a análise buscará a especificidade das aulas de Língua Portuguesa *online* em IES considerando suas esferas de produção, circulação e recepção. Alguns conceitos da Sociolinguística como variação linguística e níveis de linguagem permitirão aprofundar a análise da unidade em foco.

Três questões de pesquisa norteiam esta análise: Como as aulas de Língua Portuguesa *online* estão organizadas em termos composicionais na IES pesquisada? Que conteúdos de Língua Portuguesa são selecionados para compor a aula *online*? Como o plurilinguismo constitutivo dessas aulas *online* se articula na tentativa de formar um todo coerente?

A partir da concepção teórico-metodológica de linha dialógica do discurso, a descrição do objeto identificou que o eixo organizador da aula *online* é o “conteúdo teórico”, elaborado por um profissional de Língua Portuguesa; as seis outras atividades didáticas presentes na página *online* da unidade (situação motivacional, apresentação de slides, atividades, leituras complementares, propostas de interação etc.) são em parte elaboradas por outros profissionais em forma de textos verbo-visuais. Esse processo de produção da aula *online* envolve uma autoria construída com profissionais de diferentes áreas do conhecimento, de forma que esse plurilinguismo de vozes resulta, neste caso, na concepção de uma aula

online sem coesão entre os diferentes propostas didáticas, que vão da exposição teórica para uma visita ao Youtube, sem explicitar as possíveis relações de sentido.

GOSTO PELA LEITURA: DESENVOLVIMENTO DE ESTRATÉGIAS PARA ALUNOS DE TERAPIA OCUPACIONAL

Cristina Yoshie TOYODA
Andréa Rizzo dos Santos Bottger GIARDINETTO
Curso de Terapia Ocupacional, Departamento de Educação Especial,
UNESP *Campus* de Marília, SP – Brasil
crisoyoda@gmail.com
andreagiard@marilia.unesp.br

Um dos desafios do docente universitário é o de promover o gosto pela leitura entre seu alunado. Para os alunos do Curso de Terapia Ocupacional, mais especificamente do 4º ano, que é o último ano do curso, este desafio é uma tarefa hercúlea, uma vez que a grade de estágio não permite uma flexibilização de horários que devem ser rigorosamente cumpridos. E para que a carga horária e os 13 locais de estágio sejam, de fato, efetivados, os alunos permanecem 6 semanas em cada local, com uma carga horária semanal média de 12 horas. Cada local de estágio tem uma programação e exigências próprias, além do atendimento à clientela. O presente relato de experiência narra as vivências de duas docentes que atuam em contexto hospitalar. Um dos locais de estágio é numa enfermaria de internação de pacientes pós-Acidente Vascular Encefálico(AVE) adultos e idosos, mais conhecido popularmente como “derrame”, em um hospital universitário privado. No início do estágio detectou-se que os estudantes tinham pouco conhecimento sobre AVE. Na tentativa de melhorar o déficit de aprendizagem, foi programada uma série de textos, com conteúdo específico. Cada aluno ficou encarregado de ler um determinado material teórico e apresentar, na semana seguinte, a seus colegas de estágio. Verificou-se que os alunos não conseguiam cumprir as tarefas solicitadas. O estratagema adotado foi o de efetuar as leituras durante o horário de estágio, reservando 1h30 para leitura, resenha e apresentação do texto para os seus colegas. A leitura era realizada individualmente ou em duplas, com um tema comum que abrangia o conteúdo a ser desenvolvido. No outro local de estágio, os estagiários ficam na enfermaria pediátrica, na UTINEonatal e no Ambulatório de Follow-up, e a docente sentiu a mesma dificuldade em relação ao processo de leitura, assimilação, reflexão e síntese dos alunos. A estratégia utilizada foi a indicação de leituras de artigos relacionados aos problemas encontrados com os pacientes desses respectivos setores do hospital e a preparação de resenhas com apresentação oral para o grupo de alunos e para a supervisora, durante a supervisão semanal. Ao mesmo tempo em que o aluno apresentava a resenha, relacionava o que tinha lido com os

casos atendidos e trazia para a discussão a experiência vivida e a teoria adquirida através da leitura dos artigos. Pode-se sentir que estas estratégias fizeram os alunos se interessarem mais pelas leituras e pelo processo de reflexão, pois aproximava a teoria de sua prática profissional.

PRÁTICAS DISCURSIVAS EM INTERAÇÕES DE TELETANDEM PORTUGUÊS – ESPAÑHOL

Kelly Cristiane Henschel Pobbe de Carvalho (FCL/UNESP – SP – Brasil);

kellychpc@terra.com.br

As ideias do Círculo de Bakhtin têm sido, nos últimos anos, amplamente discutidas e relacionadas ao ensino de línguas estrangeiras. A partir das lições bakhtinianas, a Linguística Aplicada passa a não apenas rever a concepção tradicional de língua, como também o enfoque metodológico e as práticas pedagógicas decorrentes. Tais noções introduzem implicações teórico-práticas relevantes; no caso específico do ensino de espanhol a brasileiros, essas noções favorecem a superação do mito “língua fácil” (BONNET VILLALBA, 2010), ao focar a língua como discurso que se atualiza em situações sociais concretas, cujos “enunciados têm conteúdo temático, organização composicional e estilos próprios correlacionados às condições específicas e às finalidades de cada esfera da atividade humana” (FARACO, 2001, cit. BONNET VILLALBA, 2010, p. 85). Significa dizer que o português e o espanhol são línguas distintas porque seus usuários são povos distintos que percorreram trajetórias históricas distintas, embora em muitos momentos tenham compartilhado experiências linguísticas e extralinguísticas. Seguindo esta orientação, como professora de língua espanhola, num contexto de formação docente, me interessa estimular, promover e, ao mesmo tempo, observar contextos que sejam coerentes com essa nova proposta. Neste trabalho, analiso as contribuições do Teletandem como contexto de desenvolvimento de práticas discursivas a alunos de língua espanhola, em um curso de formação de professores de espanhol. Trata-se o Teletandem de um contexto virtual e colaborativo de aprendizagem no qual, mediante o uso de ferramentas de mensagem instantânea (*MSN, OoVoo, Skype*), indivíduos nativos de diferentes línguas trabalham de forma colaborativa para aprender a língua do outro; cada uno se torna, portanto, aprendiz da língua estrangeira e tutor de sua própria língua (Cziko & Park, 2003, *apud* http://www.teletandembrasil.org/site/docs/TELETANDEM_BRASIL_completo.pdf). Para tanto, utilizo gravações de sessões em *chat* e tarefas resultantes das interações, neste ambiente, entre alunos brasileiros e uruguaios. Tais interações integram um projeto de colaboração desenvolvido entre um grupo de alunos de língua espanhola da FCL – UNESP /Assis e alunos de português da *Universidad Técnica del Trabajo* – UTU/Uruguai. A abordagem metodológica para coleta e análise dos dados está vinculada à hipótese da pesquisa qualitativa de caráter interpretativista.

ENUNCIADO E SUJEITO EM JORNAIS E REVISTAS DO SÉCULO XIX

Raquel Juliana Prado Leite de SOUSA

Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

Universidade Federal de São Carlos, SP, Brasil

quel_prado@yahoo.com.br

Nádea Regina GASPAR (Ori.)

Programa de Pós-graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

Universidade Federal de São Carlos, SP, Brasil

nagaspar@terra.com.br

Investigou-se, à luz da teoria do discurso de Michel de Foucault, mais especificamente de sua fase arqueológica, a constituição do sujeito feminino em revistas e jornais femininos do século XIX, por meio do entendimento sobre as noções de “enunciado” e “sujeito”, pretendendo-se entender os discursos sobre as mulheres, para a construção e a representação de identidades. As análises enunciativas foram feitas em textos jornalísticos escritos por homens, em sua maioria anônimos ou pseudônimos, como “Marmota Fluminense”, “Semana Ilustrada”, “O Binóculo”, “O Espelho” e “A Primavera”. Posteriormente, pesquisaram-se enunciados em publicações editadas e assinadas por mulheres, como “A Mensageira”, “O Sexo Feminino”, “O Quinze de Novembro do Sexo Feminino”, “A Família”, “Belo Sexo” e “O Jornal das Senhoras”. A análise das materialidades do arquivo discursivo se deu através de poesias, crônicas, notas sobre moda, artigos, imagens etc. Foi feita uma contextualização histórica da ascensão da mulher na sociedade brasileira do século XIX, em especial do feminismo no Brasil, instaurado àquela época, a fim de investigar as origens e o percurso de então sobre esse discurso. Foram observados dois processos de constituição do indivíduo: a) objetivação: aparece nos enunciados sobre “educação e comportamento”, que exaltam os papéis de filha, esposa, mãe e consumidoras de moda e literatura, à imagem da heroína idealizada pelo Romantismo, a mulher branca, de bons modos, bonita, religiosa e centrada na vida doméstica; b) subjetivação: que prende a mulher a uma identidade que ela mesma atribui como própria, em que se percebem as relações de dominação masculina que visam a constituir o sujeito feminino. Dentro dessa mesma malha de poder, aparecem também relações de resistência, advindas de saberes oriundos do feminismo, observados em jornais e revistas

editados por mulheres, revelados nos enunciados sobre “educação e comportamento” e “profissão”, que aparecem em publicações sobre o direito feminino de frequentar escolas, bem como ingressar no mercado de trabalho como meio de realização pessoal e geração de renda. Os enunciados sobre “voto feminino” enfatizam um discurso mais feminista, pois se baseiam no princípio da igualdade para constituir uma mulher capaz de escolher seus legisladores. Tais discursos procuram constituir um novo sujeito feminino, à medida que buscam convencer os leitores da igualdade entre os sexos. Constatou-se uma heterogeneidade discursiva ligada à dispersão entre o sujeito enunciado nos discursos masculinos e aquele mostrado pelas publicações assinadas por mulheres, indicando para enunciados que dizem respeito à constituição da identidade da mulher brasileira no século XIX.

A FAMÍLIA FELIZ E “EU”

Aline de Moura MATTOS - Mestranda do PPG em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil - line_mattos@yahoo.com.br

Angélica Cristina Rivelini da SILVA - Mestranda do PPG em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil - angelicah9@net21.com.br

Linimar Aguiar FERNANDES - Especializado em Química do Cotidiano da Escola pela Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil linimar@hotmail.com

Moisés Alves de OLIVEIRA - Professor adjunto do Departamento de Química e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil – moises@uel.br

Enquanto dirigimos pela cidade freqüentemente nos deparamos com veículos decorados com adesivos representando as famílias. Podemos observar imagens de pai, mãe, filhos, bebês e bichinhos de estimação. Vale tanto para famílias tradicionais, homossexuais, para casais que se separaram e casaram novamente, mães solteiras, casais sem filhos e namorados. Mas por que representar as famílias nos veículos? O que querem com isso? O que levam as pessoas a utilizarem esses recursos visuais? Para responder essas e outras questões, optamos por fazer uma pesquisa de campo, com donos de carros com e sem o adesivo. Pensando no mundo em que vivemos, onde as mudanças e transformações parecem ter se tornado a regra, podemos dizer que, com as novas tecnologias, as informações são acessadas a uma velocidade incrível, e isto interfere na forma como pensamos e entendemos o mundo e a sociedade. As novas tecnologias alteraram significativamente os conceitos de tempo e espaço e mudaram a consciência popular. Vivemos em mundos crescentemente múltiplos e virtuais. É, especialmente, aqui, que as revoluções da cultura em nível global causam impacto sobre os modos de viver, sobre o sentido que as pessoas dão à vida, sobre suas aspirações para o futuro e sobre as suas identidades. Entendemos as pessoas como múltiplas, constituídas de várias identidades, sujeitos de identidades transitórias e contingentes. Portanto, as identidades familiares, como todas as outras, têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural. Analisar o discurso dos adeptos do uso dos adesivos mostra que representar a família nos da a esperança de fixar a sua existência, porque já não é mais possível fixá-la de outra forma.

POLIFONIA, CARNAVALIZAÇÃO E PARÓDIA NA “TEORIA DO MEDALHÃO” DE MACHADO DE ASSIS

Daniela Mantarro Callipo
(Docente UNESP/Assis)
e-mail: callipo@assis.unesp.br

RESUMO: Em “Teoria do Medalhão”, escrito por Machado de Assis em 1881, um pai zeloso resolve dar bons conselhos a seu filho que acaba de completar vinte e um anos. Servindo-se de um discurso pertencente à ideologia oficial do oitocentos; ou seja, aquela instituída pela hegemonia dominante, o pai sugere ao filho que abandone seus ideais, utilizando máscaras e anulando seus pensamentos e gostos, a fim de se tornar um verdadeiro Medalhão. O diálogo que se estabelece entre ambos é permeado de ironia e humor, pois o pai faz um discurso aparentemente sábio, mas que, na realidade, é vazio e tolo, levando a pensar nas noções de paródia e carnavalização de Bakhtin. Além disso, ao construir seu conto em forma de diálogo, Machado de Assis transfere a palavra às personagens, num cruzamento de vozes que caracteriza a “Teoria do Medalhão” como obra polifônica. Este trabalho visa, portanto, fazer uma leitura bakhtiniana do conto machadiano.

PALAVRAS-CHAVE: conto machadiano, polifonia, carnavalização, paródia, Bakhtin

Linha de pesquisa: Análise do Discurso (Bakhtin)

Coordenadoras: Luciane de Paula (UNESP) Grenissa Stafuzza (UFG)

**SUJEITO DO DISCURSO E FUNÇÃO ENUNCIATIVA:
DO DISCURSO ICONOGRÁFICO À FORMULAÇÃO
DO ENUNCIADO-LEGENDA**

Aline DEOSTI (Administração – UNESPAR / Letras – UEM – Paraná - Brasil)

deostialine@hotmail.com

CAPES

Ismara Eliane Vidal de Souza TASSO (Letras – UEM – Paraná – Brasil)

tassojs@terra.com.br

A função enunciativa, constituída por quatro domínios - *o referencial*, um princípio de diferenciação que aponta para algo possível de ser identificado, *o sujeito*, uma posição a ser ocupada, sob certas condições, por indivíduos diferentes, *o campo associado*, um domínio de coexistência, e a *materialidade*, um *status*, com possibilidades de permanecerem para uma eventual reutilização - determina as condições de realidade e de emergência do enunciado. A descrição desses domínios que a função enunciativa pressupõe demarca, para um conjunto de enunciados, de que modo existem e revelam a maneira pela qual se organiza o nível enunciativo e as leis de coexistência dos enunciados. Tendo isso em vista e fundamentados nos princípios teóricos da arqueologia foucaultiana, temos o objetivo de demonstrar nesta comunicação, pelo exercício da função enunciativa, a constituição do sujeito do discurso em enunciados-legenda que compõem o Banco de Dados Iconográficos do Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-história da Universidade Estadual de Maringá, no Paraná. Delinearemos, assim, as três noções que se referem à formação de posições subjetivas do sujeito do discurso a fim de compreender a emergência de certos enunciados verbais no sobredito banco de dados iconográficos. Dessa forma, para descrever esse lugar determinado e ao mesmo tempo vazio que pode ser ocupado por indivíduos diferentes, valemo-nos da proposta foucaultiana sobre a formulação das modalidades enunciativas, cuja constituição é determinada por três noções: o *status* de quem tem o direito a pronunciar o enunciado, os lugares institucionais de onde o sujeito enunciativo obtém seu discurso e as posições sujeito que se definem pela situação que lhes são possíveis ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos. Sob tal perspectiva, as diversas modalidades da enunciação constituintes do sujeito do discurso estabelecem a relação de diferentes elementos que no jogo das práticas discursivas vão determinar não a unidade do sujeito enunciativo do discurso, mas

sua dispersão, a descontinuidade dos planos de onde fala. Esse jogo discursivo entre vários *status*, múltiplos lugares institucionais e diversas posições que o sujeito do discurso pode ocupar, ao enunciar a legenda fotográfica, determinam por que aparecem uns enunciados e não outros em seus lugares.

Palavras-chave: Discurso, Arqueologia, Função enunciativa, Sujeito.

Simpósio

Coordenadoras: Viviane M. Heberle (UFSC/CNPq)

Denize Elena Garcia da Silva (UnB)

Análise crítica do discurso: articulando reflexões teóricas e aplicações em pesquisas

Atualmente, podem-se observar diferentes vertentes da Análise Crítica do Discurso (ACD) em instituições nacionais e internacionais. Entretanto, independentemente das abordagens, no Brasil a ACD (especialmente a vertente de Fairclough, 1992; 2003) já se consolidou como aparato teórico-metodológico multidisciplinar na área de Linguística e Letras e áreas correlatas das Ciências Humanas e Sociais para a investigação de práticas discursivas e sociais no mundo contemporâneo, principalmente em relação a questões de poder, identidade, ideologias e/ou (des)igualdades socioculturais. Focos de interesse da ACD incluem textos (orais, escritos e multimodais) da mídia, da educação, de ambientes profissionais ou de interações informais em outros contextos sociais. Assim, este simpósio tem por objetivo promover o encontro de pesquisadores cujas investigações baseiam-se em princípios da ACD para que possam divulgar seus estudos, trocar experiências, ampliar o conhecimento e fomentar o intercâmbio e cooperação interinstitucional, através da discussão de questões teóricas, metodológicas e de aplicações da ACD em suas pesquisas.

AFIRMANDO IDENTIDADE: A CONSTRUÇÃO DOS SIGNOS ‘FAMÍLIA FELIZ’

Linimar Aguiar Fernandes¹; Aline de Moura Mattos²; Angélica Cristina Rivelini da Silva²; Moisés Alves de Oliveira³

¹ Especializado em Química do Cotidiano da Escola pela Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil – linimar@hotmail.com

² Mestrandas do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil - line_mattos@yahoo.com.br / angelicah9@net21.com.br

³ Professor adjunto do Departamento de Química e do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil – moises@uel.br

Fundamentando-se nos conceitos da semiótica, esse trabalho fará uma relação entre significado e significante, abordando a linguagem simbólica e trazendo uma discussão sobre os efeitos e causas que um “simples” símbolo pode gerar. O símbolo a ser comentado é o “Família Feliz”, figuras que se costumam adesivar nas traseiras dos automóveis, que mostram os membros de uma família, pessoas que, de certa forma, buscam uma forma de afirmarem sua identidade familiar num meio social tão mutável. A representação específica para cada símbolo pode surgir como resultado de um processo natural ou pode ser convencionalizada de modo a que o receptor consiga fazer a interpretação do seu significado implícito e atribuir-lhe determinada conotação. A mudança radical de nossas estruturas tradicionais e o advento dos modelos familiar contemporâneo nos faz repensar sobre os velhos conceitos que costumam cercar nossos discursos, a problemática encontrada em meio a grandes e velozes mudanças tecnológicas que refletem direta ou indiretamente em nossos comportamentos sociais, culturais, religiosos e étnicos. Sob o olhar dos estudos culturais, faremos uma reflexão desde uma simples representação do signo familiar (adesivo colado nas traseiras dos carros), a todo o processo de funcionamento, arranjo e organização para que uma família possa visitar o pai, preso na CCL (Casa de Custódia de Londrina) estado do Paraná. A descrição passo a passo de todas as etapas necessárias que a família do preso Antonio tem que passar até o real encontro do significado “Família Feliz” volta a se completar e dar mais significância ao signo. Por fim observaremos a ação do arquétipo responsável por padrões e tendências do comportamento comum atuando no signo, em que cada sujeito absorve para si mesmo a representação que mais se assemelha ao mundo e cultura que está inserido.

O POLÍTICO EM SÃO CARLOS: UM ESTUDO DAS IMAGENS DE SI NO DISCURSO DOS CANDIDATOS A PREFEITO DAS ELEIÇÕES 2008

Renata de Oliveira Carreon
PPGL – UFSCar (SP)
renatacarreon@gmail.com

O discurso político tem sido amplamente estudado não só pela Ciência Política, mas pelas mais diversas vertentes das Ciências da Linguagem e, sobretudo, pelo domínio da Análise do Discurso de orientação francesa. Inúmeros trabalhos têm se debruçado sobre essa problemática no Brasil, como Freda Indursky (1997) e Mónica Zoppi-Fontana (1997). Todavia, poucos são os trabalhos que buscaram compreender como os candidatos a cargos políticos, sobretudo de cidades menos populosas, constroem por meio de seus discursos um conjunto de imagens de si. Neste trabalho, tomamos como objeto os discursos produzidos pelos candidatos a prefeito de São Carlos nas eleições municipais de 2008 com o objetivo de verificar como esses candidatos constroem os olhares sobre si nos seus discursos políticos. Como *corpus*, foram mobilizadas as falas dos cinco candidatos a prefeito em diferentes situações enunciativas: entrevista na EPTV; debate da EPTV, entrevista na Rádio da UFSCar e vídeos do *YouTube*.

Todo ato de tomar a palavra implica na constituição de uma imagem de si, seja ela proposital ou não. A representação que o sujeito faz de si por meio do seu discurso integra o conceito de *ethos*. Conceito este que por muitos anos foi rotulado como pertencente a um *corpus* retórico, mas que recentemente tem despertado grande interesse nas disciplinas que estudam o discurso.

Assim, temos como pergunta norteadora da pesquisa *como se dá a construção do ethos no discurso político?* Questão que, na tentativa de respondê-la, levantamos muitas outras: como ocorre a adesão do eleitorado a essa imagem do ator político? A que cenografias os fiadores recorreram para legitimar seu discurso? Elas divergem em cenas genéricas distintas? O povo tende a aderir mais a um *ethos* do que a outro? E, continuando o diálogo entre os muitos conceitos de *ethos*: a imagem de si é intencional ou está ligada à exterioridade constitutiva do discurso?

Portanto, acreditamos que a principal contribuição do nosso projeto seja a de pensar as relações entre os discursos políticos. No Brasil há diversos trabalhos sobre essa temática. Mas cremos que com esse tipo de abordagem, que estuda “figuras menos

nobres” do cenário político nacional, poderemos contribuir mesmo que minimamente para o avanço dos estudos discursivos no tocante aos discursos políticos.

PERFIS BIOGRÁFICOS EM TELEVISÃO: RECONFIGURAÇÃO DE GÊNERO E SINCRETISMO DE LINGUAGENS

Oswaldo Alves de Brito Júnior

Professor Rede Municipal de Educação de São Paulo/SP – Brasil

aldodebrito@yahoo.com.br

É inegável o papel que as mídias eletrônico-digitais desempenham na sociedade atual. Estas são herdeiras da tradição, num processo de desenvolvimento tecnológico que perpassa os crivos social, histórico e cultural. Deste modo, absorvem e reelaboram usos da linguagem e gêneros que lhes antecederam. O crescente interesse pelo discurso biográfico pode ser constatado levando-se em conta a quantidade expressiva de biografias em livros, bem como de perfis em jornais e revistas, que são publicados e veiculados por suportes impressos; assim, também a televisão não permanece indiferente a esse fenômeno. Convergente com as dinâmicas dos processos comunicativos na contemporaneidade, em que à veiculação dos textos é seguida por anúncios publicitários, a dimensão espaço-temporal é utilizada como dupla resposta: contra o consumismo desenfreado e, a favor da propagação de cultura. Linguagem e ideologia estão manifestadas no discurso. Faz-se, portanto, pertinente a análise desses perfis biográficos, aquém e além da materialidade lingüística, que no caso em questão é audiovisual e hipertextual. Com o surgimento da televisão os gêneros que a antecederam e, até mesmo, as formas e usos da linguagem por outros meios foram ressignificados, num processo de desenvolvimento tecnológico que inevitavelmente atingiu as formas de agir do homem na sociedade via interação verbal. Ao contrário das propagandas usualmente difundidas, existindo a mínima diferença entre os diferentes canais de TV, uma vez que são concebidas e produzidas nas agências de publicidade, *Cultura no intervalo* diz respeito à produção de perfis biográficos planejados e difundidos pela própria rede televisiva. Vale ressaltar, que a mesma, atualmente, se consolida como “TV Cultura, modelo de TV pública no Brasil”, sendo este o seu *slogan*. Com a proposta de digitalização de seu acervo, a emissora expandiu *Cultura no Intervalo* da tela do aparelho televisor para a tela do computador. Disponíveis no *site*, os referidos perfis biográficos perfazem não somente textos televisivos, cuja materialidade é audiovisual, mas por meio de um deslocamento, de uma reconfiguração, na página da internet obtém o estatuto de hipertexto. É pois, acerca desse material audiovisual e hipertextual que o presente trabalho se propõe na análise do discurso biográfico no conjunto dos perfis em questão à luz da semiótica de base greimasiana. Para

tanto, o conceito de gênero será abordado em uma abordagem semiótica refletindo o sincretismo de linguagens a fim de sistematizar cientificamente e apreender a geração do sentido nas diferentes formas de manifestar a significação.

ANÁLISE DE DISCURSOS PUBLICITÁRIOS DE AUTOMÓVEIS: AS VOZES DISCURSIVAS NA FORMULAÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO

Vânia da Silva (Bacharel em Estudos da Linguagem – UEL/PR)

vânia.lettras@yahoo.com.br

O discurso publicitário, enquanto discurso midiático em que se inscrevem as ideologias vigentes na sociedade, apresenta diferentes vozes ideológicas que significam lacunas, efeitos de sentidos explícitos, implícitos, figurativizados ou silenciados pelas condições de produção de onde enunciam os sujeitos discursivos e pelas quais são interpelados a enunciarem posicionamentos da opinião pública. Inúmeras vezes, significam as relações de gênero, de lugares do senso comum, de valores identitários marcados por estereótipos que promovem o lugar do feminino a partir de uma cultura masculinizada e sexista (BOURDIEU, 2003). Assim, acabam por constituir um acontecimento discursivo que, embora assunto já veiculado nos meios de comunicação, está sempre a abrir novos sentidos, num movimento de deslocamento discursivo e ideológico. Deste modo, as identidades são constituídas, entre a repetição, a desconfiguração, o distanciamento e a própria identificação das posições-sujeitos e dos lugares ideológicos nos quais materializam-se a heterogeneidade dos sujeitos. Um lugar em que o eu e o outro constituem sujeitos de linguagem. Ainda que objetivem convencer o interlocutor a realizar a aquisição de produtos, os discursos publicitários visam, inicialmente, à identificação dos produtos vendidos com o sujeito consumidor. É deste lugar que os valores identitários são modificados ou reafirmados. Neste trabalho, procuramos, a partir da Análise do Discurso francesa (PÊCHEUX, 1990, 1997 e 2009), sobretudo dos conceitos de sujeito, condições de produção, memória discursiva, efeitos de sentido e interdiscursividade, de estudos antropológicos (BEAVOUIR, 1970; BUTLER, 2003; DEVEREUX, 1990; FLAX, 1991) e da publicidade (CARVALHO, 1996; CITELLIA, 2004) analisar três peças publicitárias da fabricante de veículos automotivos Volkswagen (1960; 2010 e 2010) que, embora não enunciem a mulher, cristalizam sentidos da instituição familiar e das relações amorosas, portanto, dos gêneros masculino e feminino. Por meio destes discursos, objetiva-se comparar, descrever e analisar, a partir das condições de produção determinadas, como se constituem a identidade feminina e masculina, bem como reconhecer as diferentes vozes que permeiam os discursos analisados, assim as formações ideológicas a que estão associados. Assim, poder-se-á identificar o lugar pelo qual os sujeitos das propagandas constroem os discursos e significam as relações sociais.

Transubstanciação da palavra

Maria Beatriz Pacca (UEL/PR-Brasil; bpacca@uel.br)

“Substância”, do livro *Primeiras estórias* (1978), pertence ao conjunto dos contos de João Guimarães Rosa sobre o amor. Em síntese, trata-se do encontro de Sionésio, dono de uma fazenda, com Maria Exita, que trabalha para ele. A moça foi levada para a fazenda depois que o pai teve de ser internado, pois era leproso. Maria Exita já tinha sido abandonada pela mãe e pelos irmãos marginais. Foi, pois, trabalhar na fazenda de Sionésio quebrando polvilho nas lajes de uma pedreira, o que era considerado o pior serviço do lugar. É lá que vai surgir o amor entre os dois.

Existe extensa descrição da vida de Sionésio e de Maria Exita, um a perambular dia e noite pelejando com a fazenda, a outra a quebrar polvilho de sol a sol, além de vários momentos em que aparecem as dúvidas do fazendeiro em relação à moça. Entretanto, mais do que relatar uma ação, o conto transforma-se numa paisagem, deixando falar a metáfora da transubstanciação.

Este trabalho visa ampliar os estudos sobre o conto, como os de Benedito Nunes (1969) e Maria Luiza Ramos (1983), entre outros, recuperando as idéias neles contidas, como a da transubstanciação, por exemplo, para sugerir que, ao descrever o romance de Sionésio e Maria Exita, João Guimarães Rosa mimetiza a protagonista à substância com a qual trabalha, tornando ambas paisagem e, ao mesmo tempo, transformando-as, surpreendentemente, em metáfora do amor. Também a análise do nome da protagonista e as ressonâncias dele durante o conto reforçam a ideia de transformação, das substâncias e das personagens.

Busca-se concluir que, através desta descrição, o texto adquire beleza poética e o leitor, passeando por ele, vai encontrar o estado de depuração estética, da mesma forma que a personagem depurou-se a si e à substância.

**SUJEITO, PODER E RESISTÊNCIA NA LITERATURA: CONDIÇÕES DE
POSSIBILIDADE LINGUÍSTICO-DISCURSIVAS EM *O HOMEM QUE VIU OS
POSTES SE DOBRAREM***

Samuel PONSONI – PPGL/UFSCar-SP/Brasil
sponsoni@yahoo.com

Fapesp – processo: 2009/04675-7

A partir do ano de 1964, o Brasil passou a viver um triste período de sua história política, pois se instalou no poder governamental um regime totalitário e opressor liderado por militares. Esta situação perdurou até o ano de 1985, cerceando muitos direitos civis de pessoas ou instituições que mantiveram posicionamento político-ideológico contra esse governo. Ainda que com restrições, devido a censuras arquitetadas pelo regime opressor, as manifestações artísticas, de diversas ordens, não foram plenamente silenciadas. Houve resistência de sujeitos que militavam pelo *front* de atuação contra a ditadura militar. Entre as principais manifestações, a construção literária teve grande destaque. Tanto isso é verdade que um grande número de obras literárias, mesmo que jogando nas fronteiras do dizível e tentando ludibriar as amarras do poder, foi censurado em razão de ter seu conteúdo considerado subversivo ao sistema vigente. Sendo assim e em razão da grande importância dessas manifestações durante o período como uma das tentativas de desafogo da mordaza discursiva, existem alguns estudos em que o objetivo é refletir sobre as condições históricas que as obras, porventura, carregam consigo: um pano de fundo que recobre o conteúdo dessas obras; ou, então, estudos em que o objetivo é refletir as propriedades estruturais, normativas ou de estilos empreendidos: uma forma estética que as compõem. Essas pesquisas se dão em diversas linhas teóricas, sejam ligadas a teorias literárias, sejam ligadas a teorias sociais. De outro mirante teórico, nosso objetivo com esta comunicação é tentar analisar um “como” das condições de possibilidade linguístico-discursivas da existência das relações entre sujeito, poder e resistência, a partir do trajeto narrativo exercido pelo sujeito-personagem denominado “homem”, do conto *O homem que viu os postes se dobrarem*, de 1976, do autor brasileiro Ignácio de Loyola Brandão, flertando esse estudo do trajeto com algumas formas discursivas de regulação do contexto sócio-histórico. Para este trabalho, mobilizamos o aporte teórico-metodológico da Análise do Discurso de orientação francesa, acrescentando o matiz das perspectivas de Michel Foucault em seus estudos das relações de poder e/ou micropoder e da constituição dos sujeitos e suas resistências atrelados às malhas da espessura história. Dessa frincha teórica, tentaremos responder às hipóteses argumentadas.

ESTUDO DO MEDIATIVO EM TEXTOS JORNALÍSTICOS DO SÉCULO XIX

Janete dos Santos Bessa Neves – PUC-Rio/ CAPES

janetebneves@gmail.com

A presente investigação fundamenta-se nos princípios da Teoria das Operações Enunciativas de Antoine Culioli (1990) e objetiva apresentar análise e sistematização das construções linguísticas que evidenciam o distanciamento e a desresponsabilização em relação às informações veiculadas nos enunciados publicados em periódicos do século XIX (*Gazeta de Lisboa* e *Correio Braziliense*). A construção da significação, em uma língua natural, denota o tipo e o grau de conhecimento que o enunciador possui em relação ao objeto construído. Muitas vezes, essa relação se apresenta de forma mediatizada, ou seja, o enunciador transfere a assunção das relações predicativas para outra entidade enunciativa, caracterizando o mediativo. O valor mediativo se constrói a partir de uma ruptura enunciativa, ou seja, “qualquer ocorrência de um enunciado mediativo introduz necessariamente uma situação de enunciação mediatizada Sit_M que está em ruptura com a situação de enunciação [origem] Sit_0 ” (Guentchéva, 1994). Em línguas que não comportam marcas morfológicas de mediativo, como o português, este é veiculado, por exemplo, por advérbios de frase, do tipo *aparentemente*, *visivelmente*, *certamente*, *alegradamente*, construções como *parece que*, os verbos modais *dever* e *poder* com valor epistêmico, fórmulas introdutórias do discurso relatado (*de acordo com X*, *segundo X*, *para X*), as aspas de citação, entre muitos outros recursos à disposição do enunciador para indicar a fonte informativa (Neves, 2010). A identificação de formas de mediativo nos enunciados dos dois jornais estudados possibilitou concluir que, já no século XIX, jornalistas dos periódicos recorriam a estratégias linguísticas assinalando o distanciamento enunciativo, por meio, por exemplo, dos seguintes recursos: “Huma pessoa respeitável afirma ter visto” (*Gazeta de Lisboa*, janeiro, 1810); “como disse um Membro do Parlamento” (*Correio Braziliense*, janeiro, 1809).

Referências bibliográficas:

CAMPOS, Maria Henriqueta Costa. “Enunciações mediatizadas e operações cognitivas”. In: A;S. Silva (org.) **Linguagem e Cognição: A Perspectiva da Linguística Cognitiva**. Braga: APL/UCP, 2001, 325/340.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation. Opérations et représentations. Tome 1.** Paris : Ophrys, 1990.

CULIOLI, Antoine. **Pour une linguistique de l'énonciation. Formalisation et opérations de repérage. Tome 2.** Paris: Ophrys, 1990.

GUENTCHÉVA, Zlatka. “Manifestations de la catégorie du médiatif dans les temps du français”, **Langue Française 102: Les sources du savoir**, 1994, 8-23.

NEVES, Janete dos Santos Bessa. Estudo do mediativo no Correio Braziliense de 1808. **Anais do II Fórum Internacional de Análise do Discurso: Discurso, Texto e Enunciação** (CIAD- RIO / UFRJ). [HTTP://www.lettras.ufrj/ciadrio](http://www.lettras.ufrj/ciadrio), 2010.

A INTERTEXTUALIDADE NAS TIRAS DE MAFALDA

Ana Raquel Abelha Cavenaghi

Mestre em Educação e Graduada em Letras

Universidade Estadual de Londrina – Paraná - Brasil

anaracavenaghi@hotmail.com

A intertextualidade constitui um dos grandes temas de estudo da Linguística Textual e de uma série de outras disciplinas, sob perspectivas teóricas distintas, como a Teoria Literária, no interior da qual o conceito teve origem. A Linguística Textual incorporou o postulado dialógico de Bakhtin, de que um texto (enunciado) não existe nem pode ser avaliado e compreendido isoladamente, pois está sempre em diálogo com outros textos. O presente estudo objetiva analisar a presença do intertexto nas tiras da personagem Mafalda e sua contribuição para a produção de sentidos no texto. Dessa forma, concentrar-se-á na intertextualidade em sentido restrito, como postulada por Ingedore Koch, que ocorre pela presença do intertexto que foi anteriormente produzido e faz parte da memória social de uma coletividade ou da memória discursiva dos interlocutores. De maneira específica, o estudo se focaliza em um tipo de intertextualidade em sentido restrito chamado por Koch de intertextualidade implícita que ocorre sem citação expressa da fonte, cabendo ao interlocutor recuperá-la na memória para construir o sentido do texto, como nas alusões, na paródia, em certos tipos de paráfrase e de ironia. O corpus para análise da intertextualidade é a obra “Toda Mafalda” de autoria de Quino escrita de 1964 a 1973. Mafalda é uma narrativa humorística em forma de tira que possui uma linguagem complexa, na qual Quino revela a intenção de abordar a problemática social externando sua visão crítica da realidade. Verifica-se a presença de intertexto em várias tiras da personagem Mafalda seja por alusões a personagens e textos bíblicos, pessoas famosas, paródias de estórias infantis ou mesmo ironia a acontecimentos da ditadura da época em que a obra foi escrita. Neste caso, o produtor do texto espera que o leitor seja capaz de reconhecer a presença do intertexto pela ativação do texto-fonte em sua memória discursiva, pois se isso não ocorrer estará prejudicada a construção do sentido. As tiras de humor podem apresentar aparentes incoerências pelo seu final inesperado, mas que ganham uma unidade de sentido devido a uma série de fatores, como o intertexto, que devem ser levados em conta na atribuição do significado.

A ORGANIZAÇÃO ENUNCIATIVA DO TEXTO PROPAGANDÍSTICO NA RELAÇÃO DE INFLUÊNCIA DO LOCUTOR SOBRE O INTERLOCUTOR

Ivone Ceccato - Professor adjunto de Linguística do curso de Letras da Universidade Tuiuti
do Paraná – UTP

ivone.ceccato@utp.br)

Victor Folquening – Professor de Análise do Discurso do curso de Jornalismo das Faculdades
Integradas do Brasil – UniBrasil

vicfolken@yahoo.com.br

Esta comunicação tem como objetivo apresentar uma investigação sobre a organização enunciativa do texto propagandístico na relação de influência do locutor sobre o interlocutor. Tal proposta é decorrente de estudos sobre o comportamento alocutivo da linguagem publicitária, na qual se verifica ser importante componente da construção enunciativa e de inegável força persuasiva uma vez que textos propagandísticos têm por finalidade impor seu discurso ao interlocutor. Para o estudo, foram selecionados vários textos publicados recentemente em revistas de veiculação nacional, dos quais foram destacados os procedimentos linguísticos da construção enunciativa que evidenciam as categorias modais. Pois, como afirma Charaudeau (2008, p. 84), “além das categorias de língua que dependem da posição do sujeito falante no ato de enunciação (a Pessoa, a Atualização, a Dependência, a Designação, a Situação no tempo etc.), a categoria da Modalização explicita os diferentes tipos de relações do enunciativo. Assim, destacam-se, das modalidades alocutivas, os efeitos promovidos pela interpelação, pela injunção, pela autorização, pelo aviso, pelo julgamento, pela sugestão, pela proposta, pela interrogação e pela petição, sempre investigados nos papéis desempenhados pelo locutor e pelo interlocutor. A essas modalidades alocutivas, o mesmo autor (loc. cit., p.82) postula que “...o sujeito falante enuncia numa posição em relação ao interlocutor no momento em que, com o seu dizer, o *implica* e *lhe impõe* um comportamento. Assim, o locutor age sobre o interlocutor (ponto de vista acional)”. O estudo está pautado em orientações teóricas apresentadas por Charaudeau, em sua obra *Linguagem e discurso: modos de organização*, e outras de autores como: Maingueneau, em *Análise de textos de comunicação* e *Novas tendências em Análise do Discurso*, Fiorin, em *As astúcias da enunciação e Elementos de Análise do Discurso*, Benveniste, em *Problemas de lingüística geral*, Bakhtin, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, entre outros.

Palavras-chave: organização enunciativa, modalidades alocutivas, discurso propagandístico.

A OBJETIVAÇÃO/SUBJETIVAÇÃO DO JORNALISTA EM UM EDITORIAL DA REVISTA *VEJA*: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PELO/NO DISCURSO

Vinicius Durval Dorne (Pós-Graduação, Mestrado, Universidade Estadual de Maringá – UEM, Paraná, Brasil; dorne.vinicius@gmail.com; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES)

Pedro Navarro (Professor, Pós-Graduação, Mestrado/Doutorado, Universidade Estadual de Maringá – UEM, Paraná, Brasil; plnavarro@uol.com.br; Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES)

RESUMO: Amparado na Análise de Discurso (AD) de linha francesa, especialmente nos pressupostos arqueogenealógicos do filósofo Michel Foucault, o presente trabalho que ora propomos busca analisar o editorial publicado na revista *Veja* em 24 de Junho de 2009, intitulado “Qualidade sem diploma”, perscrutando a produção de sentidos sobre a identidade do jornalista sem diploma. Para tanto, partimos da compreensão de que o a votação do Supremo Tribunal Federal (STF) realizada em 17 de junho de 2009, que decidiu que o diploma não era mais requisito obrigatório para o exercício do Jornalismo, trata-se de um acontecimento discursivo, na medida em que foge da rede casual, promovendo o surgimento e, mesmo, a transformação dos saberes em nossa sociedade, especialmente no campo da Comunicação Social e do profissional jornalista, bem como novas formas de exercício de poder nas mais ínfimas relações sociais. A partir desse acontecimento, novos discursos puderam ser produzidos, transformados, rememorados, silenciados. Nossa análise está direcionada para a importância da compreensão do discurso como “prática” e do enunciado como uma “função”. Assim, partimos da análise dos elementos da função enunciativa do referido enunciado (editorial da revista *Veja*) – quais sejam, princípio de diferenciação, posição de sujeito, campo associado e suporte material – em direção as formas como o sujeito jornalista é (re)tratado/(re)portado pela *Veja*. Esse trabalho faz parte de uma pesquisa maior desenvolvida na dissertação apresentada à Universidade Estadual de Maringá (UEM) em que procuramos observar as formas como o sujeito jornalista é objetivado/subjetivado por meio das práticas discursivas midiáticas, ou seja, como se dá o processo de construção da identidade do profissional da comunicação pelo/no discurso de forma a (não) justificar a obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão de jornalista.

PALAVRAS-CHAVE: jornalista; identidade; mídia; análise de discurso.

O DISCURSO HUMORÍSTICO FEMININO

Ester Myriam Rojas Osorio
UNESP/ASSIS/SP/BRASIL
esterm@assis.unesp.br

O discurso humorístico vestindo uma roupagem de estrutura coloquial, casual e despojada, não deve ser confundido com um gênero discursivo primário. Segundo o conceito Bakhtiniano, este discurso pertence ao gênero discursivo secundário. Através de uma narração estética, o autor consegue mostrar uma leitura da vida cotidiana, utilizando a palavra do outro, e dos outros (cidadãos comuns que se encontram sob a influência de um momento histórico), e fazem uma crítica oportuna à realidade. Utiliza uma estrutura discursiva aparentemente simples, ele não fornece todos os elementos necessários para que o leitor consiga o diálogo pleno, por sua vez o leitor precisa captar o contexto outorgado pelos recursos extralingüísticos utilizados, tais como: expressão gráfica, efeitos onomatopéicos, recursos visuais, diferentes níveis espaciais, etc. Todos manipulados pelo autor. Em este trabalho chamamos à atenção no discurso paródico e humorístico de duas mulheres argentinas, que passando por cima da idéia de que o humor tem sido um terreno exclusivamente cultivado pelos homens, nas últimas décadas, elas tem se destacado nesse terreno: Shapira e Maitena e, assim, mostram que conhecem os males que martirizam as mulheres nos dias de hoje.

DA REPRESSÃO AO ESPETÁCULO: MOVÊNCIAS DISCURSIVAS EM UMA SOCIEDADE INTERDITADA

Israel de SÁ

Doutorando em Linguística – UFSCar (São Paulo – Brasil)

israeldesa@gmail.com

FAPESP (processo: 2009/02761-3)

O discurso político se estabeleceu, desde o início do campo teórico da Análise do Discurso, como principal objeto de pesquisa. Ainda que novos objetos ganhassem espaço nos estudos discursivos, principalmente a partir da segunda metade da década de 1980, o discurso político não perdeu seu privilégio em função, principalmente, do surgimento de novas materialidades, que provocaram modificações também nos métodos de análise, e sua grande heterogeneidade. Com isso, ao resgatar a produção de sentidos de um momento da História do Brasil, nos propomos refletir sobre a ação discursiva de sujeitos que produziram *contrapalavras* em uma sociedade em que certos discursos eram interditados e que, também, refletiam as movências nas formas de resistência e as transformações inscritas no discurso político e na política. Dessa forma, no presente estudo nos propomos a análise de textos de diferentes gêneros discursivos (doutrinários, memorialistas, jornalísticos) produzidos durante o período em que o Brasil esteve sob regime militar (1964-1985), partindo dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha Francesa em diálogo constante com a perspectiva da Nova História. Pretendemos, então, apresentar resultados obtidos durante a pesquisa de Mestrado que revelou aspectos da passagem, no período de Ditadura Militar, de uma sociedade repressiva, na qual se verificava a primazia do discurso doutrinário, para uma sociedade midiática, que teve como base o retorno dos relatos e grande valorização imagética pela mídia, que transforma a política em espetáculo. Assim, o foco de nossa investigação é compreender as transformações e movimentos que se deram em relação às concepções de esquerda, à carga semântica atribuída a este termo em diferentes épocas, na transição de uma fase de forte repressão para uma fase de abertura política. Nesse sentido, pensamos ser possível compreender as negociações de uma *identidade de esquerda*, ou ainda de uma *identidade brasileira*, por meio dos discursos de resistência no intercâmbio entre diferentes gêneros discursivos.

**GRANDE SERTÃO: VEREDAS E O JULGAMENTO QUE NÃO É: ZÉ BEBELO E O
MISTURAMENTO**

Luiz Fernando Martins de Lima
Doutorando em Letras – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/ASSIS
São Paulo – Brasil
luizfmartinsl@gmail.com

Busco por meio desta proposta revisitar um momento de *Grande sertão: veredas* o qual Antonio Candido chama de momento “da mais Alta Literatura”, a saber, o momento do dito julgamento de Zé Bebelo. Julgo esse momento como crucial para o estabelecimento (ou não estabelecimento, se preferir chamar) de identidades.

Zé Bebelo devido ao seu hábil manuseio da linguagem consegue escapar da morte nas mãos dos jagunços de Joca Ramiro utilizando uma técnica – se é que assim podemos chamá-la – a qual irei chamá-la *a priori* de técnica do *misturamento*. Tal técnica consiste em confundir constantemente a sua própria identidade com a de seus juízes, os jagunços, criando um efeito o qual acredito que não seja ilusório, pelo menos dentro da estrutura da narrativa, de que os jagunços estão a julgar a eles mesmos.

Desde quando é pego Zé Bebelo busca fazer crer que Joca Ramiro e os outros estão lidando com um deles: “Dê respeito, chefe. O senhor está diante de mim, o grande cavaleiro, mas eu sou seu igual. Dê respeito!”. Vemos, no decorrer do julgamento, que a cada tentativa, de Joca Ramiro ou de outro personagem que toma a palavra para “definir” Zé Bebelo de modo a separar a condição do réu de sua própria, cria uma reação discursiva curiosa de Zé Bebelo – reações as quais criam belíssimos segmentos – com o intuito de não deixar que as identidades se apartem. Intuitivamente ou não, para Zé Bebelo, essa é a chave para sua sobrevivência.

Observando e analisando todo o julgamento a partir de um momento passivamente – assim como Riobaldo na batalha do Paredão enquanto chefe – Joca Ramiro, uma sinédoque de Riobaldo, acaba por não visualizar distinções da sua condição em relação à de Zé Bebelo, o que eventualmente leva o chefe dos jagunços a optar pelo seu banimento e não pela sua morte.

Esta proposta de trabalho tem como intuito passar pelas entre 30 e 40 páginas em que o julgamento de Zé Bebelo toma lugar, analisando o discurso tanto de Zé Bebelo como de todos os Ramiros e identificando os momentos de *misturamento*, que pode se dar, programaticamente ou não, tanto por Zé Bebelo como por qualquer outro personagem que

toma a palavra. Esses momentos são cruciais para entendermos, entre outras facetas desse grandioso romance, a personalidade plural do narrador protagonista Riobaldo.

TÁXI E CRÔNICAS NO DIÁRIO NACIONAL: UMA LEITURA BAKHTINIANA.

BIRELI, Beatriz Simonaio.

Mestranda em Letras/Faculdade de Ciências e Letras de Assis.
Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho/São Paulo – Brasil
biasimonaio@yahoo.com.br

O presente trabalho visa analisar algumas crônicas de Mário de Andrade, publicadas no livro *Táxi e crônicas no Diário Nacional*, e mostrar, por meio de uma leitura bakhtiniana, de que forma o escritor construiu esteticamente seus textos. Caracterizadas, em princípio, por serem escritas “ao correr da pena”, elas revelam, graças a uma análise mais atenta, a presença de várias vozes que nelas se manifestam, vozes sociais que às vezes se digladiam de forma dialógica, narrativas orais colhidas por Mário em suas viagens, em um outro espaço-tempo, e até mesmo situações de embate que ocorrem entre o eu e o outro. Para realizar tal análise, as noções de dialogismo, estética e sujeito serão utilizadas no estudo discursivo das crônicas mariodeandradeanas.

TEXTO LITERÁRIO E ILUSÃO: O DESEJO DE PODER AUTORAL

GABRIELA AZEREDO SANTOS¹

Resumo: Propomos nesta comunicação discutir sobre a construção do discurso literário como ilusão de uma realidade e sobre a luta pelo poder de significação que há por trás do desejo de poder autorial. Considerando que a constituição de sentido é social e que o significado é construído no ato da leitura, na inter-relação autor–texto–leitor, focalizamos o desconstrucionismo de Jacques Derrida, apresentando, em linhas gerais, as implicações de seus pressupostos nas questões levantadas. Concluímos que a cena enunciativa encerra um conjunto de ilusões criadas em função da luta pelo poder de significação: o desejo de poder autorial.

Palavras-chave: Texto literário. Construção/Desconstrução. Discurso constituinte. Ilusão. Poder autorial.

¹ Professora de Língua Portuguesa na Universidade Estadual de Goiás – Unidade Cidade de Goiás (UEG), professora de Produção e Interpretação Textual da Universidade Federal de Goiás (UFG) e Preparadora de Originais na Editora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (Ed. da PUC Goiás). Especialista em Literatura Brasileira e Mestre em Letras: Literatura e Crítica Literária, pela PUC Goiás. gabiazeredo@pucgoias.edu.br

ASPECTOS INTERDISCURSIVOS EM TORNO DA CRISE ECONÔMICA MUNDIAL DE 2008-2009 E O JORNALISMO ON-LINE

Emanuel Angelo Nascimento (PRPG-IEL/UNICAMP)

emanuellangelo@yahoo.com.br

Esta comunicação tem por objetivo analisar a interdiscursividade inscrita nos textos apresentados pelo/no jornalismo on-line e os sujeitos dos discurso no contexto da crise econômica mundial de 2008-2009. Para o desenvolvimento de uma análise discursiva, utilizamos como base a noção dialógica da linguagem (no sentido bakhtiniano do termo) e a Análise do Discurso de linha francesa, fundamentada nos postulados de Pêcheux e Maingueneau, e em outros teóricos como Fiorin e Orlandi. A investigação busca trabalhar, assim, com os conceitos de sujeito discursivo, interdiscursividade, mobilidade discursiva e diálogo intertextual, a fim de compreender a construção dos sentidos em torno da crise. O corpus deste trabalho é constituído de textos divulgados nos meses de março de 2008 a agosto de 2009, em grandes portais de notícias e jornais on-line (UOL, Terra, Globo.com, Folha On-line, Estadão.com, Veja.com, Isto é Dinheiro, Época Negócios). Através destas materialidades observamos como os discursos sobre a crise se constroem e se articulam com enunciados presentes em diversos campos discursivos como o do jornalismo, o da economia, da política, do meio acadêmico, do meio empresarial, entre outros. Observamos em alguns textos a equibilidade e a interdiscursividade de vários discursos que ora se encontram e seguem em uma mesma direção (diálogo intertextual), como nas constantes retomadas e comparações do recente contexto de crise econômica com o contexto da Crise de 1929 nas bolsa de Nova Iorque (EUA), como também nas alusões ao contexto econômico pós "11 de Setembro". São retomadas que de acordo com Pêcheux (1999), fazem parte da memória discursiva, que deve ser entendida “nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas e da memória construída”. O significado do acontecimento sócio-histórico ‘crise econômica’, nesse sentido, se constrói de forma não-linear, através de redes de fatos e dados que vão corresponder às formas de interdiscurso, que se manifestam dialogicamente como verdadeiros embates ideológicos entre textos que ora são uns como respostas para outros, corroborando com aquilo que Fiorin (2003) afirma de que "um discurso pode aceitar, implícita ou implicitamente, outro discurso, pode rejeitá-lo, pode repetí-lo num tom irônico ou irreverente". O jornalismo on-line configura-se, desse modo, como palco de diversas vozes discursivas (polifonia), de diferentes atores sociais. Para Fiorin, este "é o espaço da reprodução, do conflito ou da heterogeneidade do discurso".

OPERADORES ARGUMENTATIVOS: PEQUENAS PALAVRAS, AMPLOS SENTIDOS

Rosiney Aparecida Lopes do Vale
UENP- Campus de Jacarezinho-Pr
rosiney4@terra.com.br

Partindo da concepção dialógica da linguagem e ancorados no fato de que, conforme afirma Breton (1999), “argumentar é raciocinar, propor uma opinião aos outros dando-lhes boas razões para aderir a ela”, e de que os argumentos vem explicitados por palavras, que são escolhidas de modo a alcançar os objetivos pretendidos, propomo-nos a fazer uma breve análise de alguns elementos lingüísticos, mecanismos argumentativos em um capítulo do livro *A língua de Eulália, novela sociolinguística*, de Marcos Bagno (Quem ri do quê?). Tais mecanismos argumentativos, segundo Koch (2000), podem ser chamados de marcas lingüísticas da enunciação, ou ainda, modalizadores, já que determinam o modo como aquilo que se diz é dito. Ducrot, criador da Semântica argumentativa (ou Semântica da Enunciação), refere-se a esses operadores argumentativos “para designar certos elementos da gramática de uma língua, que tem por função indicar (‘mostrar’) a força argumentativa dos enunciados, a direção (sentido) para o qual apontam (Koch, 2000). O estudioso, para explicar ao funcionamento da força argumentativa nos textos, utiliza duas noções básicas: as de escala argumentativa e classe argumentativa. Para Ducrot, uma classe argumentativa é constituída de um conjunto de enunciados que podem igualmente servir de argumento para uma mesma conclusão. Por outro lado, quando dois ou mais enunciados de uma classe apresentam-se em gradação de força crescente no sentido de uma mesma conclusão, tem-se segundo Ducrot (apud. KOCH, 2000) uma escala argumentativa. Sob esse prisma, também, é importante ressaltar que a linguagem não é neutra, nenhum discurso, por mais simples que possa parecer, é imparcial, de modo que constatamos cotidianamente que realmente a função referencial denotativa da linguagem é somente uma de suas funções, como bem já explicitaram vários autores, dentre os quais destacamos Maurizio Gnerre (1998). Enfim, tendo por base os conceitos arrolados, pretendemos mostrar que esses elementos argumentativos, essas “pequenas palavras” que, numa visão ingênua da língua, são de menor importância, na verdade, acabam por ditar as nuances do texto na construção dos sentidos.

Palavras-chave: língua(gem), operadores argumentativos, construção de sentidos

TELECOLABORAÇÃO E PRODUÇÃO TEXTUAL EM LÍNGUA PORTUGUESA: FLUTUAÇÕES ENTRE A NORMA CULTA E COLOQUIAL

Daniela Nogueira de Moraes Garcia
UNESP- Assis-SP- Brasil
dany7garcia@yahoo.com.br

A homogeneidade do sistema linguístico, defendida por autores como Saussure e Chomsky, cai por terra diante de conceitos como variação, sujeito, uso, interação, contexto social, que impõem uma outra orientação à compreensão de mecanismos e conceitos concernentes aos fenômenos linguísticos. Assim, a diversidade inerente à linguagem nos impulsiona a buscar eficiência na produção e no processamento de informações e, para tal, ajustes entre os interlocutores podem ser necessários. No processo de ensino e aprendizagem de línguas, questões de diversas naturezas emergem e nos fazem pensar nesta diversidade da linguagem e nos aspectos que a constituem. As novas tecnologias de comunicação e informação (NTICs) têm imperado mudanças em todos os setores da vida cotidiana e sugerido um redimensionamento nas práticas pedagógicas vigentes. Modos alternativos e complementares começam a fazer parte do cenário educacional, agregando computadores, conexões à internet e acesso aos povos, falantes e culturas. O contexto teletandem, proposto por Telles (2006), apresenta um caráter inovador ao promover interações via aplicativos gratuitos de mensagens instantâneas (*Windows Live Messenger*, *Skype* e *ooVoo*) para que o usuário estabeleça contato com um parceiro estrangeiro utilizando recursos de áudio, escrita, imagem e voz para ensino de sua própria língua e aprendizagem da língua do parceiro. A autonomia é um dos pilares deste contexto pois permite que os parceiros sejam responsáveis pelo processo, tomando decisões sobre o quê, quando, frequência, onde e como as sessões acontecerão. É importante salientar que as interações possuem três etapas que são: (a) a sessão, (b) a fase de reflexão sobre a forma e (c) a fase de reflexão sobre a sessão, o que diferenciam o contexto de um simples bate-papo entre estrangeiros. Quando estudamos a convivência entre o oral e o escrito na aprendizagem de uma língua estrangeira em meio virtual, verificamos que o domínio da escrita ocorre antes mesmo do domínio pleno da oralidade, visto que, de certo modo, a escola focaliza muito mais as regras formais da língua escrita do que as instâncias discursivas próprias da informalidade e da oralidade. Nesse sentido, as interações em *tandem* propiciam o contexto adequado para que o aprendiz desenvolva a competência comunicativa, fornecendo um ambiente para a aprendizagem que mais se aproxima das interações face a face. Nesta comunicação, a partir de um estudo qualitativo de cunho etnográfico, abordaremos as produções escritas em língua portuguesa dos estudantes estrangeiros enfocando as flutuações entre norma culta e norma coloquial.

PRODUÇÃO DE TEXTO AUDIOVISUAL NA ESCOLA PÚBLICA: UM POSSÍVEL ELO ENTRE ALUNO-FAMÍLIA-ESCOLA

Denise Rita de Oliveira Modanêz

E.E.Prof.Oswaldo Moreira da Silva – Palmital/São Paulo/Brasil

denisemodanez@hotmail.com

Diante a era capitalista cibernética caracterizadora do atual viver humano, que utiliza a imagem, a leitura e a escrita como suportes para o estímulo ao consumismo, à desestrutura de “metanarrativas humanas” (valores e força que liga o indivíduo à ética), criando uma instância impessoal que deixa as pessoas aprisionadas ao mundo do estresse, das disputas de mercado, do capital individualista, falando por elas, busca-se desenvolver, numa escola da rede pública paulista, o projeto Aluno Produtor-Professor Sonhador. Tendo por intenção estimular a percepção e a análise dos fatores textuais que movimentam a comunicação e o pensar do atual dia-a-dia adolescente, com seus familiares e a escola, este projeto atem-se à leitura, à escrita e também à produção de textos audiovisuais. O texto audiovisual pode apresentar os mesmos princípios de processamento textual, de leitura, que uma produção escrita ou oral, literária ou não, e, por isso, tem-se revelado em uma estratégia relevante para o professor de português do ensino fundamental público nos seus trabalhos com o aluno adolescente. A interação aluno-professor é uma das mais antigas e precisa ser preservada porque é um dos momentos mais nobres da vida humana: neste momento dos estudos de um aluno e seu professor as distinções temporais do presente-passado-futuro ficam imersas no viver atemporal das descobertas, e que podem ser inúmeras. A família é imprescindível nessa interação: ela tem o papel gerador primeiro de lutar contra as forças que desenergizam as próprias categorias que utilizamos para pensar. Dessa forma, precisamos raciocinar para além das forças que determinam o funcionamento desse algo no mundo que tem falado por nós e fazemos isso por meio da linguagem que é a maior tecnologia humana. Assim, o objetivo desta comunicação é uma apresentação e análise de trabalhos do projeto Aluno Produtor-Professor Sonhador, em específico com o texto audiovisual, para que, assim, o próprio projeto tenha mais condições de ser desenvolvido na sua segunda etapa que se inicia.

OS ENUNCIADOS NAS CAPAS DE LIVROS: UMA ANÁLISE DO ROMANCE DOM CASMURRO

Andretta, P. I. S.¹; GASPAR, N. R.²

¹Mestrando em Linguística – Universidade Federal de São Carlos

²Docente do Dept. de Ciência da Informação – Universidade Federal de São Carlos

Essa pesquisa tem como objetivo compreender se as linguagens presentes nas capas de romances literários enunciam o conteúdo da obra e como as imagens presentes nas mesmas podem interferir na recepção da obra ao leitor. Para tanto, buscamos compreender alguns teóricos que abordam e relacionam a história dos livros e de suas capas, como Straccia (2007) que em “As marcas que se imprimem na capa de livros adaptados para o cinema e para a televisão”, observa o livro como um “evento comunicacional” e um “objeto polifônico” e Ribeiro (2002) que em “Capas de livros: entre a arte o artifício”, referiu-se à relação das capas dos livros com o conteúdo como um “objeto estético” justificando que as capas dos livros, na contemporaneidade, funcionam como um artefato de admiração e contemplação, antes mesmo deles serem abertos. Em termos de análise das linguagens que se apresentam nas capas recorreremos à teoria arqueológica de Michel Foucault (2008), presente em “Arqueologia do saber”, uma vez que essa teoria é uma das que oferece subsídios para se analisar a relação de textos verbais (no caso, escritos) com os não verbais (imagéticos), e nos detemos particularmente nos seguintes princípios: “arquivo discursivo”, “materialidade”, “série”, “sujeito”, “campo associado”, “enunciado”. Esses conceitos foram aplicados nas diversas edições do romance “Dom Casmurro” de Machado de Assis. Para a análise do arquivo discursivo foi coletado em torno de sessenta capas desse romance, editadas entre os anos de 1899 a 2010. A pesquisa revelou alguns “enunciados” como: “a cidade do Rio de Janeiro no século XIX”, “a traição e adultério da mulher no século XIX”, “a educação e a leitura feminina”, e também, uma formação discursiva: “o olhar feminino”. Conclui-se que os discursos em torno das capas desse romance funcionam, no dizer de Foucault em “A ordem do discurso” (1996), como “comentário”, à medida que atualiza o texto primeiro, mas guarda em si a essência daquele; podendo ainda orientar ou influenciar o leitor, no encontro dos diversos sentidos sobre a obra.

**O ARQUIVO EM (DIS)CURSO:
“IM-PRESSÕES” SOBRE A CONDIÇÃO DE SUA EXISTÊNCIA**

Lucília Maria Sousa Romão (FFCLRP/USP)
Bolsista CNPq – luciliamsr@uol.com.br
Fernanda Correa Silveira Galli (FFCLRP/USP)
Bolsista FAPESP – fcsgalli@hotmail.com
Ane Ribeiro Patti (FFCLRP/USP)
anepatti@hotmail.com

Nessa apresentação, nosso intuito é trazer uma discussão de natureza teórica a respeito do arquivo, a partir de leituras que tratam do tema, mais especificamente obras de autores como Derrida, Foucault e Pêcheux. Considerando a abordagem bastante peculiar de cada um deles, destacamos que nossa proposta configura-se de modo a contemplar os pontos de contato entre o tratamento dado pelos autores sobre a noção de arquivo. Nos interstícios dessa tentativa de aproximação – sem deixar de lado os tangenciamentos –, trazemos nossas “impressões” (marcas, inscrições, incisões) de leitura sobre o arquivo, com a linguagem e sua materialidade discursiva como fio condutor da discussão. Com o arquivo em (dis)curso, pinçamos indícios de sua movência, de sua condição de existência: a marca-mestre do arquivo é suportar traços do passado e a possibilidade de um por-vir, na constante tensão da contradição histórica que se constitui no movimento de eleger/apagar sentidos, eternizar/silenciar outros – um bem e um mal de arquivo em cena. Embora a designação *arkhê* aponte para um começo e para um comando, tais princípios parecem ser, muitas vezes, da ordem da ilusão, da impossibilidade, como coloca Derrida (2001). Considerar tal contradição nos move a tomar o arquivo como um lugar discursivo de tensão tal como Pêcheux (1969 [1995]) pensou o discurso, como efeito, como curso de sentidos em trânsito que sempre latejam junto com o que não pode ou não deve ser dito. Por isso, como um lugar de impressão, de “cifragem das inscrições” (DERRIDA, 2001), as forças dos arcontes (da autoridade, do poder, da ordem...) podem censurar, manipular e reprimir leituras. Descrever o arquivo em sua totalidade, em sua completude, nos é impossível, pois suas probabilidades de descrição e de consignação envolvem também, e inevitavelmente, o controle e o encontro com o impossível. No que diz respeito a esse poder de interdição, Foucault (1969 [2002, p.150]) aponta a impossibilidade de descrição de nosso próprio arquivo, dado que é no “interior de suas regras que falamos, já que é ele que dá ao que podemos dizer – e a ele próprio, objeto de nosso discurso – seus modos de aparecimento, suas formas de existência e de coexistência, seu sistema de acúmulo, de historicidade e de desaparecimento”.

ENTRE TEXTOS: UM CASO DE PAIXÃO

Patrícia Munhoz
Doutoranda - Faculdade de Ciências e Letras de Assis
UNESP – Universidade Estadual Paulista – Assis – SP – Brasil
patypur@yahoo.com.br

Como parte da pesquisa que aborda as *Narrativas militares: cenas e tipos* (1878), do Visconde de Taunay, encarando-as no que elas contêm de hibridismo e de representação de conflitos morais, propomo-nos a fazer uma abordagem analítica de uma delas, intitulada “Um dia de paixão”. O objetivo de nossa intervenção é propor reflexões acerca da intertextualidade, conceito fundamental na análise dessa narrativa, já que podemos entrever nela um diálogo constante com outros textos, sem o qual a obra teria o seu sentido certamente empobrecido. Podemos constatar referências intertextuais a obras consagradas das literaturas inglesa e francesa, destacando autores como Balzac, Octave Feuillet e Shakespeare. Além disso, as referências mitológicas e musicais contribuem para o investimento no erotismo que, disseminado por todo o texto, insere a personagem em um "conflito" de ordem afetiva e moral.

LENDO A SI MESMO: A LEITURA DE LITERATURA E AS CONSTRUÇÕES DE LINGUAGEM

Cléria Mariano da Silva

Psicologia

Faculdade da Saúde

Universidade Metodista de São Paulo

São Paulo - Brasil

cleria_mari@yahoo.com.br

RESUMO

Este estudo bibliográfico se propõe a discutir a singularidade da leitura, no que se refere ao olhar do leitor e sua apropriação do texto - a percepção única do indivíduo que, ao decifrar o texto literário, está propenso a transformá-lo enquanto este o transforma, numa relação intrínseca entre leitor e texto, construindo sentidos e sendo construído por eles. Para tanto, discute-se a contribuição de Vygotsky sobre a construção de sentido das palavras, e a concepção freudiana de inconsciente frente a essa construção.

Imaginamos, criamos situações e embarcamos em um mundo abstrato através das histórias. Desta forma, descobre-se a capacidade que temos para extrair histórias de símbolos, extraindo de objetos conhecimentos e sentimentos. Com isso, o leitor poderá dar sentido à obra do autor definindo o texto a partir de sua capacidade em assimilar o que foi lido, amparado em seu aprendizado através de experiências anteriores. Por sua vez, tais experiências foram possíveis através da linguagem e, portanto, puderam impregnar nas palavras significados pessoais construídos coletivamente, contudo sentidos e lembrados de forma singular.

Em relação à contribuição de Vygotsky, percebemos que sua concepção da compreensão das palavras considera que as mesmas reservam sentidos e significados, derivados de processos históricos, que dependem da interação entre os sujeitos e suas formas de ver e estar no mundo.

No que tange à psicanálise, apontamos que ela nos dá subsídios para uma possível compreensão da natureza da relação entre texto e leitor, pois mostra os

mecanismos psíquicos envolvidos no processo de dar sentido à obra literária. Além disso, salientamos que o inconsciente está presente em todas as ações humanas, pois, em verdade, trata-se da própria constituição do psiquismo. Sendo assim, entendemos que o sentido que o leitor dá ao texto é uma manifestação de sua subjetividade, com seus irredutíveis conteúdos inconscientes. Acredita-se que cada qual poderá ler o que lhe é particular em escritos alheios e conferir-lhes representações desarrazoadas, dando-lhes novas e variadas razões.

Percebemos, então, que a literatura tem funcionado, entre outras coisas, como instrumento de interação entre o leitor, o autor e seus mundos. Acreditamos que a literatura seja generosa, oferecendo espaço às entonações de quem a produz e de quem a consome, em infinitas construções e reconstruções de sentidos. Além disso, acredita-se que poder ler o que sentimos nas palavras de outra pessoa nos aproxima, mesmo que virtualmente, como seres pertencentes a condições naturalmente iguais.

Palavras-chave: Construção. Leitura. Linguagem. Literatura.

A leitura na sala de aula; uma reflexão acerca das atividades de leitura

Adriana Rodrigues de Almeida¹

Mara Cleusa Peixoto Rister(Orientadora)²

Resumo

O estudo tem como tema a leitura na sala de aula e faz uma reflexão das atividades de leitura. Para tanto, analisa um projeto de pesquisa de leitura e suas possibilidades de interação. Analisa, ainda a pesquisa concluída, intitulada “A leitura na sala de aula do ensino fundamental: um olhar sob a perspectiva da análise do discurso”. Nesses trabalhos, questiona-se o ensino de leitura na sala de aula e a prática pedagógica do professor no papel de sujeito não leitor. O estudo mostra-se necessário para o objetivo de conhecer a realidade do processo de leitura trabalhado na escola. Também para o planejamento de aulas e das atividades desenvolvidas pelos alunos no espaço da sala de aula. Esse trabalho visa contribuir para a reflexão da prática de leitura nas escolas, segundo a perspectiva de linguistas e estudiosos da língua. O fracasso em formar leitores críticos parece ser decorrente de uma diversidade de fatores. No entanto, é possível afirmar que é importante a presença do incentivo ao estabelecimento de interações sociais mais efetivos entre os leitores, e destes com o professor. Na esteira desse objetivo, este trabalho busca oferecer mais um caminho para a melhoria da qualidade do ensino e da aprendizagem, durante o processo de escolarização.

Palavras Chaves: Leitura, interação, escola

Introdução

¹Adriana Rodrigues de Almeida- Secretaria Executiva -UFT/ Especialista em Gestão Pública com ênfase em Gestão Universitária/ dri@uft.edu.br

² Mara Cleusa Peixoto Assis Rister – Professora Adjunta -UFT/Curso de Letras
[/mara.peixoto@uft.edu.br](mailto:mara.peixoto@uft.edu.br)

Esse trabalho visa a contribuir para uma reflexão acerca da prática de leitura nas escolas segundo a perspectiva de lingüistas e estudiosos da língua, que buscam compreender a língua no mundo a partir da análise do modo como os homens dela se apropriam para significar e significar-se (ORLANDI, 1999).

Nesse sentido, pretende-se trazer reflexões acerca dos processos que envolvem as leituras e suas possibilidades de compreensão e interação e como essa prática é realizado em sala de aula em especial na escola Paroquial Luis Augusto no oitavo ano do Ensino Fundamental no turno vespertino.

Isso se faz necessário para se conhecer a realidade do processo de leitura trabalhado na escola, os planejamentos das aulas e as atividades desenvolvidas pelos alunos no espaço da sala de aula.

Assim sendo, é necessário mencionar a importância da função da escola na formação do homem-leitor. Segundo ZILBERMAN (1991, p.36), leitura é uma descoberta do mundo acompanhada da imaginação e da experiência individual do leitor. Pode-se dizer também, que ler é um processo que o leitor constrói entre ele, o texto e o autor, de compressão que conduz as idéias, às conseqüências, à descoberta dos pormenores e às conclusões do texto.

Dentre múltiplos fatores intervenientes as escolas são instituições responsáveis pela formação de leitores já que no seu processo de ensino-aprendizagem a leitura é um dos elementos indispensáveis na construção do saber. Entretanto, o que se observa é que nestas instituições o ensino de leitura pode ser questionado a partir da própria concepção de leitura, uma vez que as práticas apontam ainda para a leitura como sinônima de decifração, compreendendo o texto como enquanto conjunto de elementos gramaticais (KLEIMAN, 2002/2004).

Considerando a relevância que deve ser dada à leitura na escola a abordagem que se observa é que há professores que insistem em privilegiar o ensino de gramática normativa trabalhada muitas vezes de forma descontextualizada e sem levar a refletir sobre fatos da língua que resultassem num uso mais competente dos recursos lingüísticos. No lugar da reflexão, prioriza-se a memorização de uma metalinguagem gramatical que pouco ou nada contribui para o desenvolvimento das competências comunicativas do aluno.

Seguindo essa direção o texto muitas vezes é mero pretexto para o ensino da gramática, orientação que se registra ainda em grande parte dos livros didáticos e nos procedimentos didáticos trabalhados no cotidiano da sala de aula.

Nesse aspecto, este trabalho busca refletir sobre o ensino de leitura nas escolas, sendo ela uma atividade, cujo principal objetivo é a busca de significado ou a compreensão do que é lido. É importante, portanto fazer a distinção entre o ato de aprender a ler e o ato de ler, porque se o(a) professor(a) não está consciente, nem torna consciente os(as) seus(suas) alunos(as) de que o propósito da leitura é compreender o texto e não pronunciar corretamente o escrito será difícil realizar um esforço adicional para extrair o significado do que se tem lido.

Concepções de leitura

As escolas são instituições responsáveis pelas formações de leitores, já que no seu processo de ensino-aprendizagem a leitura é um dos elementos necessários para a construção do saber.

Entretanto o que se observa é que nessas instituições o ensino de leitura pode ser questionado a partir da própria concepção de leitura do(a) professor(a), do(a) aluno(a) e do projeto pedagógico da escola.

Há uma dificuldade muito grande por parte dos professores em construir o sentido do texto sem a mediação do outro experiente na leitura. As diversas operações que envolvem o ato de ler como percepção, decodificação e processamento de informação, memória, predição (antecipação), inferências, deduções, evocação, analogia, síntese, avaliação e interpretação, ficam prejudicadas. A utilização de estratégias cognitivas, que são operações automáticas e não conscientes do leitor para o processamento do texto, mas que podem se tornar atividades conscientes em sala de aula, não fizeram parte da formação leitora dos docentes (KLEIMAN, 1995).”

Assim o projeto de leitura e suas possibilidades de interação faz uma reflexão acerca da formação de leitores a partir do próprio professor leitor ou não e o seu trabalho com as atividades de leitura e ainda como esse trabalho poderia ser realizado com as possibilidades de estudos de textos com interações entre alunos, autor, professor e o próprio texto.

A leitura pode ser trabalhada levando-se em conta várias concepções explícitas e implícitas no texto ou na construção dele. KOCH & ELIAS (2006) apresentam três concepções de leitura, a partir da ênfase dada ora ao autor, ora ao texto, ora à interação autor-texto-leitor.

Considerando o foco nas autoras já citadas, concebe-se a relação entre pensamento e linguagem como transparente. O autor controla os sentidos do que

pretende comunicar, sendo o texto mera materialização do pensamento. Ler, nesse caso, é compreender as intenções do autor aí expressas de modo inequívoco. Conforme KOCH & ELIAS (2006), ler passa a ser sinônimo de captação das idéias, desconsiderando-se o diálogo constitutivo do dizer. Ao(à) leitor(a), cabe a função de sujeito passivo, não tomado como interlocutor, haja vista que, pela própria centralidade atribuída à figura do emissor, inerente à própria concepção de linguagem subjacente a essa perspectiva de leitura, a interlocução não é levada em conta.

Uma segunda concepção de leitura seria aquela cujo foco é atribuído ao texto. A concepção de língua que a subsidia é aquela que concebe a língua como estrutura, sistema, código, cabendo ao leitor identificar, reconhecer, pelo exercício da decodificação, os sentidos expressos na linearidade do texto. Também aí, conforme as autoras, não há lugar para o leitor, sua história de sujeito, sua história de leituras, seu conhecimento de mundo, os objetivos que o orientam. Se ler é decodificar, basta ao leitor conhecer o código para chegar à evidência dos sentidos. Exemplificam a crença nesse raciocínio exercícios que priorizam o vocabulário, na grande atenção atribuída ao dicionário, com a busca por sinônimos. (KOCH & ELIAS, 2006)

A terceira concepção, que orienta a proposta das autoras acima citadas, compreende que a produção de sentido se dá na interação entre autor, texto e leitor. Diferentemente das concepções anteriores, na concepção interacional (dialógica) da língua, os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, sujeitos ativos que – dialogicamente – se constroem e são construídos no texto, considerando o próprio lugar da interação e da constituição dos interlocutores (KOCH & ELIAS, 2006:10 -11).

Essas concepções, analisadas pela Linguística, podem contribuir para a compreensão da leitura em sala de aula, tal como segue:

Raramente se observa na prática de sala de aula a concepção de leitura enquanto processo interativo (leitor-texto-autor), a partir da recuperação explícita do que se acredita serem as marcas deixadas pelo autor, únicas responsáveis pelos sentidos possíveis. Mas raramente ainda, para não dizer nunca (...) a concepção discursiva se vê contemplada: raramente são permitidas, em aula, outras leituras que não sejam a do professor, ou melhor, do livro didático que o professor lê e respeita como portador da verdade, como representante fiel da ciência, já que constitui, muitas vezes, o único suporte teórico do conhecimento do professor e das aulas por ele ministradas (CORACINI, 1995)

O trabalho de leitura e suas possibilidades de interação contribui no sentido de expor fatos e reflexões que despertem no docente a necessidade de rever sua

prática de ensino de leitura. E ainda tendo em vista a série de questionamentos que envolvem o ensino de leitura nas escolas é que o presente trabalho se propõe a investigar da observação e análise e trazer subsídios para a prática pedagógica, visando possíveis equívocos que atuam negativamente na formação de leitores competentes nas escolas de ensino fundamental e médio .

É preciso questionar a distância que se verifica entre o que produz na academia e a sua aplicação no ensino, retornando a questão que há muito tempo é discutida, mas parece não chegar à sala de aula. Segundo POSSENTI (1996:16), se elas ainda precisam ser ditas é por razões que seria interessante explicitar e não são difundidas.

O Desafio da leitura

Atualmente, percebe-se que os alunos ao chegarem ao ensino médio apresentam imensas dificuldades de leitura / interpretação de textos e que as aulas de Língua Portuguesa até então, não estão privilegiando a leitura e sim a gramática normativa. E essa abordagem tradicional da linguagem pode ser uma das causas para as dificuldades dos alunos na área da leitura.

Assim, essa pesquisa inicia-se em um primeiro momento com a observação de aulas de leitura na Escola Paroquial Luiz Augusto. Ali, se pôde perceber que o ambiente de ensino é agradável, a professora, atenciosa e dedicada, embora para despertar o gosto pela leitura é necessário bem mais que esses fatores.

Nessas observações de aula de leitura na Escola Paroquial Luiz Augusto, pôde-se perceber que as práticas pedagógicas do professor são de suma importância para a motivação dos alunos em se tornarem bons leitores. Entretanto o que se nota é uma deficiência de leitura do professor.

“Há uma dificuldade muito grande por parte dos professores em construir o sentido do texto sem a mediação do outro experiente na leitura. As diversas operações que envolvem o ato de ler como percepção, decodificação e processamento de informação, memória, predição (antecipação), inferências, deduções, evocação, analogia, síntese, avaliação e interpretação, ficam prejudicadas. A utilização de estratégias cognitivas, que são operações automáticas e não conscientes do leitor para o processamento do texto, mas que podem se tornar atividades conscientes em sala de aula, não fizeram parte da formação leitora dos docentes (KLEIMAN, 1995).”

Não podemos ignorar que a formação do professor é determinante na constituição e manutenção do prazer de ler. Ele é a figura principal e presentes no

processo de valorização das iniciativas dos alunos, nas conduções de superação propostas diante de fatores que poderiam ser melhorados. Tanto na abrangência, como na seleção e adequação das linguagens e leituras propiciadas aos educando.

Em um segundo momento foram feitas entrevistas com professores e alunos para análise dos objetivos pretendidos por docentes e discentes daquela escola no que se refere ao trabalho de leitura e a formação de leitores competentes.

Apesar das orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais sobre o que seja um leitor competente e como se dá o processo de leitura, o que se observa na sala de aula é o espaço entre o anuncia os PCN e os conceitos construídos pelos professores. E, transformar esses conceitos não é tarefa fácil, pois quando o professor se vê sozinho em sala de aula, mesmo tendo recebido uma gama de informações em cursos de formação, ele retoma suas práticas cotidianas sem grandes modificações ou tentando incluir pequenas transformações. Essas, não vivenciadas por ele, não trazem grandes resultados já que ele também emprega de maneira técnica sem a construção necessária de sentido do texto. Isso talvez faça com que aumente a formação de péssimos leitores.

Os alunos da 5ª série “A” da Escola Paroquial Luiz Augusto são, na sua maioria, de classe média e, talvez por esse motivo, a sua leitura não seja tão deficiente, embora tenha-se percebido que a interpretação de texto seja a sua principal problemática. E um dos objetivos da aula de leitura para esses discentes é justamente a busca de entendimento do texto.

Para os professores da Escola Paroquial Luiz Augusto o grande desafio é manter-se atualizado e desenvolver práticas pedagógicas eficientes, já que no âmbito escolar percebe-se que os alunos, cada vez mais, estão conectados aos novos processos da mídia eletrônica e terminam por se desinteressar pela leitura.

Após essas pesquisas e entrevistas em um terceiro e último momento foram analisados os objetivos e as práticas de aula de leitura. Percebe-se que para os professores modificarem suas práticas pedagógicas, não é tarefa fácil, embora se veja a necessidade de mudança no ensino de leitura, é importante também para esse processo de mudança de prática pedagógica a participação dos pais, alunos e sociedade dentro da escola, para que o ensino-aprendizagem possa ser eficaz, pois numa escola participativa há muita motivação para o surgimento de grandes leitores e produtores de textos.

Essa interação ajuda na socialização do sujeito leitor para que ele possa exercer sua cidadania crítica e daí trocar experiência, dialogar, comparar as experiências próprias com as narradas pelo escritor, comparar o próprio ponto de vista com o dele,

recriando idéias e revendo conceitos. A leitura sempre teve um papel social de grande interferência na sociedade, mas enquanto houver educadores desqualificados ela correrá o risco de ser sempre excludente.

Considerações finais

Assim o trabalho de leitura e suas possibilidades de interação faz uma reflexão acerca da formação de leitores a partir do próprio professor leitor ou não e o seu trabalho com as atividades de leitura e ainda como esse trabalho poderia ser realizado com as possibilidades de estudos de textos com interações entre alunos, autor, professor e o próprio texto.

A leitura nas escolas deveria ter por objetivo levar o aluno a análise e a compreensão das idéias dos autores e buscar no texto os elementos básicos e os efeitos de sentidos. É muito importante que o leitor se envolva, se emocione e adquira uma visão de vários materiais portadores de mensagens, presentes na comunidade em que vive, buscando sempre a democracia. Um trabalho de leitura e de formação de leitores precisa abordar tipos diversificados de textos, pois o mundo está constantemente em mudança e é preciso avançar de acordo com as tecnologias.

No âmbito escolar percebe-se que os alunos cada vez mais se afastam e desinteressam pela leitura, neste momento é que se questiona a prática pedagógica, pois é através dela que o ensino e o incentivo da leitura em sala de aula e as propostas de ação que podem levar os alunos a se tornarem leitores competentes.

Todos os procedimentos didáticos utilizados para incentivar a construção do conhecimento de leitura e escrita, valorizando as interações sociais em sala de aula, demonstraram que o estabelecimento dessas interações entre parceiros e entre alunos e professor, durante o processo formal de aprendizagem, contribuem de modo significativo para que a escola exerça com maior propriedade a sua função, isto é, seja capaz de transmitir os conhecimentos acumulados pela humanidade de maneira viva e interessante.

Embora se reconheça que o fracasso em formar leitores críticos, seja decorrente de uma diversidade de fatores, é possível afirmar que o incentivo ao estabelecimento de interações sociais mais efetivos dos leitores, entre si e destes com o professor, poderá

vir a ser um caminho para a melhoria da qualidade da aprendizagem durante o processo de escolarização.

Referências bibliográficas

ALMEIDA R. A. *Prática de Leitura na Perspectiva da Análise do Discurso*. Araguaína: (Monografia de Especialização/UFT /2009).

ALMEIDA R. A. *Inclusão da Pesquisa na Universidade: Em foco os projetos de pesquisa do PIBIC e PIVIC do Curso de Geografia/UFT (2007-2008)/2010*

BRASIL. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: MEC/SEMT, 1999.

CORACINI, Maria José. *Identidade & Discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Ed. UNICAMP/ Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

KLEIMANN, Angela. *Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2002.

_____ *Oficina de leitura: teoria e prática*. 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

KOCH, Ingedore V., ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 10-11.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Leitura*. SP: Cortez, Campinas: Ed. UNICAMP, 1988, p. 104.

POSSENTI, S. *Sobre as Noções de Sentido e de Efeito de Sentido*. Cadernos da F.F.C Marília v.6, n 2, p 1 – 11, 1998

ZIBERMAN, Regina. *Leitura em Crise na Escola: As Alternativas do Professor*. 10. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991

A DEMOCRATIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO JORNALISMO ESPECIALIZADO

José Antonio Abdala Neto –Faculdades Anhanguera Uniderp–SP-Brasil

professorabdalaneo@gmail.com

A pesquisa investiga a produção e a cobertura da Mídia sobre Ciências Humanas e Humanidades, tendo como paradigma um novo referencial de análise que se vale de embasamentos na Semiótica greimasiana - *Teoria da Significação* - e na Semiótica daviliana, entre outras reflexões, que possibilitam interpretar a mídia não mais como o único campo responsável pelo agendamento e seleção do processo de produção / consumo da matéria jornalística. Levanta-se a hipótese de que num espaço insuficiente para cobertura sobre Ciências, ainda há um privilégio para seleção de temas das Ciências Exatas, Tecnológicas (Biodiesel, enriquecimento de urânio) e Biológicas (genoma, células tronco), em detrimento dos vinculados às Ciências Humanas, Aplicadas e de Humanidades. Nossos objetivos visam a demonstrar que esse acontecimento - que tem como causa o baixo valor emprestado às atividades humanísticas - propicia um movimento de exclusão moral das massas da atividade científica em sua totalidade, contribuindo para “engrossar” o caldo cultural do tipo senso comum e desatualizado do leitor.

Renomadas Revistas como SUPERINTERESSANTE, VEJA, ÉPOCA, PESQUISA, EXAME, entre outras que fazem uso da sigla CT&I - Ciência, Tecnologia e Inovação -, raramente teriam suas temáticas influenciando a mídia, uma vez que estas não veiculam, como deveriam, nem fatos históricos rememorando grandes vultos, nem vida e obras de renomados literatos brasileiros ou estrangeiros, salvo se estiverem estes em datas comemorativas ou em implicação direta com a tecnologia. Diante dessas duas vertentes Jornalismo Científico e Teoria Semiótica (verbal e visual), os subsídios teórico-metodológicos extraídos do núcleo sêmico da segunda serão oferecidos e transferidos à primeira como proposta de colaboração. Analisaremos a Publicidade de capa da Revista ÉPOCA, nº 389, intitulada *A nova inteligência*, cuja publicação midiática deu-se em 30 de outubro de 2005. O texto sincrético e complexo que envolve as manifestações verbal, examinada pela teoria greimasiana, e visual, pela teoria daviliana, somente a daviliana será fruto de nossa explanação, nesse Evento, em virtude da extensão da pesquisa. A teoria greimasiana surgirá apenas no momento em que for imprescindível às explanações que circundem o universo sincrético verbo-visual.

Palavras-Chave: Democratização da Ciência; Semiótica Sincrética; Comunicação; Mídia; Jornalismo Especializado.

SEMIÓTICAS NÃO-VERBAIS E SINCRÉTICAS - GLOSSÁRIO

Fernando Netto – UNIVEM–SP- Brasil

fernett@edu.com.br

José Marcelo Martins – KALUMA- Instituto de Música – PR - Brasil

marmarcelo@ig.com.br

Resumo

O nascimento desta pesquisa deu-se em virtude de aprimorar a elaboração de um glossário de definições e conceitos alusivos a semióticas que possibilitam a desconstrução do sentido que emana de textos não-verbais. Intencionamos facilitar sua aprendizagem, uma vez que, por fundamentarem-se na semiótica greimasiana e dela se valerem para análise do texto verbal implicado no sincretismo, sua metodologia evidencia alto grau de cientificidade e abstração. Com o objetivo de que tais fatores não impeçam seu devido entendimento, tomamos a iniciativa de elaborar um glossário, motivados pelo entusiasmo reinante entre seus adeptos, e pelos resultados obtidos nos inúmeros mestrados e doutorados que conferiram às teorias a competência operatória na apreensão e análise de textos e discursos. Os significados não-verbais são examinados em Substância e Forma da Expressão e do Conteúdo. O elucidário tratará da teoria semiótica daviliana, ramificada em: Semiótica da Figuratividade Visual (tracemas), e Semiótica Musical (sonoremas). Sua origem teve início na França, na década de 80, quando D'Ávila preparava seu doutorado em semiótica lingüística e musical, sendo o *corpus* musical apresentado sem a presença da linguagem verbal. As orientações de seus mestres Algirdas-Julien Greimas e Jean-Claude Coquet, e a busca do sentido inserido nas linguagens não-verbais (musical e, posteriormente, visual), conduziram-na à aplicabilidade nas manifestações sincréticas. Os questionamentos dirigidos ao caráter visual aconteceram em função de sua formação também nas artes plásticas. Admiradora incontestável das publicações de Jean-Marie Klinkenberg, pioneiras para a semiótica visual, e tendo acompanhado as publicações e seminários de Jean-Marie Floch – renomado pesquisador nessa área, D'Ávila sentiu a necessidade de ir além, investigando instâncias de valor de cada linguagem comprometida no sincretismo. Dificuldades iniciais ocorreram na condução de seus alunos ao entendimento da teoria greimasiana aplicada à análise do verbal. Em seguida, de fazê-los interpretar a conjuminância deste caráter com outras linguagens (musical, publicitária, televisiva, pictórica, cinematográfica). Esse fato exigiu dos analistas o domínio da linguagem não-verbal a ser analisada (glossário), pela complexidade em desaferrá-la da manifestação verbal. E, finalmente, numa terceira análise que o fato sincrético demanda, concluírem - pela descoberta dos elementos viso-plásticos ou rítmico-sonoros de alto valor

modalizador -, pesquisas sobre a maneira de aplicá-los em: composições eruditas ou populares, montagens publicitárias, cinematográficas, artísticas.

Palavras-chave: semiótica sincrética, teoria greimasiana, teoria daviliana, glossário.

QUEM É O AUTOR DO DISCURSO JORNALÍSTICO? QUEM DIZ O QUÊ, PARA QUEM E COMO NO TEXTO DA NOTÍCIA

Nilo Sergio S. Gomes
Professor e Doutorando da Escola de Comunicação
UFRJ Rio de Janeiro – Brasil
nilosgomes@uol.com.br

O objetivo desta comunicação é refletir sobre o discurso jornalístico, problematizar tal discurso a partir de sua autoria – quem assina, de fato, o discurso jornalístico, quem é seu autor? – e das relações de forças nele presentes e em disputa – seja na condição de dominantes e hegemônicas; seja enquanto dominadas, dissonantes, rebeldes, contra-hegemônicas. Para tanto colocaremos em questão esta linguagem jornalística, seja em sua prática discursiva mesma, sua produção cotidiana de escrituras de notícias; seja *nas e pelas* “leituras” que lhe são próprias e/ou atribuídas na sociedade; seja, ainda, nas caracterizações que esta escrita deixa à mostra, visíveis ou imateriais, ou “presentes por suas ausências”, no dizer de Michel Pêcheux (1997), “implícitos”, estes “já-ditos” que propiciam todo dizer. Cada vez mais a mídia jornalística está presente e atuante em nossas vidas, em um processo que vem sendo denominado por alguns pesquisadores como “mídiação da sociedade” (Fausto Neto, 2008), que afeta também “outras práticas sociais, no âmago do seu próprio funcionamento” (p. 92). Estudar, pois, este discurso é ingressar e inscrever-se na intimidade mesma de um possível fenômeno midiático de ampla repercussão nas sociedades contemporâneas. Ou seja: analisar as condições que possibilitam este tipo de discursivização que cada vez mais se espraia, socialmente, alcançando inclusive outros campos de saber também produtores de práticas discursivas.

**IMAGEM E PALAVRA:
SINCRETISMO EM DIFERENTES GÊNEROS**

ADRIANE BELLUCI BELÓRIO DE CASTRO

Faculdade de Tecnologia de Botucatu – Botucatu-SP/Brasil

abbcastro@ig.com.br

Há quem diga que uma imagem pode testemunhar o que não se consegue colocar em palavras, mas seria essa a relação entre imagem e palavra em nossos dias: uma diz o que a outra não pode revelar? Cremos que não, pois imagem e palavra se completam nos cenários discursivos contemporâneos. Há entre elas um princípio de interação constante, de circularidade reflexiva e criadora. Elas se suprem mutuamente de suas deficiências, se alimentam uma da outra, como num ciclo vital, para gerar sentido. Imagem e palavra são linguagens distintas em natureza – forma e substância da expressão –, mas semelhantes em atributos – forma e substância do conteúdo –, além disso, ambas realizam funções comunicativas e, conseqüentemente, discursivas. Para entendermos um pouco mais dessa relação, recorreremos à semiótica francesa, que se consolidou, entre outros aspectos, como a teoria que possibilitou o alargamento do conceito de linguagem ao conjunto dos sistemas de significação, verbais ou não-verbais. Nesse sentido, essa perspectiva teórica se mostra apropriada não só para o estudo das diferentes linguagens que permeiam e constroem nosso espaço social, mas também para a análise da relação entre elas. Em semiótica, tal relação se destaca como sincretismo, que pode ser entendido como a interligação estabelecida entre linguagens num determinado texto no qual a construção do sentido se torna decorrente dessa relação. O sincretismo pode ser observado intensamente em nossos dias em diferentes meios de comunicação, entretanto, neste trabalho, pretendemos apresentar a análise de alguns textos em cujas composições revelam o sincretismo como principal elemento de construção do sentido. Analisaremos gêneros que utilizam o recurso dos (ambi)caligramas, entendidos por nós como uma tentativa de recriação do signo linguístico e do signo visual gerando o signo iconográfico, o qual funde em si traços da letra e do desenho numa combinação de diferentes planos de expressão. Neste caso, uma vez que o plano de expressão só permite a manifestação do sentido (ali construído) através da complementação que o traçado verbal concede ao visual e vice-versa, ou seja, aquilo que é característica específica de uma linguagem passa a ser elemento significativo de outra linguagem – formando em si uma terceira –, estamos diante de singulares textos

sincréticos que se apresentam como uma combinação de diferentes planos de expressão para formar um outro plano de expressão o qual, por sua vez, estará atrelado a um plano de conteúdo exclusivo para esta forma de expressão.

REFERENCIAÇÃO E ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA NO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO

Helena Corrêa da Silva

Esta comunicação tem por objetivo apresentar uma análise de textos pertencentes ao gênero artigo de opinião produzidos por alunos de 3º. ano do ensino médio de uma escola pública, participantes do concurso do Projeto da Olimpíada de Língua Portuguesa, no Estado do Amapá, ano 2010. Nos textos serão analisadas as expressões referenciais e o modo como contribuem para a orientação argumentativa, tendo-se como base os estudos sobre referenciação entendida como uma atividade discursiva por meio da qual os sujeitos constroem e reconstroem objetos a que fazem referência à medida que o discurso progride. (cf.: MONDADA e DUBOIS, 2003; KOCH, 2002, 2004, 2005; KOCH e MARCUSCHI, 1998; MARCUSCHI, 2003, 2005; KOCH e ELIAS, 2010; ELIAS, 2010). O trabalho situa-se no campo da Linguística Textual cujo posicionamento considera o texto como um evento comunicativo para o qual concorrem aspectos linguísticos, cognitivos, sociais, culturais e interacionais

PRÁTICAS LETRADAS/ESCRITAS NA INTERNET: ESTUDO DO PROCESSO DE TEXTUALIZAÇÃO NO MSN

Andrea Cristian Fusco

Mestrado em Estudos Linguísticos

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho- Câmpus de São José do Rio Preto

São Paulo- Brasil

andrea.cfusco@terra.com.br

De uma perspectiva dos estudos da Enunciação e do Discurso, interessa-nos estudar o fenômeno do chamado “internetês”, popularmente conhecido como o português digitado na internet. O conjunto do material a ser analisado é formado de textos produzidos por um grupo de alunos de uma Escola Municipal de São José do Rio Preto (SP), na faixa etária de 13 a 15 anos. Serão objeto de análise “conversas” trocadas pelo MSN entre esses sujeitos e a professora de Língua Portuguesa. Paralelamente, será coletado um conjunto de textos escritos em ambiente escolar, que servirá de amostra de controle para a pesquisa. De maneira específica, interessa-nos mostrar, por meio da análise comparativa entre “conversas” pelo MSN e cartas pessoais trocadas entre alunos e professora, que a escrita se constitui na complexidade enunciativa da língua(gem), na heterogeneidade dos modos de enunciação. Buscamos evidenciar a natureza dialógica e responsiva dos textos, entendidos como enunciados de uma cadeia enunciativa que se constitui a partir da multiplicidade de *voces* que se contrapõem numa dada sociedade, num dado contexto histórico e cultural. Procuramos mostrar, por meio da análise linguístico-discursiva, que os dizeres dos sujeitos são atravessados pelos dizeres do outro social que o constitui, o que nos leva a refletir sobre a noção de adequação, comumente atribuída a gêneros do discurso, incluídos os produzidos em esfera escolar. Por fim, em oposição às *voces* que se manifestam contrárias à linguagem produzida por jovens em práticas escritas na internet para comunicar-se entre si, nossa hipótese é a de quem escreve mais (escreve mais vezes em contextos diversos, faz o exercício de reflexão sobre a própria escrita), escreve melhor, já que tem competência linguística (e discursiva) para circular por gêneros de ordem diversa, com o reconhecimento de modos de representação construídos sobre a (sua) escrita, sobre o (seu) interlocutor e sobre si mesmo (BAKHTIN, 1997; AUTHIER-REVUZ, 1990; CORRÊA, 2004).

NORMA, BIOPODER E BIOPOLÍTICA: O SUJEITO ANALFABETO NA E PELA MÍDIA

Aline Almeida INHOTI (PG em Letras, UEM, Paraná, Brasil – Capes)

aliinhoti@yahoo.com.br

Ismara Eliane Vidal de Souza TASSO (UEM, Paraná, Brasil)

tassojs@terra.com.br

As práticas discursivas que versam sobre o analfabetismo no Brasil, no último século, são regidas por dois conjuntos de mecanismos de funcionamento do saber/poder, as relações do poder disciplinar e as técnicas de normalização do biopoder. Tais conjuntos constituem forças que, apesar de terem pontos de aplicação diferentes e específicos, a primeira no treinamento dos corpos e a segunda na regulação da população, não se excluem. Ao contrário, os dois conjuntos de mecanismos de funcionamento do saber/poder são ora articulados ora contrapostos na instância do jogo discursivo. Por considerar que a norma circula no entremeio destas duas forças, entre o disciplinar e o regulador, estendendo-se do corpo individual à população, mediante o jogo duplo do exercício do biopoder e da biopolítica, buscamos demonstrar, no presente trabalho, recorte de uma pesquisa dissertativa de mestrado em desenvolvimento, como a norma intervém na constituição plural do sujeito analfabeto no período regido pelo Plano de Ação Internacional como Iniciativa para Alfabetização – Década das Nações Unidas para a Alfabetização e no regime governamental que tem como marca (2005) “Brasil, um país de todos”. Servimo-nos, para tanto, de uma reportagem exibida no programa Fantástico, na rede Globo de Televisão, em dezembro de 2010, que versa sobre a candidatura polêmica do eleito deputado federal de São Paulo, Francisco Everardo Oliveira Silva, cognominado Palhaço Tiririca. A reportagem foi exibida após aplicação de testes realizados pela Justiça Eleitoral, a fim de comprovarem a alfabetização do candidato, requisito da Legislação Eleitoral brasileira para a candidatura de cargos políticos. Considerando a condição de emergência do discurso decorrente do elevado índice, no mundo atual, de analfabetismo, de acordo com os dados apontados pela ONU, observamos que existe no campo político e no campo científico uma compreensão global do que é ser analfabeto. Esta compreensão institui, aos sujeitos enquadrados pela dominação, identidades plurais que ora retomam uma memória pejorativa do sujeito analfabeto, como sendo incapaz,

incompetente, doente, ignorante ora instituem uma memória de competência, capacidade e inclusão na sociedade.

Palavras-chave: Norma; Biopoder; Biopolítica; Analfabeto; Analfabetismo.

BAKHTIN E FOUCAULT: ENTRE O DIÁLOGO SOCRÁTICO E O FALAR FRANCO

Cristine Gorski SEVERO (Departamento de Letras, UFSCar, São Carlos, SP)
crisgorski@gmail.com

Este trabalho visa refletir sobre a dimensão ética. Para tanto, pretende aproximar os trabalhos de Bakhtin sobre o diálogo socrático e de Foucault sobre *parresia* (falar franco), como modos de ver e agir o/no mundo que se opunham a uma visão monológica, autoritária e fechada implicadas na retórica. Bakhtin (1929; 1961-62), na busca das bases da natureza dialógica do gênero romanesco, identifica, na Antiguidade, o diálogo socrático carnavalesco-popular como uma dessas bases. Esse diálogo tinha como procedimentos de produção da verdade a síncri-se e a anácrise. O primeiro visava estabelecer um confronto entre as idéias e verdades e o segundo pretendia instigar os interlocutores a expressarem seus pontos de vista. Nesse contexto, Sócrates tinha o papel de incitar os discursos e o cuidado de si, pois a verdade que estava em jogo era uma verdade ética – que deveria ser corporificada – e não uma verdade que visasse a aprovação popular, diferentemente do que fazia a retórica. Foucault (1982), por sua vez, também retorna à Antiguidade para tematizar, entre outros conceitos, a idéia de *parresia*, entendida como uma técnica de prática de si que se referia tanto a uma dada atitude moral do mestre-diretor de consciência, como a uma forma de transmissão da verdade e que tinha como princípio o “falar franco” ou o “tudo dizer”. Visava-se que aquele a quem esse discurso verdadeiro se direcionava pudesse se constituir como um sujeito de soberania sobre si mesmo. A *parresia* distanciava-se, por seu turno, da retórica, um vez que esta tinha como finalidade a persuasão, ao invés da verdade, identificava-se como uma arte – capaz de ser ensinada e capaz de mentira –, e tinha como fim a administração da assembléia, do povo ou um de exército em proveito de quem fala. Tanto para Foucault como para Bakhtin, trata-se de repensar o processo de produção da(s) verdade(s) inscrito em uma dimensão ética, entendida como (i) a responsabilidade dos sujeitos pelos próprios discursos e atos, (ii) e uma relação estabelecida consigo mesmo. Nessa dimensão, a relação com a alteridade está radicalmente implicada.

**PALAVRA E AÇÃO CONSEQUENTE: ACERCA DE *ENSAIO SOBRE A
CEGUEIRA*, DE JOSÉ SARAMAGO**

Sandra Ferreira - FCL- UNESP/Assis, SP/Brasil,
san@assis.unesp.br

O romance *Ensaio sobre a cegueira* (1985), por um lado, constitui narrativa impregnada de desejo metafísico – o qual, conforme Emmanuel Levinas em *Totalidade e infinito* (2008), “deseja o que está para além de tudo o que pode simplesmente completá-lo” – e, por outro lado, é narrativa convicta de que os pensamentos e ações humanas são regidos por necessidades materiais, que explicam a sociedade e a história. O propósito desta comunicação é refletir sobre a configuração textual do desejo de dominação no universo da cegueira luminosa, em que se destaca a personagem da mulher do médico e seu contínuo esforço para manter, na comunidade anônima, o vínculo entre **eu** e **outrem**, por meio do alcance (e dos limites) da linguagem e da bondade. Para tanto, serão analisados os meandros narrativos instauradores da tensão dialética entre regulação e emancipação no mundo criado pelo narrador por meio de atos de fala e suas circunstâncias físicas e sociais imaginárias nas quais atuam as personagens.

Tal análise será metodologicamente assentada no processo textual romanescos a partir das três dimensões indissociáveis: a sintática, a semântica e a pragmática. Assim sendo, serão considerados os arranjos enunciativos, as relações de sentidos dos elementos enunciados e a pragmática narrativa unificadora desses elementos sintagmáticos e paradigmáticos. Serão considerados procedimentos de coesão e coerência textuais, bem como ressaltada a noção de texto como processo para o qual concorrem os grandes sistemas de conhecimento apontados por Heinemann e Viehwegger (1991), a saber, o conhecimento linguístico e o conhecimento enciclopédico ou de mundo, subdividido em conhecimento declarativo e conhecimento episódico.

O objetivo dessa comunicação, portanto, é o estudo de propriedades linguísticas do discurso literário constituído em *Ensaio sobre a Cegueira* a partir da personagem da mulher do médico e das tensões geradas pelo fato de, entre cegos, ser a única a enxergar. Esse estudo será pautado pelos pressupostos da linguística textual e da pragmática do texto literário, com vistas a interpretar o mundo criado no romance

selecionado para análise, que, enquanto literatura, é visceralmente retórico, dramático (atos de fala) e autônomo.

O DISCURSO DE PROFESSOR E ALUNOS COM RELAÇÃO AO USO DE ANALOGIAS NO ENSINO DE FÍSICA

Fernanda Cátia Bozelli

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Departamento de Física e Química, Faculdade de Engenharia, Ilha Solteira, São Paulo, Brasil, ferboz@dfq.feis.unesp.br . Apoio: FAPESP

Roberto Nardi

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Departamento de Educação e Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência (Área de Concentração: Ensino de Ciências), Faculdade de Ciências, Bauru, São Paulo, Brasil, nardi@fc.unesp.br

RESUMO

As relações entre linguagem e ensino de Ciências têm sido objeto constante de pesquisa nos últimos anos, tendo se constituído numa promissora linha de investigação na área de Educação em Ciências. Dentre essas pesquisas, destacam-se os estudos sobre a utilização das analogias enquanto recurso didático mediador entre os processos de ensino e de aprendizagem. No caso específico da pesquisa em Ensino de Física, muitos dos pesquisadores têm mostrado interesse no levantamento de fenômenos físicos que podem ser comparados através do uso de figuras de linguagem. Entretanto, as condições de produção das analogias pelo professor ou pelo aluno são ainda pouco estudadas, e a partir desta constatação é que esta pesquisa foi desenhada. Com o intuito de avançar nos estudos nessa linha, procura-se aqui responder as seguintes questões: Que explicações o professor tem para o uso de analogias em sala de aula? Como os alunos interpretam as analogias utilizadas pelo professor? Para responder a essas questões, observou-se as aulas de uma disciplina de Física Geral de um Curso de Licenciatura em Física de uma Universidade Pública do Estado de São Paulo. Por meio das transcrições, verificou-se a utilização das analogias por parte do professor e dos alunos. Com o intuito de aprofundar a análise, foram realizadas entrevistas com o docente que ministrou a disciplina e com uma amostra de alunos que participaram do processo. Para interpretar as falas, foram utilizados os princípios e procedimentos da análise do discurso em sua linha francesa, segundo Pêcheux (1990) e Orlandi (2003). A pesquisa revelou que as condições de produção das analogias pelo professor envolviam, essencialmente, como

sujeitos, os alunos, numa situação de sala de aula tendo, essencialmente, a memória como principal integrante do discurso. No discurso do professor fica evidente que ele fala enquanto uma pessoa pertencente a uma instituição, da posição de físico pesquisador e não da posição de professor de um curso de Licenciatura em Física. Está, de certa forma, inserido em um lugar de enunciação pertencente à classe dos físicos. Já nos discursos dos alunos, notamos que eles admitem que as explicações envolvendo analogias estão voltadas para situações que eles conhecem, e isso promove a discussão, além de facilitar muito o entendimento do conceito. Isso porque, quando eles vão estudar o conceito, se lembram da situação analógica apresentada pelo professor em sala de aula.

**ENTRE AS LINHAS DO TEXTO: AS PROPOSTAS DE LEITURA
LITERÁRIA NOS SUPORTES ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL DA
REDE PÚBLICA ESTADUAL DE SÃO PAULO**

Michelle Mittelstedt Devides
ETEC Astor de Mattos Carvalho – SP – Brasil
midevides@yahoo.com.br

Através da leitura desvendam-se as palavras e os sentidos, surgem as descobertas e experiências singulares para o leitor. O caminho percorrido no texto, pelas linhas e entrelinhas, é sempre inédito, mesmo que de certa forma as palavras sejam revisitadas, outro olhar é lançado sobre elas, pois o tempo e o espaço da leitura são outros, este como fator social e aquele como histórico, os quais interferem nas dimensões de significados que podem ser encontrados. Para Freire (2001) e Lajolo (2005, p.15), o texto precisa ter um sentido e dar um sentido ao mundo, para que não se torne algo alheio ao leitor. Para Roger Chartier, focar a leitura na sua diversidade seria evidenciar os contrastes entre as competências de leitura; entre as normas de leitura; e entre as expectativas dos diferentes grupos leitores.

Sendo assim, a partir dessas modalidades de contrastes, pressupõe que a leitura seja abordada também pelos dispositivos que tentam normalizá-la, controlá-la, modelá-la, propondo duas perspectivas: o estudo da maneira como os textos, e os impressos que lhes servem de suporte, organizam a leitura que deles deve ser feita; e a recolha das leituras efetivas, captadas nas confissões individuais ou reconstruídas de acordo com a comunidade de leitores. Nesse sentido, ao considerar o mundo dos textos e dos suportes que lhes sustentam, estariam localizadas operações de escritura de textos e de fabricação dos suportes, as quais orientadas por certas representações de leitura e do público leitor criam uma série de dispositivos escriturários e editoriais, denominados protocolos de leitura. Desvendar esses dispositivos através de indícios deixados pelo autor, ao produzir o texto, e pelas marcas impressas pela editoração, faz parte de uma análise dos textos e dos suportes escolares, especificamente os materiais disponibilizados aos alunos do 6º ano da rede pública estadual de São Paulo, considerando a possibilidade de desvelar a imagem de leitor que é construída através desses suportes. Desta maneira, um olhar mais atento é lançado sobre as propostas de leitura que permeiam o texto literário, pois evidenciam as possibilidades de formação do leitor.

A CENSURA DA OBRA: O ÔNUS E O BÔNUS DE PLÍNIO MARCOS COMO PORTA-VOZ DO POVO

Denise Aparecida de Paulo Ribeiro Leppos
(Mestrado em Linguística – UFSCAR/SP – Brasil)
(de_depaula21@hotmail.com)

O objeto de análise deste trabalho é o silenciamento de uma formação discursiva em *Querô uma reportagem maldita* de Plínio Marcos. Essa obra, num primeiro momento, fora escrita em forma de teatro, cujo fito era a encenação. Porém, com a censura teve que ser reescrito em forma de romance, “numa reportagem maldita” e, após longos anos que ela pode ser encenada. Plínio Marcos transcende o teatro da época por apresentar um enredo diferente do convencional, colocando em cena o vulgo, os *outsiders* sociais, motivo pelo qual assume uma linguagem marcadamente coloquial. O romance possui um contexto engendrado no período da ditadura militar, que talhava o discurso dos indivíduos, ao mesmo tempo, que os silenciava. A partir disso, propomos uma análise calcada nas bases da análise do discurso de linha francesa. O conceito formação discursiva (doravante FD) surge no interior do método arqueológico concebido por Michel Foucault no final dos anos de 1960. Embora, mesmo nesse período também tenha emergido na França a Análise do discurso, derivada dos trabalhos de Michel Pêcheux e seu grupo, esta última emprestará a expressão “formação discursiva” nos primeiros anos da década seguinte, inserindo-a em um paradigma marxista e dando-lhe, por essa razão, um sentido bastante distinto daquele proposto por Foucault que inicialmente não fora ouvido pela AD (análise do discurso), entretanto, Michel Pêcheux extraiu e se apropriou do termo FD em seu texto *A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso* (1971) e, logo depois, escreve o artigo *Remontemos de Foucault a Spinoza* (1977) desenvolvendo uma crítica marxista da concepção foucaultiana sobre o discurso. Em suas obras, observa-se a presença do retrato da exclusão social e a repressão – censura – silenciamento sofrida pelas personagens, que ora são oprimidos, ora assumem o papel de opressoras. Plínio Marcos assume uma posição enunciativa como o porta-voz dos desfavorecidos, favelados, homossexuais, negros etc. usufruindo do benefício do locutor, seria o seu bônus o reconhecimento de suas obras por essas minorias, porém o autor sofreu com a censura de seu trabalho ficando conhecido como um escritor marginal.

DA ESCRITA À ORALIDADE: A PRÁTICA SOCIAL DA LINGUAGEM

Maria do Rosário Gomes Lima da Silva

UNESP – Assis

mrosario@assis.unesp.br

A oralidade é a primeira forma de aprendizado de uma língua. No entanto, no processo de aprendizagem de língua estrangeira o aluno tende a focar primeiro nas habilidades de leitura e escrita para depois entrar na compreensão e produção oral. Segundo Soares (2001) “não basta apenas saber ler e escrever, é preciso também saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e escrita que a sociedade faz continuamente”. (p. 20). Essa nova realidade social leva em conta o letramento que de acordo com Kleiman (1995) deve ser considerado como "conjunto de práticas sociais, cujos modos específicos de funcionamento têm implicações importantes para as formas pelas quais os sujeitos envolvidos nessas práticas constroem relações de identidade e poder". A autora ressalta ainda que, "o fenômeno do letramento extrapola o mundo da escrita" entendido apenas como processo de aquisição e uso de formas linguísticas em um código alfabético. Partindo, então de conceitos de letramento, e discurso, nossa apresentação pretende refletir sobre o lugar da linguagem no o ensino aprendizagem de inglês como língua estrangeira como forma de construção das relações sociais e na percepção de mundo.

O DISCURSO E O SERMÃO DE ANTÓNIO DAS CHAGAS

Toniato Freire Rodrigues

Letras – Faculdade de Ciências e Letras de Assis

Unesp (Universidade Estadual Paulista) – SP - Brasil

toniato@ibest.com.br

Chagas compartilhava com Vieira a visão de adequar textos bíblicos às realidades que vivia, mas de maneira mais contundente, usando exemplos do cotidiano. A “literatura jesuítica”, nos primórdios de nossa história, visa à catequese do índio, à instrução do colono e sua assistência religiosa e moral. Para a leitura dos seus textos, deve-se trabalhar com afinco na leitura de manuscritos e se discutir questões relativas à autoria, pois outros FONSECAS chegam a ser mencionados na época. Os referenciais teóricos de produção de Fonseca não são distintos de outros documentos, estudados nos séculos XVII e XVIII. Muitos recorriam aos modelos das poéticas da Antiguidade Clássica, que serviram como uma base para qualquer tipo de composição textual e eram interpretados a partir de um ponto de vista religioso e culto, já que o clero dominava um grande conhecimento linguístico. O seu trabalho como pregador foi criticado pelo Padre António Vieira, que o achava excessivo e teatral. Autor de vasta obra literária, que vai da poesia aos sermões, o espólio de Frei António das Chagas vale pela sua qualidade estilística e profundidade espiritual, muito inspirada no poeta espanhol Luís de Góngora. Esse modo teatral da pregação do Fradinho - como o de muitos pregadores do seu tempo - entroncava com a maneira medieval, que não era menos recatada. É, efetivamente, nos veios medievais que vai o frei buscar as fontes inspiradoras das suas obras espirituais, mas é num certo estilo de vida falso e langoroso da época, de que são expressão extrema os frequentadores das grades do convento, que assimila certas expressões de piedade melíflua. António das Chagas viveu em um tempo em que os religiosos detinham muito conhecimento e o povo tinha muito respeito por eles. O frei produziu sermões contemporâneos de Vieira para aconselhar seus fiéis, baseando-se em histórias que ouvira ele próprio e outras vivenciadas por colegas eclesiásticos. Os modelos empregados na escrita nessa época eram baseados em manuais de poética e retórica antigas. Aristóteles, com sua retórica, foi um instrutor importante para aqueles que trabalhavam com as palavras. Havia, também, tratados de agudeza como os de Baltazar Gracián, em que se orientava a melhor maneira de se trabalhar com determinado assunto num texto de nível superior e adequado aos preceitos da época. O gênero demonstrativo empregava a amplificação retórica. Fonseca

empregava esse modo de escrita para criticar o ser feminino, desaprovando seu comportamento ou elogiá-la.

Referências Bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *Normas de documentação*. Rio de Janeiro: ABNT.

ALFENA, G. *O santinho do pau oco*. 2005. Dissertação de Mestrado em Letras (Área de concentração: Filologia e Lingüística Portuguesa. Faculdade de ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2005.

ARISTÓTELES. *Retórica*. Introdução de Manuel Alexandre JÚNIOR. Tradução do grego e notas de Manuel Alexandre JÚNIOR, Paulo Farmhouse ALBERTO e Abel do Nascimento PENA. Lisboa: INCM, 1998.

BELCHIOR, M. de L. *Os Homens e os Livros* (Séculos XVI e XVII) Lisboa: Verbo, 1971. Disponível em <http://books.google.com>. Acesso em 27/10/2006.

CICERO, M. T. *De Oratore (Sobre o Orador)*, 55 d.C.

GRACIÁN, Baltasar. *A Arte da Prudência*, São Paulo: Martin Claret, 2001.

HANSEN, J. A. *A sátira e o engenho*. Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. São Paulo: Ateliê Editorial; Campinas: Edunicamp, 2004.

———. *Alegoria*. 2.ed. São Paulo: Atual, 1987.

LAKATOS, E. M., MARCONI, M. A. *Metodologia do trabalho científico*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002. 214 p.

MORAES, C. E. M. Fonseca, Chagas Ou Ribeiro Da Costa? Revista Philologus, ano 13, n.39.

PÉCORA, A. (2008). *Teatro do Sacramento*. São Paulo: EDUSP; Campinas: Editora Unicamp.

QUINTILIEN. *Institution oratoire*. Texte établi et traduit par Jean Cousin. Paris: Les Belles Lettres, 1980. t. VII

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002. 252 p.

SOARES, A. da F. *Manuscrito 1486*. Sala de Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

———. *Manuscrito 392*. Sala de Reservados da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

VIEIRA, A. (1993). *Sermões*. Cinco volumes. Porto: Lello e Irmão.

ASPECTOS “OCULTOS” DO LETRAMENTO ACADÊMICO E *PRESUMIDO CULTURAL*: SEQUÊNCIAS NARRATIVAS EM TEXTOS DE PRÉ-UNIVERSITÁRIOS

Vitor SOSTER (Graduando FFLCH/USP; vitor.soster@usp.br; CNPq-PIBIC)
Manoel Luiz Gonçalves CORRÊA (USP; mcorrea@usp.br; CNPq)

RESUMO:

Analisando um *corpus* composto de 50 textos dissertativos, produzidos como redação para o Vestibular FUVEST/2006, este trabalho estuda expressões referenciais de tempo (expressões adverbiais, advérbios e alguns adjetivos), como manifestações de temporalidades que participam da organização do texto. Foram levantadas as ocorrências de *sequências narrativas* (ADAM, 2008) em arranjos temporais mais ou menos padronizados do ponto de vista das temporalidades, o que resultou quatro tipos de arranjos textuais. Esses quatro tipos foram distribuídos num contínuo, concebido em função da combinação entre presença de *sequências narrativas* e presença de tom definitório (em geral, marcado pelo verbo “ser” no presente do indicativo). Nos polos desse contínuo, o *tipo I* e o *tipo IV* caracterizam-se, respectivamente, pela máxima presença de arranjos textuais com *sequências narrativas*/mínima presença de tom definitório e pela mínima presença de arranjos textuais com *sequências narrativas*/máxima presença de tom definitório. Os resultados dessa análise confirmam que a tradicional separação entre textos narrativos e dissertativos não se mantém. É o que acontece, por exemplo, na construção de argumentos por meio da relação de causa e efeito, em que as *sequências narrativas*, marcadas por determinadas temporalidades, tomam o lugar do argumento lógico sugerido por aquela relação. Com base nessa análise, o trabalho propõe, ainda, uma aproximação entre *aspectos “ocultos” do letramento acadêmico* (Street, 2009) e *presumido cultural* (Voloshinov/Bakhtin, 1926: s/d), observando os chamados *aspectos “ocultos”* não propriamente como ocultos, mas como índices de um *presumido cultural* que participa tanto da construção do sentido das palavras e do enunciado quanto da construção dos *gêneros do discurso*. Em outras palavras, tratamos a construção de argumentos e a coesão, tal como são feitas pelos vestibulandos por meio de *sequências narrativas*, como índices de que o letramento acadêmico, também nesses casos, funciona com base em *aspectos “ocultos”*, os quais tomam as temporalidades como um *presumido cultural* pronto a servir como forma de acabamento do sentido.

A INTENSIDADE INTERATIVA DE *UM CINTURÃO*

Odilon Helou Fleury CURADO (UNESP / Assis)

odfleury@assis.unesp.br

Com base no dialogismo bakhtiniano, o trabalho examina a interação autor-texto-leitor de *Um cinturão*. Publicado em 1945, *Infância* é uma obra autobiográfica de Graciliano Ramos. Embora constituído por um conjunto de contos, o livro pode ser lido como romance, em que o ficcional e referencial se misturam no passado que se recria e na procura por dar-lhe sentido. Segundo a crítica, é possível considerá-lo como unidade, na qual se observa um período de amadurecimento interior e de aprendizagem da criança protagonista, sobretudo no lidar com as perdas e as dores. Com relação à linguagem, tornou-se lugar-comum afirmar que se trata do livro mais bem escrito do autor, face à magistral combinação de concisão lingüística – sua marca inconfundível – e um denso lirismo, raramente encontrado em suas outras obras. Em *Infância*, a língua parece alcançar um ponto de equilíbrio, em que a palavra flui mais natural, e seu potencial expressivo eleva-se extraordinariamente, atingindo muitas vezes o poético. Observa-se no livro um enorme desejo de compreensão do outro, desejo conflitante com mágoas e preconceitos. Graciliano manifesta simpatia pelos oprimidos e também por aqueles que oprimem. Descreve-se como uma criança atormentada e humilhada – ser fraco diante de adultos, mais fortes –. A opressão tematiza-se aqui, na sua visão de mundo. Quem tem poder, naturalmente massacra, sufoca. Nesse contexto, a mãe surge como extremamente ríspida, insensível, e o pai se revela por demais autoritário, déspota e tirano em diversos momentos, como no caso de *Um Cinturão*, episódio dos mais dramáticos. “O homem”, como Graciliano o descreve, não encontra seu cinturão ao acordar. Pergunta a Graciliano, então com “quatro ou cinco anos”, que, assustado, não consegue articular palavra. Descarrega sua ira espancando com rigor desmedido a criança. “Aliviado”, ao retornar para a rede onde dormira descobre nela o objeto que tanto procurava. Percebe-se no agressor a intenção de corrigir o erro, mas sentimentos diversos parecem ter-se misturado, como orgulho, vaidade e medo de perder a autoridade. Talvez um deles (ou todos) justifique(m) o fato de o pai hesitar (queria pedir desculpas?), mas acabar voltando para a rede e dormindo. A consequência desse episódio é séria: Graciliano constrói uma desconfiança quanto à justiça dos homens.

PALAVRAS-CHAVE: dialogia; lirismo; expressividade.

APRECIE COM ENUNCIÇÃO: ANÁLISE DE PROPAGANDAS DA CERVEJA BOHEMIA

Bruna Carolini Barbosa

Pós graduanda em Língua Portuguesa

Universidade Estadual de Londrina – UEL

Paraná / Brasil

brunacarolini.barbosa@yahoo.com.br

A propaganda publicitária é um instrumento que realiza grande influência na sociedade, conduzindo as pessoas a consumir, muitas vezes sem entender o fato de tantos partilharem a mesma opinião a respeito um determinado produto; ou de onde vêm as ideias e valores que os orientam sobre como agir, pensar e ver o mundo. A cada dia, com o rápido desenvolvimento da tecnologia e intensa circulação de informações, a publicidade ganha mais espaço, e conseqüentemente força, dentro de um meio capitalista, levando os indivíduos a comprar os produtos que representam as tendências e os valores da classe dominante. Movidos pelo desejo de desvendar os meios pelo qual a propaganda se faz valer, elaboramos o presente artigo, que tem como objetivo verificar, descrever e analisar a eficiência da persuasão, resultante dos efeitos de sentido produzidos pelas marcas enunciativas nos textos verbais – combinados com a linguagem não verbal, que é fundamental para a leitura global do texto – nas propagandas de uma das consideradas melhores marcas de cerveja do Brasil, a Bohemia. Partimos do princípio de que não existe comunicação neutra e de que “o elemento persuasivo está colado ao discurso como a pele ao corpo” (CITELLI, 1985 p. 6.), assim estamos a todo o momento tentando convencer o outro, e a publicidade dentro desse contexto torna-se uma representação eficaz desse conceito. Para tanto, nossas reflexões e análises ancoram-se nas perspectivas teóricas da Enunciação sob a luz de Dominique Maingueneau, Ingedore Villaça Koch, Émile Benveniste e Mikhail Bakhtin. Para a aplicação da pesquisa compomos um *corpus* com duas peças publicitárias da cerveja Bohemia, publicadas na revista Isto é, veículo nacionalmente conceituado em circulação de informações. Através da análise pretendemos, por meio dos recursos linguísticos, encontrar as marcas argumentativas pelas quais o texto elabora a persuasão, que, de tão eficaz, tem colaborado para a venda da ideia de que Bohemia é sinônimo de qualidade, o que contribui para que a marca se fixe como um exemplo de tradição no mercado.

Palavras chave: Enunciação; Propaganda; Persuasão; Argumentação.

A CONTRIBUIÇÃO DA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO PARA O DESVELAMENTO DE TEXTOS PUBLICITÁRIOS

Domingos Caxingue Gongga – dominguescg@hotmail.com

Ingrid Ribeiro da Gama Rangel – insuker@yahoo.com.br

Mestrandos em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do norte Fluminense
Darcy Ribeiro (UENF) – Agência financiadora: Capes

Palavras-chave: Análise Crítica do Discurso – Discurso publicitário – Ideologia

Discurso é, para ORLANDI (2009:15), “palavra em movimento”. Por meio da linguagem, movimentada em diferentes discursos, o homem é socialmente construído. Entretanto, faz-se necessário que se fique atento às tentativas de dominação por meio do discurso. Segundo CITELLI, o discurso pode ser lúdico, jogado entre os interlocutores, mas também pode ser autoritário. No discurso autoritário há o intuito de dominação e o estabelecimento de quem pode ser emissor ou receptor.

Antonio Gramsci (1979), afirma que os intelectuais sociais são previamente organizados segundo a condição e a função social que irão desempenhar. Para Foucault, os discursos são formados segundo condições econômicas específicas, atribuindo poder aos que detêm o conhecimento.

O presente estudo visa compreender a importância da Análise Crítica do Discurso para o desvelamento de questões hegemônicas e ideológicas. Tomando como base teórica os estudos de Norman Fairclough, pesquisa-se a importância da Análise de Discurso Textualmente Orientada para a formação do sujeito, que mesmo em contato com discursos dominantes, é capaz de penetrar no texto a fim de interpretá-lo.

Os discursos publicitários de algumas escolas de idiomas serão analisados. FAIRCLOGH (2001:255), explica que a comodificação coloniza a educação a mero produto mercadológico. A peça publicitária da Skill é um importante exemplo, pois trabalha com o slogan “Inglês campeão”, associada à figura do campeão olímpico César Cielo. O CNA trabalha com a ideia de que por meio do inglês que a escola oferece o estudante obtém sucesso: “CNA, pra quem é apaixonado por sucesso”. A escola ainda trabalha com a ideia que o desejo de alcançar sucesso é inerente ao ser humano - transtemporal, entretanto, que somente algumas pessoas (as que fazem CNA) realizam. A escola de idiomas Cultura Inglesa mostra o status e a

formação de um sujeito cosmopolita. Segundo a publicidade da escola, quem tem o inglês lá ensinado é capaz de transcender às barreiras territoriais.

A educação como peça mercadológica, é Commodificada. Ela cria necessidades nos possíveis “clientes” e promete realizar os seus desejos. Greimas (1993) coloca que para persuadir o emissor, a publicidade faz uso de estratégias. O autor explica a importância de se observar as paixões do enunciatário para seduzi-lo. As propagandas de algumas escolas de idiomas trabalham com paixões humanas como o sucesso e a vontade de vencer. O aluno é contraditório, pois pensa escolher entre as opções de escolas, mas cede às necessidades criadas pelo capitalismo.

Entende-se que por meio de uma análise crítica do discurso possa-se desvelar estas e outras questões a fim formar um sujeito que rejeita a ingenuidade e é capaz de entender a dinâmica dos discursos e das mudanças sociais das quais ele é produto e produtor.

TWITTER: UM GÊNERO EMERGENTE DAS NOVAS TECNOLOGIAS

Jaqueline Lopes Sobrinho Castro

Linguística Aplicada- Faculdade de Letras- Universidade Federal de Goiás - GO-Brasil

jaquelinelscastro@gmail.com

Este trabalho parte do impacto das novas tecnologias da comunicação na sociedade atual. Tecnologias que vem mudando, ao longo de sua evolução, a forma de nos comunicar e relacionar. Os gêneros emergentes dessas novas tecnologias são variados e provocam impactos que vão da linguagem até a vida social. São vários os aspectos importantes, mas três aspectos tornam a análise desse gênero relevante: primeiro o desenvolvimento e o uso generalizado; segundo, suas peculiaridades formais e funcionais; e terceiro, ele nos permite repensar nossa relação com a oralidade e escrita. A análise desses gêneros se faz importante se considerarmos tanto a natureza formal quanto aspecto sócio-comunicativo, pois, o que caracteriza o gênero virtual são aspectos funcionais e operacionais ao lado de estratégias e propósitos. Assim, partindo da noção de gênero como fenômeno social e histórico, este breve estudo caracteriza o Twitter enquanto um dos gêneros emergente dessa última década. Portanto, este trabalho tem como objetivo contribuir para as reflexões sobre os gêneros digitais, a partir da perspectiva da Análise do Discurso. Enfocando, principalmente, o gênero digital Twitter. A partir desse enfoque analisamos como o twitter se constitui enquanto gênero e a importância desse gênero na sociedade atual, na tentativa de explorar esse potencial de interatividade. Para tal análise, consideramos que os gêneros são formas sociais de organização e expressão da vida cultural. E, assim, tomado o gênero como texto situado histórica e socialmente, culturalmente sensível, servindo como instrumento comunicativo e como ação social, percebemos que o meio virtual interfere na natureza do gênero produzido, inscrevendo, assim, características próprias do ambiente. Observamos que o twitter se caracteriza, principalmente, por ser um espaço interativo, que proporciona o relacionamento interpessoais, a partilha de valores e práticas sociais como produção e distribuição e uso de bens coletivo, entretanto, limita as postagens dos usuários em cento e quarenta caracteres, o que lhe confere uma característica própria aos seus discursos, logo, ao gênero também. Para fundamentar este estudo, examinamos algumas concepções de língua que embasam as principais teorias linguísticas da atualidade e os estudos realizados a respeito dos novos gêneros, os gêneros digitais. Para tanto, apoiar-nos-emos nos construtos bakhtinianos de

língua e gênero; e nas contribuições de Marcuschi (2005), que lida com a questão dos gêneros digitais.

A análise do discurso narrativo em Capitão Cueca, por Dav Pilkey, segundo Labov

Tânia Regina Pinto de Almeida

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
tanielmeida62@gmail.com

Resumo: O objetivo deste artigo é analisar, segundo a perspectiva de Labov (1997), o discurso narrativo presente nos volumes da série Capitão Cueca, por Dav Pilkey, bem como o estímulo à leitura proporcionado pelos elementos narrativos do livro. A escolha de Labov deve-se ao fato de que o linguista defende que as narrativas têm uma realidade de processamento que pode ser codificada em regras, todas estas, porém compõem uma mesma estrutura. Através da análise da composição dessas regras imbricadas à forma e ao conteúdo dos livros da série, será desenvolvido uma ligação entre os conceitos de Labov (1972 e 1997), Anna De Fina (2006), Applebee (1978), Halliday e Hasan (1976), que ao se completarem, promovem a progressão do gênero e, conseqüentemente, o interesse pela obra em questão.

Palavras-chave: discurso, gênero e leitura

1. Introdução

Para que a análise descrita ao longo deste artigo seja consistente, faz-se necessário um esclarecimento sobre a definição adotada de narrativa. Entende-se por narrativa, um relato de uma história, envolvendo personagens que, diante de determinados acontecimentos, agem, e reagem, podendo expressar o que sentem e pensam. A personagem principal pode ser o próprio narrador, que está envolvido diretamente na sequência narrada ou simplesmente relata fatos acontecidos a terceiros, como observador.

Há, deste modo, uma definição geral que se forma, defendendo o objeto de estudo como um método de recapitular a experiência passada através de uma sequência de orações e eventos, respeitando sua respectiva ordem.

Os requisitos básicos defendidos por Labov (1972) para uma boa narrativa, dividem-se em seis partes: resumo, orientação, complicação, avaliação, resolução e

coda – que serão explicados no capítulo a seguir. Na mesma linha, encontram-se os tipos de plano distintos da narração.

O primeiro é formado por orações que corroboram para a cronologia dos fatos. Suas orações são denominadas “narrativas”. Já o segundo, o complemento através da inserção de detalhes às informações narradas. Suas orações são consideradas desvios avaliativos, por possuírem uma estrutura secundária.

Aprofundando-se na estrutura deste tipo de texto, mostra-se pertinente o destaque dos marcadores linguísticos que constroem a particularização do personagem, a impessoalização, o distanciamento temporal, a atribuição e o hábito – sendo indispensáveis para a ocorrência dos requisitos mencionados por Labov (1997).

Sendo assim, para que um texto, como os da série Capitão Cueca, seja agrupado no tipo Narrativo, é necessário que cumpra com os requisitos expostos, possuindo elementos que proporcionem coesão e coerência entre os fatos, enfatizando determinados aspectos para a realização uma narração bem-estruturada e que incentive, por seu próprio texto, o hábito de ser lida.

Há ainda, segundo Labov (1997), a Narrativa Mínima, que é uma sequência de duas ou mais orações, sob ordem cronológica, sendo uma classificação dentro do próprio tipo de texto.

2. As particularidades do tipo de texto narrativo

Dando continuidade ao que foi dito, serão descritos a seguir os requisitos mencionados para a boa formação do texto. São eles:

- **Resumo (abstract):** Uma ou duas orações que servem como síntese do que será narrado;
- **Orientação:** Introduz o leitor no contexto da narrativa, através da exposição dos personagens e seus comportamentos, bem como o ambiente em que a ação se passa e o tempo;
- **Complicação:** Funciona como suporte da narrativa, ou “esqueleto” da mesma, formado por uma sequência de episódios
- **Avaliação:** Conforme é sugerido pelo próprio nome, esta é a parte em que o narrador avalia, ou seja, expressa sua opinião, sobre o que está narrando
- **Resolução:** Apresenta o desenlace dos acontecimentos

- Coda: Não é um elemento que possa ser reconhecido como requisito, já que nem sempre está presente. É responsável por encerrar a sequência de ações relatadas..

Dentro desta proposta, os textos podem ser agrupados em duas classificações: macroestrutural – onde são encontradas as orientações do narrador – e microestrutural - onde se estabelecem as relações coesivas entre os parágrafos.

Segundo Anna de Fina (2006), há três papéis que podem ser identificados em uma narrativa. O primeiro trata do narrador que se constrói com base nos papéis sociais que exerce na história, como o que acontece com dois personagens (Jorge e Haroldo) da coleção analisada.

Já o segundo, utiliza a história como estágios de reflexão ou negação de modelos sociais que o(s) sujeito(s) desempenha(m), como acontece com o diretor Sr. Krupp. E o terceiro, apresenta a categorização do *eu* no grupo – onde negocia o seu papel social, o que podemos observar com o Capitão Cueca.

Neste momento, é necessária uma apresentação da história em questão para que o entendimento das ideias presentes neste artigo não seja prejudicado.

No livro, podemos perceber a intenção do autor em persuadir o leitor quanto ao caráter bondoso de seus personagens principais – Jorge e Haroldo, representantes da maioria das crianças – diferindo do modo pelo qual são vistos pela grande parte da sociedade - representada pelos adultos em geral, com foco no diretor de sua escola, Krupp.

Nessa busca pela defesa de seus personagens, ocorre a criação do super-herói Capitão Cueca, que é, na verdade, o Sr. Krupp hipnotizado pelo anel “hipno 3D. A criação demonstra que pode haver uma semelhança entre seus protagonistas e o antagonista. Considerando que, este último possui o papel de representante de uma sociedade estigmatizada que, na maioria das vezes, se estabelece através da escola onde estudam – Jerome Horwitz.

Deste modo, ele entra em contradição com sua idéia inicial, de que a semelhança realmente existe, pois enfatiza que a sociedade precisa estar hipnotizada para que essa relação harmônica possa ser concretizada.

Cabe mencionar, que a “hipnotizar” possui como definição, segundo Houaiss: “ato de submeter (alguém) ao seu encanto e tirar-lhe o raciocínio e a ação; fascinar, encantar, magnetizar”.

Na história de Dav Pilkey, Jorge Beard e Haroldo Hutchins são dois garotos e amigos inseparáveis de longa data, que estudam na escola Jerome Horwitz, sob a direção do Sr. Krupp – um austero diretor que além de reprimir as estripulias que os meninos faziam, [...] *odiava* (p.22) *suas piadas e [...] sua veia artística muito forte* (p.8).

Eles eram pequenos inventores de histórias em quadrinhos elaboradas a quatro mãos e, em uma dessas histórias, criam “o mais incrível capitão de todos os tempos”: o Capitão Cueca.

Esse incrível super-herói, [...] *com poderes cuequentos* (p.10) é [...] *capaz de voar por aí de cueca* (p.11) e utilizá-la como *arma* para combater inimigos - em especial o Incomível Grude.

O Capitão Cueca é materializado através da hipnose já mencionada do diretor, Sr.Krupp. O efeito desejado não era a transformação, mas o esquecimento de uma travessura feita pelos meninos e gravada por Krupp em uma fita de vídeo. Eles tentam desfazer a hipnose, mas não conseguem, pois a nova personalidade exerce sobre esses um grande fascínio.

Embora o tema da história não seja inusitado, através dos elementos dêiticos e da escolha lexical efetuada no texto, podemos compreender o enorme interesse que as crianças da faixa etária de Jorge e Haroldo possuem na narrativa.

Assim, relacionando a microestrutura textual, temos os seguintes vocábulos - *em itálico*, que são fundamentais na orientação do leitor, e que corroboram na progressão da leitura, como:

- (1) “ Você está vendo aquele cara velho, *lá no alto?*” p.21 – orientação de espaço
- (2) “ Em breve num recreio *perto de você*” p.20 – orientação de tempo
- (3) “Ajoelhe-se *aqui*” p.24 – orientação de lugar
- (4) “Então, *enquanto* Haroldo esfregava os pneus, Jorge perambulava pelo quintal”p.43 – orientação de tempo
- (5) “*é assim* que funciona”p.85 – orientação de modo

- (6) “... é só virar a página da direita rapidamente *até que a figura pareça se mexer.*” P.85 – orientação de consequência
- (7) “Vamos embora *daqui* antes que aquela Laser-Matic 2000 exploda” p.109 – orientação de lugar
- (8) “Ponha essas roupas *rapidinho*” p.114 – orientação de tempo e modo
- (9) “O que está acontecendo *aqui*?” p.118 – orientação de espaço
- (10) “Após *alguns minutos*, o senhor Krupp despertou.” p.118 – orientação de tempo

“ATENÇÃO LEITOR:”(p.83); “O capítulo a seguir”(p.83); “Então amigo, passe para cá, antes de passar para lá ”(p.54), são outros exemplos nos quais podemos observar que as referências vão se construindo no texto e possibilitando ao leitor dinamizar sua leitura através das localizações espaciais propostas pelo autor a seus *interlocutores*.

“Bem”(p.10), “OK”(p.7), “quer dizer”(p.11), “Sabe”(p.38), são vocábulos endofóricos, ou seja, fazem referência àquilo que está dentro do texto em que se encontram. Estes foram colocados, estrategicamente no início dos parágrafos do volume analisado, estabelecendo relações de proximidade com o leitor, aumentando seu interesse pela leitura e contribuindo para a progressão textual, à medida que podemos observar um aumento na intimidade do leitor em relação ao seu texto, gerando um interesse contínuo pela leitura proposta.

Acrescentando ao artigo, a teoria de Hasan, temos os marcadores linguísticos definindo:

- Particularização do personagem: pronomes indefinidos (um, uma, ...)
- Impessoalização: pronomes possessivos na terceira pessoa
- Distanciamento temporal: Adjuntos de lugar e tempo – sempre identificados como distantes
- Atribuição: Processos relacionais (Identificação de atributos, identidade, pronomes possessivos e números ordinais)
- Hábito: Ação não pontual, seguida ou não de advérbios de tempo e frequência

3. As aventuras do Capitão Cueca como narrativa

Com base nas teorias e aplicações já explicitadas, já se pode reconhecer o motivo pelo qual o texto em questão possui o discurso narrativo. Para tanto, temos abaixo, os capítulos iniciais da série cujas legendas referem-se à sua função na narrativa:

Capítulo 1

Conheça Jorge Beard e Haroldo Hutchins. Jorge é o garoto da esquerda, de gravatinha e cabeça chata. Haroldo é o da direita, de camiseta e um corte de cabelo esquisito. Não esqueça quem é quem. Jorge e Haroldo eram grandes amigos. Tinham muito em comum. Eram vizinhos e estavam no mesmo ano na Escola de Primeiro Grau Jerome Horwitz. 1

Jorge e Haroldo eram meninos muito responsáveis. Quando acontecia qualquer coisa, os responsáveis eram sempre eles.

Mas não se engane em relação aos dois. Jorge e Haroldo, na verdade, eram bons meninos. Não importa o que o mundo inteiro pense, eles eram bons, doces e adoráveis... Bem, OK, talvez não tão doces e adoráveis, mas bons assim mesmo. 2

Só que Jorge e Haroldo tinham uma “veia artística” muito forte, viviam fazendo arte. Em geral, isso os colocava em apuros. E uma vez, eles entraram em grandes, GRANDES apuros. 3

Mas antes de contar essa história, preciso contar esta história. 5

Capítulo 2

Conheça Jorge Beard e Haroldo Hutchins. Jorge é o garoto da esquerda, de gravatinha e cabeça chata. Haroldo é o da direita, de camiseta e um corte de cabelo esquisito. Não esqueça quem é quem. 1

Dependendo da pessoa para quem você perguntar, provavelmente escutará muitas coisas diferentes sobre Jorge e Haroldo.

A professora, sra. Ribble, dirá que Jorge e Harold são desintegrados e *comportamentalmente prejudicados*.

O professor de ginástica, Sr. Meaner, acrescentará que eles precisam seriamente de um bom *ajuste de postura*.

O diretor, Sr. Krupp, provavelmente terá uma maior seleção de palavras a incluir, como *furtivos e criminosamente prejudiciais* e “*Eu vou pegar esses garotos nem que seja a última coisa que eu...*” Bem, você captou a ideia. 2

Mas se você perguntar aos pais dos dois, eles provavelmente dirão que Jorge e Haroldo são muito espertos e engraçadinhos, e de muito boa índole... embora sejam um pouco tolos às vezes.

Eu concordo com os pais dos dois.

3

Mesmo assim, a tolice deles *realmente* causa muita confusão às vezes. De fato, uma vez ela causou tanta confusão, que por acidente eles quase, quase destruíram todo o planeta com um exército de perversas e odiosas privadas falantes!

4

Mas antes de contar essa história, eu tenho que lhe contar *esta* história...

5

Capítulo 3

Conheça Jorge Beard e Haroldo Hutchins. Jorge é o garoto da esquerda, de gravatinha e cabeça chata. Haroldo é o da direita, de camiseta e um corte de cabelo esquisito. Não esqueça quem é quem.

1

Se você quisesse achar algumas palavras para descrever Jorge e Haroldo, poderia ficar com *bons, engraçados, espertos, determinados e profundos*.

Pois pergunte ao diretor da escola deles, o Sr. Krupp. Ele dirá que Jorge e Haroldo são uns BONS tipos de pilantras que se acham muito ENGRAÇADOS e ESPERTOS e que estão DETERMINADOS a levar todo mundo ao caos PROFUNDO!

2

Mas não acredite nele.

Jorge e Haroldo são realmente garotos muito inteligentes e de boa índole. O único problema deles é que estão na quarta série. E, na escola deles, espera-se que os garotos da quarta série fiquem sentadinhos quietos e prestando atenção *várias horas por dia!*

Jorge e Haroldo não são muito bons nisso.

3

Jorge e Haroldo só são bons em uma coisa: estripulias. Infelizmente, de vez em quando, essa grande capacidade deles acaba criando encrencas. E uma vez causou TANTA ENCRENCA que quase levou a TERRA INTEIRA a cair nas mãos de um exército de perversos zumbis nerds gigantes!

4

Mas antes de *contar* essa história, preciso contar *esta* história...

5

Os números utilizados como legenda, substituem:

- 1 – Apresentação com reiteraões (A informação pode estar parafraseada. Onde o narrador pode expor seus sentimentos de afeto em relação à história)
- 2 – Julgamento positivo de natureza ética (esta parte pode ser breve ou longa, sem detalhes das ações, e o narrador informa *quem, quando, como e onde*)
- 3 – O narrador “entra em cena” de forma mais explícita. Ele sublinha fatos da história para torná-la mais interessante, relevante, ou digna de ser contada. Algumas vezes, dramatiza.
- 4 – É a ponte entre o que é contado e o tempo “aqui e agora”. Pode nos indicar que a história tem razão de ser e sua moral, bem como que a mesma está ligada à nós ou ao contador, de algum modo.
- 5 – Pode ou não estar presente de forma explícita. Nosso desejo de ouvinte é que esta parte – que é um fechamento – esteja presente a fim de conferir um sentido de conclusão e, no caso de nosso *corpus*, ela está presente para correlacionar o que já foi exposto e o que ainda será.

4. Considerações Finais

A partir dos conceitos e fatos trabalhados neste artigo, pode-se inferir que a continuidade do discurso narrativo se dá, não apenas pelos elementos explícitos na fala ou na escrita, mas também pela inferência sugerida pelos mesmos, conferindo uma cronologia, atribuindo a progressão do discurso e, por consequência, incentivando o interesse pelo que é narrado.

O entendimento se dá através desta estrutura e quanto mais bem elaborada e uniforme, esta for, mais é promovido o interesse pela busca de uma continuidade. Ao mesmo tempo, é conferido maior dinamismo ao que é narrado.

A criança – no caso, simbolizando o leitor de nosso corpus – que possui como base esta estrutura, cria o interesse por progredir na leitura e formular hipóteses que se confirmam ou não ao longo da história.

A identificação do leitor com o contexto ou com o personagem, leva à criação destas hipóteses, que em sua diversidade, corroboram para uma boa interpretação, visualização e admiração da mesma.

Neste sentido, pode ser incentivado o hábito da leitura como causa e consequência da correlação entre as macro e microestruturas discursivas que se concretizam através da escrita.

Com base nos conhecimentos adquiridos e promovidos, o que é almejado com este trabalho não é apenas a constatação laboviana em relação ao discurso narrativo, mas também é a valorização do mesmo como ponto de partida para o incentivo à leitura e à produção textual.

5. REFERÊNCIAS

- FINA, de A.. *Discourse and Identity*. Edited by: Anna De Fina, Georgetown University, Washington DC: 2006
- APPLEBEE, A.N. *The Child's Concept of Story*. University of Chicago Press. Chicago: 1978 p. 55 – 71.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & Lingüística*. 10ª ed., São Paulo, Scipione, 2004.
- HALLIDAY, M.A. K. & HASAN, Huquaya. *Cohesion in English*. London, Longman, 1976.
- HASAN, R. *The nursery tale as genre*. In: Cloran, C. et all (orgas,) *Ways of Saying: Ways of Meaning*. Londres: Cassell.2000.
- LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press.1972
- LABOV, W. *The Transformation of Experience in Narrative Syntax*. In: *Language in the Inner City*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press.1995.
- LABOV, W. and WALETZLY, Joshua. *Journal of Narrative and Life History*. In: *Narrative Analysis: Oral Versions of personal Experience*. Philadelphia, PA: University of Pennsylvania Press.1995. p. 3 – 38.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA: INTERTEXTUALIDADE
BÍBLICA E OPÇÃO PELO GÊNERO COMO FATORES DE TEXTUALIDADE

Elaine Carneiro D. Sant'Anna

Pós-Graduação em Estudos da Tradução

UFSC, SC, Brasil

ecsantanna@hotmail.com

Este trabalho investiga dois aspectos formais que evidenciam a consonância entre a idéia de Lewis (2009) e a de Maingueneau (2006). O primeiro observa o referente intertextual bíblico e a estrutura da narrativa em *U*, de acordo com as considerações de Frye (2004). Dentre as múltiplas intertextualidades encontradas na série *As crônicas de Nárnia*, do autor irlandês Clives Staple Lewis, destacam-se inúmeras alusões literárias referentes a textos bíblicos. Além das intertextualidades ocorridas no campo temático, o autor de *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa* (1950), o primeiro volume da série, obra em foco nesta pesquisa, apropriou-se, também, de aspectos formais recorrentes nos livros bíblicos. Ao tratar do tema da intertextualidade, Maingueneau (2006) afirma que o que é essencial, ao se considerar o surgimento de uma obra, é “o modo como cada posicionamento gera essa intertextualidade” ou seja, o fato de o autor de uma obra produzir sua própria identidade. O segundo aspecto aponta para a opção de Lewis pelo gênero da fantasia. Lewis afirma ter optado por escrever uma história infantil por ser ela a melhor forma de arte a comunicar algo importante. Nessa investigação, observa-se a harmonia entre a idéia de Lewis, que adota o gênero da fantasia e a de Maingueneau (2006), para quem “os sentimentos a exprimir são indissociáveis do investimento de certos gêneros poéticos”. Para Maingueneau (2006), o que define uma obra não é a opção pelo tema, mas sim, pela forma, ou seja, o posicionamento que o criador reivindica por meio da escolha de um gênero. Conclui-se, por meio dessa observação, que a semelhança formal entre a narrativa de Lewis e as narrativas bíblicas é consequência de um posicionamento do autor frente a sua preocupação com a formação das crianças. Embora Lewis tenha, sempre, reafirmado que a literatura existe para dar prazer aos leitores, a constatação de sua opção pelo uso das intertextualidades bíblicas e pelo gênero da fantasia indica uma possibilidade de que, assim, a abordagem de temas éticos, filosóficos, ecológicos, espirituais, dentre outros, poderia ser tanto prazerosa como melhor compreendida.

TEORIAS BAKHTINIANAS NA AD FRANCESA DE MICHEL PÊCHEUX

Olivia Bruno Lotti (Letras UEM-PR)

olivialotti1@yahoo.com.br

Este trabalho objetiva uma reflexão sobre o envolvimento dos estudos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin nas teorias/pesquisas da Análise de Discurso de linha francesa, especificamente com o teórico Michel Pêcheux. Da-se importante expor, na presente pesquisa, uma linearidade e compreensão no ingresso de teorias bakhtinianas na AD francesa analisando qual a contribuição que os conceitos de dialogismo e polifonia presentes em Bakhtin, que foram relidos e transformados pelo trabalho de Jacqueline Arthier-Revuz no Colóquio Materialidades Discursivas, nos anos 80, desta forma, iniciando a trajetória do filósofo russo na teoria do discurso trazem para a terceira época da AD e questionar o porquê dos anos iniciais de desenvolvimento da AD francesa terem ausentado referências às obras bakhtinianas, chegando mesmo a ser explicitamente rejeitada por Pêcheux, apesar da proximidade de suas problemáticas. Nisso, faz-se necessário demonstrar algumas semelhanças e dessemelhanças de ambas as teorias para assim compreender toda essa aliança, isto é, expor à concepção de discurso polifônico e discurso heterogêneo, a de sujeito, a relação do interdiscurso dentro do intradiscurso e a relação do eu-outro nos discursos. Como citado acima, foi-se feito uma releitura das teorias de Bakhtin, dessa maneira, determinando sua presença na AD, porém que tipo de mudanças Arthier-Revuz operou nele? Pois quando se faz uma releitura alguma transformação, apropriação e/ou abandono é necessário, já que a teoria de Bakhtin e seu Círculo não ingressou em sua forma original/crua. Com isso, questiona-se de que modo Bakhtin entra na AD, já que essa entrada é comandada por uma releitura e uma transformação? Apresenta-se, também, as opiniões divergentes de Pêcheux e Bakhtin sobre Saussure, Freud/Lacan, a Psicanálise e interação verbal. Enfim, nesse artigo, exibi-se a trajetória do início da junção de teorias bakhtinianas com teorias pecheutianas, as modificações sofridas com essa troca de ideias e alguns conceitos distintos de ambos teóricos e, conseqüentemente, das linhas de pesquisas existentes no contexto docente do país.

**“IDENTIDADES MARGINAIS:
diálogos entre Plínio Marcos e Ferréz.”**

Autor: DANIEL DOS SANTOS BARROSO

Endereço eletrônico: dnl_barroso@yahoo.com.br

Esta comunicação é baseada em um projeto de mestrado que visa identificar e analisar, por meio da *Teoria Gerativa do Sentido* (Greimas) e da *Teoria Semiótica do Texto e do Discurso* (Fontanille, Fiorin e Barros), como as obras *Ninguém e inocente em São Paulo* (Ferréz) e *Histórias das Quebradas do Mundaréu* (Plínio Marcos) dialogam entre si.

Inicialmente, deseja-se saber quais as semelhanças/diferenças nos processos de representação do indivíduo *marginalizado* segundo a perspectiva de cada autor, tendo-se em vista os contextos de produção de cada obra. Assim, serão analisadas tanto as marcas lingüísticas e discursivas quanto a caracterização das personagens, das ações ou do espaço onde se desenvolvem as narrativas.

Plínio Marcos é um dos precursores desse estilo literário ‘de dentro da periferia’ e, já na década de 1970, escrevia obras retratando o dia a dia do submundo portuário santista e, anos depois, também a marginalidade paulistana. Ferréz é paulistano, reside na periferia da zona sul de São Paulo e, em suas obras, exibe-a com imensa maestria e genialidade aos seus leitores, trilhando o caminho iniciado cerca de trinta anos atrás por Plínio Marcos.

A análise do discurso inscrito nas obras visa identificar a ideologia existente por trás do texto, uma vez que o discurso de um indivíduo reflete os dizeres de seu grupo – no caso, o do grupo *marginalizado* socialmente. Assim, as marcas lingüísticas inscritas no discurso justificam-se por serem a forma de expressão particular do grupo.

Quanto à Análise Gerativa do Sentido, almeja-se descobrir qual a mensagem existente por trás do texto literário – a qual nem sempre é depreendida facilmente. Para tanto, deve-se observar a descrição de personagens, de atos e cenários do submundo marginal para, assim, identificar como são construídos os estereótipos dos indivíduos e do ambiente periférico nas obras analisadas.

O método hipotético-dedutivo nos mostra com maior clareza e amplitude de perspectivas o objeto a ser estudado. A partir de coletados os elementos que servirão de base para a análise, um dos contos de cada livro servirá como *texto-referência* e os demais contos servirão como *variantes do processo*, a fim de comprovar com maior exatidão e mais riqueza de dados o que se depreendeu da análise do texto referência.

Como o projeto encontra-se em fase inicial de desenvolvimento, até o presente momento não há, ainda, resultados a serem discutidos. No momento, a situação real é de levantamento da literatura científica e de outros trabalhos pertinentes ao tema.

**O PROCESSO DE LEITURA DE UM ROMANCE HISTÓRICO
CONTEMPORÂNEO: *O CHALAÇA* (1994) DE JOSÉ ROBERTO TORERO**

LACOWICZ, Stanis David (mestrando – UNESP/Assis-SP– Fapesp)

stanislac@gmail.com

ESTEVEES, Antonio R. (UNESP/Assis-SP)

aesteves26@uol.com.br

RESUMO: O romance *O Chalaça* (1994), de José Roberto Torero, propõe-se a recontar eventos da história do Brasil, em especial referentes ao primeiro império, sob a perspectiva do secretário pessoal e amigo íntimo do Imperador D. Pedro I, cuja relação com o membro da realeza se dava pela intermediação das relações extraconjugais desse, fator que o fez ser “esquecido” da maior parte dos registros históricos. Parodiando gêneros de memórias como o diário pessoal e a autobiografia, o narrador autodiegético Francisco Gomes da Silva, o Chalaça, por meio da subversão e releitura dos signos da história, projeta eventos e personagens consagrados a uma reintegração na ambiência do humano e imperfeito, rompendo com imagens cristalizadas pelo discurso das classes hegemônicas. *O Chalaça*, enquanto romance histórico brasileiro contemporâneo, fundamentalmente crítico, problematiza as relações entre história e literatura, bem como a própria representação da realidade pela linguagem, expressando a autocrítica viabilizada pelo caráter metaficcional dessa forma romanesca. Dada a intensa interpenetração de discursos efetuada nesse gênero narrativo e a complexa forma discursiva que a mesma engendra por meio da paródia, intertextualidade, carnavalização, metalinguagem, dentre outros recursos literários, é exigido do leitor um papel igualmente ativo, no sentido de construção dos sentidos a partir do material oferecido pela obra e de embate com os conhecimentos pré-estabelecidos sobre os fatos da história. Destarte, propomos neste artigo a análise do papel dos referidos mecanismos da paródia, intertextualidade e metalinguagem, na construção de sentidos por parte do leitor de *O Chalaça* (1994), processo duplo de comunhão e embate com a obra e com as vozes que ecoam do discurso da narrativa, sejam literárias ou históricas, mas sempre por meio textual.

PALAVRAS-CHAVE: *O Chalaça* (1994); romance histórico brasileiro contemporâneo; intertextualidade; paródia; leitura

O DISCURSO IMAGÉTICO DE ‘SER CRIANÇA’ POR GESTORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria da Penha de Souza Salgueiro
Mestrado em Educação, Universidade Estácio de Sá – UNESA, RJ, Brasil
mpsalgueiro@uol.com.br

Tarso Bonilha Mazzotti
Mestrado em Educação, Universidade Estácio de Sá – UNESA, RJ, Brasil
tarsomazzotti@uol.com.br

Linha de Pesquisa: Teorias da Enunciação

O artigo analisa o discurso imagético dos gestores de Educação Infantil, a partir de fotografias utilizadas para apreender a representação social de ‘ser criança’, sustentado por gestores de instituições privadas do Município do Rio de Janeiro e participantes da Associação Brasileira de Educação Infantil (ASBREI). Fundamenta-se na teoria das representações sociais de Serge Moscovici (1961) articulada com estudos sobre fotografias de Roland Barthes (1964). Para isso, foram utilizadas 16 fotografias de crianças, selecionadas por um júri de especialistas dentre um conjunto com 60 imagens produzidas especialmente para a pesquisa aqui relatada. A criteriosa escolha das imagens objetivou suscitar nos sujeitos pesquisados discursos imagéticos referenciados pela noção de “desenvolvimento da autonomia” como estabelecida no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998). Nos discursos de 29,63% dos gestores, verificou-se que o “ser criança” identifica-se com a imagem da fotografia de nº 15, em que um menino salta de um pequeno banco de concreto. Essa imagem expressa, para os gestores, as noções de liberdade, conquista, enfrentamento de desafios, ausência de medo e apresenta-se como uma metáfora de liberdade: “salto para a liberdade”. Nela a objetivação é a imagem do salto e a ancoragem é a liberdade, dada pela autonomia que se deseja para a criança atual. Uma das conclusões da pesquisa é que o uso de imagens constitui-se um indutor valioso para as pesquisa acerca de representações sociais, desde que os discursos a respeito das imagens sejam analisados com base nos esquemas retóricos (Perelman, 1958). Isso porque o gênero predominante nos discursos colhidos é o epidítico em que se censura e louva o desejável nas práticas educativas. Os resultados encontrados neste artigo apontam para o entendimento de que as teorias sobre fotografia propostas por Barthes conjugada com os estudos sobre a análise do discurso de Perelman podem efetivamente ser usadas na apreensão das representações sociais.

Palavras chave: Fotografia. Representação Social. Discurso Imagético.

RESUMO

A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE IDENTIDADES: JUVENTUDE URBANA E RAP

PROF. DR. MARCOS MORGADO
UFSC

A produção e consumo de produtos culturais tais como novelas, filmes e música têm conquistado mais destaque recentemente como espaços de construção de identidades do que instituições tradicionais como a escola e o trabalho. Neste trabalho, investigo o aspecto lingüístico da construção de identidades em um produto cultural contemporâneo, a saber, música *rap* brasileira. Este estudo explora, a partir da perspectiva da Análise Crítica do Discurso (Fairclough & Wodak, 1997), quais estratégias discursivas e características lingüísticas são usadas nas músicas *rap* para a promoção e construção de identidades. Os resultados da análise das letras das músicas mostram que as identidades são construídas com ênfase na dicotomia negro/branco, na promoção da identidade Afro-brasileira e na criação de um lugar comum de origem. Esta pesquisa explora a natureza lingüística de processos de identificação, especialmente nas escolhas de diferentes variedades lingüísticas e das estratégias discursivas utilizadas na construção de identidades, buscando contribuir para a ampliação dos estudos de identidades nas ciências humanas e sociais.

Palavras-chave: música rap, identidade, discurso, análise crítica do discurso.

GÊNERO TEXTUAL E NOVAS FORMAS DE AQUISIÇÃO: A PROPAGANDA SOCIAL E O SUPORTE VIRTUAL

Cláudia L. N. Saito (LET -UNICENTRO)
cln_saito@yahoo.com.br

O gênero propaganda social tem como propósito comunicativo prestar um serviço de utilidade pública. Elaborado e distribuído pelo próprio Ministério da Saúde para orientar e criar uma ação preventiva na população, principalmente, a carente, pode ser veiculado nos mais diferentes veículos de circulação (revistas, jornais, televisão, rádios e internet) e suportes (cartazes, *folders*, folhetos). Entretanto, sabemos que entre todos os suportes, o cartaz é constantemente utilizado por esse gênero por ser mais fácil seu acesso ao público e também ser mais flexível, uma vez que pode ser encontrado afixado em muros, murais, paredes, entre outros, mas começa a perder sua funcionalidade para o gênero quando um outro suporte, mais rápido e mais dinâmico, principalmente em sua recepção, toma vez, então, *o ciberespaço*. Nessa pesquisa, temos como objetivo discutir como o suporte exerce um papel imprescindível nas condições de produção desse enunciado multimodal, principalmente no que tange sua transformação

Linha de pesquisa: Análise do discurso (Bakhtin)

O pensamento de Bakhtin e a Análise de Discurso francesa

A INTERATIVIDADE NA COMUNICAÇÃO RADIOFÔNICA À LUZ DOS PRINCÍPIOS DO DIALOGISMO E DA INTERAÇÃO VERBAL

Suely Maciel

Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação

Universidade Estadual Paulista UNESP (Bauru – SP)

sulamaci@uol.com.br

O trabalho aqui proposto visa contribuir para a compreensão da interatividade na comunicação radiofônica a partir das noções bakhtinianas de dialogismo e interação verbal. Nos últimos anos, em especial com o desenvolvimento crescente da comunicação midiática digital, ‘interatividade’ passou a ser uma expressão de largo emprego em diferentes universos de circulação dos discursos cotidianos, com significados que se espraiam da relação entre os indivíduos, as máquinas digitais e os meios de comunicação até as mais falseadas estratégias de *marketing* comercial. Ao mesmo tempo, a discussão teórica sobre a interatividade ainda se insere num campo movediço, ora mais próximo de uma visão notadamente técnica e tecnológica, ora mais afeito a uma complexificação das próprias dinâmicas comunicacionais humanas, em especial quando comumente se relaciona a interatividade à possibilidade de trocas enunciativas entre emissor e receptor da mensagem midiática, mediadas por um aparato tecnológico. Tais abordagens, em geral, conservam, no entanto, diferenças essenciais quando colocadas à luz dos princípios dialógicos da comunicação discursiva, da interação verbal entre os sujeitos da linguagem e do enunciado concreto. Sob esta perspectiva, a interatividade passa a ser compreendida como inerente à dinâmica enunciativa, seja presumida, seja materializada em diferentes formas de manifestação, mediadas ou não por aparatos tecnológicos. Além disso, considera-se que os discursos constituem-se na relação reciprocamente ativa entre os participantes da comunicação discursiva, em que não há divisão estanque e distanciada entre ‘pólo emissor’ e ‘pólo receptor’. Ao contrário, a comunicação só se efetiva a partir de trocas enunciativas simultâneas e da mútua influência, ou seja, da permanente atitude responsiva ativa entre os sujeitos envolvidos no processo de interação discursiva. O diálogo é condição de existência da linguagem e de todas as suas formas de realização, que se efetivam por meio de enunciados concretos, constituídos e em perene circulação nas diferentes esferas da comunicação humana, entre elas a midiática. Nesse sentido, o discurso radiofônico se destaca

como espaço profícuo para o estudo da interatividade, contribuindo para uma discussão mais profícuo sobre um fenômeno que revela novas facetas a cada momento e desafia aqueles que sobre ele se debruçam no esforço de melhor compreendê-lo.

UM NOVO OLHAR, UM NOVO LEITOR: UMA CONTRIBUIÇÃO À SEMIÓTICA SINCRÉTICA

Cláudia Lopes Nascimento Saito (UNICENTRO/PR-Brasil)

cln_saito@yahoo.com.br

Resumo

Atualmente com a multiplicação dos sistemas sígnicos, com seus cruzamentos e códigos, consequência da evolução científica e das novas tecnológicas da informação e da comunicação (NTICs), diferentes habilidades de linguagem passaram a ser exigidas, entre elas, a atribuição de sentido a mensagens oriundas de múltiplas fontes de linguagens. Hoje para sermos considerados bons “leitores” das mensagens contemporâneas não podemos apenas dominar os textos verbais, mas também os não-verbais e, ainda, aqueles que são compostos de vários sistemas de linguagem que, simultaneamente, são responsáveis pelo seu sentido, os textos sincréticos. Esta nova realidade fez com que conceitos-chave para o ensino de língua portuguesa, nos documentos oficiais que orientam o ensino no Brasil, assumissem novos sentidos relacionados à Didática, à Educação e à Linguística Aplicada, especialmente na área de formação de professores de língua materna, mas também exigindo que uma revisão ao conceito de letramento fosse realizada, a fim de que este termo fosse interpretado em sentido amplo. Afinal, somos a todo momento submetidos a imagens, possuídos por elas, mas nem sequer contamos com elementos para questionar esse intrincado processo de enredamento e submissão. Temos por hábito consumir toda e qualquer produção imagética, sem tempo para deter sobre ela um olhar mais reflexivo que a inclua e considere como texto visual percebido, apreendido e assumido como linguagem significante. Importa partir da idéia da presença da imagem como elemento profundamente significativo e não, simplesmente ilustrativo, quando inserido num contexto qualquer. Ainda mais porque é fato que não há quem passe impune pela imagem, recusando-se a ser afetado por sua presença ou a perceber os significados nela envolvidos. Tendo em vista a necessidade de sermos bons leitores de textos oriundos de distintas esferas da comunicação, assim como constituídos por diferentes sistemas de linguagem é que esse trabalho foi idealizado. Assim, partindo das metodologias da Semiótica de A.- J. Greimas e da Semiótica da Figuratividade Visual, de N. R. D’Ávila, pretendemos apresentar a desconstrução

de nosso objeto de análise sob essas duas vertentes teóricas, mostrando como cada uma apresenta poderosos instrumentos de análise e encaminhamentos metodológicos diferenciados para o mesmo objeto, contribuindo assim para uma leitura efetiva dos textos sincréticos.

Palavras-chave: Multiletramento; Semiótica; Texto Sincrético

LULA E O DISCURSO MIDIÁTICO RUMO À PRESIDÊNCIA

Edson Modesto Júnior (Universidade Federal de Rondônia) Diretor de Comunicação

RO-Brasil

juniormodesto@gmail.com

RESUMO

Esta pesquisa visa a conduzir destinatários ao entendimento das estratégias que regem os discursos das campanhas eleitorais, sob a perspectiva das teorias semióticas greimasiana e daviliana (análise verbo-sonora). Por intermédio destas, identificaremos os processos de produção do sentido que se configuram nas modalidades factitivas do ‘persuadir’ e do ‘convencer’, irrefragáveis nos textos políticos, e os efeitos de sentido gerados por meio de sua organização sintática e semântica.

Para alcançar o objetivo desejado, delimitamos o *corpus* deste estudo ao discurso proferido por Lula poucos dias antes da eleição presidencial de 2002, visando a qualificar o eleitor como um outorgante do Poder ao mandante citado, à sua eleição, tornando-se, desse modo, um sujeito heterônimo, no papel deontológico de mandatário ideal. É na busca do /fazer-criar/ para /fazer-Dever-agir/ e /fazer-Querer-agir/ que se caracterizam os discursos de manipulação por provocação e por sedução que propusemos desenvolver nesta pesquisa.

No que concerne à produção sonora para o resultado satisfatório de um discurso político, saber como utilizar ritmicamente o som da fala é fator indispensável na aquisição da competência do destinador-sujeito manipulador. A palavra “quase”, por ele proferida, exige uma apreciação cuidadosa da aspectualidade, em semiótica greimasiana, e dos *prosodemas* colhidos da tríade daviliana entoar/intonar/ entonar, na qual as diferenças existentes entre cada uma das partes envolvidas definirão o papel sintático-narrativo da síncopa musical que, num sincretismo de funções, ora surge como um objeto-modal determinante do /Poder-fazer/, ora dos /Dever-fazer/ e /Querer-fazer/.

A partir de marcas que o enunciador deixa no enunciado por dispositivos empregados para produzir o discurso, e concebidos como recursos para convencer sobre a sua veracidade, Greimas, na *Semântica Discursiva* extraída do Percorso Narrativo do Sentido, trata das Figuras e do Tema, examinando-os no transcórre do texto. As figuras, como sememas de valor, destacam-se formando percursos figurativos que conduzem a um tema ou conteúdo temático, propício a gerar isotopias. Após um levantamento de campos semânticos e do agrupamento de figuras dentro de uma área de significação, surgirão isotopias discursivas, ligando, ao mesmo tempo, sememas unidos por um núcleo sêmico comum ou por relações de ordem classemática.

Palavras- chave: Semiótica sincrética, Marketing Político, Lula, Discurso, Síncopa musical.

BASES PARA O ESTUDO DA INCORPORAÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO NA ARGENTINA

Virginia Irene Rubio Scola

Programa de pós-graduação em lingüística – UFSCar

virginrubio@gmail.com

Um dos domínios das Ciências da Linguagem de maior circulação no âmbito acadêmico brasileiro é a Análise do Discurso de orientação francesa. Nossa proposta é analisar a irrupção desta corrente, mas no contexto da América Latina do lado hispânico, especificamente as condições histórico-sociais que possibilitaram o surgimento da Análise do Discurso na lingüística Argentina. Nosso intuito é compreender a incorporação desta nova forma de entender a língua como discurso. A pesquisa é fundamentada à luz da concepção de história de Foucault, isto é, pensar em uma história-problema, que tenta desconstruir o passado enquanto discurso para questioná-lo. Esta concepção de estudo da história tem como objetivo descrever e mostrar como se constituiu a unidade por intermédio das dispersões, das rupturas. Isto é, pensar as falas nas suas mudanças, já que a verdade é produto das práticas discursivas, fruto de embates em torno da própria verdade. Também nos baseamos na Historiografia Lingüística; segundo Cristina Altman (2009), os conceitos e os procedimentos de pesquisa que o linguista utiliza são produtos históricos. A abordagem da historiografia lingüística consiste em (re)estabelecer os pressupostos, nem sempre explicitados, com que os linguistas do passado sustentaram suas práticas, bem como as consequências de suas proposições para o desenvolvimento do conhecimento e o entendimento das ciências contemporâneas da linguagem e das suas metodologias. E, finalmente, noções da Análise do Discurso serão de grande proveito para uma abordagem discursiva da Historiografia Lingüística, com o objetivo de aprofundar as interpretações dos documentos a serem analisados, já que se trata de objetos discursivos. Trabalhamos na construção do arquivo para a leitura da história por meio da interpretação. Propõe-se uma relação entre discurso e história em base a circulação desta corrente no contexto da América Latina. No quadro desta pesquisa foram estudados diferentes artigos científicos publicados em diversos suportes para apresentar como foi se desenvolvendo a lingüística na Argentina. Desta forma, cremos que estarão estabelecidas nossas bases para compreender a inserção da Análise do Discurso no contexto da lingüística na Argentina.

**MORTE NA FAVELA:
REPRESENTAÇÕES APOLÍNEO-DIONISÍACAS EM *VIVER A VIDA***

Elena María Barcellós Morante
Doutoranda do programa “Comunicación y Literatura”
Facultad de Ciencias de la Información
Universidad de Sevilla
elena_barcellos@hotmail.com

Óscar Domínguez Núñez
Doutorando do programa “Comunicación y Literatura”
Facultad de Ciencias de la Información
Universidad de Sevilla
oscardominguez@uol.com.br

As novelas brasileiras, entendidas como produtos culturais geradores e portadores de significado, participam na configuração de determinados constructos sociais. Seus percursos discursivos – orientados a partir de matrizes ideológicas concretas – dialogam com as pulsões dos sujeitos que acedem a elas, em um processo permanente de identificação, revisão, sedimentação e consolidação de usos e valores.

Neste trabalho e a partir dessa perspectiva, pretendemos analisar um fragmento textual audiovisual da novela “Viver a Vida”, escrita por Manoel Carlos e produzida pela Rede Globo de Televisão, entre os anos de 2009 e 2010. Nele representa-se a perseguição e morte de um morador de uma favela carioca, personagem marginal, único representante com voz que transita entre o morro e a zona sul de Rio de Janeiro. A narrativa audiovisual da seqüência articula-se em uma configuração de planos simultâneos que entremeiam duas dimensões existenciais diametralmente opostas: o universo dionisíaco das sombras, circunscrito a diminutos barracos –cenário da perseguição –, e o campo apolíneo das luzes, uma festa em uma confortável mansão prototípica. A construção do texto desvela formas primárias de representação, nas quais se eliminam matizes intersubjetivos ao delimitar em um mesmo hiato temporal conceitos de “bem” e “mal”, luzes e sombras, e localização espacial, morte e celebração. O destino do personagem, “regenerado” durante o decorrer da trama e exposto às três formas básicas de dor citadas por Luis Mir (2004) – do corpo, psíquica e existencial – culmina no texto analisado. O desaparecimento decide-se por meio de um complexo intercâmbio entre a instituição audiovisual e a sensibilidade social diagnosticada nos canais públicos de expressão. A trajetória de Benê inscreve-se nas

dinâmicas assimétrica de relações sociais brasileiras, cuja estrutura hierárquica do espaço social determina a forma de uma sociedade fortemente verticalizada, com marcadas e tensas posições entre os papéis delimitados para cada um dos agentes sociais (Chauí, 2000). Nesse panorama, a visibilidade do sujeito se vê encoberta pelas representações que o despem de alteridade e direitos.

Neste trabalho, optou-se pelo estudo tridimensional clássico, nos moldes da ACD, no qual se articulam as dimensões dos aspectos textuais da narrativa audiovisual selecionada, a elaboração perceptiva de seus processos de produção e difusão, e os eventos discursivos que se delineiam como expoentes socioculturais.

Simpósio - Linha de Pesquisa: **Análise do Discurso (Bakhtin)**

**POEMA E CANÇÃO: DIFERENÇAS ESTILÍSTICAS EM DUAS ESFERAS
DISCURSIVAS**

Josely Teixeira Carlos

(Doutorado Filologia e Língua Portuguesa / FFLCH / USP - SP Brasil)

josyteixeira@usp.br

Bolsista Capes

Assumindo a Literatura e a Música Popular Brasileira enquanto práticas discursivas, o objetivo geral deste trabalho é analisar os *aspectos estilísticos* (entonação e som expresso pela palavra escrita e cantada; eleição da palavra e disposição no interior da enunciação) de três enunciados dos gêneros poema e canção, produzidos nas esferas discursivas/ideológicas literária e literomusical. Analisamos um enunciado pertencente ao *gênero poema* (*Até logo, companheiro*), traduzido pelo escritor Augusto de Campos, uma *canção* do compositor Toquinho (*Até logo, companheiro*) e outra de Belchior (*Até mais ver*). Na análise dos enunciados, consideramos as variadas semioses que os compõem: a verbal, no caso do poema; a verbal e a musical, no caso da canção. A escolha desses três textos justifica-se pelo diálogo que os enunciados mantêm entre si por meio de uma relação intertextual. A partir daí, investigamos a relação que se dá entre as práticas discursivas literária e literomusical brasileira. Para isso, analisamos os gêneros do discurso poema e canção como objetos ideológicos e focalizados em suas relações ideológicas. Nessa intertextualidade é importante considerar o trabalho empreendido pelos *autores-criadores* dos textos escolhidos (Augusto de Campos, Toquinho e Belchior). Chamamos ao primeiro de *escritor* e aos dois últimos de *compositor*. Verificamos em que medida esses autores aproximam-se e afastam-se. Como eles constroem uma identidade enunciativa nas comunidades discursivas literária e literomusical? Queremos saber se a relação *interdiscursiva* entre eles é contratual ou polêmica. Seus discursos vão ao encontro um do outro, ressignificam-se ou polemizam-se? Como as escolhas estilísticas articulam-se para a construção do modo de dizer desses autores na literatura e na música brasileira? Essas são algumas questões que tentamos esclarecer ao longo de nossa análise. Para analisarmos os aspectos estilísticos nesses três enunciados, nos apoiamos no arcabouço teórico-metodológico de Bakhtin e

seu Círculo (1924, 1926, 1929, 1934-1935, 1963, 1965, 1979 [1920-1930, 1952-1953])¹, percorrendo várias obras nas quais aparece o conceito de *estilo*. Nosso objetivo é investigar o vínculo entre a forma verbal da enunciação, sua situação e seu auditório. Assim, além do conceito estilo, nos fundamentamos nas reflexões acerca da *relação falante-ouvinte*, da *orientação social* e das *dimensões verbal e extra-verbal* da enunciação, feitas por Bakhtin e Voloshinov (In: SILVESTRI, A. & BLANCK, G., 1993, p.245-276). Por fim, deixamos claro que a questão central em nosso trabalho não foi simplesmente comparar os investimentos estilísticos nesses enunciados, mas sim perceber como se dão as *relações dialógicas* nesses textos, ou seja, qual a posição do autor com respeito ao ouvinte e segundo a situação social na qual a enunciação se realiza.

¹ Registramos aqui os anos originais de publicação das obras em russo.

O ESTUDO DO TEXTO LITERÁRIO NO LIVRO DIDÁTICO SOB A PERSPECTIVA DISCURSIVA BAKHTINIANA

Autora: Marilene Alves de Santana. Orientador: Prof. Dr. Émerson de Pietri. Mestranda da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP). São Paulo, SP – Brasil.

E-mail: marilenesantana@gmail.com. Agência financiadora da pesquisa: CAPES

Para a participação no I Colóquio Internacional de Texto e Discurso discorrer-se-á sobre o estudo de Mestrado desenvolvido pela pesquisadora na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo e, mais especificamente, sobre a perspectiva teórica com que a mestranda analisa o seu objeto de estudo. A pesquisa consiste em analisar, por meio dos textos literários inseridos nos livros didáticos de Língua Portuguesa – os quais foram direcionados às antigas quintas e sextas séries do ensino fundamental, nos períodos de 1978 a 1996 –, qual a imagem projetada dos alunos e qual a prática de leitura possibilitada pelos textos, à maneira como foram apresentados nos manuais. Para isso, recorre a pesquisadora aos estudos discursivos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin e, em especial, aos conceitos que giram em torno do ‘*enunciado*’ (concebido, em tais estudos, enquanto um ato concreto de utilização da linguagem), como aqueles de *sujeito*, *estilo*, *gênero* e *campo discursivo*. Trata-se de analisar o *corpus* da pesquisa, qual seja o texto literário inserido sobre a página do manual, concebendo-o - conforme perspectiva bakhtiniana - enquanto um enunciado concreto, produzido por determinado sujeito (o autor/editor da obra didática) o qual, se apropriando de determinado texto, produzido ‘originalmente’ na esfera literária, e, recorrendo a um certo estilo, dirigiu-se aos seus interlocutores, sugerindo, por meio da materialidade linguística de seu enunciado, a imagem que possuía acerca de seus destinatários (no caso, dos alunos das antigas quintas e sextas séries do ensino fundamental), e, ainda, o diálogo que estabelecia com os discursos educacionais que precederam à publicação de seu manual; discursos aos quais tal enunciado constituiu, portanto, uma resposta.

MARCADORES DISCURSIVOS EM QUESTÃO: DISCUSSÃO DE UMA PROPOSTA DE ENQUADRAMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO

Helena Topa Valentim

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa

Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa/Portugal

htvalentim@gmail.pt

Financiamento pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT)

RESUMO

Desde a série dos dois artigos de Denis Paillard, com o título “Les mots du discours comme mots de la langue, I e II ” (1998 e 2001), que, tendo como base os pressupostos da Teoria Formal Enunciativa (ou Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas), se vem propondo uma reflexão sobre aquilo que uma já longa e sólida investigação linguística designa como “Marcadores Discursivos”. Na maioria destas outras abordagens (Teoria da Argumentação, Teoria da Relevância, Análise do Discurso...), preconiza-se uma concepção dos marcadores discursivos como formas dessemantizadas. Estas propostas de descrição privilegiam, por conseguinte, o ponto de vista do funcionamento dos marcadores discursivos no texto: trata-se de descrições pragmáticas, feitas no quadro do encadeamento discursivo, com base em elementos contextuais. Segundo os princípios teórico-metodológicos de uma linguística da enunciação e, conforme o desenvolvido em posteriores trabalhos de descrição e explicação linguística na mesma linha (por exemplo, em Franckel & Paillard 2008), os marcadores discursivos constituem formas da língua (“mots de la langue”), susceptíveis, portanto, de ser descritas no sistema da língua.

Com a presente comunicação pretende-se expor esta perspectiva, fundamentada por pressupostos teóricos de que faz parte, antes de mais, uma concepção de enunciação enquanto processo que se reconstrói a partir do enunciado, que, por sua vez, consiste num agenciamento de formas linguísticas. Propomo-nos demonstrar, pela análise de alguns marcadores de reformulação parafrástica (*isto é, ou seja, quer dizer*), o facto de a sua interação com o cotexto decorrer de princípios mais gerais de variação, daí resultando a evidência de que, enquanto formas da língua, estas formas estão, como quaisquer outras, submetidas a regularidades.

PALAVRAS- CHAVE: Marcadores Discursivos; formas da língua; linguística da enunciação.

SISTEMA DE TRANSITIVIDADE NA CONSTITUIÇÃO DE IDENTIDADES SOCIAIS

Elaine Caldeira
Universidade de Brasília - UnB
lecaldeira3@hotmail.com

RESUMO: Partindo de uma visão multifuncional da linguagem e trazendo no centro de sua concepção uma postura emancipatória, que se empenha para tentar produzir transformações sociais por meio da análise crítica de discursos (RAJAGOPALAN, 2003; WODAK, 2001), Chouliaraki e Fairclough (1999) e Fairclough (2001; 2003; 2006) enfatizam que cada vez mais o diálogo entre as teorias sociais e lingüísticas, especialmente, entre a ADC e a LSF, devem se afinar uma vez que essa visão multifuncional da linguagem torna possível investigar como escolhas lexicogramaticais simultaneamente constituem representações, relações sociais e identidades sociais no texto (Chouliaraki, 2000). Nesse sentido, segundo Halliday (2001, p. 34), a linguagem pode interpretar toda nossa experiência e expressar nossa participação, como falantes, na situação de discurso, como também os papéis que assumimos e que impomos aos outros, nossos desejos, nossos sentimentos, nossas atitudes e nossos valores. Com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso Crítica (ADC) (CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999; FAIRCLOUGH, 2001; 2003), este trabalho tem como objetivo analisar o papel da metafunção interpessoal e ideacional da linguagem (HALLIDAY, 1985; HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004), proposta por Fairclough (2003) enquanto significado identificacional e representacional, na construção discursiva da identidade de alunos xerentes em textos construídos em um espaço escolar multicultural, tomando como instrumento de análise textual as categorias de avaliação e a modalidade. Para verificar como os alunos xerentes são avaliados, identificados, foi realizada análise dos processos, participantes e circunstâncias (Sistema de Transitividade). A análise do *corpus* permite-nos observar que os atributos e valores destinados aos índios agrupam-se em conjuntos semânticos de termos que revelam valores negativos condenáveis para a cultura ocidental. Assim, as práticas discursivas analisadas denunciam a presença de uma voz que identifica o índio como um ser que não se enquadra na “ordem social” e, portanto, é estranho. Para ser aceito é necessário que se assemelhe com os não-índios.

Palavras-chave: Sistema de transitividade; avaliação; modalidade; identidade

A REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA DA MÍDIA SOBRE A INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES EM SITUAÇÃO DE RISCO

Kelly Cristina de Almeida Moreira (PPGL - UnB - DF)

kelly.kcam@gmail.com

Este trabalho concerne ao estudo da representação discursiva da mídia sobre crianças e adolescentes que vivem à margem da sociedade, no contexto brasileiro, mais especificamente, no Distrito Federal. Objetiva-se, aqui, investigar o discurso midiático sobre as práticas de inclusão de alunos em situação de rua/risco no sistema educacional brasileiro, mais precisamente, no sistema público do Distrito Federal. Busca-se, ainda, analisar se os discursos apontam caminhos norteadores que permitam mitigar ou, em condições propícias, transformar práticas discursivas que amenizem ou revertam a situação de risco em que se encontram adolescentes brasileiros/brasileiras na atualidade. Estudos recentes de T. van Dijk (2008), que concernem à Análise de Discurso Crítica enquanto instrumento de investigação linguístico-discursiva, sugerem que “as elites simbólicas, que têm acesso privilegiado aos discursos públicos, também controlam a reprodução discursiva da dominação na sociedade”. Segundo o autor, isso pode ocorrer na política, na mídia, na educação, na ciência e na burocracia entre outros âmbitos sociais. A dimensão que envolve aspectos discursivos, que fazem da língua um contrato social, será enfocada a partir dos estudos da Análise de Discurso Crítica (ADC): Fairclough (2003), van Dijk (2008) e Wodak e Meyer (2009), mas com o respaldo da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF), no que concerne aos aspectos linguísticos, de acordo com os parâmetros de Halliday e Matthiessen (2004), cuja proposta teórico-metodológica será utilizada como ferramenta na análise da dimensão interior da linguagem, a partir do estudo da relação entre os processos de transitividade (Gramática da Experiência) e outros elementos e aspectos da vida social. A pesquisa é de natureza qualitativa (descritiva e interpretativa). Os dados foram coletados em um jornal de grande circulação no Distrito Federal, “Correio Braziliense”. Assim, objetiva reunir com sucesso a Ciência Social Crítica e a Linguística – mais especificamente a Linguística Sistêmico-Funcional – demandando uma contribuição fundamental que se revela na tentativa de estabelecer um modelo analítico que deslinde as relações de poder. Os primeiros resultados demonstram que a análise dos processos de transitividade, conforme proposta por Halliday e Matthiessen, bem como dos significados da linguagem propostos por Fairclough, pode contribuir na confirmação de que a mídia

representa o discurso das “elites simbólicas” e, portanto, também “controlam a reprodução discursiva da dominação na sociedade”, como apontado por van Dijk.

Palavras-chave: discurso – representação – mídia – transitividade

**TEXTOS PUBLICITÁRIOS NA ESCOLA: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA
PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**Lucilene dos Santos Gonzales
FAAC – Unesp – Bauru – Brasil
lucilenegonzales@uol.com.br**

RESUMO

A partir de textos publicitários impressos, é possível trabalhar a leitura e produção textual nas aulas de Língua Portuguesa, correlacionado as suas mensagens verbais e não-verbais. Uma reflexão conjunta e inter-relacional desses dois componentes do anúncio permite desvendar, juntamente com a participação dos alunos, as intenções dos produtores, imanescentes aos mecanismos empregados nessas propagandas, suscitando saberes linguísticos, semiológicos, ideológicos. Assim, a fundamentação teórica perpassa conceitos das áreas da Linguística, Sociolinguística, Semiologia, Comunicação, Publicidade e Propaganda, Educação, entre outras. Esse método de ensino-aprendizagem procura romper a barreira existente entre a teorias e a prática da leitura e da escrita, entre a palavra e a imagem, entre o texto de comunicação de massa e o ensino, dentro de uma perspectiva construtivista. A estratégia de ensino se fundamenta no binômio análise/produção de textos, com o objetivo de provocar no aluno a reflexão e a ação sobre a linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Textos publicitários; leitura e produção textual; ensino-aprendizagem.

O ENTRELAÇAMENTO NARRATIVO EM *O SOL SE PÕE EM SÃO PAULO*, DE
BERNARDO CARVALHO

Regina Célia dos Santos Alves (Letras/UEL/PR, Brasil)

e-mail: reginacsalves@hotmail.com

Bernardo Carvalho, escritor e jornalista nascido no Rio de Janeiro em 1960, vem se firmando no cenário atual como um dos escritores mais importantes da literatura brasileira. Merecedor de elogios frequentes por grande parte da crítica que se ocupa da literatura brasileira contemporânea, o autor já recebeu várias premiações, como o Portugal Telecom em 2003, por *Nove noites*, e o APCA e o Jabuti em 2004, por *Mongólia*. No presente trabalho, o objetivo é estudar o romance *O sol se põe em São Paulo*, publicado em 2007. Na história que se mistura, do narrador frustrado, por não conseguir de fato ser um escritor, solitário e desempregado, ao misterioso relato de Setsuko, velha japonesa dona de um restaurante no bairro da Liberdade, cuja trama se passa no tumultuado Japão em plena 2ª Guerra Mundial, entrelaçam-se diferentes vozes a contar a mesma história, entrecruzando-se não apenas diferentes olhares, mas também tempos e espaços diversos. Se não coincidem de todo, porque cada um guarda suas particularidades, a dinâmica do diálogo estabelecido coloca em xeque as certezas e a distância entre a terra do sol nascente e o Brasil, onde o sol se põe, cujas diferenças já não se mostram tão evidentes. Da mescla de relatos envolvendo Setsuko (na verdade Michiyo), Jokichi e Masukichi, nasce a escrita do narrador e sua efetivação enquanto escritor. No romance de Bernardo de Carvalho, no entanto, não há qualquer tranquilidade quanto ao processo narrativo, visto não haver uma voz centralizadora a narrar, mas uma pluralidade de vozes amalgamadas. Sendo assim, é intenção do presente trabalho abordar em *O sol se põe em São Paulo* a articulação das vozes que compõem a teia narrativa e que, em grande parte, é responsável pela constituição dinâmica e instigante do romance, a prender a atenção do leitor do início ao fim, num misto de realidade e fantasia.

UM ESTUDO DO ETHOS EM ANÚNCIOS DE REFRIGERANTES

Edna Silva Faria

Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – Doutorado em Linguística

Faculdade de Letras – UFG – Goiás – Brasil

edfar2005@hotmail.com/edfar2000@yahoo.com.br

Os estudos acerca do discurso apontam para uma confluência entre sujeito-espaco-história. Esses três elementos, por sua vez, estão intimamente ligados na constituição dos discursos, cujos sentidos são gerados a partir de contextos diferentes e se conectam a condições de produção diferentes. O texto midiático, atravessado por variados discursos (didático, persuasivo, explicativo, feminista, dentre outros), se apropria de temas de natureza diversa e, segundo a concepção bakhtiniana, o sentido se dá de acordo com o momento histórico, com a situação, constituem corpora que constroem imagens de si e de seu público-alvo. Ao usar a palavra falada ou escrita, imagens, gestos, sons e outros recursos, o homem ativa uma representação de si mesmo, tentando construir uma imagem positiva, buscando garantir o sucesso de sua expressão, de sua comunicação, a atividade humana inesgotável e intimamente ligada às relações sociais que estabelecidas pelo convívio cotidiano, reflexo também do contexto sócio-histórico vivido. Assim, partindo de anúncios publicitários, este trabalho objetiva analisar a construção do ethos discursivo em anúncios de uma marca de refrigerantes, a partir de campanhas publicitárias, numa perspectiva sincrônica, mas que retoma uma trajetória diacrônica a fim de se investigar as mudanças apresentadas em diferentes épocas. Propõe-se uma discussão acerca de como esses anúncios trazem as personagens que os compõem, as vozes que permeiam esses discursos e de que maneira dialogam entre si, buscando demonstrar de que maneira sujeito e discurso se entrelaçam nesse construto. Ressalta-se ainda a relevância de elementos recorrentes na construção das imagens do público consumidor do produto. A investigação procura apresentar a relação entre a imagem pré-construída e a incorporação de imagens, resultando no desdobramento do ethos no registro do visualmente mostrado, no que é enunciado, transformado em um meio de persuasão para conquistar a adesão do público. A manifestação do ethos constituído nesses anúncios contribui para a criação do discurso da credibilidade do produto, mesmo que em épocas distintas, impulsionado pelo reflexo da escolha dos dispositivos envolvidos nesse processo, contribuindo para que os enunciados se concretizem. Dessa maneira, podemos dizer que o ethos discursivo está relacionado aos conceitos de interação, de alteridade, das representações que temos de nós mesmos e dos outros em quando enunciamos.

A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS E DA TEXTUALIDADE NA PARÁBOLA DO FARISEU E DO PUBLICANO

Marco Antônio Domingues Sant'Anna (Letras, FCLAssis/UNESP, São Paulo, Brasil,
marco_santanna@hotmail.com)

Com este trabalho pretendemos demonstrar o processo de associação de alguns elementos lingüísticos para a construção da textualidade, a partir do *corpus* da Parábola do fariseu e do publicano, narrada em Lucas 18: 9-14. De uma maneira mais específica, destacaremos os procedimentos de delineação das personagens centrais do texto que, a nosso ver, são emblemáticos quanto à questão do tratamento dessa categoria narrativa. A maneira como o processamento textual é atualizado no fragmento acima apontado revela mecanismos importantes de coesividade, coerência, informatividade e de situacionalidade, dentre outros. É necessário esclarecer também que a parábola apresenta uma introdução (versículo 9) que constitui uma interpretação antecipada da mesma, indicando para o leitor o seu tema central. Corroborando a afirmação desse tema, pode-se tecer comentários sobre como as personagens são apresentadas inicialmente, fato que confirma o procedimento do gênero parabólico em não nomeá-las, o que lhes conferiria uma identidade definida. Em vez disso, a caracterização começa indicando que são seres humanos, pertencentes a duas classes sociais e religiosas completamente distintas, as quais eram perfeitamente reconhecidas no contexto histórico em questão. O fariseu, ao longo do tempo, além de sua acepção denotativa que indica “um membro de uma seita e partido religioso que se caracteriza pela oposição aos outros, fugindo-lhes ao contato, e pela observância exageradamente rigorosa de prescrições legais”, passou a ser tomado, em sentido figurado, como um “ indivíduo hipócrita, fingido” (cf. Ferreira, 1986). Por sua vez, conforme Bailey, os publicanos, que formavam o grupo dos coletores de impostos do Império Romano, força política dominante naquela época, “eram tradicionalmente conhecidos como roubadores e trapaceiros” (1985, p. 333). Observa-se, pois, que, mesmo naquele momento histórico, o narrador estava contando com o conhecimento do público acerca dos dois tipos de pessoas que entravam em cena. Além disso, a anunciada caracterização só é possível por meio de dados inferidos do discurso de cada personagem e de alguns elementos culturais que aparecem no interior da parábola. Esses discursos, então, ao mesmo tempo em que garantem a construção das personagens, contêm indicadores de elementos lingüísticos que solidificam a sua textualidade.

EÇA DE QUEIRÓS POR MIGUEL REAL

Rosane Gazolla Alves Feitosa-UNESP –Assis/SP- Brasil
feitosarlc@uol.com.br

Esta comunicação tem por objetivo o estudo de alguns aspectos do romance *A visão de Túndalo por Eça de Queirós* (2000), de Miguel Real (pseudônimo de Luis Martins), em que é feita a releitura/reescritura da vida de Eça de Queirós e da Geração de 70 portuguesa. Serão comentadas algumas estratégias de processamento textual e serão feitas algumas reflexões sobre os desvios e subversões que o texto apresenta.

É procedimento habitual em tempos pós-modernos a retomada de textos de um autor por outros autores, como pode ser comprovado na esteira de publicações de muitos livros, desde a década de 1990, que revisitam as obras de Eça, enfatizando sua atualidade e permanência: *As Batalhas do Caia* (Mário Cláudio, 1995); *O Enigma das cartas Inéditas de Eça de Queirós* (José Antonio Marcos, 1996); *Nação Crioula* (José Eduardo Agualusa, 1997); *Os Esquemas de Fradique* (Fernando Venâncio, 1999); *Madame* (peça de teatro, Maria Velho da Costa, 2000); *Autobiografia de Carlos Fradique Mendes* (José Pedro Fernandes, 2002); *Os Patriotas* (peça de teatro, Miguel Real e Filomena de Oliveira, 2003); *A bela Angevina* (José-Augusto França, 2005); *Cem anos sem uma valsa*, Manuel Córrego, 2006). Miguel Real, especialista em Cultura Portuguesa, professor de Filosofia no ensino médio, autor de livros referentes ao fim do século XIX e começo do XX português, ensaísta do livro *Último Eça*, talvez tenha pretendido fazer uma obra para os iniciados em Eça de Queirós, mais particularmente da sua respectiva última fase de produção literária (1888-1900), algo já distante do Realismo-Naturalismo, do Positivismo e mais próximo da espiritualidade, da religiosidade, vistas em seu artigo de imprensa (*Gazeta de Notícias* 16-17-19/07/1893, “Positivismo e Idealismo”); dos seus contos “A perfeição”, “O suave milagre”; do seu livro *Lendas de Santos*.

Como ocorre em boa parte dos romances históricos contemporâneos, principalmente os metaficcionais, Miguel Real recorre a estratégias literárias de fantasiar e criar textos ou personagens apócrifos, tal como a personagem, Angel Juncal Laprida e o conto “A visão de Túndalo”, criado pela personagem Eça de Queirós, texto este que se achava perdido e será entregue à personagem- narrador, Miguel Real, que se confunde com o autor real. Na medida em que o escritor Miguel Real atualiza o texto de Eça de Queirós, dá a conhecer, ficcionalmente, por meio de sua vida e de sua obra, o *modus operandi* literário queirosiano.

ARTIGO DE OPINIÃO: UM RECURSO LINGUÍSTICO E TEXTUAL NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Marta Aparecida Broietti Henrique: Professor; (Letras, FAPEPE, São Paulo, Brasil);

broietti@uol.com.br

RESUMO

O presente trabalho analisa os aspectos linguísticos e textuais presentes no gênero midiático artigo de opinião de jornais, bem como tais gêneros podem se tornar um recurso didático nas aulas de língua portuguesa. Diversos pesquisadores da área de língua portuguesa apontam que os gêneros jornalísticos, diferentemente dos literários, constituem na verdade modelos que devem ser utilizados no estudo de língua portuguesa por apresentarem a chamada linguagem “padrão”, devido à uniformidade gramatical, ou seja, pouca variação linguística e também estilística em todo o Brasil. Assim, não só por se tratar de um meio de divulgar informação, mas por ser também um expediente propício para o estudo linguístico, os textos jornalísticos exigem uma descrição de sua constituição e de suas relações. Dentre os diferentes gêneros que se inserem no domínio discursivo do jornalismo estão os artigos de opinião: textos opinativos que refletem crenças, pontos de vista e visões de mundo de seus produtores, cuja influência ocorre de forma rápida e abrangente, já que sua publicação pode alcançar um grande número de pessoas ao mesmo tempo. Além disso, nos artigos de opinião, a argumentatividade se transforma no palco onde os sujeitos se confrontam para lutar pela busca da adesão e, sobretudo, da persuasão. É decorrente do poder que as mídias, por meio da linguagem, desempenham na sociedade moderna que se tornam pertinentes estudos que busquem identificar os elementos linguísticos e discursivos de textos veiculados por meios de comunicação de massa de alcance nacional. A linguagem utilizada, nesses artigos, destina-se a um público de leitores padrão, de modo que, com o objetivo de convencer, ou melhor, de persuadir o leitor a comprar suas ideias, seus conceitos, os produtores dos textos lançam mão de recursos discursivos que contribuem para a aceitação de seus argumentos.

Dessa forma, objetiva-se, neste trabalho, reconhecer os elementos que constituem o gênero artigo de opinião: função social, conteúdo temático, estilo e composicionalidade. Para isso, o estudo relaciona os elementos que determinam o gênero aos fatores que garantem a argumentação, como também sua aplicabilidade em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: Artigo de opinião. Gênero discursivo. Argumentação. Ensino.

HETEROGLOSSIA E POLIFONIA: QUANDO UMA NOÇÃO, QUANDO OUTRA?

Maria Angélica de Oliveira PENNA (UNICAMP – GED)

Com esta apresentação propõe-se uma reflexão sobre as noções de *heteroglossia* e *polifonia* para um melhor entendimento da filosofia bakhtiniana e do paradigma da dialogia, proposto por Bakhtin para pensar a linguagem.

Toma-se como ponto de partida a defesa de Faraco (2009) de que se deve cuidar de estabelecer a distinção entre as duas categorias, dado que a primeira trata de um universo de vozes equipolentes e que a segunda trata de um universo de vozes assimétricas. Para Faraco (op.cit.), o termo polifonia deveria permanecer reservado ao vocabulário utópico bakhtiniano e não ao vocabulário crítico.

Defende-se que a categoria da *heteroglossia* é a categoria produtiva para pensar a construção de sentidos que se dá pelo confronto entre axiologias distintas. Se pensarmos com Stam (1992), que Bakhtin era um poeta da liberdade e que defendia a livre circulação das ideias, sem opressões hierárquicas, podemos perceber que o filósofo encontra na obra polifônica de Dostoiévski a realização de seu projeto utópico, já que em Dostoiévski não há vozes que se sobrepõem, mas há um *todo* regido pelo autor que, como nos diz Stam (op.cit.), se vê prejudicado pela ausência de uma única voz.

O que se observa na maioria das situações, nos muitos discursos, no entanto, é que há operação estratégica sobre vozes sociais de forma que algumas se sobressaem e outras são apagadas, configurando um universo de vozes assimétricas em que seleciona-se umas em detrimento de outras para se cumprir objetivos comunicativos.

A proposta, portanto, é de reflexão quanto à utilização de uma ou de outra noção, em quais espaços e para quais objetivos.

**MÚLTIPLAS VOZES E INFINITAS LEITURAS: A INTERTEXTUALIDADE NA
CONSTRUÇÃO DA AMBIGUIDADE EM *CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA*,
LÚCIO CARDOSO.**

Elizabeth da Penha Cardoso

Doutora pela FFLCH/USP, Dep. Teoria Literária e Literatura Comparada
Pesquisadora do Grupo Crítica Literária e Psicanálise, FFLCH/USP-CNPq

elizcardoso@usp.br

Fapesp

O trabalho abordará a opção de Lúcio Cardoso em utilizar múltiplas vozes para narrar o enredo de seu romance mais festejado pela crítica: *Crônica da casa assassinada (CCA)*, de 1959. Dentre as várias questões propostas pela leitura de *CCA*, uma das mais estimulantes versa sobre o foco narrativo, na medida em que se dá na articulação de múltiplos narradores-personagens: são dez narradores-personagens fascinados por Nina e que se revezam para contar a história dessa mulher e o modo como ela marcou a vida e a destruição da Casa dos Meneses. A maioria dos críticos viu aí a presença da polifonia, mas neste trabalho o recurso das múltiplas vozes será lido em sua potência para criar ambiguidades, em associação com as personagens femininas.

Ao rever a fortuna crítica sobre a obra, e com o auxílio teórico de Bakhtin, serão apontados os elementos textuais que nos faz discordar da polifonia em *CCA*. No entanto, se a polifonia não se sustenta, as múltiplas vozes permanecem. Se a intenção era contar uma história com apenas um ponto de vista, por que arregimentar vários narradores?

A leitura, desenvolvida durante a pesquisa de doutorado sobre a obra de Lúcio Cardoso (1912-1968), indica que a estrutura de múltiplas vozes, aliada as questões envolvendo a centralidade da personagem feminina, cria ambiente textual para envolver todo o romance (tema e enredo) nas malhas da ambiguidade e do debate sobre a verossimilhança e a “verdade”.

Tais temas permeiam os discursos dos narradores-personagens e ampliam a intertextualidade ao dialogar com outras obras: a Bíblia (Livro de João), *A poética*, de Aristóteles, a história dentro da história (Scherazade) e *Édipo Rei*, de Sófocles. Além da analogia com a feminilidade impossível de ser definida a não ser como verdade, uma vez que ambas só se realizam no âmbito do discurso (Lacan), e os jogos textuais dos atos falhos e enganos (Freud) engendrando o enredo do romance. Tais recursos sustentam a leitura de *CCA*

no registro de um projeto literário que procurou aprofundar o espectro da dúvida e enredar o leitor num labirinto de equívocos gerando leituras múltiplas e infinitas.

ÉTICA E ESTÉTICA NO DISCURSO CRÍTICO UNIVERSITÁRIO: UM ESTUDO SOBRE A RÉPLICA BAKHTINIANA

Grenissa Stafuzza (UFG-CAC/GEDIS)

Pensamos a réplica enquanto *posição responsiva* (BAKHTIN, 1997) do sujeito crítico que, inicialmente, para construir a crítica universitária (filosófica, literária), trava um diálogo com o texto outro e, não tão raro, a crítica realizada relaciona-se tão profundamente com o texto criticado que se torna necessário observar como que as noções de *ética* e *estética* podem ser discutidas em críticas acadêmicas. Para isso, consideraremos algumas questões norteadoras para o estudo que ora se delinea:

- i) A relação entre crítico acadêmico e o *status* que ele exerce compreende principalmente critérios de jurisdição e de conhecimento: observamos, em especial, a autorização, validação, projeção e divulgação do discurso do professor que tem a legalidade concedida pela instituição universidade para fazer certa crítica (filosófica, literária, histórica). O papel que se reconhece no crítico acadêmico é a de alguém que tem a formação, que é especializado e por isso possui autoridade para enunciar determinado discurso.
- ii) Os lugares institucionais de onde o crítico acadêmico alcança o seu discurso, e onde este descobre sua origem legítima e seu ponto de aplicação. A universidade seria o lugar institucional mais amplo que conglopera várias práticas institucionalizadas.
- iii) As posições do sujeito definem-se do mesmo modo da situação que lhe é admissível ocupar em relação aos múltiplos domínios ou grupos de objetos: o crítico acadêmico ocupa duplo lugar na universidade, pois produz conhecimento quando se empenha na escritura e publicação de um artigo crítico (produção de conhecimento teórico) e ao mesmo tempo formula suas aulas didáticas, é professor quando se encontra na sala de aula com seus alunos (comunicação oral), professando seus ensinamentos.

Logo, dito o lugar institucional do crítico que consideramos para o presente estudo, tal seja o de professor pesquisador acadêmico, procuraremos mostrar como ética e estética se relacionam a partir da noção de réplica no discurso crítico filosófico universitário. Tomaremos como *corpus* de análise o texto *As monstruosidades da crítica* (2006, p.316-325), texto que faz parte da obra *Ditos e Escritos* (vol. III), em que Foucault apresentamos duas formas de crítica específicas utilizando-se da réplica para debater com um professor universitário (PELORSON, J. M. “Michel Foucault et l’Espagne”. In: *La pensée*, n° 152, agosto de 1970, p. 88-89) e um crítico jornalista (STEINER, G. “The mandarin of the hour: Michel Foucault”. In: *The New York Times Book Review*, n° 8, 28 de fevereiro de 1971, p. 23-31)

AS VOZES DOS SUJEITOS DO SLA FUNK DE FA – QUE MULHERES SÃO ESSAS?

Luciane de Paula (UNESP-Assis) – lucianedepaula1@gmail.com

A proposta desta comunicação é discutir a composição dos sujeitos femininos no SLA *Funk* de Fernanda Abreu (FA), uma vez que se compreende que ele é discurso e que o discurso é “a arena de vozes onde se digladiam os valores sociais”. Parte-se da premissa, então, de que no funk de FA há o embate entre vozes e imagens plurais femininas, principalmente ao se considerar as concepções de linguagem e sujeito para os estudos do Círculo de Bakhtin, Medvedev e Volochinov. Esta comunicação parte das letras das canções “Garota Sangue Bom”, “Vênus Cat People”, “Nádegas a Declarar” e “Kátia Flávia”. Analisar as relações dialógicas dos sujeitos eu-outro que, de certa forma, compõem uma ou algumas imagens de feminino é o objetivo aqui. O SLA *Funk* de FA afirma-se pelo dialogismo. As canções compõem seus sentidos por meio da intertextualidade e da interdiscursividade. Pode-se dizer, com base em Fiorin (2006, p. 169), que, no caso do SLA Funk de FA e da canção contemporânea, “o dialogismo é uma forma composicional”, chamada por Bakhtin (1992, p. 350) de “concepção estreita do dialogismo” ou “formas externas, visíveis” de diálogo. As formas de incorporação do discurso do outro não são as únicas formas dialógicas, mas são o que Fiorin (2006, p. 174) designa “a maneira de tornar visível esse princípio (o dialógico) de funcionamento das unidades reais de comunicação, os enunciados. São modos pelos quais o princípio real de funcionamento da linguagem é enunciado.”. O objeto do discurso, segundo Bakhtin, “é o lugar onde se cruzam, se encontram e se separam diferentes pontos de vista, visões de mundo, tendências”, como ocorre nas canções cantadas por FA: elas dialogam entre si e com outros enunciados (de canções e também de outros gêneros) no intuito de simular a “realidade” e a cultura por meio das vozes de seus sujeitos (“eu”/“outro”). A arquitetônica (forma, material e conteúdo) do SLA Funk de FA “reflete” e “refrata” vozes e imagens de mulheres e, com isso, de um (ou alguns) valor(es) ideológico-social(is). Daí a importância (logo, justificativa) de se perguntar “Que mulheres são essas?”, uma vez que esse questionamento subentende um outro: “Que sociedade é essa?”.

Palavras-Chave: Círculo de Bakhtin; discurso; vozes; sujeito; mulher.

O CONFLITO DISCURSIVO DA/SOBRE A MULHER NOS FILMES *REPULSA AO SEXO* E *A BELA DA TARDE*

Jonathan Raphael Bertassi da Silva¹, Lucília Maria Sousa Romão¹

¹Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (FFCLRP/USP- Brasil).

Apoio: FAPESP (2010/02844-3)

cid_sem_registro@yahoo.com.br; luciliamsr@uol.com.br

Nesse trabalho, abordamos os efeitos de sentido sobre liberdade e repressão sexual feminina em sequências discursivas coletadas nos filmes *Repulsa ao Sexo* (Repulsion, 1965), de Roman Polanski, e *A Bela da Tarde* (Belle de Jour, 1967), de Luis Buñuel. Para tanto, mobilizaremos como referencial teórico a Análise do Discurso de matriz francesa para compreender os efeitos de sentido no discurso sobre a sensualidade feminina inscritos nos processos verbal e não-verbal em filmes dos anos sessenta, marcando, especialmente, o modo de o sujeito constituir-se como posição na linguagem. É nosso escopo buscar compreender como circulam os sentidos da/sobre a mulher e seu conflito com os sentidos naturalizados como evidentes pelo patriarcalismo, produzindo rupturas com o silêncio e efeitos de resistências, de modo heterogêneo, que (re)significam a memória discursiva sobre o que é ser mulher, levando à tona regiões de sentido antes vetadas ou escondidas sobre o véu do prazer glamouroso do cinema narrativo. Efeitos de prostituição, casamento, família e sexo estão em jogo em nosso corpus de análise em nosso estudo, que intenta tomar a linguagem em suas práticas sociais, visto que para Pêcheux história e linguagem se afetam e alimentam mutuamente. Definindo a linguagem como trabalho, a disciplina desloca, a importância dada à função referencial da linguagem, a qual ocupa posição nuclear na Linguística clássica, que defende esse enfoque na comunicação ou na informação; assim, a entrada conceitual da AD entende a linguagem como ato sócio-histórico-ideológico, sem negar o conflito, a contradição, as relações de poder que ela traz em seu bojo. Para colher o corpus da pesquisa, lidamos com os conceitos de segmento de recorte: o segmento está sugerido *a priori* na montagem do filme, enquanto a noção de recorte é instituída pelo analista, o que favorece a relação silêncio/imagem não sugerida pela estrutura do filme. A razão para a escolha deste método é a possibilidade de buscar os efeitos de sentido no discurso dos filmes que compõem nosso corpus sem negar o olhar socialmente inscrito do analista para privilegiar o estudo do processo e não do produto nos referidos filmes. Nos resultados obtidos na pesquisa, atentamos

para os espaços de deslocamento do sujeito em diálogos que confirmam sentidos patriarcalistas de manutenção da ordem vigente e dizeres sobre o conflito entre os sexos e o poder aí inscrito também no imagético.

AS MATERIALIDADES NA INTERPELAÇÃO POLICIAL: DE SUJEITO FALADO A SUJEITO FALANTE NAS PRÁTICAS DE VIOLÊNCIAS CONTRA A MULHER

Sérgio Nunes de Jesus (UFRGS/IFRO- Brasil)

A presente proposta de pesquisa fundamentar-se-á em pressupostos da Análise do Discurso: Althusser (1985), Pêcheux (1987), e em pressupostos da Enunciação, Ducrot (1987), Guimarães (1995) e Bakhtin (1997), para investigar como o sujeito que pratica atos de violência contra a mulher fala, ou seja, responde aos interrogatórios da Polícia, em virtude das acusações que lhe são feitas pelas mulheres e por testemunhas de suas agressões. Assim, a metodologia a ser instituída será a bibliográfica e de campo ao evidenciar as formas das distintas enunciações abordadas por um “sujeito” que “reclama” uma ilusão de verdade contraditória em seus deslocamentos discursivos na produção de um sentido que só existe na relação ao outro – pelas forças e seus imaginários constituídos nessa relação. Discutiremos também a questão da violência contra a mulher e por qual o motivo ela se multiplica na sociedade, principalmente nos seios das famílias menos favorecidas – embora haja também um grande número desse tipo de violências em famílias de classe média alta. Sendo assim, abordaremos também de que maneira as Práticas Sociais (ou seja, praticada como aparelho ideológico de estado (AIE) de uma formação ideológica (FI) como: *Tomada do Depoimento – Intimações – Perícias – Diligências – Busca e apreensão*) são ineficientes pela falta de efetivo (pessoal) que não é investido por esse aparelho de Estado. E os Saberes Sociais (que são próprios de uma formação discursivos (FD) e, ao mesmo tempo, identificados na formação ideológica como: *Zelar pela ordem – Zelar pelos bons costumes – Agir de maneira preventiva – Fazer valer os deveres do cidadão – Cumprir a lei*) - pois o papel da Polícia como AIE é de se investir nas formas de cumprimentos/práticas (FI) e dos saberes (FD) desse aparelho. Os resultados serão obtidos a partir das materialidades constituídas como ponto de vista *linguístico* ou *relatado* e ponto de vista *discursivo* ou *referido* – esses servirão de base discursiva no decorrer da análise.

SUJEITO E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Pedro Navarro (UEM / GEF - CNPq, Paraná, Brasil)

plnavarro@uol.com.br

O sub-projeto de pesquisa “Práticas discursivas de subjetivação na mídia e na educação” vincula-se ao Procad – Projeto de Cooperação Acadêmica, estabelecido entre a Universidade Estadual de Campinas e a Universidade Estadual de Maringá. A proposta mais abrangente desse sub-projeto visa subsidiar um conjunto de trabalhos que se encontra, atualmente, em desenvolvimento por alunos de iniciação científica e de mestrado em Letras da Universidade Estadual de Maringá. Trata-se de pesquisas vinculadas ao GEF - Grupo de Estudos Foucaultianos da UEM, com ênfase nos tópicos: **sujeito e práticas discursivas de subjetivação**. Esse projeto e as pesquisas que o fomentam e que ele pretende, também, fomentam e caracterizam sua inserção na Análise do Discurso francesa, via teoria e método arqueogenológico de análise de discursos proposto pelo filósofo francês Michel Foucault. A partir desse campo epistemológico, o grupo realiza um gesto de compreensão dos fatos de discurso, respaldado por um movimento de incursão no interior do conjunto dos trabalhos de Foucault, o qual conduz da arqueologia à estética da existência, focalizando, nos discursos da mídia e da educação, os dispositivos de produção de subjetivação e a produção discursiva de identidades.

De posse desse dispositivo de interpretação, os trabalhos em andamento versam sobre: a) a constituição identitária e os processos de subjetivação/objetivação em propagandas governamentais; b) enunciados sobre o corpo materializados na mídia impressa; c) documentos oficiais, entrevistas com profissionais da área da saúde e textos da mídia impressa sobre a educação de alunos hiperativos; d) a emergência de um discurso sobre o professor na Revista *Nova Escola*; e) a subjetivação docente na mídia e em políticas públicas educacionais; f) a produção de sentidos sobre a “melhor idade” em enunciados que circulam na mídia impressa; g) o deslocamento da identidade masculina na contemporaneidade em discursos midiáticos que produzem o conceito de “novo homem”; h) a identidade do jornalista produzida pela mídia após a decisão do STF quanto à obrigatoriedade do diploma; i) a formulação e circulação de sentidos sobre o sujeito executivo na revista *Você S/A* e j) as representações da identidade e da cultura francesas no cenário brasileiro e a constituição do estudante do francês como segunda língua.

Nossa comunicação não tem a pretensão de abarcar todas as questões anteriormente levantadas. Focalizará determinados dispositivos de saber/poder que, ao se projetarem sobre o executivo, o idoso e o professor, produzem representações desse sujeito em discursos que circulam na mídia e na educação. Para a apresentação da proposta, procuramos tecer uma espécie de fio condutor teórico e metodológico que alinhava essas pesquisas, com o intuito de tocar em um ou outro aspecto da problemática circunscrita no título “Práticas discursivas de subjetivação na mídia e na educação”.

ANÁLISE SEMIÓTICA SINCRÉTICA: PERCURSOS DO OLHAR POÉTICO EM
ARNALDO ANTUNES

Mariangela B. Fazano Amendola (Unoeste – SP - Brasil)

mariangelafazano@gmail.com

A semiótica greimasiana considera os fenômenos culturais como fenômenos de comunicação, além de processos de significação. Desse modo, o presente estudo parte da análise desse poema concreto, depositário de um feixe de construção de significados com alto poder de comunicação. Esse tipo de análise possibilitou-nos mostrar como um fenômeno artístico pode conter traços voltados à sua própria interpretação, além de empregar seu material linguístico, viso-plástico e sonoro, para a renovação de códigos existentes embora estereotipados, a fim de produzir inovações. É na mensagem e por meio desta que encontramos esses caracteres, os portadores de valores estéticos.

Objetiva este trabalho analisar a pluralidade significativa no poema concreto “2 ou + corpos no mesmo espaço”, de Arnaldo Antunes, presente em seu livro homônimo. Buscamos, inicialmente, uma relação intrínseca entre verbal e não-verbal existente no poema. O exame do não-verbal, de difícil abordagem pela busca do caráter denotativo, pois, *a priori*, salienta a indeterminação do objeto que o leitor tem em mãos - no qual a voz parece complementar a grafia, e o ouvir, complementar o olhar -, só pôde ser realizado sob a fundamental contribuição da semiótica daviliana. Esta análise, embora embasada na teoria semiótica greimasiana no que diz respeito à tessitura semântico-verbal, necessitou da citada contribuição teórica por tratar-se de linguagem sincrética. O desafio para efetuarmos a análise, diante dessa contribuição, foi o conhecimento de uma metodologia que se mostrou como um novo e operatório caminho, permitindo-nos uma abertura teórica sobre as linguagens não-verbais que se entrecruzam no poema. Voltada à cada linguagem envolvida no sincretismo verbo-visual e verbo-sonoro, a semiótica sincrética possibilitou-nos desconstruir o sentido de cada uma delas interiorizado no poema em questão, a fim de demonstrarmos a valoração de cada linguagem que se articulará como objeto modal na produção da comunicação final. O sucesso desta é resultante de determinadas “instâncias valorizadas” das manifestações não-verbais inscritas nesse sincretismo, que somente poderão ser analisadas se estiverem destacadas dos procedimentos da organização verbo-textual e dos mecanismos enunciativos de produção e recepção do texto.

Palavras-chave: semiótica sincrética, teoria daviliana, poema concreto, Arnaldo Antunes.

NÃO DÁ PRA NÃO LER: O(S) DISCURSO(S) E A CONSTRUÇÃO DE IMAGENS SOBRE LIVROS E LEITORES PELA FOLHA DE SÃO PAULO

Luiz Augusto Ely

Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal do Paraná – Brasil

luizaugustoely@gmail.com

Este trabalho tem por objetivo apresentar resultados de nossa pesquisa de mestrado, em que procuramos investigar os recursos utilizados quando se tem o objeto livro como fonte de notícia. Para tanto, fizemos um levantamento de matérias publicadas pelo jornal *Folha de São Paulo* entre os meses de março de 2008 e fevereiro de 2009, veiculadas em seu caderno de variedades – *Ilustrada*, e em seu suplemento literário – *Mais!*. Diante desse *corpus*, e tendo como referencial teórico conceitos sobre discurso e enunciado propostos pela Análise do Discurso de linha francesa, elaboramos nosso estudo a partir de categorias de análise desenvolvidas por Dominique Maingueneau. Assim, nos deparamos com uma diversidade de textos, compostos por gêneros discursivos característicos – notas, artigos, matérias; no entanto, certos textos nos chamaram a atenção, pois, ainda que publicados como matérias de jornal, mais parecem textos literários, devido ao espaço em que são divulgados e, certamente, por conta do público a quem são destinados. Para Maingueneau, é “nas formas literárias que se tem de tornar manifesto o pensamento que a literatura produz”; além disso, podemos conceber que os discursos representam o mundo e, assim, suas enunciações são parte integrante desse mundo que é representado, daí nossa associação entre essa concepção e a categoria de cena da enunciação, uma vez que todo discurso pretende convencer instituindo a cena de enunciação que o legitima, sendo esta responsável pela organização linguística entre o texto e o discurso como instituição de fala e instauração de um evento verbal no mundo, já que um texto não é um conjunto de signos inertes, mas sim, um rastro deixado por um discurso em que a fala é encenada. Tendo isso em vista, nos faremos valer dos conceitos de *ethos* e *pathos*, afinal, ainda que tenhamos dois cadernos de um mesmo jornal, estes periódicos são pensados tendo como público, como leitores, sujeitos distintos. Nesse sentido, acreditamos fortemente que a diferença não só em relação à linguagem utilizada na composição dos textos, mas também, na constituição dos discursos sobre livros veiculados pelo jornal, deve-se, certamente, ao público a que se destinam esses textos. Desse modo, considerando as noções de *ethos* e *pathos*, pretendemos apontar a construção de imagens de leitores, bem como justificar essa abordagem distinta da *Folha de São Paulo* ao se tomar o objeto livro como fonte de notícia.

ASTÚCIAS NARRATIVAS: a construção de Diadorim pelo narrador Riobaldo, em Grande sertão: veredas.

Jeane Mari Sant'Ana SPERA¹

RESUMO

O romance *Grande sertão: veredas* começa com discurso direto (“- Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja.”), que reproduz a voz do narrador e instaura a interlocução entre Riobaldo e seu visitante, cuja voz é apenas entreouvida no discurso do narrador. Trata-se, portanto, de uma interlocução semi-explícita que se evidencia na instância da enunciação, onde se podem detectar elementos linguísticos denunciadores das estratégias argumentativas usadas pelo narrador para envolver seu interlocutor/leitor e fazê-lo cúmplice de suas dúvidas e angústias. É assim que Riobaldo consegue manter o leitor cativo, ávido pelo desfecho da sua paixão pelo companheiro jagunço Diadorim, um amor proibido no sertão moralista e violento. É propósito deste trabalho acompanhar a trajetória do discurso riobaldiano, desde sua primeira referência a Diadorim até a morte deste, quando o narrador enfim descobre tratar-se de uma mulher travestida de jagunço – e a chama de “- Meu amor!”, porque “não sabia por que nome chamar”, conforme relata a seu interlocutor. Propomos, portanto, mostrar o esforço discursivo do narrador para conduzir a leitura de modo a provocar, no interlocutor/leitor, a mesma tensão experimentada por ele mesmo, Riobaldo, no plano da história, ou seja, a tensão instaurada pelo medo de estar apaixonado por um outro jagunço. Para tanto, alinham-se estratégias discursivas astuciosas que, num jogo poético estruturado por meio de recursos de linguagem, fazem irromper, finalmente, no próprio discurso, o verdadeiro nome de Diadorim: “Amor”.

PALAVRAS-CHAVE: Enunciação; Estratégias discursivas; Riobaldo; Diadorim;

Guimarães Rosa

¹ Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Departamento de Linguística. Av. Dom Antonio, 2100 – CEP- 19806-900 - Assis, Estado de São Paulo, Brasil, jeanespera@uol.com.br.

O TEXTO PUBLICITÁRIO – NEW HOLLAND

José Augusto Bertoncini Gonzalez

Faculdades Integradas de Ourinhos, SP, Brasil.

gsp@gspidiomas.com.br

No ano de 2006, período de vigência do texto em análise produzido pelo destinador NEW HOLLAND, o setor do agronegócio passava por grave crise econômica, com reflexos em toda a cadeia produtiva. A publicidade foi então veiculada à Revista Globo Rural que, em função de ter abrangência nacional por grande tiragem, periodicidade mensal e destinação ao público rural, cumpria o pré-requisito de ser um instrumento estratégico de excelente qualidade. Por tratar-se de uma marca mundialmente conhecida no âmbito rural, optamos por analisar semioticamente essa mensagem, em função da sua importância comercial. A necessidade de buscar alternativas que ampliassem as possibilidades de apreensão sintática e semântica do conteúdo inserido num texto publicitário verbo-visual, levou-nos, inicialmente, a compreender a semiótica greimasiana dedicada à manifestação verbal para, posteriormente, iniciarmos-nos em pesquisas implicadas no atendimento à reconstrução do sentido nos textos não-verbais e sincréticos. Fundamentada em Greimas e sob embasamento científico na sua Construção do Percorso Gerativo do Sentido, a semiótica daviliana permite-nos extrair patamares de produção do sentido visual que se manifestam nas: presentificação, representação e re-representação visuais, demonstrando como o sentido é articulado no interior de um texto sincrético. A aprendizagem destinada ao uso dessa teoria, por meio do material colocado à disposição dos pesquisadores, possibilita-nos apreender detalhes da linguagem visual encontrados nos traços (tracemas) que, Agregados sob *Luminância* e Organizados sob *Proxêmica* - assim se constituindo no sistema ALOP -, compõem os volumes e as massas que edificam figuras e imagens manipuladoras nessa tipologia de comunicação. Pelo conhecimento das estratégias utilizadas pelo destinador-publicitário no intuito de seduzir, tentar ou provocar os destinatários da mensagem, compradores virtuais, a teoria nos possibilita ainda, avaliar, no âmbito das isotopias visuais, a reiteração de determinados classemas que conduzirão os destinatários à categoria de sujeitos judicantes, competentes para produzir sanções positivas em relação ao produto anunciado.

Palavras-chave:

1. New Holland
2. Semiótica Sincrética
3. Semiótica Daviliana
4. Isotopias Visuais

O SILÊNCIO É DE OURO: A ESCRITA PECULIAR DE CONFERÊNCIAS FEITA PELO AUTOR MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Vitor Celso Salvador-mestrando-
UNESP/Assis-sp-Brasil- vitorcelso@hotmail.com- CAPES

Medeiros e Albuquerque foi poeta, orador, romancista, ensaísta, jornalista, professor, político, contista, teatrólogo, memorialista, crítico e conferencista. Nasceu em Recife em 4 de setembro de 1867 e faleceu no Rio de Janeiro em 9 de junho de 1934. Participou da Academia Brasileira de Letras, fundando a cadeira de número 22, cujo patrono é José Bonifácio, o Moço. Ocupou a Secretaria geral da Academia de 1899 a 1917 e a presidência em 1924. Em seus livros de conferências, sobretudo *O silêncio é de ouro* (1916), ele demonstrou uma extraordinária faculdade de exposição de idéias e uma peculiar capacidade de reduzir a fórmulas simples idéias complexas. De forma bastante elaborada, Medeiros e Albuquerque construiu suas conferências revelando notáveis estratégias retóricas que enriqueciam o processamento textual, com grande persuasão, informatividade, intertextualidade, articulação de idéias e também de palavras. Por ora, os textos de *O silêncio é de ouro* não apenas abordavam temas aparentemente triviais e cotidianos (comuns nesse gênero de obra), como também relatavam assuntos sociais que ainda hoje geram polêmica, tais como: machismo, interesses financeiros e problemas de higiene pública. Conferencista de renome, quando declamava oralmente seus textos, sabia dominar as emoções da platéia com sua prosa elegante e seus conceitos exatos, revelando talentosas técnicas retóricas que eram sempre utilizadas em suas apresentações orais de forma a persuadir o público, que se fascinava pelas construções literárias. Ademais, percebe-se em *O silêncio é de ouro* uma maior elaboração textual se comparada com os outros livros de conferência do mesmo autor, tais como: *O perigo americano* (1919); *Em voz alta* (1909) e *O umbigo de Adão* (1932), ao passo que nele procurou registrar mais informações que evidenciam a sociedade brasileira da época e também utilizou muitas intertextualidades não somente de autores nacionais, como também estrangeiros, como: Rabelais, Victor Hugo e Shakespeare. Portanto, o respectivo trabalho tem como objetivo divulgar as conferências de um escritor não muito estudado, enfatizando, para tanto, os aspectos textuais que ele utilizou para escrevê-las nesse livro, diferenciando-se de outros famosos conferencistas da época, ou seja, Olavo Bilac e Coelho Neto.

O PRIMO BASÍLIO SOB A PERSPECTIVA DA SEMIÓTICA

Tânia Regina Montanha Toledo Scoparo (UFPR/PR/Brasil)

taniascoparo@uol.com.br

RESUMO

A semiótica greimasiana explora os sentidos dos textos, procurando descrever, analisar e explicar suas estruturas e combinações para desvendar mecanismos e conexões nas informações implícitas ao longo do texto. Ela possui estreita relação com a aprendizagem, pois fornece em suas estruturas uma metodologia que nos favorece a assumir o compromisso com o ensino, possibilitando-nos o uso de suas modalidades do /Poder/ e do /Saber/ para /fazer-querer-aprender/. As novas orientações pedagógicas para o ensino de língua sugerem aos docentes o trabalho com textos de diversos gêneros que circulam na sociedade. A semiótica da Escola de Paris apresenta ferramentas de trabalho muito consistentes para novas possibilidades de leitura, compreensão e análise dos gêneros. O SECOMLIN, grupo de pesquisas em Semiótica, Comunicação e Linguagens, investiga esses textos para identificar o processo de produção de sentido, possibilitando o reconhecimento das vozes e das ideologias presentes no discurso, as marcas explícitas e implícitas, utilizando o modelo teórico da semiótica greimasiana, elaborada para a linguagem verbal, e da semiótica daviliana - estruturada na greimasiana -, destinada às linguagens não-verbais e sincréticas. Assim, este trabalho, que pertence a um membro do grupo, apresentará uma análise nos níveis discursivo, narrativo e profundo de um excerto extraído do romance O Primo Basílio, de Eça de Queirós, e a relação deste com uma cena análoga do filme homônimo, adaptado por Euclides Marinho. Nosso objetivo, ao apresentar os níveis de abordagem dos textos verbal e não-verbal, é estimular nos leitores a busca de uma competência para melhor compreensão do gênero romanesco e cinematográfico, formando, assim, um leitor afiliado ao multiletramento, capaz de poder vencer as dificuldades e saber pensar criticamente os textos e a realidade que os rodeia.

Palavras-chave: O Primo Basílio; Romance; Cinema; Semiótica greimasiana; Semiótica daviliana; Semiótica sincrética.

DISCURSO E ARGUMENTAÇÃO: AS CENAS ENUNCIATIVAS NA CONSTRUÇÃO DO ETHOS E DO PATHOS NO DISCURSO JORNALÍSTICO

Eduardo Lopes Piris

Docente do curso de Letras da UESC, Bahia, Brasil

Doutorando do PG de Filologia e Língua Portuguesa da USP, São Paulo, Brasil

elpiris@uesc.br, eduardopiris@usp.br

Esta comunicação é um recorte de nossa pesquisa de doutorado cujo objetivo central é proceder à análise dos discursos dos jornais “Correio da Manhã” e “O Globo” sobre os fatos políticos ocorridos no Brasil em abril de 1964. Para tanto, examina as primeiras páginas desses jornais, focalizando o papel do *ethos* e do *pathos* na construção dos efeitos de identificação entre os jornais e seus leitores e na legitimação da enunciação de seus discursos.

Entendemos o *pathos* discursivo como um conjunto de recursos enunciativo-discursivos voltados à construção de efeitos de sentido passionais que, de acordo com um dado contexto sócio-histórico, uma dada formação ideológica e sua correspondente formação discursiva, participam do processo de interpelação do sujeito. Nesse ponto de vista, as paixões afiguram-se também como um sistema de evidências e de percepções que oferece ao sujeito a experiência de comungar uma dada emoção numa dada situação de enunciação. Essa comunhão passional está presente na construção dos efeitos de identificação entre o enunciador e seu co-enunciador, fazendo com que este as experimente também (o que faz interferir em seu julgamento). Deduzimos daí que o tipo de *pathos* tem parte na qualidade de *ethos* que é construído no discurso, pois as emoções estão imbricadas a modos de falar, de enunciar, logo a modos de ser e de se comportar no mundo.

Dessa forma, esta comunicação pretende mostrar a influência recíproca que as noções de *ethos* e de *pathos* exercem uma sobre a outra nesse processo de construção do discurso. Distanciamos-nos, assim, de uma perspectiva de análise que se restringe a abordar as emoções apenas como efeito de sentido que o discurso causa no destinatário da enunciação, uma vez que consideramos as noções de *ethos* e de *pathos* como categorias de uma mesma dimensão subjetiva do discurso e nos preocupamos como o *pathos* afeta o *ethos*, o *anti-ethos*, a incorporação do *ethos* etc.

A análise apresentada incidirá sobre um *corpus* de arquivo composto a partir das primeiras páginas dos jornais “O Globo” e “Correio da Manhã”, edições de 2 a 4 de abril de 1964.

ETHOS DISCURSIVO DE MORADORES NA REGIÃO DO LIXÃO EM PARANAGUÁ-PR.

Dulce Elena Coelho Barros (UEM – Pr decbarros@uem.br)

O que distingue uma análise discursiva de cunho social de uma análise abstrata dos discursos é o fato de a primeira se interessar pelo contexto a partir do qual o discurso se realiza. Tal contexto pode, de acordo com van Dijk (1997), envolver participantes e relações sociais. Esse posicionamento condiz com os objetivos da Análise Crítica do Discurso que se interessa pelas determinações socioculturais do discurso. Enquanto teoria e método de estudo, a ACD encara o termo “discurso” como um tipo de prática social ou elemento constitutivo do social (Fairclough, 2001). Nesses termos, empreender uma análise discursiva requer um posicionamento intermediário entre o texto/evento discursivo e seu contexto social. O estudo, sustentado pela teoria crítica de Fairclough, bem como pela teoria do contexto de van Dijk, visa analisar depoimentos, colhidos mediante entrevista individual, de seis moradores da Vila Santa Maria, comunidade que se formou em torno da região em que se descarta, à céu aberto, há mais de trinta anos, os dejetos produzidos pela população de Paranaguá-Pr. Para complementar esse procedimento metodológico, lanço mão da observação, em *locus*, do espaço geográfico ocupado pelos informantes e das formas de organização social aplicadas pela comunidade. O objetivo da pesquisa é depreender dos depoimentos, à luz do contexto em que se realizam, o *ethos* discursivo desses atores sociais que fazem do lixo o seu meio de sobrevivência. Sob o ponto de vista da ACD, é por meio dos significados identificacionais que se pode ter acesso aos modos pelos quais os atores sociais emergem dos textos. No que concerne aos modos particulares de ser, os significados identificacionais lançam luz sobre as identidades sociais que se constroem na confluência do evento discursivo com as práticas sociais. A noção de *ethos* aqui defendida subentende a inscrição do locutor no discurso relativamente a uma regulamentação sociocultural, compreendida nos dados situacionais. A pesquisa vem revelando que esses indivíduos constroem uma imagem de si como vencedores de uma das mais cruéis adversidades já experimentadas pela humanidade. Eles se posicionam em seus discursos como sujeitos engajados em um sistema privado de troca e negociações financeiras das quais tiram o seu sustento, estabelecendo relações hierárquicas de trabalho que os classificam como puxadores, carregadores, selecionadores, atravessadores, rolistas, entre outros. O estudo busca revelar aspectos que possam auxiliar no desenvolvimento de discussões que giram em torno do tema linguagem, identidade e exclusão e que se propõem, entre outros fatores, a dar voz àqueles que se nos apresentam identitariamente enfraquecidos.

O AMBIENTE AMAZÔNICO SEGUNDO O DISCURSO DO GLOBO REPÓRTER

Juliana de Oliveira Vicentini- Mestranda em Ecologia Aplicada
Programa Interunidades- ESALQ/CENA-USP- São Paulo-Brasil
ju_vicentini@yahoo.com.br

Antônio Ribeiro de Almeida Júnior- Professor Associado
Departamento de Economia, Administração e Sociologia- ESALQ/USP- São Paulo-Brasil
almeidaj@esalq.usp.br

CAPES

Os meios de comunicação se fazem onipresentes na sociedade contemporânea, sendo mediadores da sociabilidade e da legitimidade de discursos e comportamentos. Diante da multiplicidade de temas que circulam na mídia, o ambiente tem sido abordado continuamente e se tornou alvo de documentários, publicidades, revistas e programas de TV. Pesquisadores apontam que a televisão é referência quando se trata de assuntos ambientais, e o Globo Repórter pode ser considerado como um dos programas televisivos que mais abordam as questões relativas ao ambiente. Conhecida internacionalmente por ser parcialmente responsável pela estabilidade ambiental do planeta, a Amazônia tem notoriedade no Globo Repórter, uma vez que é exibida periodicamente.

Este trabalho tem por finalidade investigar especificamente o programa “No mundo das águas amazônicas” exibido em 01/10/2010 pelo Globo Repórter. De acordo com Fairclough os elementos que constituem o discurso podem ser resumidos às identidades sociais, às relações sociais e aos conhecimentos e crenças sobre o assunto. Assim, este trabalho analisará como o Globo Repórter apresenta as identidades, as relações sociais e os conhecimentos e crenças sobre a Amazônia. O formato do programa conta com textos, locuções, relatos, músicas e imagens, que são passíveis de investida hegemônica e ideológica, uma vez que a linguagem é socialmente e historicamente situada como um modo de ação. Para tanto, o referencial teórico-metodológico partirá dos estudos da análise crítica do discurso de Norman Fairclough, que propõe um modelo tridimensional baseado na análise do texto, da prática discursiva e da prática sócio-cultural. A análise textual é uma descrição e envolve o vocabulário, a gramática, a coesão e a estrutura textual. A prática discursiva abrange os processos de produção, distribuição e consumo textual, que são processos sociais relacionados a ambientes políticos, econômicos e instituições particulares. A natureza da prática discursiva varia entre os tipos de discurso, de acordo com fatores sociais. Além disso, a força dos enunciados, a coerência dos textos, a intertextualidade e a interdiscursividade também devem ser examinadas nesta fase. A prática social é um modo de ação onde o

discurso não apenas representa o mundo, mas também o significa. A prática social pode ser econômica, política, ideológica e cultural. Os sentidos das palavras, as pressuposições, as metáforas e o estilo são passíveis de investida ideológica, isto é, de construções da realidade. Todos estes aspectos devem ser analisados para investigar como a hegemonia colabora tanto com a desarticulação quanto com a rearticulação de complexos ideológicos.

SAMBA DO AVIÃO. O SINCRETISMO VERBO-MUSICAL EM ANÁLISE

José Marcelo Martins. Instituto de Música. KALUMA- PR - Brasil

marmarcelo@ig.com.br

Procuramos desenvolver, a partir do *corpus* SAMBA DO AVIÃO – uma Bossa-nova em que a natureza sincopada do Samba nela se faz impor -, duas análises semióticas distintas e complementares; uma direcionada à manifestação verbal (em semiótica greimasiana) e outra à musical (em semiótica daviliana), com a finalidade de apreender instâncias de maior significação quer numa linguagem, quer na outra. Mesmo, caso nos situássemos apenas na prática musical significativa, dada essa dualidade jobiniana que nos coloca entre o Samba e a Bossa – nova, dois gêneros musicais distintos, especificados na apresentação de duas partituras aparentemente iguais, sabem os musicistas e executantes, em geral, que ambas carregam significados diferenciados no que tange à Forma do Conteúdo, visitados os seus níveis rítmico-sonoros do superficial ao profundo (quadrado semiótico). Como articular o sentido musical, em sua totalidade sîgnica, sem fazer-se uso das instâncias de sua produção, quando estas já se codificam sob a forma de “sistema musical”? Ao desenvolvermos uma análise semiótica verbo-musical, a independência das linguagens que se encontram submetidas ao sincretismo permitiu-nos o exame de ‘instâncias valorizadas’ em cada uma delas, possibilitando-nos definir o seu poder de significação no contexto. Realizada a análise verbal, somente a partir das diferenças encontradas nas alterações rítmico-sonoras apreendidas na produção musical, e valendo-nos do *DIATda* dos blocos sonoros que compõem incisos, motivos, frases, fraseados e períodos sob sequências harmônicas (*sonoremas de resolução, de inversão, de suspensão*), pudemos, certamente, comprovar o porquê do sucesso internacional obtido na mídia pelo *Samba do Avião*. A ideologia “amor ao Rio” (verbal) e o estilo melancólico-musical fizeram-se evidenciar em, praticamente, inúmeras frases dessa composição, numa característica muito forte da identidade musical do compositor. Embora a tonalidade da música esteja em “ré maior”, há uma tentativa de recusa quanto à resolução no acorde tônico (I grau). O *sonorema* (D7M) sempre está na 1ª inversão, ou seja, com a 3ª M no baixo (D7M / F#). A constância nos *sonoremas* (F#m7) e (F#7) mostram a tentativa camuflada do deslocamento da tonalidade (ré) para (fá#), causando desta forma uma ansiedade de resolução constante, ou de completude tonal pelos *sonemas* que se ausentam.

Palavras-Chave: Semiótica greimasiana; Semiótica daviliana; Semiótica sincrética; A. C. Jobim; Samba do Avião.

QUESTÕES TERMINOLÓGICAS BAKHTINIANAS

João Bôsko Cabral dos Santos
Universidade Federal de Uberlândia
Laboratório de Estudos Polifônicos
sjohnnyjampa@gmail.com

O indivíduo e o outro na interação com a linguagem é um traço de configuração que faz emergir o diálogo, quando esse indivíduo encontra nesse outro, algo de si. O diálogo, então, apresenta-se como a célula da interação verbal. Enquanto célula, o diálogo serve de base para se examinar essa relação entre um indivíduo e uma outricidade que se instaura enquanto casualidade estética de enunciação. No exame do diálogo entram em enfoque as seguintes relações: indivíduo-outro, outro-indivíduo, indivíduo-espço, indivíduo-tempo, outro-espço, outro-tempo, indivíduo-espço-tempo, indivíduo-outro-espço-tempo, outro-espço-tempo. A partir do momento em que essas relações são estudadas com o intuito de evidenciar as significações que derivam delas no âmbito da enunciação, estamos diante do fenômeno de dialogismo. Quando se estabelecem percepções que inter-seccionam essas relações, dimensionando a natureza enunciativa da interação verbal, instaura-se, pois, um fenômeno de dialogicidade. O diálogo, portanto, é tomado como unidade de ação da interação verbal na enunciação. Já o dialogismo emerge como substrato semântico das relações que se instauram pelo diálogo no fenômeno da interação verbal. No que se refere à dialogicidade, esta se apresenta, então, como objeto de reconstituição da interação verbal, subjacente ao fenômeno da enunciação. Pelo diálogo, constitui-se uma voz social para um indivíduo, assinalando sua refração a um auditório social, que provoque um princípio de posição social como reação a uma imagem individual, que se funda pelo desejo de ter esse auditório como seu outro. Já o dialogismo, remonta um acabamento enunciativo que justapõe um todo concreto do dizer, balizado enquanto substrato significativo de uma inserção social. Na dialogicidade, entrelaçam-se os significados do diálogo, transformados, que foram, pelas significações sociais que emergiram no dialogismo pelo fenômeno da enunciação, exibindo, pois, gestos de uma interação verbal, demarcadora de uma ação ideológica entre indivíduos em uma sociedade. Pretendo, então, problematizar teoricamente essa tríade teórica que, a meu ver, constitui um funcionamento discursivo no escopo teórico bakhtiniano. Visualizo, também, a possibilidade de sugerir uma extensão teórica ao arcabouço da Análise Dialógica do Discurso, que aborde os enunciados, relacionando-os nessas três esferas, com a potencialidade de evidenciar a amplitude dos sentidos, na esfera da interlocução, da situação e da enunciação enquanto manifestação de um determinado discurso.

BRADESCO E *CIRQUE DU SOLEIL*.
ANÁLISE SEMIÓTICA DA PUBLICIDADE E DA ARTE

Gisele Maria Silveira (FEMA- IMESA - SP - Brasil)
gimaria3@hotmail.com

Esta pesquisa visa a discutir a relação tênue entre a produção publicitária e a arte, por meio de intercalações, justaposições e fusões entre um discurso e outro. Tem como objeto de análise o filme publicitário que divulga o patrocínio do Bradesco ao espetáculo Saltimbanco do *Cirque du Soleil*, em temporada no Brasil, no ano de 2006. A publicidade televisiva analisada propõe um entrecruzamento de efeitos de sentido, articulando uma significação sincrética, com sons, imagens, cores e palavras que, como pretendemos evidenciar, foi capaz de despertar no destinatário da mensagem, não apenas o desejo de conhecer e talvez adquirir o produto ou serviço anunciado, mas o de analisar o modo como as duas mensagens foram elaboradas, denotativo, arquitetando a significação, embora advinda de uma fruição estética conotativa, comparada àquela provocada pela manifestação artística. A análise do discurso publicitário será empreendida sob a perspectiva das teorias semióticas greimasiana e daviliana que propõem a busca da significação por meio da desconstrução e reconstrução do sentido verbo-visual. A greimasiana, endereçada ao exame da manifestação verbal, e a daviliana, às práticas significantes verbo-visuais e verbo-sonoras. O grau de cientificidade encontrado no tratamento com ambas as teorias, tendo a daviliana sua fundamentação teórica na semiótica de Greimas, permitiu-nos desenvolver esta análise com rigor e critério, na convicção de que atenderá a um público diversificado, porém uníssono no que concerne ao estudo da significação verbo-visual que se instaura entre os patamares do verbal, do figural e do figurativo. A publicidade televisiva, embora dotada da aparência de “leituras múltiplas”, possui, na realidade, inúmeros planos isotópicos que, ao espargirem seus efeitos de sentido oriundos de cada linguagem imiscuída no contexto, garantem a coerência da produção em sincretismo.

Palavras-chave: publicidade televisiva, arte, semiótica sincrética.

A TEORIA DA FIGURATIVIDADE E SUA CONTRIBUIÇÃO NA PRÁTICA DO MULTILETRAMENTO

Cláudia Mara Piloto da Silva Parolisi - Centro Paula Souza-SP. Brasil
clauparolisi@yahoo.com.br

Orientadora: Dra. Nícia Ribas d'Ávila

RESUMO

Este trabalho surgiu de inquietações provindas do baixo rendimento escolar apresentado pelos alunos, tanto do ensino fundamental, quanto do médio, frente ao processo de leitura e escrita.

Apontada como facilitadora desse processo, a semiótica greimasiana, formadora da Escola de Paris, colaborando com pesquisas no âmbito da linguagem não-verbal, ocasionou o nascimento de uma teoria, cuja eficiência, na atualidade, proporciona novas possibilidades estratégicas de leitura, compreensão e entendimento de textos visuais, favorecendo a 'leitura' do visual em auxílio ao que hoje denominamos, em educação, de 'aprendizagem de multiletramento'. A semiótica da figuratividade visual, na esteira das teorias da significação, explora o sentido que atravessa o texto, procurando descrever, analisar e explicar sua estrutura interna, elucidando os percursos que o sentido desenvolve em relação a níveis de estruturação, para desvendar mecanismos e conexões nas informações implícitas ao longo do texto. Levando-se em conta a evolução da História em Quadrinhos e seu assentamento no universo dos Quadrões, este trabalho se propõe a analisar uma peça publicitária na qual demonstraremos os procedimentos sintático-semânticos, contidos na produção visual manifestada na mensagem publicitária dos produtos "Maurício de Sousa Produções" / Turma da Mônica, em parceria com a empresa Multibrink. Esta se manifesta veiculada na contracapa da revista de grande circulação: Almanacão de Férias da Turma da Mônica, nº. 34/2001, sob a teoria semiótica da Figuratividade Visual ou teoria daviliana. Diante do exposto, pretendemos mostrar aos profissionais preocupados com a formação de um leitor competente, a importância da referida teoria que torna o processo de leitura mais produtivo, permitindo descobertas de novos horizontes na interpretação, compreensão e reprodução do texto.

Palavras – chave: História em quadrinhos; História em Quadrões, Multiletramento; Semiótica da Figuratividade Visual / Teoria Daviliana

A relação escola-trabalho: dialogia e interdiscursividade

Eduardo Caliendo Marchesan

Doutorando da Faculdade de Educação – UNICAMP. Campinas, São Paulo

FAPESP

ecmarchesan@hotmail.com

Os questionamentos a respeito de qual é a função social da escola não são novos. Tais debates, ainda que possuam alguns séculos de idade, mostram, no entanto, uma relevância incontestável, revelada pela reedição deste tema tanto na produção acadêmica quanto na grande mídia. Nesta pesquisa em andamento, tais questões são encaradas a partir da relação entre a escola e o trabalho, levando em conta os múltiplos sentidos que este termo adquire. Ao contrário de uma vasta bibliografia a respeito deste tema, assentada principalmente na economia e na sociologia da educação, esta pesquisa se pauta na Análise do Discurso e na perspectiva bakhtiniana. Assumindo a dialogia em seu sentido amplo, tomamos por princípio a idéia de que o discurso escolar e o discurso sobre o trabalho se constituem em um espaço interdiscursivo que engendra sentidos tanto no que diz respeito ao lugar da escola, quanto ao modo como o trabalho é visto em relação a ela. Desta forma, tomamos como problema de pesquisa os sentidos que a escola adquire nesta relação entre o discurso escolar e o discurso sobre o trabalho. Para tentar dar conta desta questão, temos nos baseado na distinção que Maingueneau propõe entre unidades tópicas e não-tópicas. Estas últimas se caracterizam por serem construídas pelo pesquisador independentemente de fronteiras pré-estabelecidas, agrupando, no entanto, enunciados profundamente inscritos na história. Realizando aquilo que este autor chama de um trabalho de percurso, temos recolhido textos variados, de gêneros múltiplos, a partir de “fórmulas” (conceito delimitado por Krieg-Planque) ou hipóteses de fórmulas cuja cristalização formal é relativa, tais como “formação para o trabalho”, “educação para o trabalho” e “preparação para o trabalho”. Tais “fórmulas” têm servido como filtro para a constituição de um corpus a partir da internet, usando como instrumento de busca o Google. A escolha deste instrumento se explica pela penetração e disseminação que ele possui na rede, atestada por bibliografia específica. Retomando a metáfora bakhtiniana do signo como arena de

lutas, construímos a hipótese de que a ocorrência de tais fórmulas em uma multiplicidade de textos revela sentidos diversos e polêmicos em relação à função da escola frente ao trabalho, levando em consideração o fato de que o sistema escolar é cindido e marcado por dicotomias como público/privado e técnico/regular.

**O FUNCIONANDO DO POLÍTICO, DO JURÍDICO E DO
ASSISTENCIAL NO DISCURSO ADMINISTRATIVO DAS POLÍTICAS
PÚBLICAS PARA AS MULHERES**

Ana Lídia Puia (Mestranda do curso de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos
da UNESP de São José do Rio Preto – São Paulo/Brasil)
analidiapuia@yahoo.com.br

Esta pesquisa tem por objetivo, adotando princípios da Análise de Discurso de linha francesa, tal como foi iniciada com os estudos de Pêcheux e tal como é trabalhada no Brasil por Orlandi, analisar o funcionamento do político, do jurídico e do assistencial na constituição de um discurso administrativo voltado para as mulheres. O *corpus* para a realização desse trabalho é composto pelo “II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres” (2008), por cartilhas e por *folders* de combate à violência contra a mulher, fornecidos pela “Secretaria Especial dos Direitos e Políticas para Mulheres”, da cidade de São José do Rio Preto, e por entrevistas que, em 2010, foram realizadas com alguns dos membros que compõem o corpo administrativo, jurídico e social da Secretaria da Mulher citada acima.

A partir das primeiras análises realizadas no *corpus*, pôde-se observar que as políticas públicas voltadas para a população feminina promovem o apagamento do político e, portanto, das relações de poder, ao tentarem “eliminar a lacuna entre a igualdade ‘de jure’ e de ‘fato’ existente entre mulheres e homens, assegurando-se a implementação das leis” (II PNPM, 2008). Dessa forma, o político joga com o jurídico e contribui para o surgimento de um consenso social que se apóia em uma “aparente harmonia” que se dá pelo silenciamento do conflito (Orlandi, 2010).

Assim, o jurídico, construído principalmente em meio a leis, aparece como aquele que visa garantir a manutenção da justiça e a igualdade de direitos entre homens e mulheres tanto no meio privado (doméstico), quanto no meio público. A manutenção da justiça se faz presente, por exemplo, no que diz respeito ao combate à violência doméstica contra a mulher. Dessa maneira, observou-se que, no discurso das políticas públicas, muitas vezes a violência contra a mulher aparece como um conflito social e familiar que pode e precisa ser administrado e controlado pelo Estado também na instância jurídica. Já o assistencial se manifesta em projetos e ações que visam dar auxílio médico, social, jurídico e psicológico às mulheres vítimas de violência. Essas

ações assistenciais vêem o sujeito feminino como aquele que precisa ser assistido e receber cuidados para poder se significar pelas e nas políticas públicas.

A SEMIÓTICA NA COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS TURÍSTICOS

Rozuila Neves Lima – UFMA – (MA. Brasil)

rozuila@hotmail.com

RESUMO

Dando continuidade à metodologia da teoria semiótica greimasiana já aplicada em parte deste trabalho, temos por objetivo mostrar o potencial da Teoria Semiótica da Figuratividade Visual (a semiótica daviliana) que lhe serve de complemento, tendo em vista a comercialização de produtos turísticos (lugares, arquitetura, monumentos, etc). Expondo o resultado de pesquisas que culminaram em tese de doutorado, demonstraremos como proceder a desconstrução do sentido utilizando as referidas teorias, na identificação das substâncias e formas da expressão e do conteúdo, respectivamente, nos componentes básicos estruturais e designativos da linguagem arquitetônica, produtores de efeitos de sentido e do sentido articulado inerentes ao objeto semiótico turístico “Rua Portugal”, na cidade de São Luís. Despontada para o terceiro milênio como uma cidade preparada para os desafios do crescimento, a UNESCO reconheceu a capital maranhense como Patrimônio da Humanidade. Com seu estilo arquitetônico sedutor e provocante, não só pelo caráter plástico-figurativo, mas, principalmente, pelo “plástico-figural”, do qual foi extraída a função de *síncopa visual*, a Rua Portugal, enquanto objeto-modal, tem o valor de desencadear auto-manipulações nos cidadãos, inicialmente qualificados como estetas (por seu gosto artístico e prazer em apreciar o belo), e que aos poucos se transformam em turistas consumidores e em vendedores da comunidade que se servem da beleza arquitetural para vender e comprar os produtos artesanais.

A contribuição da teoria da Figuratividade visual, no que concerne à evolução do setor turístico, está não apenas na função de apreender, descrever e analisar semioticamente as características plásticas de produtos turístico-arquitetônicos para, após exame de seus semas classificatórios, definir o potencial do material estético e mercadológico que atrai as massas. Além disso, possibilita a valorização da cultura local e influencia percepções, atitudes e comportamentos que propiciarão o desenvolvimento dos setores sócio-econômico e cultural. Visualizamos nesse aparato metodológico uma excelente ferramenta para o marketing turístico, que alavanca o turismo, oferece ao *trade* novos mercados e cria novos destinos e oportunidades de mobilizar a cadeia de negócios e a geração de empregos.

Palavras-chave: Semiótica, Figuratividade Visual, Síncopa visual, Arquitetura, Rua Portugal.

ESTRATÉGIAS METADISCURSIVAS DE CONSTRUÇÃO DE SENTIDO NAS CARTAS ENTRE ESCRITORES

Simone Strelciunas Goh

Programa de Pós graduação – doutorado – FFLCH-USP

São Paulo-SP-Brasil

simonegoh@ig.com.br

Objetivos

Buscaremos na linguística textual e nos estudos sobre oralidade bases teóricas para a análise do *corpus* ‘cartas entre escritores’, especificamente, o livro de título *Itinerário*, que contém 17 cartas de Mário de Andrade e 66 de Manuel Bandeira endereçadas ao escritor Alphonsus de Guimaraens Filho (Guimaraens Filho, 1974).

Posicionar as cartas frente a vários conceitos sobre gênero, estudar sua estrutura; o continuum estabelecido pelas modalidades da língua, especificamente os marcadores de atenuação, como estratégia metadiscursiva possibilitar-nos-á estabelecer as relações de sentido que se configuram nesses textos, sobretudo por elegermos como noção de texto a de base sociocognitiva-interacional.

Quadro Teórico

Para Bakhtin (2006) os enunciados são particulares e individuais, porém, cada campo de utilização da língua elabora tipos relativamente estáveis, o que ele denominada de gêneros discursivos.

É a diversidade das atividades sociais que agrupará assim os gêneros, pois não é possível transitar pelo mundo social sem repertórios de respostas sociais para situações recorrentes. De fato, utilizamos os gêneros como uma embalagem para a nossa fala, produzindo uma interação reconhecível às exigências da situação.

Mário de Andrade e Manuel Bandeira utilizam para tais respostas uma linguagem característica, dotada dos chamados marcadores conversacionais, especificamente marcadores de atenuação, utilizados como recurso de preservação da face, segundo Rosa(1992).

Respaldando-nos também em Urbano (2008) que ao analisar a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* a aproxima do gênero epistolar, com marcas de informalidade e intimidade ao que ele classifica como aspectos de cortesia verbal. Essa feição textual tem interesse especial para o nosso estudo, pois verificaremos em que medida Mário de Andrade e

Manuel Bandeira na produção de cartas protegem a sua face ou a de seu interlocutor para buscar harmonia social em detrimento dos questionamentos metalinguísticos que tecem sobre o estilo do jovem escritor Alphonsus de Guimaraens Filho.

Portanto, os marcadores de atenuação são recursos utilizados pelos locutores para realizar suas intenções comunicativas o que nos remete às estratégias metadiscursivas de construção de sentido do texto nomeadas por Koch(2009).

BIBLIOGRAFIA

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à linguística textual*. 2ª.ed.São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

ROSA, Margareth. *Marcadores de atenuação*. São Paulo: Contexto,1992.

URBANO, Hudinilson .*Cortesia na literatura: manifestações do narrador na interação com o leitor*.In: PRETI, Dino. (org.).*Cortesia Verbal*.São Paulo: Humanitas.p.235-275, 2008.

O PRODUTO *SPHERE* E O / SABER-FAZER-COMPRAR/

José Carlos Cintra –

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA-Campus de Vilhena –RO - **Brasil**

Carlos.cintra@uol.com.br

RESUMO

Não compramos cosméticos, perfumes, cremes para rejuvenescimento, pastas de alisamento e produtos para cachear ou modelar cabelos; compramos promessas, benefícios, idealizações, sonhos, projeções, beleza, juventude, auto-estima. Os mísseis publicitários surgem por todas as orlas, de varias cores e formas: cartazes, comerciais na televisão e no rádio, divulgações em revistas, carros de som e jornais sempre com o mesmo intuito: indução do leitor a consumir produtos e serviços.

A linguagem publicitária tornou-se essencialmente persuasiva, desenvolvendo estratégias que levam o consumidor a agir até de modo inconsciente e impensado.

A mensagem advinda das publicidades - assim como das propagandas - é ora aberta, ora figurada. O texto publicitário que, em primeira instância, demonstra ser exclusivamente “portador da insígnia do /fazer-consumir/, carrega também consigo o ego de uma comunicação velada que assegura a competência cognitiva e pragmática do seu produtor”. Duas mensagens de cunho manipulador são evidenciadas nessa produção do sentido, sendo a primeira de ordem conotativa, e a segunda, denotativa.

Neste trabalho, em que a busca pela beleza e por sua conservação definem a existência de um sujeito manipulado e operador dessa busca (valor ideológico), abordaremos a construção do ator - um sujeito manipulador imbuído de suas funções narrativa e discursiva -, as sintaxe e semântica narrativas, os percursos figurativos, o nível isotópico, os valores.

Como intróito à semiótica sincrética, este estudo, sob embasamento científico na teoria semiótica de A. J. Greimas, intenciona demonstrar o modo pelo qual o produto SPHERE, destinado ao consumo quase que prioritariamente para a raça negra, é apresentado na peça publicitária da empresa NAZCA, publicada na Revista Raça Brasil, com o objetivo de persuadir e convencer destinatários sujeitos enunciatários, pretendidos e não pretendidos da mensagem.

Palavras-chave: semiótica greimasiana, semiótica sincrética, publicidade, comunicação, beleza.

SENTIDO-SUJEITO MADONNA – NA ARTICULAÇÃO ENTRE DIALOGISMO E A CONSTITUIÇÃO DISCURSIVA DA NOÇÃO DE SUJEITO

Érika de Moraes

Universidade Sagrado Coração – USC – Bauru, SP (erika.moraes@usc.br)

A Análise do Discurso de linha francesa (doravante, AD), desde seu surgimento, interessa-se por questões relacionadas ao sujeito. Não o sujeito empírico, mas o(s) sujeito(s) discursivos(s) que se constitui(em) em relação com o o(O)utro, enquanto posição no discurso. Nesse sentido, o diálogo entre a AD e as discussões relacionadas ao Círculo de Bakhtin se faz produtivo, visto que o sujeito, no discurso, se constitui no(a partir do) dialogismo, que, longe de significar dualidade, implica complexidade e multiplicidade. Sabe-se que Bakhtin concebe o dialogismo como princípio constitutivo da linguagem, sendo condição dos sentidos dos discursos. Para a AD, é no embate de heterogeneidades que se produzem os efeitos de sentido, os quais são ora mascarados pela aparente homogeneidade, ora trazidos à tona, por exemplo, através das marcas de heterogeneidades mostradas, como propõe Authier-Revuz, as quais negociam com a heterogeneidade constitutiva da linguagem. Ora, se o dialogismo é intrínseco ao discurso, não o seria, também, à constituição do sujeito? Considerando esta uma discussão prolífera no que se refere ao diálogo entre Bakhtin e a AD, propõe-se analisar como a constituição dos efeitos de sentido sobre a configuração, enquanto entidade discursiva, do sentido-sujeito Madonna (talvez a mais famosa cantora pop da atualidade) é perpassada pela multiplicidade. Declarações da e sobre a cantora, acessadas através de biografias e entrevistas, retratam-na ora como uma oportunista, ora como uma artista talentosa, apesar de suas limitações. Por vezes, vem à tona a visão de Madonna respaldada, ao mesmo tempo, nessas duas referências (e outras mais), deixando entrever a heterogeneidade na constituição de sentidos, o que leva a enxergar a relação entre dialogismo e discurso para além da constituição do sentido-sujeito Madonna. Não se pretende, obviamente, retornar ao sujeito empírico e postulado como centro, mas pôr em debate uma noção crucial para a AD, a de sujeito. Serão analisados discursos que circulam sobre a referida personalidade, relacionando-os com a análise de um famoso clipe, o da música Like a Prayer, de 1989. Escolhe-se este clipe musical por representar o marco que, definitivamente, fez de Madonna (pessoa que se confunde com os discursos sobre ela) tão amada e odiada com a mesma intensidade. Na letra e no clipe, há, por exemplo, referências a símbolos religiosos, que podem ser entendidas, nas condições específicas, como insulto ou como homenagem ao cristianismo, sendo representativos da polêmica em torno da figura Madonna.

SUJEITOS E SENTIDOS NA REDE ELETRÔNICA: UM ESTUDO DISCURSIVO DOS BLOGS

Lucília Maria Sousa Romão (Docente do Curso de Ciência da Informação e da Documentação. Departamento de Física e Matemática. Universidade de São Paulo. São Paulo, Brasil).

luciliamsr@uol.com.br

Baseado no referencial teórico da escola francesa da Análise do Discurso de matriz francesa, esse trabalho objetiva uma interlocução com estudos provenientes das áreas de Ciência da Informação, Linguística, Tecnologia e Sociologia da Informação, tendo como objeto de estudo os *blogs* de sujeitos homossexuais no Ciberespaço. Sabemos que a rede eletrônica permite ao sujeito caminhar por uma trilha infinita de links, alterando a maneira como ele idealiza tempo, espaço e tecnologias, naturalizando, através dos processos ideológicos, uma aparente posição de liberdade. E isso é definido por novas relações com o tempo e o espaço, inscritas na denominada modernidade líquida que, entre as suas principais características, fluidifica e desfronteiriza os limites do público e do privado. O *blog* nos parece ser um indício disso, já que é definido como uma escrita íntima colocada à vista e à escuta de todo e qualquer navegador; assim sendo, instala uma discursividade marcada pela heterogeneidade de dizeres e pelas marcas de subjetividade, ainda temos uma relação assimétrica de poder entre o blogueiro e o sujeito-leitor, já que o administrador desse espaço discursivo muitas vezes aceita ou recusa determinadas postagens, o que interfere na circulação de discursos e sentidos nesse espaço de enunciação. Acredito que refletir e pensar esse lugar de comunicação nos parece relevante e digno de análise, visto que o *blog* e a blogosfera ainda são pouco pensados dentro das postulações de seu espaço enunciativo e discursivo, já que a grande parte dos estudos acerca das temáticas centram-se apenas na discussão das questões de cunho tecnológico. Pensar pontos que envolvam a circulação, movimentação e acesso aos dizeres postulados nesses espaços enunciativos é compreendido como algo digno de análise, visto as novas possibilidades enunciativas que ali se apresentam, além de outras problemáticas que acabam por afetar a escrita e a comunicação dos sujeitos nesses espaços, levando em conta aqui, questões como: a interação dos sujeitos, o uso do espaço de comentários para que o sujeito-leitor possa dizer e se comunicar com o sujeito-autor (blogueiro), além de uma série de outros recursos que afetam a construção da escrita dos textos, as publicações ali realizadas e a leitura do *blog*.

Dialogismo e polifonia em *O inferno* de Bernardo Santareno.

Fernanda Verdasca Botton - Doutora e Mestre em Literatura Portuguesa pela USP. Atua como Professora de Literatura na pós-graduação e na graduação na Universidade do Grande ABC (São Paulo, Brasil). Endereço eletrônico: ferverdasca@gmail.com

Assassinos atroztes de duas crianças e um adolescente, Orfeu e Eurídice, personagens criadas pelo dramaturgo português Bernardo Santareno, enterram os corpos de suas vítimas em uma charneca. No sítio fúnebre, em uma noite de natal, o casal de amantes diabólicos declama uma frase de *Os irmãos Karamazovi*: “Tudo é permitido. Visto que nem Deus, nem a imortalidade existem, o homem novo poderá ser Deus.” (SANTARENO, s.d., p. 153).

A Dostoievski, mescla ainda Orfeu palavras de Nietzsche, Sade e Hitler. Criando uma rapsódia que poderia, através de discursos objetivados, ter inspirado o casal a cometer crimes hediondos.

No julgamento desses “amantes diabólicos”, os jurados, promotores e assistentes analisam os assassinos e as frases por eles proferidas e tentam explicar a existência de indivíduos tão atroztes trazendo à memória pensamentos de Shakespeare, Lermontov, Camus, Pavlov, Ezra Pound, Peter Weiss e Satre.

O estudo destes discursos de outrem mostra não só uma teia intertextual tecida por Bernardo Santareno, mas também que o autor português criou em seu coro de vozes a polifonia que Bakhtin observa existir em Dostoiévski: uma multiplicidade de mundos, psicologias e de posições ideológicas.

Refletir sobre o que é permitido, no tempo de Santareno, seria, portanto, não só observar como os irmãos Ivan e Smierdiákov podem ter entendimentos diversos sobre o mesmo fato, serem Deuses e assassinar o próprio pai; mas também indagar de que maneira os homens podem cantar e escutar vozes que ecoam há tempos e entendê-las como hinos a propagarem a morte.

A presente comunicação pretende estudar esse grande coro de vozes e consciências que ecoa no julgamento criado por Bernardo Santareno – vozes de Orfeu, de Eurídice, dos que os julgam, dos que assistem a esse julgamento e dos que são nele citados – e compreender até que ponto as frases citadas no texto foram utilizadas como seus pseudos “Adão míticos” as disseram e as pensaram.

SUBJETIVAÇÃO E HETEROTOPIA: AS OSCILAÇÕES DA SUBJETIVIDADE DO ALUNO/A DE LÍNGUA FRANCESA

Andréa Zingara MIRANDA (PG-UEM/GEF-UEM)

andrea.zingara@hotmail.com

Esta comunicação, que se insere na linha “Estética da existência” deste simpósio, propõe uma reflexão acerca dos conceitos de heterotopia e subjetivação que articulados sinalizam a possibilidade de compreender as oscilações da subjetividade do aluno/a de língua francesa em sua dispersão, quando perpassadas pelas práticas discursivas correntes na mídia e no espaço escolar referentes à língua alvo. Nossa hipótese é de que esses discursos subjetivam o sujeito da educação induzindo-o a construir um espaço outro (heterotopia) no qual estariam representados a língua e cultura ideais.

A discussão, que teve início em março de 2010, no interior do GEF¹, é parte do projeto de pesquisa em fase de desenvolvimento sob orientação do professor Dr. Pedro Navarro, cuja temática versa sobre a tensão que se produz entre o Eu e o Outro na constituição da subjetividade do aluno/a em fase de aprendizado dessa língua, considerando que o sujeito é um efeito discursivo, isto é, um lugar no discurso, uma vez que é constituído nele e por ele.

Nesse contexto, partimos da ideia de que as práticas discursivas que circulam na mídia, sobretudo na eletrônica, bem como as práticas oriundas do espaço escolar, mais particularmente das Diretrizes Curriculares para o ensino de Línguas Estrangeiras Modernas, contribuem para a construção de representações sociais particulares da língua que aprendem. Os discursos que se materializam nesses espaços sustentam um saber histórico cristalizado que perpassa as práticas sociais. Isso, a nosso ver, institui verdades nas quais o sujeito da educação, ainda em fase de aquisição da língua, acredita, colaborando para a manutenção de um discurso homogêneo e positivo sobre a França, de modo que o aluno/a supervaloriza essa cultura em detrimento da sua.

Palavras-chave: subjetivação; heterotopia; sujeito da educação;

¹ Grupo de Estudos Foucaultianos da UEM, liderado por Navarro.

O NOME PRÓPRIO E SUA POSSÍVEL FUNÇÃO (RE)CATEGORIZADORA DE REFERENTES.

Lívia Maria Turra Bassetto

Doutoranda em Estudos Linguísticos

UNESP/ São José do Rio Preto – SP – Brasil

liviamtb@hotmail.com

O presente trabalho tem por objetivo investigar o emprego de nome próprio em crônicas de temas políticos e discutir como ele pode ser utilizado como estratégia de construção referencial, exercendo a função, não simplesmente de nomeador, mas de possível (re)categorizador referencial. Para isso, pretende-se analisar linguisticamente textos de teor político, escritos por Diogo Mainardi e publicados, inicialmente, na revista *Veja* e transpostos, após seleção, para o livro *Lula é minha anta* (2008). Com a análise, enfatizar-se-á a construção referencial a partir do emprego de antropônimos, com o objetivo de discutir a função desse recurso linguístico no âmbito da referenciação, buscando demonstrar como, em determinadas situações de uso, o nome próprio pode exercer a função (re)categorizadora do referente. O presente estudo se justifica por almejar contribuir para uma maior compreensão dos processos de construção referencial, em especial ao uso de nomes próprios, ainda considerados pela teoria da Referenciação como meros “nomeadores” de referentes. Com isso, pretende-se avançar na concepção apresentada, até o momento, pela teoria em questão sobre esse assunto. Para efetuar esse trabalho, tomar-se-á, como base teórica, a concepção de referência e, conseqüentemente, de referente apresentada pela Linguística Textual de linha sócio-cognitivo-interacionista, para a qual a referenciação não é mais vista como uma relação de espelhamento entre linguagem e realidade, mas como uma atividade de construção de referentes realizada no interior do discurso em situação de comunicação, ou seja, a construção dos objetos enunciados pelo autor do discurso é dada na relação que este estabelece com o seu interlocutor por meio da linguagem, esta vista como integração entre a estrutura linguística e a ideia de construção sócio-cultural do referente a partir da práxis. Dessa forma, o referente passa a ser visto como a realidade interpretada e transformada em referência, a partir da prática social, mantendo a linguagem, desse modo, relação com o social e o culturalmente construído. Além disso, a teoria sócio-cognitivo-

interacionista, como o próprio nome diz, além de considerar a estrutura e a prática social como elementos integrantes da linguagem, acredita que essas práticas sócio-cognitivas, realizadas no discurso, ocorrem no intermédio entre os indivíduos em situação de interação comunicativa, isto é, a construção dos objetos enunciados pelo autor do discurso é dada na relação que este estabelece com o seu interlocutor por meio da linguagem, envolvendo, portanto, o social, o cognitivo e o interativo.

O SUJEITO ENTRE A IDEOLOGIA E O INCONSCIENTE

Fernando Silva Paula – CED/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (Brasil)

fernandopsico@hotmail.com

Leda Verdiani Tfouni – FFCLRP/ Universidade de São Paulo (Brasil)

lvtfouni@usp.br

Trabalho baseado em pesquisa financiada pela CAPES

A proposta deste trabalho é empreender uma discussão sobre como o sujeito, em sua constituição, é levado desde sempre a se posicionar tanto pela Ideologia quanto pelo Inconsciente, duas ordens distintas em suas demandas, mas que funcionam de forma muito semelhante - naturalizando o sentido/sujeito e dissimulando seu trabalho de naturalização. O nosso interesse específico volta-se para o ponto em que as questões singulares do sujeito contradizem, na linguagem, a lógica universal veiculada por um determinado discurso. Tomando como referência as formulações de Michel Pêcheux sobre a forma-sujeito do discurso e suas articulações com a noção de sujeito da Psicanálise de orientação lacaniana, realizamos uma análise discursiva de alguns enunciados sobre a Educação e a Escola, recortes de um *corpus* constituído a partir de entrevistas realizadas com Estudantes de Ensino Médio de uma escola pública. A investigação apontou para a prevalência, no dizer dos estudantes, de um discurso pedagógico tradicional e autoritário, o qual veicula um ideal de Escola e Educação Universal. Nesse modelo ideal de Educação veiculado pelo Discurso Pedagógico Escolar Tradicional não há lugar para a diferença, para aspectos singulares, assim como não se admite a falha ou qualquer tipo de imperfeição no processo educativo, pois existe aí o pressuposto central de um Sujeito Universal, invariável, que aprende da mesma forma e no mesmo ritmo, desconsiderando elementos de subjetividade do professor e do aluno. Mas a investigação apontou também para outro aspecto muito significativo: a ideologia não se articulou da mesma forma no discurso dos alunos. Em alguns pontos da enunciação, a ordem universal difundida pelo Discurso Pedagógico Escolar Tradicional esbarrou nas demandas singulares e irreduzíveis do sujeito, relacionadas ao seu desejo inconsciente de ser reconhecido como sujeito e não apenas como objeto/peça de uma *Educação Universal*. Identificamos aí o acontecimento - subversões que provocaram rupturas e reestruturações das cadeias significantes que articulam, no discurso do sujeito, a lógica universalizante do

discurso pedagógico tradicional. Interpretamos esse acontecimento, essa contradição, como um indício de que a Ideologia e o Inconsciente não funcionam no sujeito como duas categorias independentes e isoladas, assim como também podemos interrogar a pertinência da distinção sujeito do discurso/sujeito do desejo que por vezes coloca a Análise do Discurso tão distante da Psicanálise.

**DISCURSOS AMBIENTAIS NAS TVs DO BRASIL E
ESPANHA: UM ESTUDO DE COMUNICAÇÃO
INTERCULTURAL**

Roberto Lestinge
Programa de Doutorado, Ecologia Aplicada
USP/ESALQ
São Paulo, Brasil
lestinge@esalq.usp.br

Considerando todos os problemas ambientais que aparecem atualmente nas notícias da TV, biocombustíveis, poluição, transgênicos e debates sobre aquecimento global, seria de se pensar que o discurso dos noticiários fosse tão variado quanto os temas abordados, e que se baseia na ciência como referência principal.

Das ilimitadas possibilidades de se escolher palavras na hora de produzir um segmento noticioso, o discurso resultante é muito mais o reflexo de diferentes aspectos e pressões sociais, econômicas e legais, do que uma análise com base científica. A ciência é o último elemento a ser considerado para validar um discurso ambiental, e a população leiga não tem ferramentas para julgar se o que está sendo dito tem fundamento.

Algumas “verdades” são tratadas de forma dogmática como é o caso do etanol, um tema bastante caro para a indústria automobilística, para o lobby dos usineiros e o próprio governo brasileiro. A prática discursiva imposta pela mídia é positiva. Os biocombustíveis são apresentados como energia limpa porque considera apenas o momento da sua queima no motor. No entanto, uma análise científica criteriosa – que não interessaria aos produtores – revelaria que há grandes danos ao ambiente, causados pela monocultura da cana, a queima da palha, a exaustão do solo, a perda de biodiversidade e a utilização intensa de agrotóxicos e adubos artificiais. Com todos esses elementos sendo incluídos, a somatória da pegada

ambiental do etanol se revelaria bem menos ecológica e o discurso social resultaria negativo.

O que vemos frequentemente, é a ciência sendo chamada apenas para corroborar verdades parciais que interessam aos grandes grupos de poder.

O objetivo deste estudo multidisciplinar, é demonstrar que os noticiosos de uma TV estatal (Telediario2 - TVE, Espanha) e de uma privada por concessão (Jornal Nacional - TV Globo, Brasil) produzem discursos diferentes causados não apenas pelo fator propriedade, mas porque estão subordinados à agenda de interesses de seus contextos legais, econômicos, ambientais e sociais. Para tanto foram utilizados os princípios da ACD que falam da manutenção e abuso do poder por meio do discurso, na linha de Wodak, van Dijk e Fairclough.

Este trabalho foi realizado na Espanha nos meses de junho a agosto de 2010, sob a orientação do prof. Teun van Dijk, da Universidade Pompeu Fabra de Barcelona.

GRANDE GEDEÃO: DA INTERPRETAÇÃO ERRADA AO FINAL FELIZ
Maryllu de Oliveira Caixeta – doutoranda em Estudos Literários pela UNESP – Araraquara (SP),
maryllucaixeta@yahoo.com.br

A última obra editada por Guimarães Rosa em vida apresenta diversos desafios à interpretação com dificuldades sinalizadas por um autor que as selecionou como pontos principais na discussão do projeto de sua obra. Enunciados e enredos elaborados a partir de paradoxos são duas das diversas estratégias que tornam a interpretação necessariamente equívoca. Tomaremos como exemplo o conto “Grande Gedeão” no qual uma anedota paradoxal é encenada: o rude Gedeão abandona o trabalho braçal com o qual sustentava a família convencido de decisões tomadas a partir do que compreendeu de trechos do “Sermão da montanha” pregado por um seminarista que passava pelo lugarejo. O conto alude ao texto bíblico que persuadiu Gedeão em meio a um cochilo. Temos um texto sagrado e um ouvinte desatento. O paradoxo se completa no desfecho do conto quando o protagonista termina por enriquecer, tendo encontrado resistências apenas por parte da própria mulher. O humor incluído na anedota paradoxal, parar de trabalhar e ficar rico, desestabiliza as expectativas do senso comum preparadas por discursos causais de maior circulação. Na medida em que fazemos outras leituras, atribuímos o enriquecimento do protagonista à combinação dos equívocos interpretativos do protagonista com os do povo do lugar. O conto encena erros de leitura e, ironicamente, torna-os causa da ascensão do protagonista. O leitor de *Tutaméia* não pode se identificar ao ouvinte que cochila e o próprio autor declarou a Paulo Rónai que essas *Terceiras estórias* propõem ao leitor uma corrida de obstáculos. Requerendo do leitor total adesão ao texto, o autor brinca com nosso desejo de encontrar no texto a revelação da boa ventura de Gedeão. A convenção cômica do final feliz estimula a continuidade interpretativa e impede a desautorização do ouvinte rude como produtor de sentido. Simultaneamente, o leitor deverá atentar para a natureza do texto literário, do texto sagrado, dos tipos de leitura para pensar as perspectivas em que o conto encena a situações de erro interpretativo.

A CONCEPÇÃO DE LÍNGUA NA ESCOLA E AS CONTRIBUIÇÕES DE MIKHAIL BAKHTIN PARA O ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

Diana Pereira Coelho de Mesquita
Doutoranda em Estudos Linguísticos/Universidade Federal de Uberlândia/MG/Brasil
dianamesquita@msn.com

Samuel Cavalcante
Especializando em Letras: leitura e ensino/Universidade Federal de Goiás/GO/Brasil
cavalcante.psi@gmail.com

Apesar da atualidade e da intensidade das reflexões sobre o estudo do ensino da língua materna na Educação Básica, a nosso ver, esta ainda é considerada, pela maioria dos professores deste nível de ensino, como um sistema fechado cuja única finalidade é instrumentalizar a aprendizagem dos conteúdos escolares. Diante de tal constatação, hipotetizamos que o professor de língua materna não tem uma concepção clara do que seja “língua” e é esta concepção que subjaz o trabalho docente nas salas de aula de Língua Portuguesa. Em nossa concepção, trabalhar com a língua materna na Educação Básica significa transcender a mecânica dos estudos gramaticais e da leitura e interpretação dirigidas, tendo em vista que ela se configura como um processo histórico-social e ideológico multifacetado e aberto. Entendemos, portanto, que há uma confluência de fatores de ordem linguística, histórica, política, ideológica, social e cultural, atravessados por um engendramento comunicativo-interacional, que envolve a língua e tais fatores, seguramente, devem ser observados ao se pensar sobre a língua na escola. Nesse sentido, a comunicação que ora propomos, inscrita na Análise do Discurso de linha francesa, objetiva incitar uma provocação no que se refere às concepções de língua que atravessam a prática dos professores de Língua Portuguesa e que contribuem para a manutenção do ensino desta disciplina nos moldes em que se encontra atualmente e instaurar uma reflexão sobre a importância das concepções de Mikhail Bakhtin a respeito da língua enquanto uma prática viva, enquanto um processo de interação entre sujeitos, e não um sistema abstrato de formas normativas, como apregoa a prática do ensino desta na escola. Esta reflexão nos remeterá a uma problematização a respeito da necessidade de uma proposta dialógica para o trabalho com a língua na sala de aula, que reconheça o sujeito aluno como ativo em sua produção linguística e em processo de diálogo com a língua e o conhecimento. Diálogo na concepção de Bakhtin (1979, p. 123) deve ser entendido em um sentido amplo, ou seja, como “toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja.” Desta feita, Bakhtin recusa o olhar que aliena a língua de sua realidade social concreta e, em sua percepção, a língua passa a ser concebida como um

conjunto aberto e múltiplo de práticas sócio-interacionais desenvolvidas por sujeitos historicamente situados. Entendemos, portanto, que pensar a língua por este viés é reconhecer que ela não existe em si, mas no contexto das relações sociais: ela é um elemento constitutivo destas relações e nelas se constitui continuamente.

Palavras chave: Língua Materna. Ensino. Bakhtin. Diálogo.

A EDUCAÇÃO NA MÍDIA: O DISCURSO DA EFICIÊNCIA VERSUS INEFICIÊNCIA

Valdoméria Neves de Moraes MORGADO (PG-UFG/GOIÁS/BRASIL)

valdomeria@hotmail.com

Universidade Federal de Goiás

Neste trabalho, discutimos sobre as relações discursivas que constituem artigos de opinião, publicados na revista *Veja*, na seção Ponto de Vista, entre 2000 a 2009. Para isso, selecionamos artigos de Stephen Kanitz e Claudio de Moura Castro. Nossa inquietação é em torno do discurso sobre educação, ou seja, porque e para que esse periódico constrói certos discursos sobre o ensino e como são capazes de revelar certas verdades. A construção discursiva dos articulistas gira em torno das formações discursivas da eficiência versus ineficiência da instituição escolar. A eficiência passa a ser sinônimo de produtividade do professor via livro didático e, por isso, a ordem do discurso midiático incide a educação como objeto de consumo, enquanto que a ideia de ineficiência é o sobressalto da improdutividade do professor em *operar* bons materiais. Em virtude disso, tanto Kanitz quanto Castro (re)forçam a concepção negativa de ensino público. Assim, para dar conta dessa equação mídia e educação, optamos, essencialmente, por Michel Foucault, na perspectiva arqueológica, ou seja, observamos a que formações discursivas os articulistas se filiam para discutir as questões que supostamente corroboram o fracasso do ensino. Na análise dos artigos de opinião dos articulistas que representam *Veja*, constatamos que o discurso aponta uma *crise* na instituição escolar brasileira e que essa *crise* é atribuída ao professor visto como incompetente devido à sua péssima atuação e formação acadêmica. Além disso, observamos que *Veja* nos apresenta um modelo salvacionista, como receita infalível para essa *crise*: o livro didático. Assim, por meio dessa construção discursiva, os articulistas revelam mecanismos controladores que procuram legitimar ou configurar um modelo de professor e de uso do livro didático bem detalhado para assegurar o *bom* exercício do magistério. *Veja* assume o discurso pedagógico visando normalizar e individualizar para exercer de maneira mais efetiva seu saber e poder sobre o leitor.

Palavras-chave: discurso, mídia, educação, professor, livro didático.

ATUAIS CAMINHOS DA SEMIÓTICA GREIMASIANA

Fernando Moreno da Silva
Pós-doutorando em Linguística e Língua Portuguesa (Unesp/FCLAr-SP-Brasil)
fermosilva@yahoo.com.br
Bolsista da FAPESP

A semiótica francesa é um modelo de descrição do sentido, ou seja, uma metalinguagem. Além de se dedicar ao estudo do conteúdo, a semiótica francesa destaca a arquitetura dele, ou seja, como o texto se organiza para expressar o conteúdo. Assim, o percurso gerativo serve para explicar a construção do sentido: como a significação vai se construindo no interior do texto. Sendo um ramo das ciências da linguagem que se ocupa dos conjuntos significantes, seu objeto de análise será sempre um signo, tomado no sentido amplo do termo (texto verbal, não verbal e sincrético), enfim, tudo que carrega um sentido. A semiótica greimasiana nasceu na década nos anos de 1960, no auge do estruturalismo. Surgida nesse cenário, não poderia fugir do caráter estrutural, evidente sobretudo quando se aborda, no nível fundamental do percurso gerativo, as estruturas elementares. Mas uma importante renovação na teoria semiótica ocorreu com a incorporação nos anos de 1970 dos estudos da enunciação, que contribuiu, por assim dizer, para a passagem de um modelo puramente imanentista a uma abordagem extralinguística dos objetos analisados. Outra importante renovação no percurso da teoria semiótica foi a passagem da semiótica da ação para a semiótica das paixões. Com os desdobramentos das modalidades da semântica narrativa, do nível intermediário do percurso gerativo (nível narrativo), a semiótica enveredou pelos estudos das paixões. A semiótica tensiva, dando prosseguimento às discussões levantadas pelo estudo das paixões, representou uma abertura para as questões relacionadas à participação dos elementos contínuos na construção do sentido, oferecendo ao quadrado semiótico a incorporação de gradações. Com a incursão no universo sensível, promovido pelas ferramentas tensivas, a semiótica acaba retomando nos anos de 1990 os princípios fenomenológicos, especialmente a fenomenologia de Merleau-Ponty. Como se vê, pode-se dividir resumidamente a trajetória da semiótica francesa em duas grandes fases: (i) a primeira é a clássica, descontínua, categorial; (ii) a segunda, tensiva, contínua. Esse rápido comentário sobre algumas das principais reformulações por que passou a teoria semiótica desde sua fundação, nos anos 60, é apenas uma constatação de que ela descobre novos campos de investigação. Assim, a proposta deste trabalho é descrever quais são os atuais caminhos da teoria semiótica francesa e analisar quais os desenvolvimentos de seus modelos de análises,

passando, por exemplo, da semiótica clássica para a semiótica das paixões, a semiótica tensiva (Zilberberg), a sociosemiótica (Landowski) e as práticas discursivas (Fontanille).

OS MICROPODERES PRESENTES EM PICHACÕES:

UMA PERSPECTIVA GENEALÓGICA

Eliane Marquez da Fonseca FERNANDES

Letras e Linguística, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, GO, BR

elianemarquez@uol.com.br

Nosso estudo liga-se às análises filosófico-históricas de Foucault em seu eixo genealógico. O objetivo que nos move é o de observar as relações de ser-poder em pichações expostas na cidade, para verificar uma conduta que tem por objeto a conduta de outro indivíduo ou de um grupo. Os textos-base para esse estudo foram surpreendidos em paredes e muros da cidade de Goiânia-GO, por meio de fotos realizadas pela própria autora. Consideramos, com base em *Defesa da sociedade* (1999), que a questão do poder não se limita a imposições de lei e de repressão, mas se exerce no sentido de normatizar a sociedade e normalizar os indivíduos e a população. A sociedade de normalização é uma sociedade em que se entrelaçam a norma da disciplina e a norma da regulação. Tomamos como ponto de partida a compreensão foucaultiana de que, no Ocidente, a governamentalidade apresenta duas faces: de um lado, o governo como relação entre sujeitos e, de outro, o governo como relação consigo mesmo. A alta visibilidade dos dizeres que se projetam de uma lata de tinta spray leva-nos a crer que as práticas disciplinares são exercício de formas específicas de sujeição e de controle sobre o indivíduo. Isso decorreria do processo de racionalização dos poderes na Modernidade e das formas de monitoramento das produções escritas, o que levaria o pichador a atuar num gesto de resistência, pois vivemos numa sociedade de normalização, mas não normalizada. Além de tentar fazer-se presente por meio de escritas anônimas, consideramos a possibilidade de analisar as técnicas de objetivação e de subjetivação dos sujeitos praticantes da pichação e daqueles que reagem a essa ação. Avaliamos as relações de poder que se podem perceber nessas pichações eminentemente urbanas, para ver como ocorre essa forma de resistência num jogo de forças. Nossas bases bibliográficas são obras de Foucault: *Em defesa da sociedade* (1999); *Estratégia Poder e Saber – Ditos e Escritos IV* (2003); *O poder psiquiátrico* (2006); *Segurança, território, população* (2008); *História da Sexualidade I: a vontade de saber* (2009).

UMA ANÁLISE DO DISCURSO HUMORÍSTICO DO DESENHO ANIMADO SOUTH PARK

Mateus Pranzetti Paul Gruda

Mestrando em Psicologia, FCL-Assis/UNESP, SP, Brasil

mateusbeatle@hotmail.com

CAPES

A linguagem humana – mais do que instrumento de comunicação em sua função expressiva – configura-se como meio em que emergem e se produzem significados, cultura e subjetividade. Com essa afirmação, sinalizamos entender a linguagem como transpassando a condição de representação e intermediação das relações do homem com a natureza e com outros homens, indo à condição de produtora de realidade, de relações sociais e de sujeitos. Sob esse pressuposto, a linguagem nos é tomada como objeto situado social e historicamente, considerando os processos e as condições de produção, o contexto dado e as ideologias às quais está vinculada. Portanto, entendemos a linguagem como estruturada em forma de discurso. Uma forma de se tentar penetrar os sentidos do discurso é pela Análise do Discurso (doravante AD), sendo esta realizada se debruçando sobre os efeitos e sentidos produzidos pelos artificios da linguagem utilizados na construção do texto (material tomado para análise) e pelas suas relações com a exterioridade que o “emoldura”, ou seja, o contexto no qual está inserido e que é também considerado como produtor de sentido. Neste trabalho, procedemos a uma AD do humor politicamente incorreto e escrachado do desenho animado estadunidense South Park, perseguindo dois objetivos: (1) procuramos demonstrar que, embora a comicidade na contemporaneidade esteja neutralizada e abrandada pelo humorismo *light* e politicamente correto, o discurso humorístico propagado por nosso *corpus* de estudo está em sintonia com as características mais essenciais e inerentes a este gênero da linguagem (crítica, acidez, sarcasmo, caricatural, escatológico, grotesco, etc.); (2) verificamos como o humorismo funciona e é praticado na construção do “texto southparkiano” (episódios compostos por narrativas, diálogos e imagens) e como o discurso politicamente incorreto se configura nas suas “molduras”, contextos ou na exterioridade de suas relações com outros textos, estilos e discursos e ideologias divergentes ou até mesmo opostas. Para contemplarmos tais propostas, realizamos respectivamente: (1) pesquisa bibliográfica sobre a gênese e desenvolvimento do gênero humorístico ao longo da história; e (2) estudo de como discursos

hegemônicos e contra hegemônicos relacionados a temáticas diversas (como o capitalismo, o ecologismo, etc.) são escrachados e deformados em alguns dos episódios de South Park.

GÊNERO DISCURSIVO: INSTRUMENTO PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Dra. Alice Atsuko Matsuda – SEED-CP/FACCREI/GP-CRELIT-UENP-CP

Cornélio Procópio-PR-Brasil

aliceamatsuda@gmail.com

RESUMO: Desde que a proposta de usar os gêneros discursivos como instrumento para o ensino de Língua Portuguesa e Literatura foi veiculada pelos PCNs e sugerida nas Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa do Paraná, abriu-se uma grande discussão teórica que teve reflexos na prática dos professores em sala de aula. A perspectiva de gêneros traz a abordagem de língua como discurso, ou seja, como diálogo, conversa infinita entre pessoas ao longo da história da humanidade seja por meio da oralidade, seja por meio de textos escritos. O conceito de “gênero do discurso” inclui o contexto de produção, não como simples elemento complementar, mas como aspecto constitutivo central. As pessoas, na convivência social, quando produzem discursos, levam em conta, mesmo que inconscientemente, a situação em que estão e a situação em que o texto será recebido. Levam em conta para quem, quando, sobre o que, com que objetivo falam ou escrevem. Com base nas condições definidas pelo contexto em que se dá o processo de interação verbal, o produtor escolhe o gênero que considera mais adequado. Dessa forma, verifica-se a pertinência de desenvolver uma prática pedagógica, utilizando-se de vários gêneros discursivos, envolvendo um tema comum, com intuito de aprimorar o ensino de Língua Portuguesa e Literatura. A presente comunicação tem o objetivo de apresentar uma prática pedagógica, desenvolvendo o tema “racismo” e trabalhando diversos gêneros discursivos da esfera literária e jornalística, tendo como base a teoria de gênero discursivo, segundo Bakhtin. A partir da leitura da obra literária **O Presidente negro ou o choque das raças**, de Monteiro Lobato, publicado no ano de 1926, que trata do tema “racismo”, outros textos de diversos gêneros discursivos jornalísticos foram também analisados. Depois da leitura, análise e estudo dos aspectos sócio-históricos da situação enunciativa, privilegiou-se, sobretudo, a vontade enunciativa do locutor – isto é, de acordo com Rojo (2005, p.199), a sua finalidade, mas também e principalmente sua “apreciação valorativa sobre seu(s) interlocutor(es) e tema(s) discursivos – e, a partir desta análise, [buscaram] as marcas lingüísticas (formas do texto/enunciado e da língua – composição e estilo) que refletem, no enunciado/texto, esses aspectos da situação.” Esse

estudo possibilitou o trabalho de produção textual de diferentes gêneros discursivos jornalísticos, tendo como produção final um “Jornal Temático”.

PALAVRAS-CHAVE: Gêneros discursivos. Bakhtin. Ensino. Leitura. Produção textual.